



UFPE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Eliane Pereira dos Santos

O GÊNERO COMENTÁRIO *ONLINE*: Um enfoque axiológico-dialógico do estilo

Recife
2018

ELIANE PEREIRA DOS SANTOS

O GÊNERO COMENTÁRIO *ONLINE*: Um enfoque axiológico-dialógico do estilo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de Concentração: Linguística

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dóris de Arruda Carneiro da Cunha

Recife
2018

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

S237g Santos, Eliane Pereira dos
O gênero comentário *online*: um enfoque axiológico-dialógico do estilo /
Eliane Pereira dos Santos. – Recife, 2018.
257 f.: il., fig.

Orientadora: Dóris de Arruda Carneiro da Cunha.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de
Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018.

Inclui referências.

1. Estilo. 2. Axiologia. 3. Dialogismo. 4. Comentário *online*. 5. Mídia. I.
Cunha, Dóris de Arruda Carneiro da (Orientadora). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2018-205)

ELIANE PEREIRA DOS SANTOS

**O GÊNERO COMENTÁRIO-ONLINE: UM ENFOQUE AXIOLÓGICO-DIALÓGICO
DO ESTILO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal de Pernambuco
como requisito para a obtenção do Grau de Doutor
em LINGUÍSTICA.

APROVADA EM 31/8/2018.

Prof^a. Dr^a. Doris de Arruda Carneiro da Cunha
Orientadora – LETRAS - UFPE

Prof^a. Dr^a. Fabiele Stockmans DE Nardi
LETRAS - UFPE

Prof^a. Dr^a. Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes
COMUNICAÇÃO - UFPE

Prof. Dr. Pedro Farias Francelino
LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS - UFPB

Prof^a. Dr^a. Roberta Varginha Ramos Caiado
LETRAS - UNICAP

Esta tese é dedicada à minha família e a todos aqueles que se dedicam a estudar a linguagem em situação real de uso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter guiado meus passos, possibilitando mais essa conquista.

Agradeço ao meu pai (Brás) e à minha mãe (Maria), que um dia, como prova de seu amor incondicional, abdicaram da minha convivência (com então oito anos de idade) para que eu tivesse o direito de continuar estudando.

Agradeço ao meu esposo (Orlando), pela paciência, cumplicidade, compreensão e apoio.

Agradeço aos meus filhos (Dio Luan) e (Luane), pelo apoio e palavras de incentivo, que me fizeram persistir nessa caminhada, apesar de todas as dificuldades enfrentadas.

Aos meus irmãos, muito especialmente à minha irmã (Socorrinha), pelo carinho e cuidados de irmã querida.

Às minhas amigas Elma e Zuleide, por terem sempre acreditado em mim, pela amizade infinita e verdadeira.

À minha professora e amiga Rita Alves, pelo carinho, apoio e companheirismo

À minha amiga Fátima Silveira, pelo carinho apoio e incentivo

À professora Dóris de Arruda C. da Cunha, pelo respeito demonstrado ao meu trabalho, pelas leituras cuidadosas e sugestões valiosas. À professora Fabiele Stockmans e ao professor Pedro Francelino por terem disponibilizado tempo e atenção, participando dos dois Exames de Qualificação desta tese, tecendo comentários e sugestões valiosas para o amadurecimento da pesquisa.

A todos os professores da Educação Básica, que contribuíram com minha formação escolar, sendo o alicerce necessário para construção de conhecimentos posteriores.

Aos professores da Graduação em Letras da (UESPI) e do Mestrado da (UFPI), que com palavras de incentivo e com seus saberes acadêmicos, de uma forma ou de outra, contribuíram despertando em mim o desejo de continuar pesquisando questões relativas à linguagem.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, especialmente àqueles dos quais tive a oportunidade e o prazer de ser aluna.

A todos os funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, que sempre se mostraram solícitos aos alunos.

Aos colegas do curso pelo conhecimento compartilhado e pelos momentos de descontração.

Ao Seminário de Educação Cristã (SEC), que me acolheu naquele espaço de muito paz, durante todo o tempo que precisei ficar fora da minha cidade para cumprir as atividades do Doutorado.

Aos colegas do curso de Linguagens e Códigos da UFMA / Campus São Bernardo, pelo apoio e por concederem minha liberação das atividades docentes nos dois últimos semestres, oportunizando a conclusão dos últimos ajustes desta pesquisa.

RESUMO

A tese objetiva analisar a composição estilística do gênero comentário *online* a partir das relações axiológico-dialógicas possibilitadas pelo meio digital e pela relação arquitetônica entre forma, estilo e conteúdo. Objetiva ainda observar o estilo em sua dupla existência: estilo do gênero e estilo individual. O primeiro é marcado pela tipificação decorrente de uma tradição social compartilhada pelo grupo de falantes que faz uso do gênero em suas interações sociais. O segundo – o estilo individual – pela inovação e irrepetibilidade própria da singularidade do sujeito falante em sua eventicidade. O *Corpus* é composto por sessenta e sete comentários *online* publicados em dois espaços jornalísticos diferentes: o portal Terra e o *blog* Luís Nassif *Online*. Esses enunciados têm como texto fonte duas notícias publicadas em outubro de 2015 sobre a reprovação das contas do Governo Federal em 2014 pelo TCU. Com essa amostra analisamos a constituição estilística do comentário *online* na mídia jornalística. O conteúdo dos enunciados trata, principalmente, do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. A perspectiva teórica adotada é a teoria dialógica de Bakhtin (2003 [1979]), (2012 [1920-1924]), (2014 [1924]), (2015 [1934-1936]), Bakhtin/Volochinov (2010 [1929-1930]), (2013 [1926]) e Medviédev (2016 [1928]). Nossas análises estão ancoradas na estilística do gênero ou estilística sociológica. Os resultados evidenciaram a importância das relações dialógicas interlocutivas e interdiscursivas na constituição do estilo do comentário *online*; as marcas linguístico-estilísticas que expressam o tom emotivo-volitivo nesse gênero; a relação arquitetônica entre estilo, tema e forma composicional; a natureza axiológico-dialógica da autoria e do ponto de vista na constituição estilística; a linguagem carnavalesca como elemento constitutivo do estilo em muitos comentários. Por fim, propomos que o estilo depende das relações axiológico-dialógicas que orientam as escolhas linguísticas dos comentadores. Ainda como resultado de nossas análises evidenciamos que o *impeachment* teve uma construção midiática e que o estilo dos comentários analisados no portal e no *blog* apresentam diferenças e semelhanças refletindo refratando o posicionamento desses veículos.

Palavras-Chave: Estilo. Axiologia. Dialogismo. Comentário *online*. Mídia.

ABSTRACT

The aim of the thesis is to analyze the stylistic composition of the online comment genre from the axiological-dialogical relations facilitated by the digital medium and by the architectural relation between form, style and content. It also aims to examine style in its double existence: the genre style and the individual style. The former is characterized by the typification deriving from a social tradition shared by the group of speakers that makes use of the genre in their social interactions. The later – the individual style – by the innovation and unrepeatability of the singularity of the speaking subject in his eventicity. The corpus consists of sixty-seven online comments published in two different journalistic spaces: the Terra news portal and the Luís Nassif Online blog. The sources of these comments are two news reports published in October 2015 about the rejection of the Federal Government accounts in 2014 by the Tribunal de Contas da União (TCU). From this sample, the stylistic constitution of the online commentary in the journalistic media is studied. The content of the statements deals mainly with the impeachment of the then President Dilma Rousseff. The theoretical framework adopted is Bakhtin's dialogic theory (2003 [1979]), Bakhtin / Volochinov (2010 [1929-1930]), (1920-1924), (2014 [1924]), (2015 [1934-1936]), (2013 [1926]) and Medvedev (2016 [1928]). The analyses are anchored in gender stylistics or sociological stylistics. The results demonstrate the importance of the interlocutive and interdiscursive dialogic relations in the constitution of the online comment style; the linguistic-stylistic marks that express the emotive-volitional tone in this genre; the architectural relationship between style, theme and compositional form; the axiological-dialogical nature of authorship and point of view in the stylistic constitution; the carnivalesque language as constitutive element of the style in many comments. Finally, the thesis propose that the style depends on the axiological-dialogical relations that guide the linguistic choices of the commentators. A further result of the analysis shows that the impeachment was an event sustained by a media construction and that the style of the comments examined in the portal and in the blog present differences and similarities reflecting and refracting the position of these journalistic vehicles.

Keywords: Style. Axiology. Dialogism. Online comment. Media.

RESUMEN

Esta tesis tiene el objetivo de analizar la composición estilística del género comentario online a partir de las relaciones axiológico-dialógicas posibilitadas por el medio digital y por la relación arquitectónica entre forma, estilo y contenido. Pretende también observar el estilo en su doble existencia: el estilo del género y el estilo individual. El primero está marcado por la tipificación derivada de una tradición social compartida por el grupo de hablantes que hace uso del género en sus interacciones sociales. El segundo – el estilo individual –, por la innovación y el carácter no repetible propios de la singularidad del sujeto hablante en su acontecer. El corpus está compuesto por sesenta y siete comentarios online publicados en dos espacios periodísticos diferentes: el portal Terra y el blog Luis Nassif Online. Esos enunciados tienen como texto fuente dos noticias publicadas en octubre de 2015 sobre la desaprobación de las cuentas del Gobierno Federal en 2014 por parte del TCU. Con esa muestra analizamos la constitución estilística del comentario online en los medios periodísticos. El contenido de los enunciados trata, principalmente, sobre el impeachment de la presidente Dilma Rousseff. La perspectiva teórica adoptada es la teoría dialógica de Bajtín (2003 [1979], (2012 [1920-1924]), (2014 [1924]), (2015 [1934-1936]), Bajtín/Voloshinov (2010 [1929-1930]), (2013 [1926]) y Medviédov (2016 [1928])). Nuestros análisis se basan en la estilística del género o estilística sociológica. Los resultados ponen en evidencia la importancia de las relaciones dialógicas interlocutivas e interdiscursivas en la constitución del estilo del comentario online; las marcas lingüístico-estilísticas que expresan el tono emotivo-volitivo en ese género; la relación arquitectónica entre estilo, tema y forma composicional; la naturaleza axiológico-dialógica de la autoría y del punto de vista en la constitución estilística; el lenguaje carnavalesco como elemento constitutivo del estilo en muchos comentarios. Finalmente, proponemos que el estilo depende de las relaciones axiológico-dialógicas que orientan las elecciones lingüísticas de los comentaristas. Como resultado de nuestros análisis, ponemos en evidencia, también, que el impeachment tuvo una construcción mediática y que el estilo de los comentarios analizados en el portal y en el blog presentan diferencias y semejanzas, reflejando y refractando la postura de esos medios.

Palabras-clave: Estilo. Axiología. Dialogismo. Comentario *online*. Medios de comunicación.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Notícia do Portal Terra.	149
Quadro 2 – CPT1	152
Quadro 3 – CPT2	165
Quadro 4 – CPT3	169
Quadro 5 – CPT4	182
Quadro 6 – CPT5	190
Quadro 7 – CPT6	195
Quadro 8 – CPT7	198
Quadro 9 – CPT8	206
Quadro 10 – CPT9	209
Quadro 11 – CPT10	212
Quadro 12 – Notícia do Blog Luís Nassif Online	218
Quadro 13 –CBLNO1	219
Quadro 14 – CBLNO2	224
Quadro 15 – CBLNO3	230
Quadro 16 – CBLNO4	232
Quadro 17 – CBLNO5	235

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	17
1.1.1	O objeto de estudo.....	21
1.1.2	O problema, a hipótese, a justificativa e os objetivos.....	23
1.1.3	A constituição do corpus.....	26
1.1.3.1	O gênero comentário online.....	27
1.1.3.2	Considerações sobre constituição do corpus.....	30
1.1.3.3	O tratamento dos dados.....	33
1.1.4	Pressupostos teóricos da pesquisa: Teoria dialógica da Linguagem.....	34
1.1.5	A organização da tese.....	35
2	A LINGUAGEM COMO TECIDO AXIOLÓGICO-DIALÓGICO.....	37
2.1	O DIALOGISMO BAKHTINIANO: TECENDO A LINGUAGEM NA VIDA.....	37
2.2	AS RELAÇÕES AXIOLÓGICO-DIALÓGICAS NA CONSTRUÇÃO DA AUTORIA E DO PONTO DE VISTA.....	54
2.3	A CARNAVALIZAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO ESTILÍSTICA DO ENUNCIADO.....	65
3	ENUNCIADOS E FORMAS TÍPICAS DE ENUNCIADOS: UMA QUESTÃO ESTILÍSTICA.....	81
3.1	A NATUREZA ESTILÍSTICA DO ENUNCIADO.....	81
3.2	FORMA ARQUITETÔNICA E FORMA COMPOSICIONAL: COMO SE ENTRELAAÇAM NA CONSTITUIÇÃO DOS ENUNCIADOS.....	93
3.3	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE TEMA NA TEORIA DIALÓGICA.....	101
4	DA ESTILÍSTICA TRADICIONAL À ESTILÍSTICA SOCIOLÓGICA.....	107
4.1	O ESTILO: ELO ENTRE O SOCIAL E O VERBAL, ENTRE O EU E O(S) OUTRO(S).....	112
4.2	ALTERIDADE ENUNCIATIVA: O PAPEL DA RÉPLICA ANTECIPADA COMO DIRETRIZ ESTILÍSTICA DO ENUNCIADO CONCRETO.....	121

5	A ESFERA JORNALÍSTICA NA CONSTRUÇÃO E DIVULGAÇÃO DO ACONTECIMENTO SOCIAL MEDIATIZADO: IMPEACHMENT DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF.....	126
6	UMA ANÁLISE DIALÓGICA DA CONSTITUIÇÃO ESTILÍSTICA DO GÊNERO COMENTÁRIO ONLINE.....	148
6.1	O DIALOGISMO NO COMENTÁRIO ONLINE E AS ESCOLHAS LINGUÍSTICO-ESTILÍSTICAS DO SUJEITO FALANTE: UMA RELAÇÃO ENTRE FORMA, CONTEÚDO E ESTILO.....	148
6.2	A EXPRESSÃO DO TOM EMOTIVO-VOLITIVO: UMA ANÁLISE ESTILÍSTICA DE ASPECTOS EXPRESSIVOS, GRÁFICOS, LEXICAIS E MORFOSSINTÁTICOS DA LINGUAGEM DO COMENTÁRIO ONLINE.....	181
6.3	AUTORIA E PONTO DE VISTA: ATITUDE AVALIATIVO-RESPONSIVA DE NATUREZA AXIOLÓGICO-DIALÓGICA.....	208
6.4	OUTRA AVALIAÇÃO SOBRE O IMPEACHMENT DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF: O QUE O INTERNAUTA DIZ E COMO DIZ NO BLOG LUÍS NASSIF ONLINE.....	215
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	240
	REFERÊNCIAS.....	253

1 INTRODUÇÃO

Estudar a linguagem implica refletir sobre a organização social do homem, sobre as formas de interação entre os sujeitos que agem e interagem nas diferentes práticas sociais. A linguagem em todos os seus aspectos é de natureza social. Nesta pesquisa, adotamos o ponto de vista de que o social antepõe-se ao linguístico, sendo duas dimensões complementares e necessárias à efetivação do discurso real.

A primeira metade do século XX foi fortemente marcada pela ideia de estrutura. Nesse caso, a forma material (o aparato linguístico) era tida como peça-chave dos estudos linguísticos, considerada autossuficiente para explicar os fatos da língua. Contrapondo-se a essa abordagem estruturalista, Bakhtin (2015 [1934-1936]) propõe uma estilística do gênero, por meio da qual visa a estudar os enunciados em seu estreito vínculo com o meio social, apontando para a necessidade de se desenvolver um estudo no qual as formas linguísticas sejam vistas em sua relação com os gêneros do discurso e não enclausuradas no sistema abstrato fora do uso.

Dando continuidade a esse pensamento, Bakhtin (2003 [1979]) defende o ponto de vista de que toda a comunicação da vida real se organiza por meio de gêneros discursivos. Sendo assim, encontramos na concepção bakhtiniana de estilística do gênero ou estilística sociológica, apoio teórico e metodológico para encaminharmos nossa pesquisa, dando respostas a certas inquietações sobre o estudo do estilo do gênero comentário *online*, assim como também, suscitando outros questionamentos. Algumas dessas inquietações são frutos de experiência profissional na Educação Básica, favorecendo a percepção de que o ensino de língua portuguesa ainda é muito voltado para os aspectos abstratos da língua, adotando uma postura essencialmente estruturalista. Na escola, muitas vezes, ainda se estuda a língua presa numa gramática, a partir de frases inventadas, ou de fragmentos de textos. A língua vista enquanto código deixa de fora sua dimensão social, aquela que ilumina o dito enquanto enunciado vivo, que possui autor e interlocutor. O estudo da linguagem precisa ser ancorado em relações dialógicas reveladoras de valorações apreciativas inerentes aos sentidos.

O estudo voltado para a estrutura, para o código em si, tira do aprendiz a possibilidade de compreender que a língua enquanto sistema não justifica as escolhas linguísticas feitas pelo sujeito falante. Portanto, não há como dizer se é

certo ou errado determinadas escolhas linguísticas fora do uso. Muito do que é dito não está na materialidade verbal, mas no contexto extraverbal, na relação de alteridade entre o eu e o outro, no conhecimento compartilhado. Não é produtivo estudar as formas da língua fora de um gênero, distanciadas do autor, e sem levar em conta a réplica antecipada. O locutor faz hipóteses sobre a resposta do outro para saber o que dizer e como dizer. Isso é que define as escolhas linguístico-estilísticas. Acreditamos ser essa uma das contribuições da pesquisa, tratar os sentidos como uma atitude avaliativo-responsiva de um leitor que dialoga com um autor, e vice-versa.

Outras inquietações são frutos de estudos desenvolvidos acerca da natureza dos elementos constitutivos do gênero comentário *online*. No mestrado ¹, percebemos o quanto a categoria estilo é abrangente, pois envolve a língua em seu aspecto verbal e social, mantendo um elo muito estreito com o tema e com a forma composicional do gênero. O estilo também é uma categoria que abrange muitos conceitos da teoria bakhtiniana, tais como posição axiológica, acabamento, alteridade enunciativa, autoria, tom emotivo-volitivo, réplica antecipada, os pares individual e social; o dado e o novo; o linguístico e extralinguístico, dentre outros conceitos que fundamentam essa teoria. Diante disso, sentimos a necessidade de desenvolver um estudo mais aprofundado sobre o estilo, enquanto elemento constitutivo do gênero. Não dá para pensar apenas em estilo do gênero, ou estilo social, anulando a singularidade do sujeito falante, do mesmo modo, não dá pra pensar estilo enquanto subjetividade absoluta de um sujeito falante e anular a orientação estilística do gênero, do interlocutor, e de todo o contexto extraverbal sobre o falante.

O estilo revela que as normas gramaticais não são retiradas do sistema linguístico em si, mas do discurso da vida real. Essa abordagem revela a natureza axiológica-dialógica do estilo, que deve ser estudado em conexão com as relações dialógicas e com o posicionamento axiológico do sujeito falante, em sua relação de alteridade com o (s) outro (s). Estudar o estilo de um gênero é antes de tudo, estudar o seu funcionamento social, as relações de interação permitidas e organizadas por esse gênero.

¹ Mestrado concluído em 2012 na Universidade Federal do Piauí (UFPI) sob orientação do Prof. Dr. Francisco Alves Filho. A dissertação teve como tema: O gênero comentário online: dimensão social e verbal.

A teoria dialógica fundamenta-se na relação entre o verbal e o extraverbal, reconhecendo a importância e lugar desse par, sem cair no erro do extremismo de descartar um em detrimento do outro. Nesse sentido, Bakhtin (2015 [1934-1936]), reconhece as limitações da estilística tradicional e propõe uma estilística sociológica como alternativa de se realizar um estudo produtivo das formas da linguagem.

Nossa tese partiu do pressuposto de que já existem muitos estudos sobre o estilo, contudo, sentimos falta de uma abordagem mais voltada para o estilo numa perspectiva da estilística do gênero. A tese permitiu uma discussão teórica que revelou a importância e complexidade de se estudar o estilo a partir de um dado gênero discursivo. Ao longo da pesquisa fomos nos deparando com a necessidade de abordar vários conceitos da teoria dialógica, que de uma forma ou de outra se inter-relacionam ao estilo. Desse modo, partindo do conceito de estilo enquanto posição axiológico-dialógica, trouxemos para o cenário de discussão conceitos tais como: dialogismo, autoria, ponto de vista, carnavalização, tom emotivo-volitivo, gênero discursivo, tema, forma composicional, forma arquitetônica. A discussão desses conceitos viabilizou a percepção de que o estilo é sempre de natureza socioideológica, portanto não há como separar o linguístico do estilístico no uso real da língua. Outro aspecto estilístico importante é sua natureza dialógica constituída na alteridade entre o eu e o outro, tendo a réplica antecipada como elemento orientador das escolhas linguísticas.

O estilo é guiado pelo gênero, pelo tom emotivo-volitivo do sujeito falante, pelo destinatário imediato ou destinatário geral, pelo ponto de vista adotado ou contraditado, pela esfera da comunicação mais imediata, pelo meio ideológico mais amplo. O estilo não pode ser indiferente à entonação, ao valor axiológico do enunciado, haja vista que é esse valor axiológico resultante de uma posição singular assumida pelo falante no existir-evento, que dá forma ao estilo enquanto uma posição axiológico-dialógica. Desse modo, o estilo também é uma compreensão responsiva sobre o objeto falado, apreciado, tematizado em um gênero do discurso, que deve ser analisado em sua totalidade estilística, temática e composicional.

O enunciado é sempre pluriestilístico, mesmo quando formado por uma única réplica ele será resultado de diferentes vozes, de diferentes pontos de vista, constituídos na alteridade enunciativa entre aquele que fala e seu interlocutor real ou presumido. Essas diferentes vozes e pontos de vista ganham vida no dialogismo constitutivo que resulta de todos os discursos que nos constituem ao longo da vida.

No gênero comentário *online* destacamos como possíveis vozes: a do comentador, do seu destinatário, que pode ser o destinatário imediato – outro comentador –, ou de um possível público leitor, a voz do portal ou do *blog* onde os comentários são postados, as vozes imersas em discursos outros que são retomados.

Nossas análises nos favoreceram a percepção de que o posicionamento político adotado no espaço jornalístico de inserção dos comentários é um dos fatores que influenciaram a constituição estilística dos comentários analisados. Esse posicionamento político dos internautas os direciona a certas escolhas ao invés de outras, como é o caso das nomeações para se referir a determinados acontecimentos ou personagens das notícias.

O gênero comentário *online* se revelou como espaço favorável ao estudo do estilo, por apresentar uma linguagem muito dinâmica, espontânea, muitas vezes, carnavalizada, mesmo em um espaço de registro escrito. Uma linguagem rica na expressão do tom emotivo-volitivo do falante e na constituição dialógica com outros discursos interdiscursiva e interlocutivamente. Além de tudo que já foi dito, acreditamos que esta tese tenha como contribuição teórica e analítica o estudo do estilo em uma perspectiva dialógica que requer o intercruzamento de muitos conceitos. Isso abre um vasto campo de pesquisa para estudos futuros.

O primeiro capítulo da tese é destinado à descrição da metodologia da pesquisa, finalizando com uma visão panorâmica sobre a sua organização. Nele traçaremos o caminho seguido, bem como os instrumentais usados para alcançar nossos objetivos.

1.1 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A teoria dialógica refuta o teoreticismo abstrato, que é o fazer científico distante do mundo da vida real, alheio a seus aspectos sócio-históricos. O pensamento participante é visto como meio eficaz e necessário para romper com o dualismo entre o mundo da vida real e o mundo da cultura (o mundo da teoria e do conhecimento abstrato) aproximando o conhecimento teórico, do mundo da historicidade viva, considerando-o envolvido de entonações dialógicas e valorativas. Ele faz o mundo da teoria e o mundo da vida prática ser um único mundo, relacionado arquitetonicamente como resultado de uma atitude avaliativo-responsiva do sujeito falante, que atualiza o conhecimento objetivo a partir de sua singularidade e eventicidade, tornando um conhecimento teórico em conhecimento prático.

O nosso percurso metodológico também é ancorado no pensamento bakhtiniano de que não há neutralidade científica. Bakhtin (2012 [1924], p. 85) coloca-se contra o teoreticismo abstrato, justificando a impossibilidade de neutralidade científica frente ao objeto pesquisado: “[...] pelo simples fato de que eu comecei a falar dele, já entrei em uma relação que não é indiferente, mas interessado-afetiva [...]”. Por isso, enquanto pesquisador, consideramos que nossa voz passa a ser mais um ponto de vista sobre o objeto pesquisado, que nunca é inteiramente dado, mas sempre aberto a novas valorações.

Sobre isso, Amorim (2004, p.11) afirma que a pesquisa começa depois que termina: “Dizendo melhor, é impossível saber quando e onde começa um processo de reflexão. Porém, uma vez terminado, é possível resignificar o que veio antes e tentar ver indícios no que ainda não era e passou a ser”. Esse pensamento situa o pesquisador enquanto autor, no sentido bakhtiniano, como mais uma posição axiológico-dialógica frente ao objeto pesquisado. Faraco (2009a) também interpreta o anti-teoreticismo de Bakhtin dizendo que a base das ciências humanas é de cunho interpretativo e não matematizador.

A metodologia se alinha a essa concepção de fazer científico, na qual o sujeito falante (seja o pesquisador ou outra voz) não será abstraído da sua realidade concreta, será visto em sua singularidade, contrapondo-se ao pensamento teórico que vê o cientista num plano monológico, sem voz. Ao contrário disso, consideramos que o conhecimento é resultado de uma atitude avaliativo-responsiva, que situa o objeto pesquisado em relação de diálogo com outros discursos já proferidos sobre

ele. Assim, o pesquisador não é o primeiro a falar sobre o objeto de estudo e nem será o último, sua apreciação frente a esse objeto é apenas uma dentre as muitas possibilidades que há.

Pretendemos seguir em nossas análises, a orientação do método sociológico, proposto por Bakhtin/Volochínov² (2010 [1929-1930]) que consiste em estudar inicialmente as formas de interação social, isto é, o contexto extraverbal, seguido do estudo do gênero em sua constituição temática, composicional e estilística:

[...] a ordem metodológica para estudo da língua deve ser a seguinte:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições em situações em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (VOLOCHÍNOV, 2010 [1929-1930], p. 129).

Essa sequência é proposta como forma metodológica para o estudo da linguagem, mas vale ressaltar que na vida real não há uma separação entre uma etapa e outra, o social e o verbal se entrelaçam na constituição dos sentidos. Do mesmo modo pode-se separar o tema, o estilo, e a forma composicional do gênero apenas para fins de análise ou didáticos. O verbal permite observar o não verbal, pois este é sempre uma resposta na teoria dialógica. Possibilita a análise dos aspectos axiológico-dialógicos. Além disso, temos acesso inicialmente ao aspecto verbal que correlacionamos às formas e tipos de interação, enunciações, atos de fala. Compatível com esse encaminhamento de um método sociológico, a teoria dialógica propõe a estilística sociológica como sendo necessária para abordar as questões de estilo de modo coerente com a realidade social da linguagem. Os dados coletados além de identificados e descritos são analisados e interpretados, por meio dos seus movimentos dialógicos e dos seus efeitos de sentidos. Assim, não basta dizer que as coisas acontecem desse ou daquele modo, é necessário também explicar o porquê. Considerando que esta pesquisa se debruça sobre fatos

² A 1ª tradução brasileira desse livro é atribuída a Bakhtin (Volochinov), mas partilhamos do entendimento de vários estudiosos da teoria dialógica que argumentam a favor de que esse livro seja de autoria de Volochínov.

relacionados à natureza estilística da linguagem, procuraremos explicar como o estilo se constitui numa abordagem sociológica.

A investigação teórica, recorre principalmente, à teoria dialógica, que propõe uma orientação sociológica para o estudo do estilo, afirmando ser este método o único capaz de explicar as questões estilísticas da linguagem em situações reais de uso. Ao longo da nossa discussão teórica, procuramos explicar, discutir, e até mesmo questionar alguns conceitos e concepções teóricas que tratam da natureza axiológico-dialógica da linguagem, de modo a explicar a constituição estilística do gênero comentário *online*.

O método sociológico vai de encontro ao método formal. Esse último ao ser usado para estudar questões relativas à poética tinha como foco as formas da língua como meio de alcançar explicações para os fatos da língua. Ignorava a natureza sócio-histórica da linguagem, considerando ser possível encontrar essas explicações no sistema abstrato, apartado do uso social. Nesse caminho, a linguagem poética era estudada no nível da frase, fora do gênero textual, desvinculada de um meio ideológico – o único caminho possível de levar a um sentido atualizado capaz de revelar a natureza heterodiscursiva da linguagem. Seguiremos em nossa pesquisa um caminho que tenha o social como ponto de partida e de chegada.

O *corpus* selecionado faz parte da esfera política e jornalística. Os comentadores são sujeitos falantes que têm sua existência constituída por valores ideológicos. Sua constituição enquanto existir-evento se dá ininterruptamente a partir de interações sociais vivenciadas nas diferentes esferas, que embora, possuam certas particularidades acabam se interconectando na formação de um meio ideológico mais amplo, que é a vida real.

Volochínov (2013 [1930], p.138), em nota de rodapé, define ideologia como “todo o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que se sucedem no cérebro do homem, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas sógnicas”. Percebemos o caráter sócio-histórico e semiótico atribuído ao conceito de ideologia. Considerando que a linguagem é intersubjetiva, de natureza heterodiscursiva, e que o falante é um sujeito dialógico, ao se falar de ideologia estamos falando de relações dialógicas, de uma interpretação que reflete e refrata a realidade, portanto, de uma atitude avaliativo-responsiva. Miotello (2008, p.169) ao discutir sobre ideologia na perspectiva bakhtiniana, usa o seguinte conceito: “Expressão de uma tomada de posição determinada”, enfatizando o

caráter de não-neutralidade da linguagem. É importante compreendermos que ideologia na perspectiva bakhtiniana é algo inerente à própria linguagem. Faraco (2013) destaca que na teoria dialógica o conceito de ideologia tem caráter descritivo e não de mascaramento ou distorção da realidade:

É um termo meramente descritivo sem qualquer caráter negativo, pejorativo ou crítico. Não tem, portanto, relações intertextuais ou interdiscursivas com o conceitual napoleônico, nem com seu desdobramento na famosa formulação de Marx e Engels de *ideologia* como ilusão, falsa consciência, falsas concepções ou representações invertidas da realidade (FARACO, 2013, p. 4).

Na teoria dialógica todo enunciado é ideológico. Contudo, reiteramos que essa ideologia não é encerrada numa consciência monológica, mas sim numa consciência dialógica, que faz parte de uma coletividade, de um meio ideológico mais amplo. Segundo Medviédev (2016 [1928]), nesse meio, cada esfera ideológica existe enquanto parte de um todo:

O meio ideológico é sempre dado no seu vir a ser dialético vivo; nele, sempre existem contradições que, uma vez superadas, reaparecem. Mas para cada coletividade, em cada época do seu desenvolvimento histórico, esse meio se manifesta em uma totalidade concreta, singular e única, reunindo em uma síntese viva e imediata a ciência, a arte, a moral e outras ideologias (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 56).

O autor ao tratar do reflexo do meio ideológico no conteúdo de uma obra literária, ressalta que uma das peculiaridades da literatura diz respeito à relação da literatura com outras ideologias, e o lugar singular que ela ocupa no meio ideológico, isto é, sua especificidade é determinada pelo confronto com outras esferas ideológicas, conforme explicitado em:

[...] a literatura, em seu 'conteúdo', reflete e refrata as reflexões e as refrações de outras esferas ideológicas (ética, cognitiva, doutrinas políticas, religião, e assim por diante), ou seja, a literatura reflete, em seu 'conteúdo' a totalidade desse horizonte ideológico, do qual ele é uma parte (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 60).

Portanto, mesmo que se separe alguma esfera, ela não pode perder de vista o amálgama que a une arquitetonicamente ao meio ideológico formado pelas interações sociais que constrói cada elo da corrente da comunicação humana.

Medviédev (2016 [1928], p. 133) ao criticar o método de estudo dos formalistas, explicita como erro o fato de os formalistas terem isolado como objeto de estudo a linguagem poética enclausurada no sistema abstrato da língua. Ele aponta para um caminho contrário, reconhecendo o caráter dialético e flexível da delimitação do objeto de estudo ao afirmar: “É necessário saber isolar o objeto de estudo e delimitá-lo corretamente, de modo que essa delimitação não o separe do que lhe é essencial, suas ligações com outros objetos, ligações sem as quais ele próprio torna-se incompreensível”. O objeto de estudo é separado por uma questão metodológica, mas não pode ser privado da luz do gênero ao qual pertence, da(s) esfera(s) ideológica(s) mais próximas, nem tão pouco do meio ideológico como um todo, que atravessa e é atravessado por todas as esferas. Veremos na seção seguinte a descrição do objeto de estudo dessa pesquisa.

1.1.1 O objeto de estudo

De acordo com a teoria dialógica, há uma relação de imbricação muito expressiva entre o linguístico e o extralinguístico, entre forma, conteúdo e estilo. Como veremos, a teoria dialógica pressupõe a ideia de forma arquitetônica, forma cimentada interna e externamente por fios dialógicos e valores, que se inter cruzam na constituição de um todo inacabado. Assim, dizer que nosso objeto de estudo é o estilo, não exclui outros elementos, tais como conteúdo e forma, sem os quais não poderíamos falar de estilo. Nessa perspectiva, tudo é parte integrante de um todo, e como tal, não pode ser abstraído totalmente das relações que mantêm com outros objetos, sob pena, de ter suas particularidades anuladas pela ausência do elo com o meio ideológico, que ao unir o particular e o geral, nutre os discursos de sentido atualizado.

Contudo, para efeitos metodológicos precisamos delimitar esse objeto. Diante disso, trataremos do estilo do gênero comentário *online* no espaço jornalístico. Mas, ainda assim, faz-se necessário precisar o que é estilo, uma vez que essa palavra pode nos remeter a diferentes correntes estilísticas ou a diferentes concepções teóricas. Nossa abordagem segue as orientações da estilística sociológica, que se contrapõe à estilística tradicional. Esta última considera o estilo a partir de duas abordagens, uma voltada para a individualidade subjetiva do sujeito falante, atendendo às orientações do subjetivismo idealista, que considerava a

consciência individual como centro da linguagem. Já a outra vertente era a estilística tradicional centrada na imanência do código linguístico, convergindo com as orientações de Saussure. Para a estilística sociológica proposta por Bakhtin (2015 [1934-1936]), o estilo não pode ser dissociado das relações de interação social, da dialogicidade inerente à linguagem em uso. A estilística sociológica propõe o estudo da linguagem em conexão com o homem enquanto existir-evento. Sobre isso, Medviédev ao criticar a delimitação do objeto de estudo dos formalistas, esclarece:

Se nós, no processo de isolamento do objeto ideológico, nos distanciarmos das relações sociais que o atravessam e das quais ele é uma das mais sutis manifestações, se o retirarmos do sistema de interação social, então nada restará do objeto ideológico. (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p.134)

Precisamos compreender alguns pontos dessa teoria, referentes à constituição estilística do gênero. O primeiro deles é o fato de ser a linguagem inerentemente dialógica. O sujeito bakhtiniano é um intersubjetivo, constituído na relação de alteridade com outro. Isso orienta um estilo de base social, pois se o sujeito não é subjetivo, fechado em sua individualidade, não há como o estilo ser marcado pela subjetividade absoluta do enunciador. Entretanto, se por um lado, esse sujeito é intersubjetivo, trazendo em seu discurso no mínimo duas vozes, a sua e a do seu ouvinte, por outro lado, ele é singular no plano da valoração axiológica, pois responde de um lugar que só ele pode ocupar na existência. Desse modo, o estilo é marcado pela dialogicidade e pela singularidade. Partindo, dessas noções trataremos do estilo enquanto constructo dialógico-axiológico.

Este estudo será focado no estilo das formas típicas de enunciados. Estudar o estilo nessa perspectiva demanda partir de alguns pressupostos:

1. O estilo não pode ser estudado dissociado do gênero, o próprio gênero comporta-se como orientador das relações axiológico-dialógicas que determinam o estilo. Além disso, como afirma Bakhtin (2003 [1979]) toda a comunicação humana acontece em forma de gêneros discursivos. O ideal é tratar do estilo tendo em vista o gênero discursivo do qual ele é elemento constitutivo.
2. O estilo não é fundado na individualidade de um sujeito subjetivo, mas sim na intersubjetividade de um sujeito que se constitui em relação de alteridade com o outro. Assim, o estilo aponta para duas consciências no

mínimo. Relaciona o projeto comunicativo de um autor à imagem que este tem de seu destinatário.

3. O estilo não são apenas os recursos linguísticos empregados na materialidade verbal de um texto. No momento em que se atualiza um sentido, o linguístico e o estilístico passam a ser indissociáveis.
4. O estilo é resultado das relações axiológico-dialógicas. As escolhas linguísticas não são feitas abstratamente, mas no caudaloso espaço dialógico que formam os diferentes discursos. Considerando o sujeito falante enquanto um sujeito responsivo, o estilo será sempre resultado de uma apreciação valorativa, de um tom emotivo-volitivo, que orienta as escolhas linguísticas materializando verbalmente uma resposta.

Estudar o estilo de um gênero é estudar o seu funcionamento em situações reais de uso, observando, dentre outros aspectos, a esfera comunicativa de produção e circulação; as relações de interação entre os sujeitos falantes; a organização do discurso do outro no discurso atual; a relação de aproximação ou distanciamento entre o falante e o destinatário. O estilo precisa ser estudado na sua dinamicidade entre o social e o singular, entre o linguístico e o extralinguístico. Na seção seguinte explicitamos elementos importantes no estudo que nos propomos a fazer acerca do estilo do gênero comentário *online*.

1.1.2 O problema, a hipótese, a justificativa e os objetivos

A teoria dialógica considera o contexto sócio-histórico e cultural como parte integrante de qualquer atividade comunicativa que mantenha relação com a vida concreta. Bakhtin (2003 [1979]) ao relacionar o enunciado aos aspectos extralinguísticos, diz: “O enunciado em sua plenitude é enformado como tal pelos elementos extralinguísticos (dialógicos), está ligado a outros enunciados. Esses elementos extralinguísticos (dialógicos) penetram o enunciado também por dentro”. Considerando a relação entre linguagem e o contexto sócio-histórico e cultural, Bakhtin situa o uso dos gêneros discursivos como necessário na comunicação da vida real, uma vez que, segundo ele, toda comunicação discursiva efetua-se em um dado gênero, que surge como necessidade social e cultural.

Muitos estudos têm sido desenvolvidos com base na teoria dialógica, abordando seus princípios básicos, tais como autoria, dialogismo, axiologia, alteridade, tema, estilo, forma composicional, forma arquitetônica, responsividade. Contudo, ainda sentimos a necessidade de pesquisar o estilo por entendermos que ao estudar o estilo de um gênero estaremos recorrendo aos princípios básicos que fundamentam o projeto bakhtiniano de uma filosofia voltada para a arquitetura da vida real, para as relações dialógico-axiológicas.

Bakhtin (2015 [1934-1936]) afirma que o estilo é o elemento do gênero mais suscetível às influências das relações axiológico-dialógicas, pois, é por meio dos recursos linguísticos que as relações dialógicas e as valorações axiológicas são organizadas e organizam os diferentes sentidos. Considerando que os comentários *online* vão se entrelaçando numa rede complexa e densa de relações dialógicas, buscaremos organizar categorias que permitam visualizar quando e como eles vão assumindo determinadas feições estilísticas.

O interesse em estudar a temática é decorrente de constatações feitas na dissertação de mestrado. Esse estudo nos possibilitou a percepção de que o estilo, dada a sua complexidade e importância no funcionamento da linguagem, merece, no campo da pesquisa, um tratamento metodológico que revele sua natureza social, ou seja, sua relação com aspectos axiológico-dialógicos definidores das escolhas linguísticas. Argumentamos contra o pensamento de que o estilo seja fruto de um ser tomado em sua subjetividade absoluta, ou que recorre ao sistema da língua, isolado do social, das entonações dialógicas. Assim, de forma restrita, tem-se como elementos definidores do estilo: o eu subjetivo e o sistema abstrato da língua. Na nossa pesquisa acreditamos ser o estilo resultado de uma apreciação valorativa. O estilo não pode ser inteiramente individual-subjetivo, nem apenas social, sem reconhecer a natureza singular do falante.

No primeiro caso, estaria negligenciando a natureza social do sujeito falante e a inerente dialogicidade da linguagem. Já no segundo, deixaria encoberto a singularidade do falante. Essas duas concepções não devem ser excludentes, mas sim complementares. A exclusão de uma em detrimento da outra foi o que tornou a estilística tradicional, até certo ponto, improdutiva. Na estilística tradicional, o estilo foi estudado, essencialmente, na forma material, excluindo as tonalidades dialógicas e os tons emotivo-volitivos, sem considerar a estratificação natural da língua, a pluralidade de linguagens e vozes sociais. Sobre isso, Bakhtin

(2014 [1924], p. 59) afirma: “A estilística tradicional desconhece esse tipo de combinação de linguagens e de estilos que forma uma unidade superior”. O estilo é estudado na imanência do material, sem uma orientação social que o faça ultrapassar os limites do material linguístico.

Consideramos relevante uma análise do estilo do gênero comentário *online* a partir das relações de interação características do meio digital e dos recursos oferecidos por esse meio e pelo gênero. Tanto as relações de interação quanto a orientação do gênero permitem aos usuários concretizarem certas escolhas linguísticas e não outras, tendo em vista suas intenções comunicativas, as relações dialógicas que mantêm com o texto fonte, com outros discursos desse contexto político-ideológico, com outros comentadores que tratam do mesmo tema.

As relações dialógicas se organizam na memória interdiscursiva dos envolvidos no processo de comunicação. Como defendido pela teoria dialógica, o discurso surge como réplica. Desse modo, é necessário resgatar esse discurso replicado e sua relação com outros discursos. Esse resgate nem sempre está dado textualmente, fazendo-nos recorrer à memória interdiscursiva, que nos permite ativar conhecimentos compartilhados, relações dialógicas com outros discursos, lacunas que precisam ser preenchidas com novos discursos e novas atualizações de sentidos. A retomada dos discursos é necessariamente acompanhada de reacentuações, que atualizam os sentidos desses discursos nos novos contextos onde são usados conforme a avaliação dos sujeitos falantes.

A dimensão verbal agrega propósito(s) comunicativo(s), acento valorativo, do sujeito falante, ou seja, o discurso relaciona-se com todo: um entorno extraverbal que direciona as escolhas linguísticas, o conteúdo e a forma composicional. O estilo não será estudado como uma categoria isolada, mas como parte integrante de uma arquitetura onde todas as peças se inter-relacionam formando um quebra-cabeça no qual essas peças se encaixam para formar um todo dotado de sentido. No entanto, esse sentido não é estático, fechado, mas sim passível de ser reacentuado e renovado por diferentes vozes, que ecoam nos discursos outros e na singularidade do sujeito/leitor.

Na vida real, nunca teremos um discurso puro ou privado de uma orientação para a réplica, ao contrário, ele sempre se mostra inacabado pela possibilidade de abertura para ser replicado. Voltados para essas relações dialógicas, consideramos de grande relevância entender a constituição estilística

do comentário *online* cuja forma composicional é uma sequência de enunciados (comentários), que segundo (Cunha 2014) são fortemente marcados pela alteridade interlocutiva e pela alteridade interdiscursiva. Conhecer o estilo de um gênero implica também conhecer seus aspectos temáticos e composicionais.

Diante disso, pretendemos responder a seguinte questão-problema: Que relações axiológico-dialógicas constituem o estilo do gênero comentário *online* e como os elementos estilísticos desse gênero se relacionam arquitetonicamente com o tema e com a forma composicional?

Como resposta para esse questionamento, temos a seguinte hipótese: a escolha dos recursos linguístico-estilísticos é feita em função de um gênero, de um posicionamento axiológico-dialógico, que situa o discurso como atitude avaliativo-responsiva. Partindo dessa questão-problema, temos como objetivo geral: analisar a composição estilística do gênero comentário *online* a partir das relações axiológico-dialógicas possibilitadas pelo meio digital e pela relação arquitetônica entre forma, estilo e conteúdo.

A partir desse objetivo geral, elencamos os seguintes objetivos específicos: 1) mostrar a importância das relações dialógicas interlocutivas e interdiscursivas na constituição do estilo no gênero comentário *online*; 2) analisar como as marcas linguístico-estilísticas expressam o tom emotivo-volitivo no comentário *online*; 3) analisar a relação arquitetônica entre estilo, tema e forma composicional; 4) investigar a natureza axiológico-dialógica da autoria e do ponto de vista na constituição estilística do gênero comentário *online*; 5) caracterizar a linguagem do gênero comentário *online* no espaço jornalístico como resultado de uma visão carnavalesca.

1.1.3 A constituição do *corpus*

Nessa seção, teceremos algumas considerações sobre a caracterização do gênero comentário *online* e sobre a esfera política e jornalística. Discorreremos também sobre a constituição do *corpus* analisado na pesquisa, mostrando quais critérios foram usados para a seleção, como foi construído nosso arquivo de comentários, atendendo ao princípio básico do dialogismo de que o enunciado não deve ser separado das relações dialógicas, das quais é parte constitutiva e constituinte.

1.1.3.1 O gênero comentário *online*

A intrínseca relação entre linguagem e sociedade remete-nos à ideia de Marcuschi (2005), que conceitua os gêneros como fenômenos histórico-culturais. Os gêneros não podem ser vistos dissociados da cultura e da história de seus usuários. O uso constante das novas tecnologias, principalmente no que se refere à *internet*, tem, ao longo do tempo, originado novas formas de comunicação e interação, proporcionando o surgimento de novos gêneros capazes de atender a novas necessidades de um público que não mais se ajusta a uma mídia que tem o leitor apenas como consumidor. A mediação tecnológica nas práticas comunicativas demanda ajustes necessários para facilitar as novas formas de interação na mídia digital. É nesse contexto que surge o gênero comentário.

Bakhtin (2003 [1979]) associa gêneros às esferas das atividades humanas, o que significa dizer, que eles surgem acompanhadas de linguagem. A partir disso, Marcuschi (2005, p. 19), ao falar do surgimento dos gêneros na *internet*, afirma: “Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas”. Com o advento e desenvolvimento do jornalismo *online*, as fronteiras entre produtor e consumidor de notícias tornaram-se mais fluidas, uma vez que, dentre outros fatores, o espaço para a produção do comentário *online* enriquece o potencial informativo (crítico-analítico) da notícia, haja vista que o comentador traz, para esse espaço, informações não contempladas na notícia, além de externar suas valorações apreciativas e pontos de vista acerca dos acontecimentos noticiados, influenciando também o ponto de vista de outros leitores.

No gênero comentário *online*, a influência do comentador, enquanto posicionamento axiológico-dialógico recai tanto sobre os outros leitores como sobre o texto fonte. Nesse espaço discursivo, pretendemos analisar, na fala dos comentadores, a sua posição axiológica-dialógica sobre o texto fonte e sobre outros comentários que tratam do tema: *impeachment* de Dilma Rousseff. Preferimos dizer tema, ao invés de assunto, porque consideramos que os comentadores ao replicarem o texto fonte ou outros comentários estão respondendo não ao assunto em si, mas a discursos já proferidos, ou seja, àquilo que Bakhtin chama de conteúdo ideologizado, que seria o assunto comentado, posto em discussão na comunicação concreta, tirado de sua condição de apenas potencialidade e transformado em tema,

ou seja, conteúdo ideologizado. Trataremos dessa diferenciação entre tema e assunto de forma mais detalhada no terceiro capítulo desta pesquisa.

O gênero comentário *online* organiza-se numa cadeia de enunciados. Cada um deles surge como réplica ou reação-resposta a diferentes destinatários (reais ou presumidos). O comentador ao eleger um destinatário presumido, responde a um interlocutor coletivo, isto é, grupo de pessoas que ele julga serem leitores do gênero. Tanto o comentador quanto os leitores pertencem a um meio ideológico bem mais amplo do que a esfera política e jornalística. São participantes de interações sociais em diferentes esferas comunicativas. Essa vivência é constitutiva desse comentador/leitor, que traz para esfera jornalística a influência de valorações apreciativas motivadas pela permeabilidade existente entre as diferentes esferas, que se tocam dialogicamente no meio ideológico mais amplo, formado pelo contínuo das relações de interações sociais integrante da grande corrente da comunicação humana.

As relações de interação nesse gênero revelam uma grande intensidade de relações dialógicas dentro e fora da cadeia discursiva. A interação e o dialogismo interno caracterizam-se pela natureza composicional do comentário *online*, que se constitui enquanto parte de uma cadeia comunicativa na qual cada comentário é marcado textualmente pela alteridade dos sujeitos falantes. Conforme Cunha (2014), a semelhança que esse gênero mantém com um diálogo face a face imprime-lhe uma intensa dialogização, à medida que muitos dos enunciados, sendo comentários de comentários, dialogam entre si.

Mas ao mesmo tempo em que há essa dialogização interna na cadeia, também há dialogização com outros discursos externos que integram dialogicamente a voz dos comentadores. No comentário *online*, as relações de interação são muito dinâmicas e diversificadas. Não temos apenas comentário sobre notícias, mas comentário sobre comentário, o que implica diferentes destinos para as réplicas. Os comentadores replicam a notícia, outros comentadores, personagens da notícia, o portal, dentre outras possibilidades. Também é interessante observar que, embora seja o portal o incentivador da produção dos comentários, ele não interage na cadeia discursiva, isto é, o portal ou *blog* não replica os comentários postados. Os comentários são retoricamente importantes para o portal ou *blog*, uma vez que possibilitam a visualização da sua imagem a partir do ponto de vista dos

leitores, contribuindo para reflexões e possíveis mudanças nos textos publicados nesses espaços jornalísticos.

Cunha (2014) explicita que o gênero comentário *online* é uma prática social, relacionada à vida cotidiana de milhares de pessoas, configurando-se como um novo tipo de diálogo desconhecido pelos jornalistas antes da *internet*, uma vez que, o que se tinha de mais próximo eram as cartas de leitores, que não eram imediatas, e raramente eram respondidas pelo editor ou por outros leitores da mídia impressa. O gênero comentário *online* circula na mídia digital, *blogs*, *whatsapp*, jornais *online*, etc., e em diferentes redes sociais tais como *facebook*, *instagram*, entre outras. Diante desses espaços, o leitor sente-se motivado a responder conforme suas intenções e as regras de uso desse gênero em diferentes meios digitais .

O comentário é, portanto, uma prática discursiva que tem o seu propósito e suas regras: A partir de um texto fonte, o leitor constrói novos discursos, reacentuando diferentemente os aspectos temáticos, os sentidos múltiplos, explícitos ou subentendidos, ou introduzindo deslocamentos e mudanças de temas em função do seu PDV³ [...] (CUNHA, 2014, p. 15)

Ao nos reportarmos às relações de interação nesse gênero, podemos falar em interlocutor imediato e interlocutor genérico. Chamamos de “interlocutor imediato” aquele ao qual o locutor refere-se usando a segunda pessoa do discurso, a quem replica diretamente. Já o “interlocutor genérico” é o leitor – ou possível leitor – do gênero comentário, não necessariamente aquele ao qual se destina diretamente a réplica. No meio digital, essa noção de interlocutor imediato e interlocutor genérico vai ao encontro da relação entre o público e o privado, visto que, ao mesmo tempo em que o meio favorece a interação direta entre um “eu” e um “tu”, como se ambos conversassem num tempo e lugar comum, simulando um diálogo face a face (espaço privado), é dado a terceiros o acesso a esse diálogo (espaço público). Então, aquela suposta interação que parece ser particular de dois falantes ou de um grupo, também, faz parte de um processo interativo mais amplo, visto que os leitores desse gênero também passam a ser destinatários.

Nesse caso, até mesmo a réplica direta, que tem como alvo um interlocutor definido, passa a ser também de domínio público. Portanto, visualizamos o espaço

³ Abreviação da expressão ponto de vista.

comunicativo no qual são inseridos os comentários como uma grande praça pública, na qual prevalece a livre interação, sem fronteiras definidas entre falante e ouvinte(s). Esse último pode ser aquele especificado pelo falante, mas mesmo assim terá na outra ponta a valoração apreciativa também do interlocutor genérico, que faz parte de um auditório mais amplo e pode ser representado por qualquer leitor. Tanto o destinatário imediato quanto o genérico são peças importantes para definição do estilo.

Sobre o destinatário imediato pesa a relação de aproximação ou distanciamento que há entre ele e o sujeito falante, bem como o conhecimento compartilhado por eles. Dependendo dessa relação, o falante fará certas escolhas linguístico-estilísticas ou não. Já sobre o destinatário genérico, do mesmo modo, pesa o conhecimento compartilhado, o fundo aperceptivo que tem o falante em relação a esse destinatário, que está situado num horizonte social bem mais amplo do que o destinatário imediato. O destinatário genérico é aquele contemporâneo que o falante julga ser o possível leitor do seu texto por ser leitor de outros textos pertencentes ao mesmo gênero. Desse modo, considerando-se o gênero comentário *online*, qualquer internauta leitor de comentário no espaço do jornalismo *online* será um potencial destinatário genérico. Diante das considerações feitas, é necessário descrever como foi organizado e constituído o *corpus* que possibilitou nossas análises. Na seção seguinte explicitaremos de quais espaços jornalísticos foram retirados os comentários *online* analisados e qual a motivação para essa seleção.

1.1.3.2 Considerações sobre constituição do *corpus*

Esta pesquisa está centrada numa abordagem qualitativa e interpretativa, voltada essencialmente para a discussão sobre a constituição estilística da linguagem em um gênero discursivo. Nesse caso, é necessário que os dados sejam vistos como meio para se chegar a determinadas compreensões responsivas acerca do objeto em estudo. Ancorados nessa ideia, e diante do objetivo de estudar o estilo a partir de um viés sociológico e da teoria dialógica, selecionamos um *corpus* rico em possibilidades de se realizar o estudo do estilo em um gênero discursivo carregado de uma linguagem heterodiscursiva, versátil, dinâmica, inovadora, marcada por múltiplas possibilidades estilísticas.

Nosso *corpus* se constitui de comentários *online* que circulam na mídia digital, na esfera jornalística. Os comentários a serem analisados foram retirados do portal Terra e do *blog* Luís Nassif Online. O portal *online* Terra⁴ é um provedor com abrangência nacional. O Terra Networks é uma rede de portais e ISP (Internet Service Provider ou provedor de acesso à Internet). A empresa faz parte do grupo Telefônica que, em 1999, adquiriu empresas de *internet* locais em países além do Brasil, como México, Chile e Espanha, lançando, naquele mesmo ano, a marca Terra Brasil, uma pequena parte do Terra América Latina. Presente em 18 países, incluindo Estados Unidos, o Terra América Latina mantém portais na Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Estados Unidos, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Peru, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

Nosso *corpus* foi selecionado, principalmente, na instância midiática de orientação política de direita: portal Terra. Entretanto, durante a pesquisa sentimos a necessidade de mostrar outra voz, a partir da qual foi possível analisar algumas semelhanças e diferenças estilísticas desse gênero em espaços jornalísticos de orientação política diferente. Assim, utilizamos também como *corpus* comentários do *blog* Luís Nassif Online, confrontando nossa compreensão acerca do funcionamento do gênero comentário em dois veículos de comunicação diferentes. Esse *blog* é parte constitutiva do jornal *online* GGN⁵. Os comentários retirados do *blog* são relativos a uma notícia sobre o mesmo acontecimento que gerou os comentários do portal Terra, constitutivos também do *corpus* a ser analisado nessa pesquisa. A escolha do *blog* Luís Nassif Online justifica-se pelo fato de ser um espaço de comunicação que adota um posicionamento político de esquerda. Essa escolha surgiu da necessidade de compararmos o estilo do gênero comentário num espaço jornalístico com leitores/comentadores de perfis diferentes. No empreendimento de investigar a constituição estilística do gênero comentário *online*, conseqüentemente também, trataremos dos seus aspectos temáticos e composicionais. O estilo do gênero é impulsionado pela maneira relativamente comum de manifestação da

⁴ Informações retiradas do site: <https://realissimum.wordpress.com/page/5/>.

⁵ Conforme texto retirado de site do próprio jornal (<http://jornalggn.com.br/institucional>) GGN é “um jornal que incorpora as principais características da Internet: construção coletiva de conhecimento, com a participação efetiva dos especialistas no conteúdo; montagem de mini-redes sociais especializadas, com os principais grupos de discussão – do setor público e privado – para aprofundar os temas relevantes do Brasil do século 21, cobrindo não apenas o factual, mas as visões estratégicas de país”.

atitude avaliativo-responsiva do falante e do ouvinte, ou seja, no campo da produção e da recepção. A forma composicional desse gênero é outro elemento orientador de muitas das escolhas linguístico-estilísticas, haja vista que, os comentadores organizam seus enunciados numa rede de interação que se assemelha a um diálogo face a face.

Por outro lado, se o estilo do gênero é marcado por uma relativa tipificação, por um modo relativamente comum de avaliar e responder, ele também é marcado pela irrepetibilidade resultante da valoração axiológico-dialógica que atualiza os sentidos nesse gênero. Essa irrepetibilidade é marcada pela entonação, mas vale ressaltar que ao mesmo tempo em que há pontos comuns, há também diferenças. Tem-se o estilo do gênero, mas também se tem o estilo individual, característico da condição da singularidade do sujeito falante que o faz ser único dentro de uma cosmovisão social.

Assim, trataremos o estilo em sua dupla existência: estilo do gênero e estilo individual. O primeiro é marcado pela tipificação decorrente de uma tradição social compartilhada pelo grupo de falantes que faz uso do gênero em suas interações sociais. O segundo – o estilo individual – pela inovação e irrepetibilidade própria da singularidade do sujeito falante em sua eventicidade. Sampaio (2009, p.43) ao falar do ato responsável em pesquisas nas ciências humanas retoma a ideia bakhtiniana de evento do ser, enunciando: “Em relação ao ‘evento único do ser’ interessa a Bakhtin (1997) compreender, de uma posição singular e única, que ocupamos na existência, as consequências de tais eventos”.

Partindo da percepção de que o gênero comentário *online* surge enquanto compreensão responsiva do leitor frente a um texto, foi necessário agregar ao nosso *corpus* os textos deflagradores dos comentários analisados. Contudo, reiteramos que nem sempre o conteúdo ideológico do comentário *online* está relacionado ao texto fonte. Outro ponto importante a ser destacado é que cada comentário *online*, enquanto enunciado de um comentador, constitui-se dialogicamente numa cadeia comunicativa, razão pela qual os comentários devem ser analisados dentro de uma sequência. Por isso, o recorte contemplará sequências e não comentários isolados.

Ao analisarmos as marcas estilísticas que expressam um posicionamento axiológico-dialógico do comentador frente à situação de instabilidade política que culminou com o processo de *impeachment*, pretendemos responder, como

desmembramento da questão-problema, aos seguintes questionamentos: Quais marcas linguísticas apontam para um posicionamento axiológico-dialógico dos comentadores? Como os comentadores marcam linguisticamente ou não as relações dialógicas com outros enunciados? De que modo a forma composicional (do gênero e do material) orienta a constituição estilística do gênero comentário *online*? Como a autoria e o ponto de vista se relacionam com o estilo do gênero comentário *online*? Essas são algumas questões que pretendemos responder ao longo da nossa pesquisa.

Em nossas análises seguiremos um trajeto metodológico que permita visualizar a interdependência arquitetônica entre tema, estilo e forma composicional do gênero comentário *online*. Analisaremos a constituição estilística do gênero comentário *online*, considerando que cada comentário está ligado a outros enunciados, podendo ser em relação de alteridade com outros internautas da sequência de comentários, ou seja, com um destinatário imediato, ou mantendo relação dialógica interdiscursiva com outros discursos, seja do texto fonte ou não. Em ambos os casos essas relações dialógicas são determinantes da construção estilística do comentário *online*.

O estilo enquanto expressão de uma relação axiológico-dialógica faz uso de recursos linguísticos para inserção do discurso do outro e para expressão de um tom emotivo-volitivo. Nossa análise contemplará aspectos linguístico-estilísticos, tais como: a entonação expressiva, escolhas lexicais e sintáticas, bem como recursos gráfico-visuais: *emoticons*, repetição de sinais de pontuação, letra em caixa alta, aspas, etc.

1.1.3.3 O tratamento dos dados

Após a constituição do *corpus*, fizemos uma análise preliminar para verificação da hipótese levantada como resposta para a questão-problema, tendo em vista a viabilidade das categorias de análise, descritas abaixo:

a) O dialogismo no comentário *online* e as escolhas linguístico-estilísticas do sujeito falante: uma relação entre forma conteúdo e estilo.

b) A expressão do tom emotivo-volitivo: uma análise estilística de aspectos expressivos, gráficos, lexicais e morfossintáticos da linguagem do comentário *online*

c) Autoria e ponto de vista: atitude avaliativo-responsiva, de natureza axiológico-dialógica, que se constrói na singularidade de um sujeito social.

d) Outros pontos de vista sobre o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff: o que o internauta diz e como diz no *blog* Luís Nassif Online.

A descrição e interpretação dos dados serão feitas de modo a considerar o contexto sócio-político no qual os comentários foram produzidos, bem como o próprio gênero em seus aspectos temático, composicional e estilístico.

1.1.4 Pressupostos teóricos da pesquisa: Teoria dialógica da Linguagem

O aporte teórico está voltado para o pensamento bakhtiniano que busca superar a dicotomia objetivismo abstrato e subjetivismo idealista, propondo na pesquisa em Ciências Humanas, uma abordagem dialógica do texto. Sobre isso Amorim (2004, p.19) diz que “[...] o conhecimento é uma questão de voz. O objeto que está sendo tratado num texto de pesquisa é ao mesmo tempo *objeto já falado*, *objeto a ser falado* e *objeto falante*”⁶.

Assim, a ideia de pesquisa aqui adotada, concebe que no texto a ser construído ecoará a voz do pesquisador, a voz de outros que também já se debruçaram diretamente ou indiretamente sobre o objeto de pesquisa, atravessando-o de apreciações e entonações que o fazem chegar até ao pesquisador a partir de diferentes pontos de vista, cabendo a ele descortiná-los ou ainda acrescentar outros sentidos a serem descortinados pelo seu leitor. Nessa concepção de pesquisa o objeto também não é mudo, pois ele também fala, dando certa orientação sobre o caminho a ser seguido, revelando-se como abertura para a luz que guia as novas apreciações que o revestirá de sentidos atualizados.

Faz-se necessário destacarmos a importância do outro no nosso texto, tanto na produção quanto na recepção. Dialogaremos, principalmente, com textos que tratam mais diretamente de dialogismos e da natureza social do estilo na linguagem, tais como: Bakhtin (2003 [1979]), (2012 [1920-1924]), (2014 [1924]), (2015 [1934-1936]), Volochínov (2010 [1929-1930]), (2013 [1926]) e Medviédov (2016 [1928]). Para melhor visualização do detalhamento da pesquisa, fazemos a seguir um breve resumo de cada um dos capítulos, proporcionando uma visão panorâmica sobre a organização da tese.

⁶ Destaque do autor.

1.1.5 A organização da tese

A tese foi organizada em seis capítulos, que permitem visualizar como a pesquisa é operacionalizada metodologicamente dentro de um determinado quadro teórico que dê sustentação às nossas análises.

No primeiro capítulo, intitulado *Pressupostos metodológicos da pesquisa*, construímos uma visão geral do percurso metodológico a ser seguido. Para tanto, delineamos os objetivos, questão-problema e hipótese; caracterizamos o objeto de pesquisa e tecemos algumas considerações sobre o tipo de pesquisa realizada e sobre a delimitação do quadro teórico.

No segundo capítulo: *A linguagem como tecido axiológico-dialógico*, tratamos da noção de dialogismo, discutindo os conceitos de dialogismo interlocutivo e dialogismo interdiscursivo. Ainda nesse capítulo, descrevemos a abordagem fenomenológica de Bakhtin do existir-evento, o que nos remete a ideia de tom emotivo-volitivo e compreensão responsiva, que por sua vez relaciona-se com os conceitos de ponto de vista e autoria. Veremos que todos esses conceitos são elucidados a partir da ideia de dialogismo, tendo em vista que para teoria dialógica, o “eu” não é solitário, isolado, mas constituído dialogicamente nas relações de alteridade com o(s) outro(s).

No capítulo três: *Enunciados e formas típicas de enunciados*, discutimos as noções de enunciado e de gêneros discursivos – em seus aspectos, temáticos, composicionais e estilísticos. Procuramos diferenciar tema e assunto. No que diz respeito à forma, tratamos da relação e diferenciação entre forma arquitetônica, forma do material e forma composicional. Traçamos também algumas considerações preliminares sobre a concepção de estilo na teoria dialógica, enquanto elemento constitutivo do gênero. Esse elemento (estilo), que é o objeto de nossa pesquisa, será discutido com mais profundidade capítulo seguinte.

No quarto capítulo: *Da estilística tradicional à estilística sociológica*, fizemos uma breve contextualização histórica sobre as descrições de estilo na linguagem, situando o leitor num eixo diacrônico no qual partimos da estilística tradicional, que considera o estilo na imanência do material ou como resultado da individualidade do sujeito falante, até uma abordagem sociológica. Segundo esta última a linguagem é de natureza social, devendo ser estudada a partir de um gênero discursivo. Partindo dessas considerações, chegamos à concepção de uma estilística sociológica

proposta por Bakhtin, destacando a natureza axiológico-dialógica do estilo. Nesse sentido, discutimos a relação entre estilo e forma arquitetônica, de modo a relacionar o estilo aos aspectos extralinguísticos que envolvem a comunicação verbal, pressupondo que as escolhas linguísticas que materializam o estilo são determinadas pela natureza social da linguagem e do homem.

No quinto capítulo, discutimos o papel da mídia na construção e divulgação do *impeachment*. Nesse sentido, procuramos mostrar que não há neutralidade ideológica no jornalismo e que a mídia jornalística tem grande poder de manipulação sobre a opinião pública.

No sexto capítulo, *Uma análise dialógica da constituição estilística do gênero comentário online*, realizamos as análises do *corpus* formado por 17 (quadros) contendo duas notícias e 15 sequências de comentários. Os onze primeiros quadros versam sobre uma notícia retirada do portal Terra, cuja manchete é: *Impeachment? Contas de 2014 podem cassar mandato de Dilma?* Já os seis últimos são de comentários sobre a notícia retirado do *blog* Luís Nassif Online – do jornal GGN, cuja manchete é: *O Tribunal de Contas da União rejeitou as contas de 2014 da presidente Dilma Rousseff, argumentando distorções como “pedaladas fiscais” e o não contingenciamento do último ano.*

Nossas análises pretendem mostrar que na perspectiva dialógica os valores determinam as escolhas linguísticas. Nesse mesmo sentido, analisamos a autoria e o ponto de vista enquanto elementos axiológico-dialógicos que mantém estreita relação com a constituição estilística do gênero. Mostramos ainda que o estilo no comentário *online* é fortemente orientado pelo próprio gênero, pela sua forma composicional, pelo dialogismo interlocutivo e pelo dialogismo interdiscursivo. O estilo também é orientado pelo tema, ou seja, pelo modo avaliativo-responsivo como os acontecimentos sociais são tratados nesse gênero. Assim, podemos sintetizar a apresentação desse capítulo, dizendo que nossas análises mostram o caráter axiológico-dialógico do estilo.

Depois dessa visão panorâmica sobre cada um dos capítulos constitutivos desta tese, passemos para o capítulo dois, *A linguagem como tecido axiológico-dialógico.*

2 A LINGUAGEM COMO TECIDO AXIOLÓGICO-DIALÓGICO

O enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em um meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. É claro que ele surge desse diálogo, como sua continuidade, como uma réplica e não como se ele se relacionasse à parte (BAKHTIN, 2015 [1934-1936] p. 49).

2.1 O DIALOGISMO BAKHTINIANO: TECENDO A LINGUAGEM NA VIDA

O dialogismo na perspectiva bakhtiniana é, antes de tudo, um modo avaliativo-responsivo de compreender o mundo, as relações sociais e a vida, dentro de um contínuo, que organiza a vida real em ações interligadas. Isso pode ser justificado a partir de alguns pressupostos. O primeiro deles é que a consciência do sujeito falante se constitui nas interações, ou seja, a consciência é fruto das experiências vivenciadas, das relações sociais que mantemos na família, no trabalho, nos ciclos de amizade, nas relações sociais de modo geral, o que acontece pelo confronto de pontos de vista, pela divergência ou convergência em relação à valoração do que ouvimos, lemos, ou que apreendemos por meio de qualquer outro meio sensorial. Como defendido pela estilística sociológica, a linguagem nasce e se fortalece no meio social para depois chegar à consciência, logo, ao chegar à consciência já está emaranhada nos fios dialógicos que constroem o discurso da vida real.

Um segundo argumento para justificar a ideia de dialogicidade da linguagem é o fato de o enunciado não surgir no vácuo. Todo enunciado surge como resposta e lança-se a outra resposta dentro de um contínuo que não cessa. Nossos pensamentos sempre estão inteiramente interligados a pensamentos outros onde se misturam diferentes vozes, diferentes pontos de vista, que dialogam responsivamente. Não conseguimos ser indiferentes frente ao enunciado do outro, mesmo quando não expressamos em voz alta nossa atitude avaliativo-responsiva. O sujeito falante, ao organizar seu enunciado, já traz neste a réplica antecipada do

outro, já elabora possíveis respostas, ao tempo em que ele mesmo já respondeu, pois o falante é sempre o primeiro a responder seu próprio enunciado.

Nesse espaço de confronto e resposta no discurso da vida real, a fronteira entre as diferentes vozes presentes em um mesmo enunciado nem sempre é tão nítida. Bakhtin (2015 [1934-1936], p. 69) enuncia: “A palavra é sempre uma palavra semialheia”. Posteriormente, Bakhtin (2003 [1979] p. 300) ao falar sobre dialogismo, postula “[...] não há um adão bíblico”. Se defendemos a ideia de que o locutor traz em sua fala no mínimo duas vozes que seriam dele e do seu destinatário, então, como marcar categoricamente onde começa e onde termina a voz do sujeito falante?

As aspas cumprem bem o papel de marcar o início e o fim do que foi verbalizado por alguém, mas dentro desse discurso aspeado não teremos apenas uma única voz, uma única consciência, um único estilo, pois se assim fosse, não seria dialógico. Desse modo, as aspas apontam para um contorno externo do acabamento de dado enunciado, mas não para delimitar um discurso monológico, uma fala proveniente de uma consciência subjetiva. Podemos dizer que as aspas são indicativas da autoria de um sujeito falante, revelando onde começa e onde termina essa fala, mas se esse discurso aspeado for isolado, da corrente da comunicação que o circunda e o atravessa, será incapaz de desvelar as relações dialógicas que mantém com outros discursos. Se a palavra é semialheia, é porque não é inteiramente minha, nem do outro, é nossa. A palavra, enquanto enunciado, nunca está no início ou no fim, está sempre no meio, é parte integrante de um todo que não tem um acabamento absoluto porque faz parte de um contínuo. A palavra enunciada é circundada e atravessada pela história, por valores ideológicos, pela entonação daquele que diz e daquele a quem ela se destina, é atravessada pela vida social. Volochínov (2013 [1926]) ao discutir a compreensão da forma da enunciação poética no contexto russo dos anos 1920, contrapõe-se à linguística estrutural, enuncia:

A palavra na vida, com toda sua evidência, não se centra em si mesma, surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito. E mais, a vida completa diretamente a palavra, que não pode ser separada da vida sem que perca seu sentido (VOLOCHÍNOV, 2013 [1926], p. 77).

Se a vida completa o sentido da palavra, a palavra não pode ser dissociada da vida social, pois se assim for morrerá, será enclausurada no sistema abstrato da língua. Perderá o seu elo de diálogo com outras palavras, será impossibilitada de revelar-se enquanto elo de um discurso maior, que incorpora discursos outros numa temporalidade anterior e posterior ao momento atual, aquele no qual o sujeito falante toma a palavra, e que logo será posterior, pois a ele seguirão réplicas que darão continuidade ao tecido discursivo do qual ele é apenas um fio. Sendo um fio desse todo, não pode ser isolado, sob pena de desmanchar o tecido ou de perder sua função enquanto parte de um todo, resultando apenas em um fio solto sem valor nenhum.

Barros (2011), ao discutir o conceito de dialogismo, ressalta que para Bakhtin tanto o homem quanto a vida são marcados pelo dialogismo. Além desse princípio geral, podemos explicitar o sentido de diálogo convencional (conversa/diálogo) e, ainda podemos falar de dialogismo enquanto princípio constitutivo da linguagem, uma vez que na teoria bakhtiniana todo enunciado mantém relações dialógicas de anterioridade com outros enunciados, ao mesmo tempo em que suscita novas réplicas. O diálogo pode ser visto como a conversa entre um eu e um tu, entretanto, esse diálogo também será dialógico, pois, revelará as tendências da recepção ativa do discurso outro, contando com a presença do outro na fala do eu.

Tratando do conceito de dialogismo, Cunha (2011), ao analisar as formas de alteridade nas cartas de leitores, refere-se ao dialogismo interlocutivo e ao dialogismo interdiscursivo. A autora explicita que esses termos não se encontram nos escritos de Bakhtin, mas nos trabalhos de (AUTHIER-REVUZ, 2010a, 2010b, 1998, 2008). Sobre os dois tipos de dialogismo Cunha explicita:

a) o dialogismo *interdiscursivo*, das figuras do discurso outro no discurso atual, do já-dito; b) o dialogismo *interlocutivo*, do direcionamento ao outro, àquele a quem o enunciador se dirige (CUNHA, 2011, p. 122).

Authier-Revuz (2011) propõe que o dialogismo interlocutivo e o dialogismo interdiscursivo não sejam descritos numa relação de oposição, mas como dois aspectos solidários, que se articulam na referência a um locutor, que se dirige a um destinatário e a um já-dito. Desse modo, o dialogismo interlocutivo não pode se fechar na interação direta entre um “eu” que fala e um “tu” que ouve e responde, como se ambos estivessem isolados da grande corrente da comunicação humana, que liga o

dito ao já-dito. A interlocução é marcada pela interação entre um falante e um ouvinte (mesmo que apenas presumido). Esses dois elementos são parte constitutiva de todo e qualquer discurso.

Pensando no nosso *corpus*, podemos dizer que os comentários *online*, além de serem marcados pelo dialogismo interlocutivo e interdiscursivo, que são inerentes a qualquer discurso também são marcados pelo diálogo, pela réplica direta entre um comentador e outro. Isso é decorrente das ferramentas disponibilizadas pelo meio digital para organização das postagens, que permitem ao leitor a sua inserção na cadeia comunicativa, tendo a possibilidade de replicar diretamente outro(s) comentadores. Nesse gênero, o dialogismo interlocutivo pode apresentar-se como essa relação entre falante e ouvinte presumido ou falante e ouvinte real. No entanto, imerso na fala de cada comentador, temos outras vozes, outros discursos, já que todo enunciado é marcado pela dialogização interna, se considerarmos, por exemplo, que já nasce como réplica e para a réplica.

Para Authier-Revuz (2011), o dialogismo interdiscursivo é mais abrangente, é o aspecto que se relaciona com a exterioridade, com o já dito dos outros discursos, enquanto que o dialogismo interlocutivo é centrado no dizer específico, haja vista que, embora conectado com a exterioridade interdiscursiva, foi delimitado, organizado para alguém (destinatário real ou presumido, individual ou coletivo). A autora chama atenção para o fato de que o endereçamento a um destinatário e a réplica antecipada são constitutivos de qualquer dizer, ou seja, o dialogismo interlocutivo não é restrito ao diálogo entre dois interlocutores definidos. Além disso, o dialogismo interlocutivo faz parte de um diálogo maior, que é a rede de interdiscursos com a qual ele se relaciona. Desse modo, podemos dizer que o dialogismo interlocutivo não se dá separado do interdiscursivo. O dialogismo interdiscursivo refere-se à inserção de outras vozes, que revelam ser o objeto tematizado já avaliado, discutido, caracterizado, ou seja, o falante organiza o seu discurso a partir do diálogo, do confronto com o que já foi dito.

Partindo do dialogismo bakhtiniano e da psicanálise lacaniana, Authier-Revuz (2004) usa os termos heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada para referir-se aos diferentes modos de presença do outro no discurso. A heterogeneidade constitutiva atravessa toda e qualquer enunciação dos sujeitos, sendo uma característica constitutiva da linguagem, inerente a todo e qualquer

discurso, indo ao encontro do princípio de que a linguagem é heterogênea em sua constituição.

A heterogeneidade constitutiva não revela uma alteridade enunciativa analisável, uma vez que as diferentes vozes constitutivas do discurso do locutor são frutos da presença do outro por meio de interdiscursos impossíveis de terem a identificação de sua fonte. A heterogeneidade mostrada, aquela possível de ser recuperada textualmente ou discursivamente, pode ser marcada e não marcada. Na heterogeneidade mostrada não marcada não há marcas ou fronteiras separando os diferentes discursos. Por isso, tem-se um maior grau de complexidade na identificação da fonte dessas vozes, uma vez que não há ruptura sintática. Isso dificulta a percepção de onde termina um discurso e onde começa o outro. Nesse caso, a fronteira entre as diferentes vozes é recuperada pelo contexto extraverbal, recorrendo-se às condições sócio-históricas e culturais nas quais o discurso se concretizou. Nesses discursos, há um intercruzamento que revela grande permeabilidade entre as diferentes vozes, que se constroem dialogicamente num cenário de debate e jogo de palavras no qual predomina o implícito, o semi-desvelado, a pluralidade de sentidos. Dentre as possíveis formas de apresentação da presença do outro, sem a explicitude de fronteiras linguísticas, Authier-Revuz (2004) destaca as glosas, o pastiche, a ironia, a alusão, etc.

A inserção da presença do outro no discurso atual faz-se por meio de relações dialógicas entre os diferentes discursos, sejam mostrada (marcada ou não marcada) ou constitutiva, unem o passado, presente e o futuro, num contínuo onde não há um discurso acabado, encerrado como última palavra, mas há sempre uma abertura, uma possibilidade de réplica, de resposta que atualiza os sentidos. As réplicas apontam para relações dialógicas de maior ou menor consenso, conforme sejam a atuação das forças centrípetas ou forças centrífugas. Conforme Fiorin (2008), para Bakhtin, essas forças indicam que não há consenso absoluto na vida.

Na teoria dialógica, a língua em uso não pode ser vista como homogênea, nem monológica, ao contrário, deve ser considerada em sua heterodiscursividade, com sua multiplicidade de vozes e sentidos. Para isso é necessário perceber além da manifestação objetual da palavra, a sua relação com a palavra alheia, a forma dos valores que cimenta os fios do mosaico das muitas vozes na heterodiscursividade da língua em uso.

Segundo Bakhtin (2015 [1934-1936]), a heterodiscursividade só emergirá quando uma cultura nacional conseguir se refletir e se refratar entre outras culturas, ou seja, perceber-se como parte de outras culturas e línguas. Caso contrário, teremos a consciência monológica, que visa à unificação de pontos de vista, desconhece a existência e convivência da diversidade de linguagens sociais numa língua nacional. A crítica à estilística tradicional feita por Bakhtin aponta a falta de uma teoria do romance que considerasse a estratificação sociológica da linguagem. Ele coloca-se contra uma abordagem centrada na análise do sistema linguístico ou da subjetividade do falante. Esse tipo de abordagem apaga a luz que se coloca como abertura para uma cultura se ver imersa entre outras, e não isolada como se fosse encerrada em si mesma.

Bakhtin (2015 [1934-1936], p. 41) critica a estilística tradicional por adotar uma concepção de língua única, enquanto força centrípeta, desconsiderando a heterodiscursividade presente no romance. Segundo ele as forças centrípetas atuam sempre no meio do heterodiscurso, ou seja, nenhum discurso terá como se esquivar totalmente da influência do outro. “As forças centrípetas da vida da língua, materializadas numa ‘língua única’, atuam no meio de efetivo heterodiscurso.” A língua é estratificada em linguagens socioideológicas: as linguagens dos diferentes grupos sociais: familiar, profissional, de diferentes gerações, de um dado tempo histórico, de um gênero discursivo. Enfim, a língua que usamos é a estratificada, resultante das forças centrífugas que são responsáveis pela descentralização. Logo nas primeiras páginas do texto: *Teoria do romance I: a estilística*, o autor conceitua o romance como sendo heterodiscursivo:

O romance é um heterodiscurso social artisticamente organizado, às vezes uma diversidade de linguagens e uma dissonância individual. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, modos de falar de grupos, jargões, as linguagens dos gêneros, as linguagens das gerações e das faixas etárias, as linguagens das tendências e dos partidos, as linguagens das autoridades, as linguagens dos círculos e das modas passageiras, as linguagens dos dias sociopolíticos e até das horas (cada dia tem sua palavra de ordem, seu vocabulário, seus centos) [...] (BAKHTIN, 2015 [1934-1936] p. 29-30).

Embora o autor considere essa estratificação como premissa indispensável do romance, reconhece também que a heterodiscursividade é inerente a qualquer gênero, a qualquer forma de comunicação real. Ele escolhe o romance para tratar

desse aspecto, haja vista que é um gênero fértil para manifestação de diferentes linguagens, de diferentes vozes. A palavra do sujeito falante no romance é heterodiscursiva, é uma palavra bivocal, interiormente dialogizada, carregada no mínimo por duas intenções, duas vozes com diferentes visões de mundo, logo, no mínimo por duas linguagens.

Na palavra bivocal, sempre há um diálogo potencial a ser desenvolvido, pois ela comporta-se como um espaço aberto para a existência de diferentes pontos de vista. Não há espaço para uma voz única. O que existem são muitas vozes sociais que integram aquela língua tida como comum pela estilística tradicional, mas que pela sua própria natureza estratificada é sempre composta pelas tonalidades dialógicas inerentes ao discurso da vida real.

Ao definir o romance como um gênero heterodiscursivo, Bakhtin (2015 [1934-1936], p. 23-24) destaca que o heterodiscurso revela não só diferentes linguagens, mas se materializa como imagens dos próprios falantes, como apreensão do mundo e da sociedade. O discurso da vida real é sempre heterodiscursivo. Aquele que fala sempre tem em vista um interlocutor. A palavra viva nunca é proferida no vazio, desconectada da palavra do outro. O diálogo da vida real é sempre heterodiscursivo, marcado pela bivocalidade, pela mistura de linguagens e vozes sociais, que se encontram e se confrontam em relações de convergência ou divergência, em maior ou menor grau. A língua comum, sempre idêntica, pura, é uma abstração, haja vista que, a palavra vive na fronteira entre o “eu” e o “outro”. Precisa ser entonada para tornar-se palavra do enunciador.

O caráter heterodiscursivo da linguagem revela a natureza socioideológica e dialógica do sujeito falante que, em sua essência, é axiologicamente definido em sua eventicidade. Ele não pode ser visto apenas como aquele que fala, mas como aquele que fala de um lugar social e singular, que dentro do todo assume sua singularidade responsável. Ao contrapor o discurso literário ao discurso da vida real, Bakhtin (2015 [1934-1936], p. 132) enfatiza: “Para o discurso do dia a dia, o falante e sua palavra não são objeto de representação ficcional, mas de uma transmissão interessada em sentido prático”.

Diante disso, Bakhtin alerta para o fato de que quando se trata de discurso da vida real, ao invés de se falar em formas de representação como acontece no discurso literário, deve-se falar de transmissão do discurso do outro. Essa transmissão é interessada, envolve uma intenção, que acaba por definir as marcas

estilísticas, que se materializam em escolhas linguísticas capazes de envolver o discurso do outro com entonações que favorecem a efetivação de determinados efeitos de sentido

As diferentes linguagens heterodiscursivas sobrevivem e se nutrem no campo da diversidade, mantendo fronteiras mais ou menos nítidas ou apagadas, conforme o interesse do falante, apontando para certos contextos sociais de onde foram retiradas e para o novo contexto onde estão sendo axiológica e dialogicamente inseridas. As palavras da vida real não se fecham em si mesmas, nem tampouco, se fecham em torno do sujeito falante, elas exalam contextos sociais. “Todas as palavras exalam uma profissão, um gênero, uma corrente, um partido, uma determinada obra, uma determinada pessoa, uma geração, uma idade, um dia e uma hora” (Bakhtin, 2015 [1934-1936], p. 69). É perceptível o campo de abrangência da palavra heterodiscursiva, que, ao ser pronunciada em situações reais de uso, sempre é tirada de contextos alheios, nos quais já fora integrada por intenções e valorações alheias. O uso feito da palavra heterodiscursiva concretiza-se apenas como mais uma valoração, mais um ponto de vista, dentre tantos outros que dela já se apropriaram.

O autor teoriza sobre o heterodiscurso no romance, apontando para o aspecto paródico-humorístico dos discursos e das formas literárias da época. O romance, tido como campo de abertura para existência e abundância do heterodiscurso, refrata a língua comum, abrindo espaço para as muitas linguagens sociais se manifestarem como feixes de luz que seguem direções não coincidentes. Cada linguagem, seja a do profissional, do estudante, do político, da família, do gênero, da época, da geração, enfim, seja qual for a linguagem incorporada no romance desvela um estilo, um ponto de vista, um modo de avaliar e responder que é próprio daquele grupo social. Nessas diferentes linguagens sociais teremos diferentes vozes, com as quais o autor mantém relações de aproximação ou distanciamento.

Há diferentes maneiras adotadas pelo falante para inserção do discurso outro. No romance, podemos destacar a estilização, geralmente, paródica. Ou seja, o autor não apenas traz a imitação da linguagem do outro, mas parodia, entra em relação de conflito, busca desqualificá-la. Para concretização das formas composicionais da inserção do discurso do outro ou da linguagem outra, o autor recorre a diferentes meios de organização do material linguístico, de modo a revelar

ou não marcas na materialidade do discurso alheio. É no heterodiscurso que se fundamenta um estilo vivo e dinâmico. A escolha dos recursos linguísticos é iluminada não só pela relação de alteridade que se mantém diretamente com o outro, mas também pela dialogização interna, pela maneira como o autor organiza as muitas vozes que podem fazer parte de um discurso.

Bakhtin (2015 [1934-1936]) analisa as formas de introdução do enunciado de outrem no discurso do autor considerando a forma dissimulada, que não traz marcas de separação entre o discurso do autor e o discurso outro. Nesse sentido são analisadas as construções híbridas, nas quais os recursos lexicais, morfossintáticos e composicionais explicitam a voz apenas de um falante, no entanto, ouve-se a voz do autor e a voz do outro. Trata-se de duas vozes e dois estilos em uma única construção gramatical/composicional.

A forma dissimulada é aquela em que o discurso do outro é inserido no discurso atual sem nenhuma marca composicional de separação entre um discurso e outro. Mas mesmo sem essa limitação de fronteira é possível perceber que aquele que fala (o narrador) incorporou em seu discurso outra linguagem, um discurso que não é o seu, mas é outra voz, que embora esteja sendo verbalizada pelo narrador não pertence a ele. Ao perceber a forma composicional dissimulada, o leitor pode perceber a bivocalidade, definir com precisão onde começa e onde termina o discurso do outro, contudo, essa separação não é feita pelo narrador que se apropria de outra linguagem, de outra consciência, de outro estilo que conseqüentemente, será criticado, colocado em confronto ideológico com outras vozes, como a do autor-pessoa e autor-narrador.

Bakhtin (2015 [1934-1935]) usa o termo estilização paródica para se reportar à ideia de que se lança mão da linguagem, do estilo do outro para desqualificá-lo. Não é apenas uma imitação, uma estilização inocente ou de convergência, mas se configura como a possibilidade de usar a própria linguagem do outro para polemizar, ridicularizar uma ideologia desacreditada por aquele que orchestra a organização das falas. Nesse sentido, Bakhtin faz a análise de trechos de romance humorístico inglês, especialmente o de Charles Dickens, nos quais o autor insere na fala do narrador discursos, destacando a linguagem do outro. Assim, em um dos trechos analisados, diz Bakhtin (2015 [1934-1936], p. 82): “o

grifo em itálico⁷ destaca a estilização paródica da linguagem dos discursos solenes (do parlamento, dos banquetes)". Linguagem esta que não é a do autor do romance analisado, mas criticada por ele. Ao se referir à maneira como Dickens recorre à forma dissimulada para inserir o discurso do outro, Bakhtin explica: "[...] não se trata apenas de um discurso do outro na mesma 'linguagem – é um enunciado do outro numa 'linguagem estranha ao autor' – na linguagem arcaica dos hipócritas gêneros oratórios oficiais solenes.". Abaixo segue o trecho analisado do romance *Little Dorrit*:

Exemplo 1 (livro I, cap.33)⁸

A conversa se desenvolvia por volta das quatro ou cinco da tarde, quando a harley Strret e a Cavendish Square estavam cheias do som do constante ribombar das carruagens e do martelar das portas. No momento em que ela chegava ao referido resultado, mister Merdle voltou para casa depois *dos seus trabalhos diurnos, cujo objetivo era a intensa glorificação do nome britânico em todos os confins do mundo capaz de avaliar colossais empresas comerciais e gigantescas combinações de inteligência e capital*. Embora ninguém tivesse o exato conhecimento daquilo em que propriamente consistiam as empresas de mister Merdle (sabia-se apenas que ele cunhava dinheiro), eram justamente com esses termos que caracterizavam sua atividade em todas as ocasiões solenes, e assim, era a nova redação educada da parábola do camelo passando pelo fundo da agulha, sempre acolhida sem discussões.

Embora a forma dissimulada aponte para um discurso sem marcas formais, o discurso indireto também pode estar cercado pela forma dissimulada do discurso difuso do outro, isto é, a forma composicional é o discurso indireto, no qual o autor indica abertamente que aquela fala não é sua. Contudo, essa fala pode estar permeada difusamente, misturada internamente, com o discurso outro. O discurso indireto será visualizado se olharmos para um determinado enunciado, considerando sua totalidade, ou seja, início e termino, mas internamente a ele, pode existir a linguagem do outro não referenciada direta ou indiretamente.

Em outro trecho do romance, Dickens qualifica o banco e as empresas de umas das personagens (Merdle) de admiráveis. No entanto, sua intenção é outra, é a de crítica. Para isso, usa a voz da opinião comum que se favoreceu

⁷ Os itálicos presentes nos trechos do livro citado são de Charles Dickens.

⁸ Identificação do livro de onde foi retirado o trecho analisado.

da agiotagem oferecida pelas empresas fictícias de Merdle. A qualificação – admirável – não é do autor, mas sim da opinião comum, linguagem esta que é inserida dentro do discurso indireto sem nenhuma marca composicional que a separe da linguagem do autor ou da voz que ele parafraseia. Eis a parte do trecho que Bakhtin analisa:

Exemplo 2 (livro II, cap. 12):

Uns dois ou três dias depois toda a cidade soube que Edmund Sparkler, escudeiro e enteado do *mundialmente célebre mister Merdle*, havia-se tornado um dos esteios do Circumlocution Office, e com a devida pompa e ao som de cornetas foi *anunciado a todos os fiéis que essa admirável nomeação era um sinal benévolo e caro de atenção dispensada pelo benévolo e caro Decimus à casa dos comerciantes, cujos interesses, em um grande país comercial, devem sempre...etc., etc., etc.* Estimulado por esse sinal oficioso de atenção, *o admirável banco* e outras *admiráveis empresas* imediatamente subiram a montanha; e multidões de basbaques reuniram-se na Harley Street e na Cavendish Square só pra contemplar a morada do saco de ouro.

A forma dissimulada é aquela que não revela marcas de presença do discurso outro. A entonação aponta para as possibilidades de inserção desse discurso, cabendo ao leitor delimitar as aspas, ou seja, descobrir onde o autor introduz o enunciado alheio em sua própria fala. Sobre a forma dissimulada do discurso, Bakhtin analisa o exemplo 2, enunciando:

No caso acima, o grifo em itálico no discurso do outro na linguagem do outro (oficial, solene) foi inserido de forma aberta (discurso indireto). Mas ele está cercado de forma dissimulada do discurso difuso do outro (na mesma linguagem oficial, solene) que prepara a inserção da forma aberta e a faz repercutir (BAKHTIN, 2015, p. 83).

Ao tratar da forma dissimulada no romance humorístico inglês, Bakhtin analisa a construção estilística por ele chamada hibridização, que traz junto a voz do autor, ecos da voz do(s) outro(s). Para justificar a hibridização, o filósofo russo elenca algumas características do sujeito falante no romance, que podem ser atribuídas também a sujeitos de todo e qualquer gênero, não apenas ao romance. Podemos sintetizar essas características dizendo que o autor na teoria dialógica é essencialmente social e histórico, assim como sua linguagem. Como diz Bakhtin, o falante no romance é um “ideólogo”, ou seja, sempre aponta para um ponto de vista, para uma determinada ideologia. Isso também é extensivo para os gêneros não-

literários. Em qualquer esfera da comunicação humana, o sujeito será um ideólogo, haja vista que ele sempre enuncia inserido num meio ideológico do qual ele é parte constitutiva. Encontramos esse ponto de vista em Machado (2009):

Ainda que o objeto privilegiado nos estudos de Bakhtin tenha sido romance, vale lembrar que o alvo de seu interesse teórico eram as formações na prosa da vida cotidiana com todas as suas imperfeições, não acabamentos, efemeridade e aspectos grotescos (MACHADO, 2009, p. 163).

Sendo o falante socialmente constituído na alteridade com o outro, não existe enunciado puro, monológico, um mesmo enunciado tem diferentes estilos, atrelados a diferentes linguagens e vozes, a diferentes pontos de vista em qualquer esfera da atividade humana. Os enunciados de construção híbrida, nos quais são apagadas as fronteiras entre os diferentes discursos, estão imersos em relações dialógicas, que revelam diferentes estilos. O estilo do discurso citado não é o mesmo do discurso citante, pois considerando que o estilo é resultado de um posicionamento axiológico-dialógico, teremos diferentes vozes e, conseqüentemente, diferentes estilos. Como diz Volochínov (2013 [1934-1926]):

O estilo é o homem; e nós podemos dizer; o estilo são pelo menos dois homens, ou mais exatamente, é o homem e seu grupo social na pessoa de seu representante ativo – o ouvinte, que é o participante permanente do discurso interno e externo do homem. O estilo não é puro, assim como a linguagem também não é (VOLOCHÍNOV, 2013 [1934-1926], p. 97).

Não é nosso objetivo tratar de todas as formas de transmissão do discurso citado e suas variantes, entretanto, consideramos pertinente discutir alguns pontos sobre a apreensão e transmissão do discurso do outro, uma vez que, falar de estilo a partir de uma orientação sociológica é tratar das relações axiológico-dialógicas constitutivas do enunciado. Desse modo, o estudo sobre o estilo de um dado enunciado ou gênero não pode ser indiferente ao modo como se dá apreensão e transmissão do discurso alheio.

Volochínov (2010 [1929-1930]) analisa os diferentes esquemas de transmissão do discurso do outro, destacando o discurso direto, indireto, indireto livre e suas variantes. Ele ressalta a importância das construções sintáticas como

recursos linguístico-estilísticos que mantém um elo de aproximação muito grande com as formas concretas do enunciado. Outro ponto destacado é o fato de que esses diferentes esquemas de transmissão são mais ou menos usados em determinadas épocas, em certos períodos da história, revelando assim a relação entre a organização da sociedade e a organização da língua em uso real.

O autor ainda ressalta que no uso da língua real as formas de inserção do discurso do outro não se restringem apenas a modelos sintáticos. Ele inova com a ideia de que são esquemas que se realizam por meio de variantes e não formas de discurso reportado. Antes de tudo, é preciso considerar que, por exemplo, o uso do discurso direto ou indireto, é uma questão linguístico-estilística. Não há como analisar somente como era feito tradicionalmente. Antes da escolha dos recursos morfossintáticos para materialização desses esquemas, o falante já tem em mente um destinatário e já tem lançado um olhar valorativo sobre um dado objeto, já tem com esse objeto um vínculo emocional e afetivo, não podendo ser indiferente a ele. A escolha do discurso direto ou indireto, ao incorporar a voz do outro, permite ao falante maior ou menor possibilidade de expressão do valor emocional e afetivo, que se possa ter sobre o objeto falado.

As escolhas das formas de transmissão do discurso do outro são feitas sob a influência de um falante, cuja consciência ideológica não permite a sua neutralidade e imparcialidade frente às escolhas linguístico-estilísticas feitas. Inicialmente se tem um discurso, determinado por um contexto que reflete e refrata diferentes pontos de vista sobre ele – o meio ideológico. Esse discurso é parte de um espaço extralinguístico, que não deve ser visto apenas como aquele que está ao redor, mas como diz Volochínov (2013 [1926]), o extralinguístico deve ser parte constitutiva da interioridade de qualquer enunciado.

O autor analisa as formas de transmissão do discurso alheio como tendências sociais que apontam para as formas relativamente estáveis da recepção ativa do discurso de outrem. Assim, o autor vai tratar de dois tipos de estilos característicos dessas tendências sociais: o estilo linear e o pictórico. O primeiro é representativo de um discurso com fronteiras linguísticas mais firmes para separar a fala do sujeito falante dos outros discursos, já no segundo caso temos um estilo mais propício à diluição do discurso citado no contexto narrativo.

A escolha de quais procedimentos sintáticos, composicionais e estilísticos serão utilizados para inserção do discurso outro no discurso atual não é motivada por escolhas subjetivo-individuais, mas segue uma orientação social, que tem como parâmetro esquemas de transmissão do discurso de outrem, já existentes e relativamente estáveis, embora se realizem de formas variáveis. Além disso, essa orientação social recai sobre a figura do destinatário imediato, do(s) propósito(s) comunicativo(s) do gênero, bem como da intenção do falante.

Volochínov (2010 [1929-1930]), ao falar do diálogo, chama atenção para a existência de dois momentos na construção do diálogo: o da transmissão e o da recepção. Cada um deles com suas particularidades. O autor aponta o discurso citado como objeto de estudo capaz de explicar como apreendemos ativamente o discurso do outro e como o replicamos. Já em se tratando da transmissão, teremos o eu (sujeito falante do discurso atual), o outro (aquele de quem tomo emprestado as palavras) e ainda uma terceira pessoa (aquele a quem dirijo a palavra citada). Ao ressaltar a importância do destinatário na apreensão ativa da fala do outro, Volochínov (2010 [1929-1930], p. 152) postula: “[...] a transmissão leva em conta uma terceira pessoa – a pessoa a quem estão sendo transmitidas as enunciações citadas. Essa orientação para uma terceira pessoa é de primordial importância: ela reforça a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso”.

A apreensão ativa do discurso do outro coloca em cena um diálogo entre a fala do autor do discurso atual com a fala do autor citado, a prévia da réplica do destinatário, e numa dimensão mais ampla, as tendências sociais que dominam determinadas épocas ou grupos sociais, adotando discursos mais ou menos dogmáticos ou não. Aqui, destacamos também a importância da orientação genérica. O gênero discursivo diz muito do que pode ou não ser dito e de como pode ser dito. Assim, o gênero, enquanto realidade social é um importante orientador de como o discurso do outro deve ser organizado no discurso atual, utilizando-se ou não de fronteiras mais ou menos definidas. Contudo, ressaltamos que a orientação do gênero sobre as escolhas linguístico-estilísticas também é uma construção social, estabilizada por uma tradição cultural, que se fundamenta no uso social da linguagem, tendo como parâmetro de definição as necessidades de interação social numa dada contemporaneidade.

Volochínov (2010 [1929-1930]) destaca dois processos importantes de transmissão e apreensão do discurso do outro, que são: *reação da palavra a palavra*; e *a palavra vai à palavra*. No primeiro caso, ele diz que a palavra do narrador e a palavra do discurso citado reagem uma a outra, ou seja, não se fundem totalmente, nem mesmo nas formas mais flexíveis, como é o caso do discurso indireto livre, onde pode ser perceptível a existência de dois discursos diferentes: do narrador e da personagem, mesmo de forma muito sutil. Por mais fluida que seja a fronteira entre eles, a voz do discurso citado não é anulada ou apagada ao ser inserida no discurso citante, continua mantendo relativa autonomia. É a palavra que reage à palavra não permitindo o apagamento total das fronteiras de separação entre as vozes, podendo ser recuperada a heterodiscursividade, seja no plano linguístico ou no plano de conteúdo.

Ao se referir à apreensão ativa do discurso do outro, Volochínov usa a expressão: *a palavra vai à palavra*. A palavra do outro ao ser apreendida de forma apreciativa, encontra-se com o discurso interior do autor do discurso citante. Sobre isso Volochínov (2010 [1929-1930], p. 153-154) diz: “Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário, é um ser cheio de palavras interiores”. A palavra interior do falante do discurso atual dialoga com a fala do sujeito do discurso citado, e é primeiramente, no plano do discurso interior que a fala do outro é apreendida e apreciada, manifestando uma atitude avaliativo-responsiva.

A enunciação de outrem é inserida no discurso atual passando, primeiramente pela análise do discurso interior, e só depois se concretiza enquanto discurso atualizado no discurso citante. Nesse processo teremos a preparação de uma réplica interior (a atitude de apreender apreciativamente o discurso do outro) e o comentário efetivo (que é o resultado dessa apreensão, o discurso atual, ou atualizado). Tanto o contexto do discurso citante quanto o contexto do discurso citado se inter-relacionam arquitetonicamente numa interação dinâmica, que impossibilita a existência desses dois contextos isolados, um depende do outro.

Nesse processo de apreensão e de transmissão do discurso de outrem, Volochínov aponta para duas formas principais de apreensão do discurso citado: o estilo linear e o estilo pictórico. Assim como Bakhtin, ele relaciona o estilo às relações dialógicas. Esses dois tipos de estilos são caracterizados conforme as formas de inserção do discurso do outro, que têm como centro norteador o modo

das tendências sociais predominantes em dado tempo histórico sobre as formas de apreensão e apreciação do discurso citado.

O estilo linear é fortemente marcado pela reação da palavra à palavra. Aqui, é perceptível a força social que age entre um discurso e outro, a fim de relativizar a diluição das fronteiras, buscando a integridade e autonomia do discurso citado. No entanto, mesmo havendo essa resistência de proteção ao discurso citado contra a sua diluição no contexto do discurso citante e contra a afetação das suas entonações, o discurso do outro quando imerso no contexto do discurso citante, será sempre atingido por este, mesmo quando conserva um grau máximo de separação. No estilo linear predomina o discurso direto, marcado por fronteiras mais nítidas entre um discurso e outro.

Nessa concepção de estilo há uma grande resistência à dialogicidade da palavra. Contudo, Volochínov (2010 [1929-1930]) diz que a palavra é uma arena de luta social. Na palavra sempre teremos mais de um ponto de vista e é exatamente no confronto desses pontos de vista que nasce a palavra enquanto atitude avaliativo-responsiva. Sendo a palavra intersubjetiva, sempre refratará no mínimo duas intenções: a do sujeito falante e a do seu destinatário, e se considerarmos que ambos já trazem muitos outros discursos, essa refração será um feixe de muitos raios que apontam para possibilidade de diferentes sentidos, de diferentes pontos de vista.

Já o estilo pictórico, caracteriza uma interação menos dogmática, menos autoritária, com maior permeabilidade entre os discursos do que o estilo linear, ou seja, com maior dialogização interna. Essa segunda orientação estilística, ao contrário da primeira, que é regida de forma mais enfática pela reação da palavra à palavra, é mais fortemente marcada pela ideia de a palavra vai à palavra. Nesse caso o discurso, interior encontra-se mais livre para dialogizar internamente a palavra do outro. Ou seja, no estilo pictórico as fronteiras entre um discurso e outro são mais sutis, menos rígidas, de modo que fica mais difícil perceber onde inicia e onde termina o discurso citado, embora, como já dito, não haja uma diluição total do discurso do outro no discurso atual.

Esses dois estilos vão direcionar as escolhas linguísticas que concretizarão as formas sintáticas de inserção do discurso do outro, discutidas por Volochínov: o discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre e suas variantes. Assim, a depender de um ou outro tipo de estilo, teremos contornos mais ou menos nítidos

de separação entre um discurso e outro, o que significa dizer que teremos um discurso linear quando as tendências sociais forem mais autoritárias, menos dialógicas, a depender do gênero discursivo, das relações de interação entre o sujeito falante, o sujeito do discurso citado e o destinatário. Do mesmo modo, teremos um discurso pictórico, com maiores infiltrações entre um discurso e outro quando for orientado por tendências sociais mais dialógicas, democráticas, menos dogmáticas. O estilo pictórico é mais *colorido*, mais dinâmico, mais propício a reelaboração, atualização de sentidos, do que o estilo linear.

Volochínov (2010 [1929-1930]) destaca a importância do contexto histórico de uma dada época e a posição hierárquica de valores ocupada pelo discurso citado em relação ao discurso citante. Para sintetizar a orientação social das escolhas linguístico-estilísticas das formas de inserção do discurso do outro, ele traça uma sequência cronológica que parte de um dogmatismo autoritário da Idade Média, cultivando um estilo linear de transmissão do discurso do outro, avançando para um estilo flexível, que permite a infiltração do discurso citado com réplicas e comentários do autor, chegando ao estilo pictórico que permite a diluição do contexto narrativo.

Percebe-se nessa sequência cronológica um avanço das tendências sociais que seguem um percurso de um estilo linear mais rigoroso até o estilo pictórico mais colorido, ou seja, muito permeável à infiltração e quase diluição do discurso do outro. Contudo, vale ressaltar que são apenas tendências sociais, isto é, dentro de uma determinada época é mais comum este ou aquele tipo de estilo das formas de inserção do discurso citado, mas paralelo a esse uso relativamente estável, coexistem, embora de forma mais moderada, o estilo contrário, ou seja, tanto o estilo linear, quanto o estilo pictórico existem numa mesma época, embora um se sobressaia ao outro e num contínuo de graus variáveis. O estilo linear pode apresentar-se num grau máximo, marcando rigidamente as fronteiras linguísticas entre os diferentes discursos, até tornar-se menos rígido, chegando ao estilo pictórico, que por sua vez também pode se apresentar em graus variados, com maior ou menor atenuação dessas fronteiras.

O estilo é visto na teoria bakhtiniana como um aspecto das relações dialógico-axiológicas, uma vez que trata dos modos de apreensão ativa do discurso de outrem. Sendo assim, é fundado na relação dialógica entre o eu e o(s) outro(s), no confronto de diferentes pontos de vistas, que interagem em relações

de divergência e/ou de convergência para construção da autoria. Possenti (2001) ao estudar a autoria em textos escolares propõe que relacionado a esse conceito sejam também discutidas as noções de estilo e enunciação. Assim como Possenti, argumentamos a favor de que tanto a autoria quanto o estilo precisam ultrapassar uma visão romântica ou abstrata da estilística tradicional, passando a ser vistos enquanto noções que se inter-relacionam com o individual e com o social. Também compartilhamos com o pressuposto de que são temas que se completam, que precisam um do outro. Como ter autoria sem estilo? Ou estilo sem autoria? Ainda acrescentaríamos a esse par a noção de ponto de vista, uma vez que o estilo e autoria numa abordagem sociológica sempre revelarão um ponto de vista, uma apreciação ideológica sobre o objeto. Os três – autoria, estilo e ponto de vista – são alicerçados em um posicionamento axiológico-dialógico de um sujeito falante a cada novo enunciado. Na seção a seguir discutiremos como o ponto de vista e autoria, enquanto construções coletivas possuem um caráter axiológico-dialógico, fundamentado no individual e no social.

2.2 AS RELAÇÕES AXIOLÓGICO-DIALÓGICAS NA CONSTRUÇÃO DA AUTORIA E DO PONTO DE VISTA

Sendo o falante um ser de resposta, um ser responsivo, ele não pode eximir-se do ato ético. Esse ser sempre ocupa uma posição frente ao outro e a si mesmo. Não pode ser indiferente em relação à voz do outro, pois até mesmo essa tentativa de ficar indiferente exigiria uma tomada de posição, que não seria regida por uma imposição externa, mas pela natureza singular do sujeito falante que responde a partir de sua existência, de suas experiências, o que o torna único nesse ato de resposta. Para Bakhtin (2012 [1920-1924]), a ética se fundamenta na responsabilidade, na compreensão responsiva.

No texto “Arte e responsabilidade”, Bakhtin (2003 [1979], p.1) questiona: “O que garante o nexo interno entre os elementos do indivíduo?”. Ele mesmo responde: “só a unidade da responsabilidade”. Ser responsável pelo seu dizer não é apenas assinar, enquanto explicitação de um nome, mas é a realização de um ato ético, configurando-se como uma atitude avaliativo-responsiva, que marca aquilo que é irreptível, único, enquanto singularidade de um sujeito falante, que ocupa na vida, na

sua existência, um lugar impossível de ser ocupado por outro sujeito, pois nenhum outro tem as mesmas experiências que esse sujeito tem. Por isso sempre que compreendemos responsivamente estamos sendo autores, ou seja, em todos os momentos de nossas vidas, estamos sendo autores de nosso discurso interior e de nossos discursos exteriorizados ao outro, haja vista que em momento nenhum podemos anular nossa singularidade, sermos neutros em nosso ato ético. Isso está além de nossa vontade. Bakhtin (2012 [1920-1924]) diz que o falante é um sujeito sem álibi, ou seja, é impossível não assumir esse lugar na sua própria existência, deixar de ser esse “eu” responsável.

Ao contrário do que muitas vezes se pensa, ser autor de um texto, não é apenas registrar esse texto como meu porque fui eu que escrevi ou falei, mas ele é meu, antes de tudo, porque se constitui como elo de um discurso maior, parte de um discurso que já existe. Enquanto autor eu atualizo, acrescento, questiono, afirmo, contesto, comento, repenso esse discurso, de alguma forma já existente. Serei assim, autor de um discurso que não tem sua origem em mim mesmo, mas na interação social, na relação dialógica com outros discursos.

Contudo, sendo ponte entre um discurso e outro, minha autoria é singular, esse ponto do qual afirmo ser autor tem a marca da minha singularidade, uma vez que é resultante do meu excedente de visão, ou seja, da minha apreciação sobre um objeto já olhado sobre outros pontos de vista. A autoria, o ponto de vista, o estilo, e até a própria singularidade é constituída socialmente. Se eu me digo autor de um determinado ponto de vista é porque eu o confrontei, dentro de um meio ideológico, com outros pensamentos divergentes ou convergentes. A avaliação responsiva é sempre ideológica, de natureza social. É essa avaliação responsiva que me faz ser autor de um ato ético.

Ao propor uma estilística sociológica, Bakhtin (2015 [1934-1936]) reconhece que as escolhas linguísticas do sujeito falante são orientadas socialmente pelo horizonte social no qual o discurso é elaborado, pelo destinatário imediato ou destinatário presumido. São escolhas orientadas pelo gênero, que também é produto da coletividade humana, bem como pelo meu propósito ou necessidade comunicativa, ou seja, o estilo do qual lanço mão para construção da autoria é marcado pela intenção comunicativa do sujeito falante com sua singularidade, mas, principalmente, pelo aspecto social que me envolve enquanto sujeito de uma

existência que vive sempre em relação de alteridade com o outro. Francelino (2007, p. 103-104) propõe uma caracterização da noção de autoria a partir do conceito de dialogismo. Nesse intuito, ele parte de dois princípios que situam a autoria como resultado de uma singularidade constituída dialogicamente no elo que o autor mantém com outros discursos:

1º princípio: *o autor é uma instância individual que se constitui na alteridade.*

2º princípio: *o autor instaura um leitor/interlocutor no processo enunciativo.*

O primeiro princípio marca muito bem a ideia de singularidade daquele que responde de um lugar assumido no existir-evento, e ao mesmo tempo em que é singular por ser único enquanto ser em processo, ele também é social porque se constitui na relação de alteridade com o(s) outro (s) no grande diálogo da vida real. O segundo princípio evidencia o papel da réplica antecipada, do fato de o autor ser sempre um respondente, de não poder esquivar-se do olhar do seu destinatário, seja real ou presumido. Assim, a autoria é uma ponte entre o eu e o outro, entre o singular e o social.

A autoria é um ponto de vista sobre o objeto, que segundo Bakhtin (2003 [1979]) nunca será puro, mas desde sempre já apreciado por outros olhares. Por isso, ser autor é colocar-se entre outros autores, é travar diálogos, confrontar o outro em busca de si mesmo. A autoria é um processo que lança luz sobre um dado objeto, gerando sobre ele discursos atualizados pela singularidade daquele que o aprecia responsivamente. Ao tempo em que atualizo esse objeto apreciado, também me atualizo na condição de sujeito singular. De modo que, assim como o objeto nunca terá um acabamento, também, nunca estará fechado a novas apreciações, sendo sempre favorável e aberto a recriações e mudanças. E eu enquanto sujeito singular também serei marcado por essa dinamicidade que faz de minha autoria um processo nunca acabado. Além disso, a autoria enquanto processo, permite ao autor que atualize a sua própria apreciação sobre o objeto, quantas vezes o olhe, o que indica que nem para mim mesmo o texto que digo ser meu possui um sentido único, pois quando eu o apreciar outra vez, lançarei sobre ele novas entonações, relacioná-lo-ei com novos discursos.

Somos autores na medida em que assumimos determinada posição enquanto sujeito singular, ou seja, quando respondemos a partir de um ponto de vista que aponta para uma apreciação valorativa, para um tom emotivo-volitivo que só é possível nascer da minha visão, da minha atitude avaliativo-responsiva.

Contudo, essa autoria, é sempre de natureza social, tendo o(s) outro(s) como ponto de partida e de chegada. Não sou autor porque escrevi ou disse algo, mas porque o fiz na minha singularidade responsiva. Ao falar de singularidade, temos que entender que não se trata de uma subjetividade absoluta, desvinculada do social, mas ao contrário, minha singularidade é construída na relação de alteridade com o outro.

A atitude responsiva, enquanto tomada de posição, dá sustentação ao conceito de autoria, enquanto ato responsável. O ato de autorar, ou seja, de colocar-se como autor, implica uma compreensão ativa, uma recriação, uma atualização de sentido. O autor enquanto sujeito dialógico não reconhece passivamente a voz e avaliação do outro. Ele atualiza os sentidos, a partir de uma compreensão responsiva, que exige dele uma tomada de posição que é inerente ao ato de compreender e responder. Conforme essa concepção de autoria, a assinatura não representa reconhecimento da validade ou não em relação ao conteúdo, a assinatura não recai sobre o conteúdo, mas sobre minha decisão responsável enquanto ser responsivo.

A assinatura aponta para uma valoração feita por um falante, enquanto detentor de um olhar que só ele tem. As lentes com as quais ele vê não se repetirá em nenhum outro olhar. As lentes que permitem a valoração axiológica do objeto são construídas ao longo de uma vida vivida apenas por aquele que a vive. No caso das relações familiares, por exemplo, dois irmãos são filhos da mesma mãe, mas será que eles a veem do mesmo modo? Ela deu à luz a ambos, mas não será vista por eles com as mesmas lentes, a apreciação de ambos sobre ela sempre será diferente, cada um a verá a partir da sua própria existência. A mãe será a mesma apenas como referência de gestação, mas não a mesma mãe enquanto sujeito singular, pois além de estar em constante processo de mudança, constrói-se continuamente e diferentemente para cada um deles. Ela também os verá com lentes diferenciadas. Com isso queremos mostrar que assim como uma mesma pessoa é vista pelas outras com um olhar diferenciado, isso também acontece com o objeto-texto, e mais do que isso, o texto a cada vez que é revisitado por uma mesma pessoa, não será mais o mesmo texto, porque o autor também nunca mais será igualzinho ao momento em que escreveu ou falou anteriormente.

Na composição das lentes de cada sujeito estarão fragmentos de lembranças, vozes outras, decepções, alegrias, desejos, preconceitos, medos,

conquistas, sentimentos, que na língua comum possuem um significado reiterável, mas quando vivenciados tornam-se irrepetíveis. Logo, o objeto numa será apreciado do mesmo modo por lentes diferenciadas. Nisso consiste o conceito de autoria. A autoria é resultado dessa visão particular, dessas lentes construídas na existência de cada um, nas relações de interações sociais, na alteridade entre o eu e o outro. Podemos ainda dizer que essas lentes são uma espécie de mosaico formado por muitas peças que se ligam não apenas em suas extremidades, mas arquitetonicamente, ou seja, internamente, cimentadas com a massa das relações axiológico-dialógicas, formando um todo impossível de ser separado e continuar tendo sentido.

Ao falar de assinatura como reconhecimento e valoração, Bakhtin (2012 [1920-1924]) esclarece que não é o conteúdo do ato que obriga a assinatura-reconhecimento, mas a minha decisão de assumir essa obrigação da assinatura-reconhecimento. Assinar significa assumir uma responsabilidade, mas não uma responsabilidade pelo conteúdo assinado. Uma assinatura enquanto responsabilidade decorrente da posição que ocupo na minha própria existência, lugar único que ocupo na vida e que me permite ver aquilo que seria impossível de ser visto do mesmo modo por qualquer outra pessoa. É esse reconhecimento, essa afirmação a partir de minha singularidade responsável, sem álibi, que me faz ser autor, ou seja, como diz Faraco (2008, p. 56): “assumir uma posição axiológica”. Ao assumir essa posição axiológica, avalio e respondo mediante escolhas estilísticas para realizar as minhas intenções, que no processo de constituição dialógica do discurso também são integradas por palavras alheias.

Clark e Holquist (2008, p. 89), ao relacionar o ato ético à ação de autorar, enunciam: “A ênfase não recai naquilo em que a ação resulta, o produto final da ação, mas antes no ato ético em seu fazimento, como um ato no processo de criar ou ‘autorar’ um evento que pode ser chamado de ato [...]”. Os autores esclarecem que esse evento pode ser uma ação física, um pensamento, uma elocução ou um texto escrito. Assinatura não é um produto final, mas o ato-processo, a obrigação inerente a minha condição de sujeito singular no mundo.

No existir-evento, o sujeito assume a responsabilidade pela sua própria existência, pelos seus próprios atos. Por isso, o sujeito na teoria bakhtiniana é sempre ético, ou seja, sem álibi, aquele que não pode negar sua obrigação de assumir a responsabilidade pela sua existência, pelo lugar que ocupa no mundo e

pelos seus atos. Podemos dizer que esse posicionamento ético não é regido pela imposição de leis comuns, gerais, mas é o reconhecimento de que daquele lugar que ocupo na existência, somente eu posso agir assim, atribuindo ao mundo, à vida, aos objetos certas valorações e não outras.

A lei imposta pelo homem existe, mas sua validação ou negação é que se constitui enquanto ato ético na teoria bakhtiniana. Mesmo quando assumo um posicionamento contrário a uma lei, a um consenso, estou sendo ético, não na obediência ou desrespeito a uma lei comum, mas numa atitude avaliativa responsiva que exige de mim uma tomada de posição, que se configura como ato ético, por ser eu o único capaz de dar essa resposta, o único a responder desse lugar, impossível de ser ocupado por outro. É o meu agir, a minha resposta, a minha capacidade de lente diferenciada que me possibilita o ato ético, aquele fundamentado numa verdade para mim e não numa verdade absoluta.

A ética na teoria dialógica não visa a leis universais, criadas pelo homem, não visa a um consenso, mas a um ato que é fundamentado na singularidade daquele que o pratica, que o coloca como centro responsável pelo seu fazimento. Bakhtin (2012 [1920-1924], p. 48-49) diz: “Não existem normas morais determinadas e válidas em si, mas um sujeito moral [...]”. É esse sujeito moral que vai agir conforme sua consciência validando ou não essas leis. Desse modo, a ética, fundada no tom emotivo-volitivo, enquanto posicionamento responsivo, também é fundante de um estilo de base social, haja vista que essa minha atitude avaliativo-responsiva determina minhas entonações valorativas, que por sua vez, influenciam as escolhas linguísticas que faço para interagir com o outro(s). Amorim (2009, p. 21) refere-se à ética como uma das questões centrais da obra de Bakhtin, ao discutir qual é a ética de um pensamento. Ou como o pensamento teórico pode ser ético. Para ela, “a dimensão ética de um pensamento teórico não pode ser apenas buscada na (ou deduzida) do seu conteúdo. Do conteúdo de um pensamento, podemos e devemos exigir que seja verdadeiro, mas isso não é suficiente para que ele seja ético”. O conteúdo ético sempre será resultado de um posicionamento axiológico-dialógico, isto é, deve ser fruto da valoração de uma singularidade responsável, e não apenas restrito a um conhecimento teórico.

Pensando a autoria como um posicionamento axiológico-dialógico, não temos como conceber um autor, sem antes pensar num contexto social, nas relações de interação, na alteridade entre o eu e o outro. A singularidade só existe

em relação ao outro, por isso a autoria é sempre dialógica, fundada no confronto entre diferentes consciências que dialogam tanto em relações contratuais quanto divergentes. Ser autor é assumir uma posição, colocar-se como aquele que traça os fios que formam um tecido de muitas vozes.

Em *O autor e o herói na atividade estética*, Bakhtin (2003 [1979]) faz uma distinção entre autor-pessoa e autor-criador na atividade estética. Segundo ele, o autor-criador no romance não é apenas uma consciência, mas é a consciência da consciência, isto é, traz duas intenções: a do autor e a do mundo da personagem. O autor-criador é aquele que vê de fora, que se coloca numa posição exotópica em relação à personagem, ou seja, vê aquilo que a personagem vê e mais o que ela (a personagem) não seria capaz de ver enquanto parte de um todo, uma vez que ela não consegue ser indiferente à sua vivência, às suas emoções. Ela não consegue o distanciamento necessário para ver a si mesma em sua totalidade.

O autor-pessoa é o homem histórico que escreve, é o próprio escritor. Ele representa uma consciência não coincidente com a consciência do narrador, ou seja, trata-se de duas consciências diferentes, da pessoa real e da pessoa representada pela consciência do autor-pessoa. Essas duas consciências dialogam com as consciências das personagens. Emaranhadas a essas consciências ainda temos muitas outras consciências (vozes sociais) que atravessam dialogicamente cada uma delas três. Por isso, Bakhtin (2015 [1934-1936]) defende que o romance é um gênero representativo do heterodiscurso. Contudo, no plano da vida real, a linguagem também é heterodiscursiva, marcada pelo embate entre muitas consciências.

Ao discutir a ideia de autor-pessoa e de autor-criador, Faraco (2008) ressalta a importância e peculiaridade do conceito bakhtiniano ao relacionar o autor-criador a uma posição axiológica, a autoria à ideia de réplica, de responsividade. Na interpretação de Faraco (2008), o autor-criador não é a origem nem o fim, não é o centro unificador. Ele é um elo entre o antes e o depois, entre o autor-pessoa e as tantas consciências que constituem dialogicamente os sentidos de um discurso.

O autor-criador é, assim, uma posição refratada e refratante. Refratada porque se trata de uma posição axiológica conforme recortada pelo viés valorativo do autor-pessoa; e refratante porque é a partir dela que se recorta e se reordena esteticamente os eventos da vida (FARACO, 2008, p. 39).

No discurso da vida real, o autor-criador é aquele que assume um olhar axiológico, uma posição que envolve sua singularidade no existir-evento. Assumir essa singularidade impõe ser responsável pela sua autoria, significa a confirmação de que só ele, enquanto autor-criador naquele momento é capaz de ver, avaliar e valorar com aquela entonação. Desse modo, ser autor é mais do que dizer, é também reconhecer a validade de um conteúdo, não como verdade universal, mas a partir de uma posição axiológico-dialógica. Tudo que dizemos deve ser entendido como um ato responsável, não pelo que está dito, mas porque foi dito por um sujeito ético, sem álibi.

A autoria é marcada pelo reconhecimento, pela validação decorrente de uma atitude avaliativo-responsiva. Contudo, esse discurso reconhecido e validado é permeado de muitas vozes, por diferentes visões de mundo, por diferentes pontos de vista, por diferentes estilos. A autoria não é solitária, isolada, inerte, mas é sempre ativa, criativa, latente para novas valorações. Por isso um mesmo conteúdo-sentido pode ser atualizado de forma diferente, por sujeitos diferentes, ou pelos mesmos sujeitos em situações comunicativas diferentes.

A autoria na perspectiva bakhtiniana não pode ser confundida com um ato individual, subjetivo. A singularidade do sujeito falante não está centrada na figura de um autor subjetivo, mas na figura de um autor em relação de alteridade com o outro na arquitetônica do mundo real. Nessa arquitetônica tudo funciona como parte de um todo. Como vimos, não há sentido atualizado fora de uma posição axiológica, consequentemente, também não há ponto de vista, pois este só existe em relação à autoria enquanto atitude avaliativo-responsiva. É nas interações que o sujeito bakhtiniano constitui-se responsivamente, assumindo sua singularidade responsável enquanto autor. A autoria ancorada na ideia de posição axiológico-dialógica relaciona o ponto de vista aos modos como os enunciadores interpretam e reacentuam os discursos. A autoria aqui é fundamentada numa estilística sociológica, na qual os recursos linguísticos são, antes de tudo, recursos estilísticos de natureza social. Ser autor é dialogar com diferentes consciências, com diferentes pontos de vista, é recorrer a um estilo de base social.

Como afirma Bakhtin (2014 [1924]), o ponto de vista precisa estar em diálogo de consenso ou de confronto com outros pontos de vista para se tornar

necessário e indispensável enquanto posicionamento responsivo. Ele é uma resposta, é alimentado em suas fronteiras pela existência e diversidade de outros pontos de vista, que o tornam visível. Portanto, não existiria como tal, isolado das relações dialógicas, da unidade da cultura que o situa como elo na corrente dos diferentes discursos que se constituem como diferentes pontos de vista sobre um mesmo objeto. Cunha (2012) destaca a importância da inseparabilidade de dois conceitos-chave na teoria dialógica, sentido e valor, uma vez que não temos como justificar um não álibi. Nossos atos (ações, pensamentos, discursos) sempre serão atitudes avaliativo-responsivas carregadas de juízo de valor. Bakhtin (2015 [1934-1936]) opõe-se à estilística tradicional que via o estilo individual, sem considerar as relações dialógicas, tendo o ouvinte como um ser passivo, sem respostas. Na estilística tradicional, o estilo era analisado por meio de recursos linguísticos formais, sem considerar a diferença entre o plano da língua e o plano da linguagem tal como é vista na teoria dialógica. Essa estilística era cortada de toda a luz de um estilo que se coloca como abertura para a dialogicidade, criatividade e a bivocalidade.

Para esse autor o sujeito falante ocupa lugar de destaque na constituição estilística do enunciado. As escolhas linguístico-estilísticas são feitas por ele. A depender do gênero, a palavra do falante ecoará com maior ou menor liberdade. Bakhtin destaca importância do sujeito falante no romance, por considerar esse gênero um espaço favorável à existência do heterodiscurso, no qual o sujeito falante faz ecoar sua voz com grande liberdade e autonomia estilística, ou seja, ele pode fazer uso de diferentes linguagens, de diferentes estilos.

[...] o homem no romance é essencialmente um falante; o romance precisa de falantes que tragam sua palavra ideológica original, sua linguagem. O objeto fundamental, 'especificador' do gênero romanesco, que cria sua originalidade estilística, são o *falante e sua palavra*⁹. (BAKHTIN, 2015 [1934-1936], p.124)

O homem no romance precisa ter voz, revelar sua apreciação ideológica, responder ao outro, realizar suas necessidades comunicativas, recorrendo à palavra do outro, ao material linguístico posto em uso nas situações de comunicação. Ele tira as palavras do meio social, palavras que são semialheias. A palavra do homem no romance não é neutra, não é individual, mas ideológica e internamente dialogizada. É essa palavra que constitui o estilo no romance.

⁹ Grifo do autor.

Prosseguindo a discussão, Bakhtin (2015 [1934-1936], p. 124) indica algumas características do falante no romance, características essas que orientam o estilo desse gênero. Dentre essas características explicitamos uma delas, que consideramos ser comum a todos os falantes no discurso do dia a dia, da vida real: o falante é um homem essencialmente social, historicamente concreto e definido, e seu discurso é uma linguagem social (ainda no embrião) uma linguagem de grupo e não um “dialeto individual”.

Em qualquer gênero, o sujeito falante será sempre um sujeito social, mesmo naqueles mais impróprios à multiplicidade de pontos de vista, como é o caso de uma comunicação oficial. O falante, que no romance é a personagem, será um ponto de vista sobre o mundo, sobre a palavra incorporada, sobre o tema discutido. O ponto de vista nasce do encontro polêmico ou contratual entre duas ou mais consciências, sendo uma valoração apreciativa fundamentada na relação de alteridade. Não dá para expressar um ponto de vista isolado, desconectado de outros pontos de vista. Assim como o eu se constitui em relação ao outro, o ponto de vista também nasce e se fortalece na relação de diálogo com outros pontos de vista.

Bakhtin estende essas características aos gêneros do dia a dia, ao discurso humano, dizendo que a transmissão do discurso do outro é um dos temas mais fecundos do discurso humano, uma vez que em qualquer campo da criação ideológica o nosso discurso está sempre repleto da palavra alheia, em graus variados: “em nosso dia a dia, a cada momento ouvimos o discurso sobre o falante e sua palavra. Pode se dizer francamente: o que mais se fala no dia a dia é sobre o que dizem os outros” (BAKHTIN, 2015 [1934-1936], p. 131). Esse diálogo incessante com a palavra alheia cria um ambiente pluriestilístico, envolvido por muitos pontos de vista que dialogam a partir de relações que os aproximam ou os distanciam. Entendemos que para Bakhtin a pluralidade estilística é inerente à linguagem porque todo enunciado em situações reais de uso tem no mínimo duas vozes: a do falante e a do ouvinte. Logo, mesmo fora dos gêneros intercalados, o enunciado será pluriestilístico. O falante é o regente das relações dialógicas, é aquele que recorre à palavra alheia, seja num processo dialógico de assimilação ou refutação, ou ainda a partir de relações dialógicas que se colocam num contínuo entre esses dois extremos.

Dizer que a palavra do falante é um ideologema, é reconhecer a impossibilidade de neutralidade, seu poder dialógico-axiológico. O falante, de modo geral, tem grande habilidade em falar do discurso do outro, usando expressões que revelam uma fonte desconhecida de um discurso já existente. “A maioria das informações e opiniões costumam ser comunicada não em forma direta, mas como sendo do falante, com referência a uma fonte comum indeterminada – ‘ouvi dizer’, ‘estão achando’, ‘estão pensando’, etc.” (BAKHTIN, 2015 [1934-1936], p.132). Essa forma de transmissão permite ao autor maior liberdade de posicionar-se valorativamente nesse contínuo de assimilação ou refutação do ponto de vista do outro. Enfatizando esse caráter dialógico da palavra do sujeito falante no dia a dia, bem como a relevância desse tema, Bakhtin explicita:

Basta escutarmos e meditarmos sobre o discurso que ecoa em toda parte para chegarmos à seguinte afirmação: no discurso do dia a dia de qualquer pessoa que tem vida social, ao menos metade de todas as palavras que ela pronunciou são palavras alheias (apreendidas como alheias), transmitidas com todos os diversos graus de precisão e imparcialidade (ou melhor, de parcialidade) (BAKHTIN, 2015 [1934-1936], p.132).

Na transmissão do discurso do outro, o falante é sempre parcial, pois no discurso do dia a dia não temos uma representação ficcional, mas uma transmissão “interessada”, que visa a atender a uma intenção do falante. Os contornos de limite entre uma fala e outra serão definidos, dentre outros aspectos pela intenção desse falante. Bakhtin (2015 [1934-1936]) diz que a palavra do outro só se torna palavra do sujeito quando este a satura de suas intenções, de seu acento. Contudo, mesmo assim, continuará sendo também palavra do outro.

A palavra alheia em um novo contexto, no contexto da fala do sujeito falante, carregará entonações desse novo contexto, de modo que ela não será mais apenas a palavra do outro, mas também será a palavra do sujeito falante. Temos então numa mesma palavra, no mínimo, duas consciências: a do sujeito falante e a do outro de quem foi retomada a palavra. São essas relações axiológico-dialógicas que impulsionam as escolhas linguísticas.

Na teoria dialógica, a linguagem não pode ser dissociada da vida, das interações sociais, das contradições presentes no meio social. Machado (1990) destaca os textos: *Problemas da Poética de Dostoiévski*; *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* e *Teoria do romance I: a*

estilística, como sendo constitutivos da poética histórica de Bakhtin. textos mais voltados para os aspectos estéticos de sua obra. Nessa teoria o estético supera a separação dicotômica entre arte e os elementos integrantes do contexto extraverbal. Indo de encontro à estilística tradicional. Machado (1990, p. 135) esclarece:

Embora Bakhtin tenha colocado no centro de suas preocupações a intrincada relação que o homem mantém com o mundo através da linguagem, não se pode confinar suas formulações aos limites da linguística, mesmo reconhecendo suas valiosas contribuições nesta área. O conjunto de seu estudo – que Bakhtin reúne sob o nome de poética histórica sustenta firme propósito de compreender a literatura como um fenômeno estético totalmente articulado ao contexto cultural mais amplo.

Faraco (2011, p.1) ressalta a contribuição de Bakhtin no estudo da estética dizendo: “É fascinante, por exemplo, entre muitas outras coisas, o modo como Bakhtin torna o social, o histórico, o cultural elementos imanentes do objeto estético”. Bakhtin (2013 [1940]) ao analisar a obra de Rabelais, aponta a carnavalização como possibilidade de uma vida extra-oficial, criando realidades outras que permitem a visualização do contraditório, do oficial versus o não-oficial, da parodização que transforma o sério em riso. A carnavalização burla as regras impostas por um padrão social, fazendo do mundo real uma encenação capaz de romper com as fronteiras entre os diferentes grupos. Esse espírito carnavalesco impõe mudanças estilísticas na linguagem. Veremos alguns pontos sobre o conceito de carnavalização e sua relação com o aspecto estilístico do enunciado. Na seção abaixo faremos uma breve discussão sobre a evolução da visão carnavalesca, principalmente na Idade Média e no Renascimento – século XVI –, como caminho necessário para entendermos o conceito de linguagem carnalizada na contemporaneidade do jornalismo *online*.

2.3 A CARNAVALIZAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO ESTILÍSTICA DO ENUNCIADO

Bakhtin (2013 [1940]) trata da visão carnavalesca que perpassa a vida das pessoas desde a antiguidade até início do século XIX. Na antiguidade e na Idade Média, a cultura popular era muito valorizada enquanto modo de vida, constituindo-se como uma forma de ver, viver e sentir o mundo. A cultura popular era vivida no

cotidiano das pessoas. Não era apenas um tema sobre o qual se falava, mas parte da vida vivida e não apenas do mundo teórico, ou ainda de uma encenação numa dada esfera ideológica. A cultura popular fazia parte da vida cotidiana das pessoas. Bakhtin (2013 [1940]) destaca que o riso, o burlesco e o aspecto jocoso das manifestações da cultura popular constituíam-se como forma de subversão de uma cultura oficial (da igreja e do Estado). Colocavam em cena uma realidade paralela capaz de expressar a visão de mundo contrária à esfera oficial. Nessa dualidade, embora a cultura popular fosse oposição à cultura oficial, havia uma relação de influência mútua entre elas.

Era exatamente essa relação de confronto que dava à cultura popular a motivação necessária para caracterizar-se como subversão de um mundo tido como oficial, marcado pelo consenso de esferas ideológicas dominantes, que por outro lado, é resultado do confronto, da negação da cultura popular. Tínhamos desse modo, uma separação, uma cisão entre o mundo tido como oficial e o mundo da cultura popular. No primeiro caso, temos a cultura de maior prestígio, em outras palavras, ideologicamente dominante (esferas ideológicas mais estabilizadas, principalmente a Igreja e o Estado). Já no segundo caso, temos a cultura popular predominante nas classes sociais mais simples, de menor prestígio social.

Seguindo esse percurso, no Renascimento a cultura popular adentra a literatura, passando a integrar a vida oficial, ou seja, além de ser a cultura popular vivenciada pelas camadas inferiores da sociedade. A inserção da cultura popular na vida oficial, na literatura, proporciona mudanças e possibilidades outras de uso da linguagem. A essa visão de mundo mediada pela cultura popular que passou a integrar a literatura, Bakhtin chamou de carnavalização.

Ao analisar a obra do escritor Rabelais, ele faz uma caracterização do riso desde a Idade Média até século XIX. Não é nosso objetivo trazer uma discussão minuciosa sobre o percurso histórico desse elemento, mas apenas delinear o que for necessário para mostrarmos o quanto ele se alinha à ideia de duplo, de caráter pluriestilístico da vida e da linguagem do homem. O riso carnavalesco ridiculariza, vai de encontro àquilo que se estabilizou como oficial, mas que aprisiona o espírito do homem em leis universais características de esferas ideológicas dominantes, que ditam, verticalmente, o que pode e o que não pode ser feito e nem dito. São esses comportamentos padronizados que o riso atravessa mostrando o outro lado da vida.

Ele permite ao homem ser o que não pode ser, dizer o que não pode dizer na vida oficial.

O conceito de carnavalização tem origem na cultura popular, nas festividades da praça pública, nas quais o povo, muitas vezes, vive uma identidade que não corresponde à sua na vida real, como no carnaval, por exemplo. A discussão de Bakhtin sobre a carnavalização parte de uma cultura essencialmente vivida pelo povo fora da esfera oficial, em suas formas mais populares. Bakhtin (2013 [1940], p. 83) explicita: “os homens da Idade Média participavam igualmente de duas vidas: a oficial e a carnavalesca, e de dois aspectos do mundo: um piedoso e sério, o outro, cômico”. Existiam dois mundos separados, que não se fundiam, mas que eram igualmente necessários.

Ao tempo em que o homem tinha uma vida oficial, a partir da qual era reconhecido como parte de uma sociedade por seguir certos padrões impostos por ela, também participava de uma vida carnavalesca na qual se comportava como se fosse personagem de um grande teatro num palco público, onde uma mesma pessoa podia assumir diferentes personagens, travestindo-se com diferentes máscaras, visando exatamente a burlar muitas dessas normas vividas na esfera oficial. Sobre isso Bernardi (2009) explica:

O espírito carnavalesco também possibilitou o diálogo entre os dois mundos, que de outra maneira estariam irremediavelmente separados. Pela linguagem contaminada pelo riso e pela paródia, o homem do povo tomava consciência crítica da existência de dois mundos – o mundo oficial, normativo, onde viviam os donos do poder, e o mundo extraoficial, onde viviam os homens oprimidos pelo poder (BERNARDI, 2009, p. 78-79).

No Renascimento a separação entre uma vida oficial e uma vida extra-oficial foi ficando cada vez mais fragilizada, até ultrapassar os limites, misturando-se. A vida oficial absorveu muito da cultura popular. A literatura adquiriu um tom mais cômico, surgindo grandes escritores, como Rabelais e Cervantes, que revelavam em suas obras uma linguagem carnavalesca, uma forte influência da cultura popular. A linguagem oficial incorpora a linguagem carnavalesca, de modo que a literatura passa a usar recursos linguístico-estilísticos mais livres, menos presos a uma língua oficial. Essa liberdade de expressão permite ao autor uma série de recursos para ironizar, debochar, polemizar, burlar normas sociais dentro da esfera oficial. No Renascimento o colorido da vida carnavalesca invade a literatura, revitalizando-a de força para lutar

contra a hipocrisia, contra a opressão de um sistema marcado por aparências, no qual cada um vive em função daquilo que foi estabelecido por um poder dominante, seja da igreja, do governo, da escola, etc. Bakhtin (2013 [1940], p. 9) considera a visão carnavalesca, enquanto concepção de mundo, como sendo uma maneira de perceber o inacabamento do ser, da vida e do mundo. Significa perceber a existência do ser em seu devir, perceber a heterogeneidade e o dinamismo da vida que se torna marca linguístico-estilística na concretização do enunciado.

Essa visão oposta a toda ideia de acabamento e perfeição, a toda pretensão de imutabilidade e eternidade, necessitava manifestar-se através de formas de expressão dinâmicas e mutáveis (protéicas) flutuantes e ativas. Por isso todas as formas e símbolos da linguagem carnavalesca estão impregnados do lirismo da alternância e da renovação, da consciência da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder (BAKHTIN, 2013 [1940], p. 9-10).

O autor explicita a relação de coerência entre a visão de mundo carnavalesca, que percebe o mundo e o homem em sua dinâmica funcional, enquanto processo ininterrupto, e a natureza pluriestilística da linguagem. A linguagem não pode ser indiferente a essa concepção de mundo capaz de desequilibrar as normas sociais reguladoras de uma falsa harmonia e acabamento do ser e do mundo. A linguagem é iluminada por essa cosmovisão, adequando-se a ela desde o momento em que a cultura popular passa a infiltrar-se na literatura. Assim, mostra-se igualmente flexível, dinâmica, capaz de desequilibrar o que parecer uniforme, acabado e imutável nas formas linguístico-estilísticas reguladas pela estilística tradicional.

A carnavalização da linguagem é para Bakhtin um modo de expressão caracterizado pela impossibilidade de acabamento. Um ser que a todo instante é constituído na relação de alteridade, pela alternância entre o eu e o(s) outro(s). Um ser de respostas, que sempre tem no outro certa orientação para suas ações e palavras. A linguagem carnavalizada não se submete às normas impostas pela gramática normativa, nem à ética imposta por uma ideologia dominante e autoritária que age como força coercitiva na vida oficial. A linguagem carnavalizada é a linguagem do existir-evento inacabado e inconformado com qualquer força coercitiva que vise à homogeneização e um estilo único da vida e da linguagem. Essa linguagem é tão livre quanto a vida extra-oficial. Como pode o sujeito falante viver

fechado numa vida oficial, na qual se visa à perfeição, o acabamento, o controle sobre si, sobre o outro e sobre o mundo? Se o homem não encontra na vida oficial abertura para viver também a cultura popular, ele o fará paralelamente, como acontecia na Idade Média.

A cosmovisão carnavalesca se coaduna com a visão heterodiscursiva do discurso. Desse modo, considerando a origem dessa cosmovisão na cultura popular, na vida extra-oficial, sua evolução e inserção no mundo da cultura oficial (na literatura), a concebemos, assim como Bakhtin (2013 [1940]), como sendo uma concepção de mundo inacabado. Alinhado a essa interpretação, Renfrew (2017, p. 169) ao referir-se à obra: *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, diz: “As aproximações com o conceito de inacabamento e, relacionada com ele, a ideia central de eventicidade do sentido, sua criação ao vivo no processo de interação dialógica, são explicitamente claras”. Essa ideia de inacabamento é contrária à visão monológica do mundo-oficial, estável, imutável, na crença de verdades e conhecimentos válidos em si.

Para Bakhtin (1997 [1929], p. 124-125) o carnaval é: “a festa do tempo que tudo destrói e tudo renova [...] o carnaval desconhece tanto a negação absoluta quanto a afirmação absoluta”. Isso se alinha a oposição que o autor faz a verdades absolutas, argumentando a favor de que na vida nada é estável, tudo se encontra em processo de mudança, é inviável pretender padronizar um modo de agir e de ser. Nesse sentido, a vida oficial, aquela tida como a mais adequada pelas ideologias mais estabilizadas é apenas um olhar, dentre tantos outros sobre uma mesma realidade. O olhar da vida oficial visa neutralizar aquele outro que se opõe a ele. Mas na cosmovisão carnavalesca a vida extra-oficial rompe com as amarras impostas pelo poder dominante da vida pública.

Até aqueles que buscam minimizar a presença de uma visão carnavalesca na vida e na arte dialogam com ela, mesmo que seja negando-a. Não há como se fazer indiferente a todo o momento à vida extra-oficial. Se assim fosse, o mundo seria organizado monologicamente, a partir de forças centralizadoras de uma ideologia oficial, sem espaço para a divergência. Seriam minimizadas as possibilidades de refrações de uma mesma realidade, ou seja, de se ver uma mesma realidade a partir de diferentes pontos de vista, de se permitir ser aquilo que não se é pela proibição das forças coercitivas de uma ideologia oficial. O oficial e o

extra-oficial é para a teoria bakhtiniana mais um dos pares que dialogam na constituição do ser e do mundo.

Enquanto a vida oficial é caracterizada pelo tom sério, por uma suposta seriedade que leva à verdade, a vida extra-oficial é caracterizada pelo riso. No Renascimento a cultura popular ainda era muito vivida pelo povo, as festas faziam apologia ao riso e o tinham como possibilidade de dizer a verdade, de revelar uma concepção sobre o mundo. Assim as obras literárias dessa época, que tinham o riso como tema, são apreciadas numa relação de proximidade muito grande com a realidade dos leitores. Nesse período, o riso carnavalesco era tido como universal, como uma concepção de mundo, ou seja, era uma maneira de ver e avaliar o mundo, dando origem ao estilo irreverente e subversivo, carregado de uma linguagem polêmica, persuasiva, irônica e acima de tudo de oposição às convenções sociais naturalizadas pelo ideal de verdade universal.

Todo o apogeu da vida carnavalesca se deu no Renascimento, embora já existisse desde a antiguidade. A partir da primeira metade do século XVII essa forma de visão de mundo se enfraquece e a vida carnavalesco-popular vai cedendo lugar ao fortalecimento da literatura carnavalizada. As pessoas passam a viver mais intensamente a carnavalização na literatura, como dito por Bakhtin (1997 [1929], p. 131): “Na segunda metade do século XVII, o carnaval deixa quase totalmente de ser fonte imediata de carnavalização, cedendo lugar à influência da literatura, já anteriormente carnavalizada. Assim a carnavalização se torna genuinamente literária”. Paralelo a isso, o riso, que até a primeira metade do século XVII tinha caráter de concepção de mundo não oficial, é uma das formas capitais pelas quais passou a ser considerado como elemento da valoração apreciativa do autor sobre um objeto específico, tornando-se a expressão individual do ser. Sobre o riso no Renascimento e no pós-Renascimento, Bakhtin(2003 [1940]) diz:

O riso tem um profundo valor de concepção do mundo, é uma das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem; é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo [...]. A atitude do século XVII e seguintes pode ser caracterizada da seguinte maneira: o riso não pode ser uma forma universal de concepção do mundo; ele pode referir-se apenas a certos fenômenos parciais e parcialmente típicos da vida social, a fenômenos de caráter negativo; o que é essencial e importante não pode ser cômico [...] (BAKHTIN, 2013 [1940], p. 57).

Bakhtin avalia o riso na obra de Rabelais, tratando-o na sua oposição ao mundo da cultura oficial (da Igreja, do Estado, da Escola, dentre outras formas de institucionalização ideológica). Nesse contexto, ele vê o riso como uma contraposição ao autoritarismo criador de um mundo social imposto por um poder dominante que acorrenta as formas livres de expressão, que intimida e faz das pessoas marionetes enrijecidas pelo poder das normas criadas para silenciar, para unificar, para criar uma realidade que não é capaz de revelar a dinâmica heterogênea da vida real. O riso tem um grande valor emotivo-volitivo, que associado ao individual ou ao universal expressa força descentralizadora capaz de desnaturalizar certos consensos instaurados pelas ideologias dominantes.

Conforme Bakhtin (2013 [1940]), o homem preso pela imposição de um sistema ideológico autoritário, vê no riso carnavalesco uma válvula de escape para fugir do mundo arbitrário criado pela cultura oficial. O homem encontra no riso uma forma de rebelar-se contra essa ideologia oficial, transmutando-se para outro tempo e espaço, onde aspectos dogmáticos da Igreja, do Estado, da Escola são satirizados, inferiorizados hierarquicamente. Busca-se a superação de um mundo oficial idealizado pelo poder dominante, colocando-se em cena o confronto entre a ideologia dominante e outros pontos de vista divergentes, carregados de valores e comportamentos inerentes ao homem comum, mas camuflados pela vida oficial em nome de uma falsa moralidade, em nome da hipocrisia que governa a hierarquia soberana, direcionando nosso modo de ser e agir numa sociedade que visa a um comportamento consensual.

Paralelamente a uma cultura oficial, vive-se uma realidade extra-oficial, na qual participa-se de muitos dos comportamentos valorados como inferiores ou proibidos de serem evidenciados no mundo da cultura oficial. Bakhtin esclarece que as festas populares, que tinham como objetivo burlar as regras impostas pelo mundo oficial, contavam com a participação de muitos representantes desse mundo. Nessas festas predominava a inversão de valores, a ênfase na aparição daquilo que era proibida (a sexualidade, o erotismo, o sarcasmo, a inversão hierárquica, o palavrão, o faz de conta ao assumir a identidade de alguém hierarquicamente superior ou inferior). Eram formas de viver outra face, aquela da vida extraoficial, ou vice-versa. Uma década antes de escrever *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, Bakhtin já havia escrito sobre o discurso carnavalesco, aquele capaz de evidenciar o enfraquecimento das fronteiras

hierárquicas entre o homem da vida oficial e o homem da cultura popular em *Problemas da poética de Dostoievski*:

Os homens, separados na vida por intransponíveis barreiras hierárquicas, entram em livre contato familiar na praça pública carnavalesca. Através dessa categoria do contato familiar, determina-se também o caráter especial da organização das ações de massas, determinando-se igualmente a livre gesticulação carnavalesca e o franco discurso carnavalesco (BAKHTIN, 1997 [1929], p. 25).

Nessas festas, o grotesco, o exagero das inversões de valores e de comportamentos, a valorização das referências às partes baixas do corpo humano (dejetos e sexualidade) contribuem para romper ou minimizar as diferenças entre os seres humanos nesses espaços carnavalizados. Faz-se e diz-se nessas festas aquilo que é proibido colocar em prática nas situações da vida oficial. A carnavalização, como diz Bakhtin (2013 [1940]), permite que o homem seja visto às avessas, evidenciando o seu duplo. Assim, o homem mostra-se dividido entre uma vida oficial – uma vida de aparências, na qual não se permite expressar aquilo que não é coerente com as normas sociais – e uma vida extra-oficial (marcada pelas contradições e pelo desejo de renovação). A carnavalização da vida real aponta para uma realidade oficial e para outra não-oficial. Na cultura oficial, tem-se a ilusão de um acabamento do mundo, do ser e da linguagem. Por isso, o estilo na cultura oficial da literatura no pós-Renascimento era voltado para o sistema da língua, para sua utópica imutabilidade. A cultura oficial pós-Renascimento rompeu o laço que mantinha com a literatura renascentista ligada ao aspecto popular, festivo e cômico da vida extra-oficial.

Contudo, se de um lado o ser estava ligado ao mundo oficial, do outro ele precisava se desvincular dessa existência oficializada, viver uma vida que o permitisse expressar-se livremente, sem preocupações com as aparências impostas pelas convenções sociais de um poder dominante repressivo. Desse modo, podemos dizer que o homem é um ser de máscaras. Para Bakhtin (2013 [1940], p. 35) a máscara na cultura popular permite a desnaturalização de um consenso fundamentado pela cultura oficial: “A máscara traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo”. Essa não

coincidência consigo mesmo aponta para a condição de existir-evento do sujeito falante. Seu permanente processo de reconstrução e renovação não deixa espaço para o aprisionamento numa forma definida e acabada. Essa dinamicidade requer uma linguagem, da mesma forma, dinâmica, rica em possibilidades de significar, muitas vezes mascarada, uma vez que sua materialidade verbal aponta para um sentido, mas o contexto extraverbal aponta para outro.

Vivendo a cultura popular, o homem liberta-se provisoriamente da cultura oficial como forma de desconstruir um modo de ser validado pelo poder dominante. Adota como verdade a vida que assume naquele tempo e espaço da cultura popular. A ideia de carnavalização discutida na teoria dialógica aponta para essa necessidade do ser viver o seu avesso e ver o outro pelo avesso. Por isso, é tão comum, na carnavalização, a ruptura das fronteiras hierárquicas, a superação de tabus, a inversão de status. Ridiculariza-se o oficial como meio de revelar outra realidade. A cosmovisão carnavalesca exigia uma linguagem própria, capaz de revelar o estilo da praça pública. Sobre isso, o autor enuncia: “Elaboravam-se formas especiais do vocabulário e do gesto da praça pública, francas e sem restrições, que aboliam toda a distância entre os indivíduos em comunicação, liberados das correntes da etiqueta e da decência.” Bakhtin (2013 [1940], p. 9). Ao contrário da cultura oficial que adotava um estilo pautado no acabamento, no sentido único, no consenso social, o estilo da praça pública era vivo, dinâmico, hererodiscursivo o suficiente para incorporar as diferentes vozes, os diferentes pontos de vista sobre uma mesma realidade.

Na linguagem carnavalesca, os recursos linguístico-estilísticos tornam-se mais livres, mais ousados, capazes de materializar o caráter dual da vida. A linguagem adquire um tom menos sério, ou seja, mais próximo da esfera extra-oficial. Esse tom colorido não apenas diverte, mas acima de tudo aponta para o caráter pluriestilístico do enunciado. Têm-se o estilo da vida oficial, mas também o estilo da vida extra-oficial. Ambos passam a coexistir paralelamente e concomitantemente, dando forma à dualidade característica do sujeito singular em sua existência real.

O riso como oposição ao sério sempre aponta para duas vozes, para dois estilos. Esse modo de ver o mundo e responder-lhe cria uma existência marcada pela dualidade, pela ideia de que a linguagem é dialógica, pluriestilística. O riso é artefato necessário para minimizar o tom sério característico da esfera oficial.

Segundo Bakhtin (2013 [1940]), o homem tem uma dupla natureza: uma cômica e uma séria. Essa dualidade se reflete no vocabulário da praça pública, cujo tom valorativo do que é dito é sempre avesso ao que está materializado verbalmente. Referindo-se a injúrias e elogios presentes no vocabulário da praça pública, o autor destaca o caráter irônico e ambivalente desses gêneros, comparando o vocabulário da praça pública a um jano bifronte, expressão usada também no texto: *Para uma filosofia do ato responsável*. Como exemplo dessa linguagem carnavalesca marcada pelo tom irônico, o autor cita as injúrias e os elogios:

O vocabulário da praça pública é um jano de duplo rosto. [...] embora no elogio comum, louvores e injúrias estejam separados, no vocabulário da praça pública eles parecem se referir a uma espécie de corpo único, mas bicorporal, que se injuria elogiando e que se louva injuriando (BAKHTIN, 2013 [1940], p. 142).

O tom irônico desses gêneros (elogios e injúrias) revela a dupla tonalidade de um estilo carregado por uma apreciação axiológico-dialógica que encontra na praça pública campo fértil para germinar e crescer. Esse tom irônico tem como destinatário um auditório, um público coletivo e não um destinatário particular. Esse estilo de praça pública carnavalizada contrapõe-se a uma realidade coletiva (a esfera oficial). Desnaturaliza o tom sério e inflexível, dando abertura para o riso, para o inacabamento constitutivo do existir-evento e da linguagem enquanto uso social.

Bakhtin (2013 [1940], p.113) salienta que o processo de decomposição do riso da festa popular foi gradativo ao longo do tempo, chegando no século XIX ao seu apogeu com a formação de novos gêneros da literatura cômica, satírica e recreativa. Além disso, o autor chama atenção para a evolução das formas reduzidas do riso, aquelas que têm como fundamento a destruição, a desconstrução das ideologias dominantes da cultura oficial. “Estabeleceram-se também as formas reduzidas do riso: humor, ironia, sarcasmo, etc., que evoluíram como componentes estilísticos dos gêneros sérios (principalmente) o romance.” Entendemos que esse aspecto de flexibilização entre cultura popular e esfera oficial não seja restrita à esfera literária, mas que se estende a toda dimensão da vida humana.

O *corpus* selecionado para as análises reflete e refrata muito bem a carnavalização da linguagem em um contexto contemporâneo do jornalismo *online*. Na idade média as pessoas tinham momentos específicos para burlar as normas da

esfera oficial, geralmente, em festa popular, tais como: o carnaval a festa do asnos, a festa dos loucos. No renascimento a carnavalização invade a literatura. Já no nosso mundo contemporâneo, a carnavalização continua presente em nossas vidas, mesmo fora daquele momento de festa popular denominado carnaval, e também não restrita à esfera literária. No comentário *online* temos um espaço muito propício à carnavalização, como veremos em nossas análises. Na esfera jornalística, ao lado do tom de objetividade e seriedade do gênero notícia, temos o comentário *online*. Esse gênero, geralmente surge como atitude avaliativo-responsiva sobre a notícia, permitindo ao leitor manifestar uma valoração apreciativa sobre o conteúdo noticiado, sobre o que outros leitores disseram sobre o conteúdo da notícia. Mesmo referindo-se ao outro numa interlocução direta, o discurso circulará no espaço digital, sendo acessível a qualquer pessoa como numa praça pública. O leitor da notícia e dos comentários sobre ela insere-se num espaço público de comunicação virtual. Isso lhe permite assumir a condição de comentador, como acontece numa grande festa popular, onde não há restrição de quem possa participar ou não, e onde o destinatário é um público coletivo, pois mesmo que o comentário seja direcionado a um internauta em particular, sempre terá a possibilidade de ser apreciado e respondido por qualquer outro leitor.

O comentário *online* assemelha-se muito ao diálogo que ocorre numa festa popular realizada em praça pública, uma vez que não há limites para definir os participantes desse grande diálogo. Nesse caso, o dito sai do domínio do privado. A fronteira entre o público e o privado é fluida o suficiente para se dizer aquilo que em outras situações não se diria publicamente, nem por meio da fala, dos gestos, das vestimentas e nem de outras representações sógnicas (como acontece na festa popular). A percepção de que o gênero comentário é um espaço criado para a expressão da opinião do leitor, cria condições favoráveis para a liberdade de expressão. Nesse gênero, as pessoas, mesmo em situações de comunicação pública, dizem coisas que não diriam publicamente fora do meio digital. Percebe-se, desse modo, o uso de uma linguagem carregada de deboche, palavrões, ameaças, ironias, etc. num espaço público. É como se, às vezes, as pessoas estivessem falando consigo mesmas, ou falando de alguém para um grupo de amigos.

A maneira como os leitores/comentadores tendem a apreciar os acontecimentos no comentário *online* produz marcas estilísticas coerentes com essa

ideia de desabafo, liberdade de expressão, opinião, crítica. Os palavrões, o realce dado à prosódia por meio da repetição exagerada de fonemas e sinais de pontuação, dando ênfase à entonação de certas palavras ou de gritos, o uso de maiúsculas como marca de realce, dentre outros recursos linguístico-estilísticos, indicam textualmente o posicionamento enunciativo ou ponto de vista do comentador.

A liberdade de expressão da opinião pública diante dos acontecimentos noticiados gera nos leitores a expectativa de poder lutar discursivamente por uma ideia, mesmo que seja por um ponto de vista midiático, de poder desabafar, expor opiniões, colocar-se como autor no espaço jornalístico. Os acontecimentos, muitas vezes, são apreciados tematicamente a partir da expressão da indignação, da crítica, imprimindo sobre os enunciados um tom de agressividade e de desabafo. Essa liberdade de expressão também pode ser marcada pela relação dialógica de apoio de elogio. Seja no sentido de divergência ou concordância, o estilo nesse gênero revela que as pessoas, geralmente, não se deixam censurar pelas regras restritivas da linguagem escrita, nem da comunicação pública. Muitos comentários revelam a ausência de uma autocensura, uma vez que, em outras práticas discursivas, principalmente no meio impresso, mesmo não havendo termos de restrição sobre o que pode ou não ser dito, as pessoas dizem com mais polidez aquilo que é dito no comentário *online* de modo muito agressivo, ousado e zombeteiro.

Embora haja *sites*, *blogs* e até redes sociais, como o *facebook*, que nem sempre permite a liberdade total para se dizer tudo o que se quer, muitas postagens nos comentários sobre notícias são marcadas pelo deboche, por xingamentos, insultos e outras formas de violência verbal. Cunha (2013a, p 247) ao discutir a violência verbal em comentários sobre notícias *online*, reconhece que: “Em sites de notícias, a polarização é a regra, os pontos de vista se contrapõem, cada um permanecendo impermeável ao ponto de vista do outro.” Essa polarização, associada às regras sociais criadas pelos internautas sobre o que pode ou ser dito justifica muito do estilo desse gênero.

O comentário *online* é postado em um espaço com alcance maior do que os discursos que circulam na praça pública, uma vez que ele é colocado em prática por meio da escrita, sendo, dessa forma, de maior alcance espacial e temporal. O

comentário até pode ter um destinatário real, definido numa relação dialógica interlocutiva direta, mas ao mesmo tempo tem como auditório um público imensamente maior, constituído pelos internautas leitores do texto que deu origem à sequência de comentários.

A analogia que fazemos entre uma praça pública, onde acontece uma festa popular, e o espaço onde é publicado o gênero comentário *online* é ancorada na fragilidade da fronteira entre o público e o privado, pela ausência de fronteira espacial que delimite o auditório virtual, e como já dito, no caso do comentário *online*. Soma-se a isso também a atenuação da delimitação temporal, haja vista que a festa popular que acontece numa praça pública possui um acabamento temporal preciso, uma durabilidade definida enquanto evento. Já o comentário *online* fica disponível por tempo indefinido para ser lido por diferentes leitores ou revisitado por um mesmo leitor.

Essa analogia implica também uma aproximação estilística da linguagem empregada no comentário *online* com a linguagem empregada na praça pública da festa popular. Assim como o estilo da praça pública, o estilo desse gênero expressa um tom emotivo-volitivo extremamente centrado na autoexpressão de sujeito falante inconformado com certa realidade. Nesse gênero, os comentadores podem dialogar como se estivessem conversando face a face com seus interlocutores em um ambiente familiar e descontraído no qual as diferenças são minimizadas e as identidades travestidas por apelidos. Cunha (2013a) diz que nos *sites* de jornais, as confrontações verbais mais agressivas podem ser explicadas em parte pelo anonimato da maioria dos internautas dessa comunidade virtual, pela característica desse espaço aberto, onde eles podem dar livre curso a reações emotivas.

Isso permite ao comentador usar uma linguagem solta, livre das convenções da gramática normativa e das normas éticas que têm em vista regular o comportamento do homem, partindo do exterior, ou seja, de normas impostas pela sociedade. Essas normas externas não correspondem à ética característica de uma atitude avaliativo-responsiva capaz de revelar a atitude valorativa do falante a partir de sua existência enquanto sujeito singular.

Esse lugar único é regido pela visão de mundo do sujeito falante, enquanto existir-evento, por isso, não pode ser uma visão uniformizada, enquadrada e definida pela vida oficial, por uma imposição de um sistema hierárquico que visa ao controle,

à homogeneização. A carnavalização presente na festa popular retrata muito bem a separação entre a vida oficial e a não-oficial. Desconstroem-se os consensos dominantes coletivizados por uma ideologia guiada por forças centrípetas, por vozes relativamente consensuais. É como se o sujeito falante estivesse dentro de uma forma definida por determinado ponto de vista já validado como verdade única. Essa visão de mundo utópica postula um acabamento impossível de aprisionar o existir-evento em seu devir.

Paralelo ou concomitantemente a essa vida oficial, o sujeito desvela sua outra face, aquela marcada por sua singularidade, que põe em cena uma atitude avaliativo-responsiva impossível de ser uniformizada. Essa singularidade de cada um permite a existência de diferentes pontos de vista. Nesse caso temos as forças centrífugas atuando fortemente na organização dos diferentes discursos, construídos a partir de relações dialógicas que nascem e crescem no confronto entre diferentes vozes e pontos de vista, que podem manter entre si relações de aproximação ou distanciamento, consenso ou divergência. Na vida extra-oficial, ou carnavalizada pela cultura popular, busca-se viver as contradições camufladas na vida oficial e assumir, mesmo que num plano da simulação, identidades outras que polemizam ou se opõem à identidade oficial do sujeito falante.

A carnavalização presente na cultura popular ao se infiltrar na esfera literária, isto é, na vida oficial, cria um estilo capaz de evidenciar nas escolhas linguísticas a heterogeneidade do ser, a natureza heterodiscursiva e pluriestilística da linguagem. Essa infiltração carnavalesca na linguagem acontece a partir de diferentes recursos linguístico-estilísticos capazes de fazer soar em um mesmo enunciado a contradição entre diferentes pontos de vista. Pode-se dar como exemplo, um dos comentários que faz parte do *corpus* a ser analisado: *Não, Dilma não pode ser cassada; o crime de 2014 já prescreveu. Recebeu o indulto de final de ano, uma indulgência plenária. A Dilma que está sentada no trono atualmente é uma nova Dilma, séria, honesta, que dialoga que não faz negociatas, que diz e cumpre!*

A materialidade verbal do enunciado expressa aquilo que está dito verbalmente, ou seja, que a presidenta não merece ser tirada do cargo, que cometeu crimes, mas mudou, agora é uma pessoa honesta, mas também revela outra voz que diz o contrário, que aponta para um tom de indignação, de distanciamento emotivo-volitivo em relação ao que foi dito verbalmente – uma ironia

– um recurso linguístico estilístico que contradiz o dito. A ironia revela um sentido mascarado pelo verbal, mas revelado pelo conhecimento compartilhado e por uma entonação determinada pelo contexto extralinguístico. A compreensão responsiva sobre o sentido da ironia descortina um sentido outro, que é um encontro dialógico entre autor e leitor.

A ironia soa como uma forma mascarada de dizer o contrário do que foi dito verbalmente, tem o poder de ser o que não é materialmente. Representa a hibridização entre dois discursos que polemizam entre si. Todavia, não revelam essa oposição na materialidade linguística, mas apenas no tom emotivo-volitivo capaz de ser resgatado pelo sujeito falante e pelo interlocutor na relação dialógica que eles mantêm com o conhecimento compartilhado que possuem em relação ao dito. O sentido implícito na ironia reside no encontro entre o verbal e o não verbal. Há uma contradição entre dois pontos de vista encerrados num mesmo enunciado, ou seja, é uma afirmação que nega e vice-versa.

Essa forma heterodiscursiva de incorporação da voz do outro é uma maneira carnavalizada de mostrar outra realidade. O estilo materializado no enunciado verbal seria apagado se não mantivesse uma relação dialógica com o contexto extraverbal, tornar-se-ia apenas material linguístico desprovido de entonação, de sentido atualizado. A carnavalização presente na ironia justifica-se pela possibilidade que ela tem de contraditar uma realidade, travestindo-se de outro sentido, como acontece na festa popular, que usa o riso como forma de dizer a seriedade do mundo oficial, contrapondo-se a ele.

O riso comum da festa popular – o riso da diversão – ao mesmo tempo é o riso que revela contradição, que visa à ruptura do dogmatismo político, religioso, familiar, escolar, dentre outras formas de repressão. É o riso que aponta para duas realidades diferentes. Bakhtin (2013 [1940], p.81) argumenta a favor de que “o riso menos do que qualquer outra coisa, jamais poderia ser um instrumento de opressão e embrutecimento do povo. Ele permaneceu sempre uma arma de liberação nas mãos do povo”. O riso tem o poder de confrontar a seriedade do autoritarismo, do dogmatismo, das formas de opressão que aprisionam a liberdade de ação e expressão do homem enquanto existir-evento em sua existência singular. Do mesmo modo, a linguagem carnavalesca tem o poder de parodiar, de dizer o mundo usando uma linguagem reveladora das contradições características da vida oficial, do mundo de aparências, de opressão e da falsa ética reguladora do comportamento do

homem, a ética que organiza as relações sociais a partir de leis universais. Bakhtin (1979 [1929]) reconhece o riso carnavalesco como oposição ao supremo, como luta pela mudança de poderes, de verdades, daquilo que se convencionou no mundo oficial como padrão a ser seguido. Nesse sentido, ele vai tratar da natureza carnavalesca, da paródia como sendo a criação do “duplo destronante”, ou seja, na paródia teremos duas vozes conflitantes, uma delas que se apodera da outra para subvertê-la, dizer o oposto. Na estilização parodística, temos duas vozes que se opõem num mesmo enunciado onde só é materializada a voz de um dos sujeitos falantes.

O riso irônico revela uma realidade contrária, visando à ruptura de um consenso. Assim, enfraquece as forças centrípetas que agem na organização e constituição de um discurso relativamente monológico. Há gêneros mais abertos à presença do riso irônico do que outros. Ele é muito recorrente no gênero comentário *online*. Uma marca interessante, uma vez que se trata de um gênero escrito, contudo, mesmo assim, é capaz de materializar linguisticamente o riso – por meio de onomatopeias inventadas pelos internautas, ou mesmo pelos efeitos de sentidos resultantes de uma linguagem marcada pelo sarcasmo, alegoria, ironia. Além disso, pertence à esfera jornalística, que por si só já impõe certo grau de seriedade e objetividade. Contudo, apesar disso, esse gênero é fortemente marcado pelo diálogo espontâneo debochado e irônico.

A grande mídia recorre a determinados gêneros discursivos para criar os acontecimentos sociais, conforme um enquadramento valorado por ela. Cada um desses gêneros possui sua configuração temática, composicional e estilística. Nesse próximo capítulo, trataremos, dentre outras questões do conceito de gêneros discursivos e de seus elementos constitutivos: tema, forma composicional e estilo.

3 ENUNCIADOS E FORMAS TÍPICAS DE ENUNCIADOS: UMA QUESTÃO ESTILÍSTICA

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, frasiológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 261-262).

O enunciado e o gênero, conforme a teoria dialógica, são constituídos por três elementos (tema, forma composicional e estilo), mantendo entre si uma relação de interdependência. Por isso, embora o objeto de estudo seja o estilo, discutimos tanto a noção de tema quanto o de forma composicional, além do próprio conceito de gênero do discurso.

Defendemos o ponto de vista de que o estilo na sua concepção sociológica decorre, antes de tudo, da orientação genérica possibilitada por um dado gênero textual. Os sujeitos falantes ao fazerem suas escolhas linguísticas recorrem a enunciações concretas proferidas na comunicação da vida real.

3.1 A NATUREZA ESTILÍSTICA DO ENUNCIADO

Bakhtin (2003 [1979]) postula que o caráter e as formas do uso da linguagem são tão multiformes quanto os campos da atividade humana e que os enunciados proferidos refletem as condições específicas e as finalidades de cada um desses campos, tanto por seus traços temáticos, estilísticos e, principalmente composicionais. Cada um desses campos da atividade humana elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais Bakhtin chama de gêneros do discurso. O texto materializado não é o gênero, mas um exemplar do gênero, que segundo Miller (1984), é um artefato cultural, uma ação retórica tipificada. Ou ainda

conforme Bazerman (2011), gênero é uma tipificação histórica. Esses autores usam a expressão tipificação a partir de Bakhtin, segundo o qual, o gênero possui uma expressão típica inerente a ele e não à língua enquanto sistema. Essa expressão típica de cada gênero é resultante das relações sociais, ou seja, das relações de interação das quais participam os usuários de uma língua.

No gênero a palavra ganha expressão **típica**. Os gêneros correspondem a situações **típicas** da comunicação discursiva, a temas **típicos**, por conseguinte, a alguns contatos **típicos** dos significados das palavras com a realidade concreta em circunstâncias **típicas** (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 293, grifos nossos).

Entretanto, ele reconhece além do seu caráter de coletividade o caráter individual de cada enunciado em particular, marcado por uma apreciação valorativa de um sujeito falante, que embora constituído socialmente, manifesta-se em sua singularidade e eventicidade, tornando o enunciado irrepetível. Bakhtin propõe um estudo no qual os gêneros sejam vistos como determinados tipos de enunciados, que embora diferentes de outros, possuam uma natureza verbal comum. Para o autor, em qualquer estudo da linguagem faz-se necessária uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e dos gêneros do discurso. Ao situar o enunciado como núcleo problemático de importância excepcional, ele propõe o exame de alguns campos e problemas da linguística, entre eles o da estilística.

Bakhtin (2003 [1979], p. 265) alerta para o fato de que o estilo não pode ser estudado fora do gênero: “Todo estilo está indissoluvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso”. Por outro lado, sendo o enunciado sempre individual, efetivado por um sujeito falante em sua singularidade, ele reflete a individualidade do falante ou de quem escreve, revelando estilo individual em maior ou menor grau a depender do gênero. Apesar de nem todos os gêneros serem propícios para a manifestação da individualidade do falante na linguagem, mesmo aqueles gêneros da comunicação mais formal, o estilo manifesta-se às margens como complementar, nas palavras de Bakhtin (2003 [1979], p. 266). Nessa situação, o estilo passa a ser: “epifenômeno do enunciado”. Brait (2008) chama atenção para o fato de que falar de estilo na perspectiva bakhtiniana pode parecer contraditório, uma vez que, a singularidade do enunciado

é constituída no confronto com as múltiplas vozes, na relação com o outro, e não na subjetividade exclusivamente individual.

Encontramos na teoria dialógica certa dificuldade em distinguir enunciado de gêneros discursivos, às vezes, os dois termos parecem ser usados como equivalentes, mas em outros momentos enunciado é colocado como algo específico de um sujeito que fala num dado momento, caracterizando esse dizer como único, revelando um estilo pautado na singularidade do falante, um estilo de caráter individual, embora seja uma individualidade constituída dialogicamente, marcado pela irrepetibilidade característica de um posicionamento responsivo.

Por outro lado, o autor também se refere a gêneros como sendo formas típicas de enunciados. Assim, o gênero aponta para certa estabilidade, para o fato de que o estilo não é apenas atrelado à singularidade do falante, pois esse falante, ao manifestar sua individualidade na seleção dos elementos linguísticos que faz, já é motivado pela orientação genérica, que impõe certas escolhas linguístico-estilísticas. Desse modo, o estilo não fica à mercê de uma singularidade desvinculada do social, do gênero discursivo que o sujeito falante usa para efetivar seu projeto de dizer.

O estilo enquanto elemento constitutivo do gênero não pode ser desvinculado das esferas da atividade humana. Ele tem que ser estudado em relação ao gênero, em sua indissociabilidade com determinadas unidades temáticas e, principalmente, composicionais. Ao se falar em estilo devemos pensar em toda uma dimensão social que envolve não apenas a orientação do gênero, mas também da esfera comunicativa de referência desse gênero, ou seja, a depender da esfera comunicativa na qual o gênero é produzido e circula, o estilo pode se diferenciar. Cada esfera já possui certa indicação de quais gêneros são mais recorrentes e como se organizam estilisticamente. Assim, o estilo depende de uma série de fatores de caráter social, tais como a esfera comunicativa, o gênero e a relação entre falante e ouvinte.

O estilo relaciona-se não com uma construção isolada, mas com o todo do enunciado, envolvendo os outros participantes da comunicação. Ao contrário do que se tinha na estilística tradicional, que tratava o estilo como individual e a partir das formas da língua, a estilística sociológica propõe um estilo ancorado na relação entre o individual e o social. Do mesmo modo que seria inútil tratar das questões estilísticas por um viés voltado totalmente para subjetividade do sujeito falante, seria igualmente inútil buscar respostas para essas questões no sistema abstrato da

língua. Essa visão sociológica redimensiona o estudo do estilo para a relação dialógica entre o individual e o social. Disso, resulta a relação do estilo com as escolhas linguísticas como relação axiológico-dialógica. Ao ser posto em uso, o sistema da língua – antes tido apenas como potencial para construção do sentido – passa a ser revestido de valor ideológico, é conectado com o discurso da vida real, com os discursos outros que faz do sujeito falante um ser único, singular. Entretanto, essa singularidade é constituída nas interações sociais, que são efetivadas em forma de gêneros discursivos.

O falante organiza seu dizer em função da relação que tem com o outro. Ele é único em sua existência, contudo, enuncia em um dado gênero, que faz parte da tradição de um grupo de falantes. Esse gênero possui regras criadas coletivamente. São essas regras que orientam as escolhas linguísticas do falante para efetivar sua intenção comunicativa. Desse modo, não se pode dizer que o estilo seja inteiramente individual, nem tampouco, restrito à forma linguística em sua abstração.

Bakhtin reconhece a importância do estudo do estilo na perspectiva da estilística da língua enquanto disciplina autônoma, como sendo possível e necessário, todavia, ressalta: “esse estudo só será correto e eficaz se se levar permanentemente em conta a natureza do gênero dos estilos linguísticos e basear-se no estudo prévio das modalidades de gêneros do discurso”. (BAKHTIN, 2003 [1979]), p. 266). Para ele, a estilística da língua padece pela ausência dessa base, por não ter como ponto de partida em suas classificações estilísticas aquilo que ele considera como exigência lógica da classificação – a unidade de fundamento –, capaz de atribuir ao estilo um reconhecimento geral. Essa ausência de uma classificação dos estilos de linguagem que tenha reconhecimento geral, é, segundo Bakhtin, a principal fraqueza da estilística da língua, que empobrece as classificações.

O autor considera que o gênero e o enunciado em seus aspectos axiológico-dialógicos são essa unidade de fundamento, isto é, a unidade da comunicação verbal. Em vários textos, Bakhtin reconhece o caráter nocivo da separação do estilo em relação aos gêneros, dentre eles, em: em *Os gêneros do discurso*, e principalmente, em: *Teoria do romance I: a estilística* (livro dedicado essencialmente a essa questão). Medviédev (2016 [1928], p. 193) também ressalta a importância de se estudar a linguagem a partir do gênero discursivo, criticando os formalistas por

terem separado o estudo da linguagem poética dos gêneros discursivos. Ele argumenta: “O significado construtivo de cada elemento somente pode ser compreendido na relação com o gênero.” Seu pensamento alinha-se ao ponto de vista de que o sentido não pode ser autônomo em relação ao contexto extraverbal, ao gênero, a uma avaliação social. Os elementos abstratos da língua não possuem sentido, não permitem o elo entre a contemporaneidade do enunciado e a contemporaneidade daquele que compreende. Esse encontro com a realidade histórica dá vida ao sentido atualizado.

Bakhtin explicita que ao recorremos às esferas da comunicação extra-literária estamos recorrendo também aos gêneros do discurso correspondentes a essas esferas, que ao mudarem, também, provocam mudanças nos estilos e, conseqüentemente, nos gêneros, que podem ser destruídos ou renovados.

[...] os gêneros discursivos são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e de estilo (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 268).

Seguindo esse pensamento, Bakhtin argumenta a favor de que todo fenômeno gramatical, examinado no conjunto de um enunciado individual ou de um gênero discursivo, também é estilístico, haja vista que o falante ao escolher um recurso gramatical na comunicação da vida real não o faz a partir de um lugar neutro, mas de uma posição efetivamente interessada. Não há uma fronteira absoluta entre a gramática e o estilo, quando considerados no âmbito do enunciado ou do gênero do discurso. Nesse caso ambos fazem parte de um mesmo fenômeno, que é a língua real. Assim, todo recurso gramatical em condições reais de uso, torna-se um recurso estilístico. Por isso, ao falar da questão metodológica do estilo, Bakhtin (2003 [1979], p. 269) enuncia: “Só uma concepção profunda da natureza do enunciado e das peculiaridades dos gêneros discursivos pode assegurar a solução correta dessa complexa questão metodológica”. Para compreender o estilo e sua relação com a questão mais geral, faz-se necessário, primeiramente, conhecer a natureza dos enunciados e dos gêneros do discurso.

Esse pensamento é muito importante para uma compreensão do estilo de base social, pois, a linguagem em uso sempre será veiculada a um dado gênero, e é

a partir dele que o projeto de dizer será concretizado, materializando nas formas linguísticas uma entonação capaz de acionar uma atitude avaliativo-responsiva do outro. Toda forma linguística quando posta em uso num gênero discursivo foi retirada do meio ideológico, isto é, já não era neutra, haja vista que só foi selecionada porque, de uma forma ou de outra, mantinha alguma relação de diálogo com o discurso do sujeito falante, que, ao tomar a palavra na forma de enunciado, a torna uma nova palavra pela sua avaliação apreciativa. Assim, a palavra mesmo antes de ser expressa verbalmente – ainda enquanto discurso interior – já foi afetada por um valor, por uma entonação apreciativa, ou melhor dizendo, antes de ser usada, já ressoava valorações de discursos anteriores e ao ser selecionada dialoga com esses discursos por meio da compreensão responsiva daquele que a usa. Essa compreensão responsiva surge como resposta para o encontro com resposta do outro.

O enunciado não tem fim no que foi dito, pois dá abertura para a resposta, para o papel ativo do outro. Os limites do enunciado são marcados pela alternância dos sujeitos do discurso. O seu início é ancorado na necessidade de o falante replicar (concordar, refutar, questionar, apoiar, criticar, etc.). Já o fim é marcado pelo entendimento de que o que foi dito é suficiente para ativar a atitude responsiva do outro (ou de si mesmo). O fim do enunciado não é o fim do contínuo comunicativo, mas concretiza-se como um acabamento que possibilita exatamente a sua continuidade: “O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 275).

A compreensão ativamente responsiva não está ancorada no sistema da língua, desvinculado do uso, mas em enunciados concretos, em gêneros discursivos, que surgem como uma necessidade social para atender a determinadas funções sociais ligadas a campos específicos da vida humana. Ao usarmos a língua, inescapavelmente usamos também os gêneros. Estes refletem (indicam) as necessidades sociais de cada esfera comunicativa em contextos (situações específicas). “Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo” (BAKHTIN (2003 [1979], p. 282).

Existem gêneros com a forma muito estabilizada, que restringem a criatividade, a entonação e a vontade discursiva do sujeito falante. Por outro lado, existem outros gêneros que são mais flexíveis, mais adeptos à entonação e à

influência de seus usuários. Porém, mesmo nas formas mais estabilizadas dos gêneros, é possível alguma ressonância de tonalidades dialógicas, diferentemente da língua enquanto sistema abstrato e da oração. Somente quando posto em uso, em conexão com a vida real, o sistema da língua será atualizado, passando a incorporar as tonalidades axiológico-dialógicas responsáveis pelos sentidos contextualizados.

Bakhtin (2003 [1979]) faz uma distinção entre enunciado e oração. Segundo ele, só o enunciado suscita uma atitude ativamente responsiva do sujeito falante, é composto por entonações, por traços expressivos, que apontam para uma autoria. Já a oração enquanto unidade da língua será sempre neutra, desprovida de autoria e expressividade. Somente o enunciado na sua condição de unidade da comunicação real é capaz de exprimir a posição emocionalmente valorativa do sujeito falante, ou seja, os recursos linguísticos (lexicais, morfológicos e sintáticos) quando constitutivos do enunciado perdem a condição de neutralidade presente na língua enquanto sistema abstrato. Sobre isso Bakhtin (2003 [1979], p. 292) conclui; “Portanto, a emoção, o juízo de valor e a expressão são estranhos à palavra da língua e surgem unicamente no processo do seu emprego vivo em um enunciado concreto”. A língua em seu uso real mantém uma conexão com a vida, com interlocutores, com um contexto extralinguístico, que revela muito mais do que o material verbalizado. A entonação é parte constitutiva do enunciado, é o que garante o elo entre verbal e social. Não há enunciado sem entonação, assim como não há enunciado fora de um contexto extraverbal.

De acordo com Bakhtin (2003 [1979]), as palavras são tiradas de outros enunciados, são reacentuadas, mantém uma relação com outros discursos, por isso, ao constituírem o enunciado nunca serão neutras; são escolhidas tendo em vista um gênero, uma forma típica do enunciado, que atribui à palavra certa expressão típica. Bakhtin (2003 [1979]) esclarece:

Essa expressividade típica (de gênero) pode ser vista como a auréola estilística da palavra, mas essa auréola não pertence à palavra da língua como tal, mas ao gênero em que dada palavra costuma funcionar, é o eco da totalidade do gênero que ecoa na palavra (BAKHTIN, 2003 [1979, 293]).

O enunciado, seu estilo e sua composição são determinados tanto pela posição valorativa do sujeito falante frente ao elemento semântico-objetual, quanto

pela dialogicidade que esse enunciado mantém com os outros. Conforme Bakhtin (2003 [1979], p. 299) “O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado”. Ele é sempre uma resposta ao seu objeto, assim como também a outros enunciados que já o apreciaram. O “outro” é de fundamental importância para a definição do enunciado, de seu estilo e composição, de modo que, o destinatário também é um elemento essencial. Cada gênero possui sua concepção típica de destinatário. O endereçamento é constitutivo do estilo do gênero, haja vista que as escolhas linguísticas são feitas levando em conta este elemento e seu fundo aperceptível. Bakhtin (2003 [1979], p. 305) afirma:

[...] o direcionamento, o endereçamento do enunciado é sua peculiaridade constitutiva sem a qual não há, nem pode haver enunciado. As várias formas típicas de tal direcionamento e as diferentes concepções típicas de destinatários são peculiaridades constitutivas e determinantes dos diferentes gêneros do discurso.

Além de o gênero apontar para uma concepção típica de destinatário, ele também possui certa tipificação em relação a seus elementos constitutivos: tema, forma composicional e estilo, bem como em relação a seus usos dentro de esferas comunicativas. Compreendemos que, em Bakhtin, a ideia sobre a tipificação seja resultante do postulado de que estando o gênero intimamente relacionado a um contexto extraverbal, ele não tem como ser dissociado das atividades humanas, de modo que, assim como estas, o gênero também é tipificado. A relativa tipificação dos elementos constitutivos do gênero é correlata à tipificação das atividades humanas.

Na vida agimos de modo relativamente tipificado. Para cada situação já esperamos determinadas respostas, para cada discurso já prevemos uma réplica antecipada, isto porque, de certo modo, já conhecemos a recorrência do modo de agir das pessoas em determinadas situações. Por isso nos antecipamos, cogitando possíveis reações que nos permitem direcionar, moldar nossos enunciados enquanto réplicas antecipadas.

A réplica antecipada traz a voz do outro, daquele a quem tomamos como respondente do nosso discurso e a quem nos antecipamos. O enunciado nunca será uma voz solitária, será sempre, assim como nossas ações, respostas reações, que tem como referência o(s) outro(s). Não é o outro isolado, mas o outro constituído

socialmente e que tem como referência um grupo social. Nessa coletividade, embora seja único em sua singularidade, cada ser tem suas ações pautadas na recorrência das ações dos outros sujeitos falantes.

No entanto, ao mesmo tempo em que as ações são recorrentes, também são criativas, permitem certas adequações, sendo flexíveis o suficiente para permitir a flutuação entre a recorrência e a mudança. Essa mudança pode caracterizar-se como estilo de caráter individual, quando marcado por escolhas de um sujeito falante que não atende às regras direcionadas pelos fatores sociais, como aquelas da esfera comunicativa ou do gênero. A flexibilidade para mudança também pode acontecer diacronicamente pelo abandono de certas marcas estilísticas, por exemplo, em substituição ou uso paralelo de outras.

Vale ressaltar que a tipificação, no uso real da língua, não é imposta por regras normativas, mas construída sócio historicamente, a partir da organização das relações e transformações sociais. Relacionando a tipificação às relações de interação social, percebe-se que desde sua origem, enquanto produto sócio-histórico, o gênero já é criado para mediar as ações de seus usuários em determinadas situações. Os aspectos estilísticos, temáticos e composicionais dos gêneros são determinados pelo uso, pelas relações de interação dos usuários, por acordos sociais que vão se estabelecendo e se estabilizando ao longo do tempo e das transformações sociais.

Por isso, o gênero possui caráter dinâmico, marcado pela tipificação, mas também pela inovação. De um lado, temos o geral (a tipificação própria do mundo da cultura), de outro o singular, o existir-evento que se coloca como abertura frente à tipificação, permitindo a atualização dos sentidos decorrente da singularidade e irrepetibilidade do posicionamento axiológico de cada falante que pratica um ato responsável (ato-discurso) na arquitetura da vida real.

Para Miller (2009 [1984], p. 34) os gêneros são “ações retóricas tipificadas fundadas em situações recorrentes”. Entendemos o gênero como um conjunto de ações realizadas em um dado contexto situacional por meio da linguagem, melhor dizendo, o gênero serve para praticar ações recorrentes dentro de situações recorrentes. Por situações recorrentes, referimo-nos àquelas situações comunicativas que demandam respostas semelhantes, embora nunca axiologicamente iguais. São semelhantes porque possuem uma recorrência nas

relações de interação entre os interlocutores, além de tratarem de propósitos comunicativos relativamente comuns.

Aquilo que Bakhtin (2012 [1920-1924]) chama de mundo da cultura é marcado pela tipificação em contraposição ao mundo da vida vivida, marcado pela eventicidade de um sujeito que tem sua existência fundamentada pela mudança, pelo seu posicionamento responsivo. Embora agindo conforme um modelo socialmente pré-estabelecido, o falante destaca-se enquanto ser único dentro de um todo (meio social). Nesse meio cada falante constitui e é constituído por esse todo, não se deixando anular enquanto ser axiológico e único. Isso se justifica tendo em vista que a maneira como seus pais ou outras pessoas o vê difere de como todos os outros bebês são vistos ou apreciados, uma vez que nenhum outro é visto com as mesmas lentes que este.

Com isso, podemos dizer que tanto a tipificação quanto a irrepetibilidade são inerentes ao uso da linguagem. O sujeito não vive desconectado do mundo da cultura, ele situa-se exatamente nesse mundo em constante construção coletiva. Contudo, o sujeito nele entra com sua singularidade, revelando a permeabilidade existente entre o mundo da vida e o mundo da cultura. O enunciado, o gênero e a esfera comunicativa situam-se em meio a esses dois mundos, entrelaçando suas fronteiras na formação de um único mundo onde não há espaço para isolar o cultural do singular.

Do mesmo modo que o gênero é composto por um propósito comunicativo, que tende a ser socialmente compartilhado, visto que aponta para ações possíveis de serem praticadas com aquele dado gênero, também acolhe as intenções do sujeito falante, que organiza suas escolhas linguísticas de acordo com seu projeto discursivo. “Cada palavra exala um contexto e os contextos em que leva sua vida socialmente tensa; todas as palavras são povoadas de intenções” (BAKHTIN, 2015 [1934-1936], p. 69). Nesse sentido, a intenção tem como alvo um destinatário, visa à réplica do outro, busca uma compreensão que vá ao encontro do projeto comunicativo do sujeito falante. Desde o início, a intenção é voltada para a intersubjetividade. Ela não se esquia da presença do outro. Mesmo ancorada numa singularidade, será sempre de natureza social, uma vez que, além de se organizar tendo em vista uma réplica, a própria consciência é de natureza socioideológica. Assim, a intenção, também é envolvida tanto pela singularidade do sujeito falante quanto pelo aspecto social da consciência e da linguagem.

A partir do contexto social mais amplo e da situação comunicativa imediata, o propósito comunicativo do gênero e a intenção do sujeito falante se coadunam na constituição estilística do enunciado em busca de determinados efeitos de sentidos, de determinadas atitudes avaliativo-responsivas. É com base na orientação do propósito comunicativo do gênero e da intenção do falante (marcada pela sua singularidade enquanto sujeito dialógico, constituído nas relações de interação social) que as escolhas linguísticas são feitas para organizar e externar a atualização dos sentidos.

O estilo pode ser visto como resultado de um posicionamento axiológico-dialógico, que se nutre nas relações sociais e na singularidade própria daquele que assume seu lugar na singularidade do sujeito. Só essa orientação axiológico-dialógica é capaz de fundamentar um estilo de natureza social, que incorpore o linguístico como recurso para efetivação de um projeto comunicativo do falante, e não como meio e fim dentro de um sistema abstrato. O estilo de natureza social surge e cresce como resultado das relações axiológico-dialógicas, que são inerentes às interações sociais das quais os sujeitos falantes participam nas suas atividades de comunicação, isto é, um estilo que não seja visto como restrito à individualidade do autor, nem restrito ao material linguístico.

À medida que as situações vão se tornando típicas, os gêneros também, paralelamente ou simultaneamente, vão adquirindo características típicas, dentre elas o(s) propósito(s) comunicativo(s), que passa a ser marca de um certo gênero, embora um mesmo propósito comunicativo possa ser realizado por diferentes gêneros e um mesmo gênero possa ter diferentes propósitos comunicativos, como advertem Askehave e Swales (2009 [2001]). Entendemos que o propósito comunicativo do gênero é aquilo que ele pode realizar em uma determinada situação. Relacionando a intenção comunicativa do falante e o propósito do gênero compreendemos que diante de uma vontade discursiva, o falante recorre a seu repertório de gêneros a fim de selecionar aquele que seja mais adequado para efetivar seu projeto comunicativo enquanto sujeito falante. O gênero selecionado orientará as escolhas linguístico-estilísticas do falante. A orientação sobre essas escolhas depende da forma composicional e do conteúdo do gênero. O estilo se constitui dentro de uma totalidade genérica, liga-se arquitetonicamente a uma unidade de sentido. Sobral (2008) ao falar do sentido de arquitetônica em diferentes

campos do conhecimento, relaciona-a à ideia de arquitetura, de estrutura, de sistematização:

Os sentidos “gerais” de arquitetônica são, no campo da arquitetura, o de ciência da arquitetura. Na música, o de projeto estrutural de peças musicais. Na filosofia, o de sistematização científica do conhecimento. Na obra de Bakhtin, todas essas ressonâncias se fazem presentes mediante o elemento que têm em comum, ou seja, o processo de formação de totalidade, ou todo harmônico, a partir de uma articulação de partes constituintes que as dota de uma unidade de sentido, em vez de limitar-se a ligá-las ou justapô-las mecanicamente (SOBRAL, 2008, p. 109).

Mesmo antes de propor uma estilística do gênero, Bakhtin (2014 [1924]) reconhece que o estilo é um dos problemas mais importantes da estética e que a correta colocação do problema do estilo é impossível sem uma rigorosa distinção entre formas arquitetônicas e formas composicionais. Como estudar o estilo sem antes conhecer as relações axiológico-dialógicas que o orientam? Como estudar o estilo sem conhecer a forma composicional do gênero? Reiteramos que a forma composicional também é organizada pela forma arquitetônica, que é mais abrangente, ligada ao existir-evento, às valorações axiológico-dialógicas.

Como na teoria dialógica os conceitos são muito interligados, tudo parece fazer parte de um grande projeto voltado para a eventicidade da vida e do sujeito falante. Já podemos encontrar em *Para uma Filosofia do Ato Responsável*, os fundamentos daquilo que posteriormente Bakhtin denominaria de estilística do gênero. Bakhtin (2012 [1920-1924]), opondo-se ao teoreticismo abstrato, que separa o mundo da cultura e o mundo da vida, propõe que a filosofia da vida seja uma filosofia moral (filosofia primeira), capaz de compreender a vida como evento, aquilo que está em constante processo de constituição. O centro valorativo dessa arquitetônica será a relação de alteridade entre o eu e o outro e não um sistema atemporal, isto é, desvinculado do tempo, do espaço e de valor. Ao contrário, este sistema abstrato, enquanto parte de um centro valorativo, que se fundamenta numa singularidade responsável, perderá esse aspecto negativo, passando a ser momento temporal, espacial e valorativo dentro da arquitetônica do mundo vivido. Sobre isso, Bakhtin (2012 [1920-1924]) afirma: “[...] é somente em correlação comigo, comigo enquanto penso ativamente, somente em correlação com o ato do meu pensamento responsável, que tal sistema se incorpora na real arquitetônica do mundo vivido”. A

arquitetônica da vida real, segundo Bakhtin, não pode ser descrita fora de uma posição interessada, que situa o sujeito falante em sua unicidade responsável.

Levando em conta as categorias espaço, tempo, valores e as relações dialógicas, Bakhtin (2014 [1924]) critica a estética material por não ser capaz de orientar-se por uma base filosófica comum a todas as artes. Como caminho para romper com uma supervalorização do material, que restringe os princípios de uma estética geral, o autor cita três momentos necessários para uma análise estética. Ele destaca como primeira tarefa do analista: conhecer o objeto em sua singularidade. A esse objeto conhecido em sua singularidade, ele chama de objeto estético arquitetônico. A esse momento deve seguir uma abordagem do material extra estético (linguístico), e por último, a organização composicional, como um todo estruturado, voltada para um fim específico. Ao criticar a estética material, o autor explicita que, geralmente, o primeiro momento é esquecido, deixado de lado, o que ocasiona uma frequente confusão entre formas arquitetônicas e formas composicionais.

3.2 FORMA ARQUITETÔNICA E FORMA COMPOSICIONAL: COMO SE ENTRELACAM NA CONSTITUIÇÃO DOS ENUNCIADOS

Conforme o conceito bakhtiniano, entendemos que enunciados sejam toda e qualquer manifestação linguística em situações reais de uso, que se conclui pela possibilidade de réplica, ou seja, são marcados pela responsividade. Se pensarmos numa notícia, por exemplo, podemos verificar que é um enunciado formado de vários movimentos discursivos, desse modo, internamente, existe a possibilidade de réplica e não apenas no final do enunciado como um todo. Os gêneros do discurso tomados como formas típicas de enunciados, podem ser pensados como tipificação das formas de dizer orientadas ao longo de uma tradição sócio-histórica. Nesse caso, o gênero se constitui como um todo comunicativo, marcado pela réplica tanto em sua interioridade (dialogização interna) quanto em sua exterioridade. O texto tomado em sua totalidade, enquanto acabamento responsivo é inacabado no grande tempo. A dialogização interna do gênero justifica-se pelo fato de que no interior de cada enunciado há a presença de diferentes vozes, diferentes pontos de vista, mesmo que seja a relação dialógica entre o falante e o seu destinatário.

Diante dessas considerações, inferimos que os enunciados são formados de movimentos discursivos, que se entrelaçam constituindo uma forma típica de enunciado, denominada gênero discursivo. Souza (2002) faz um levantamento diacrônico do termo enunciado em vários textos de Bakhtin, Volochínov e Medviédev, atribuindo a variedades de sentidos dado a esse termo ao problema da tradução que não mantém um critério capaz de proporcionar certo consenso em torno dele. Com base nesse estudo ele considera que “de um ponto de vista dialógico, enunciado concreto é, antes de tudo, uma resposta, ou seja, uma réplica a enunciados anteriores dentro do mesmo gênero”.

Bakhtin (2003 [1979], p. 262) ao falar da diversidade dos gêneros discursivos trata a réplica do diálogo como sendo um gênero: “Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo do cotidiano”. O autor refere-se ao romance e à réplica do diálogo como sendo enunciados que têm em comum a alternância dos sujeitos. O enunciado concreto é marcado pela alternância dos sujeitos. Em seu término exige um posicionamento responsivo do leitor por meio de relações dialógicas que podem ser de confirmação, negação, questionamento, depreciação etc.

Brait & Melo (2008) ressaltam a importância do enunciado na concepção bakhtiniana sobre linguagem, concebido do ponto de vista histórico, cultural e social. As autoras enfatizam a natureza dialógica do enunciado, colocando-o no centro de um discurso maior e ininterrupto (a vida social). O enunciado concreto não pode ser indiferente aos sujeitos, às entonações, às condições espaço-temporais que colocam em sintonia aqueles que interagem em uma dada situação comunicativa. Todo esse contexto mais amplo lança luz sobre o enunciado, enquanto unidade da comunicação verbal.

É na relação entre autor e outros, incluindo o destinatário, que se encontra a alteridade enunciativa. A alteridade dá forma ao acabamento do enunciado, que se inicia como resposta e termina como possibilidade de ser continuado pelo outro. O enunciado concreto possui um acabamento formal, mas ao mesmo tempo é inacabado no grande tempo, no curso da história, das relações sociais que faz de cada enunciado um elo do grande diálogo, que é a comunicação discursiva da qual fazem parte as esferas da comunicação, os enunciados, os sujeitos falantes, que

são sempre seres de resposta, por isso, seus enunciados colocam-se com abertura para continuidade do grande diálogo.

Souza (2002) propõe a reflexão de três dimensões para se pensar enunciado e as relações dialógicas: enunciado concreto interior, enunciado exterior e de outrem. Sobre o diálogo interior, ele diz fazer parte do micro diálogo, da pequena temporalidade, já o enunciado concreto exterior seria o diálogo face a face, a comunicação imediata, enquanto que o enunciado concreto de outrem pertence ao grande-diálogo, à grande-temporalidade. É nessa última dimensão que o enunciado será sempre um elo, um diálogo inconcluso. O enunciado em sua totalidade é sempre emoldurado numa forma composicional externa, marcada pela alteridade entre o falante e o ouvinte. A noção de forma na teoria dialógica não pode ser vista dissociada do conteúdo, como diz Bakhtin em *Para uma Filosofia do Ato Responsável*, uma vez que o social antecede a escolha do material. Na teoria dialógica, fala-se em forma do material, composicional e arquitetônica. Esta última é a que organiza a forma do material e a forma composicional, enquanto a forma do material é a forma linguístico-estilística, considerando-se a comunicação verbal, não a forma linguística abstrata. Para Bakhtin, as formas arquitetônicas são as formas do acontecimento em seu aspecto de vida particular, social, histórica, etc.

As formas composicionais que organizam o material têm um caráter teológico, utilitário, como que inquieto, e estão sujeitas a uma avaliação puramente técnica, para determinar quão adequadamente elas realizam a tarefa arquitetônica. A forma arquitetônica determina a escolha da forma composicional (BAKHTIN, 2014 [1924], p. 25).

A forma arquitetônica é um elo entre o geral e o particular, entre a tipificação e a inovação; é a forma do existir-evento, da singularidade responsável, do irrepetível, do axiológico-dialógico. Essa relação entre o geral e o particular é um dos fundamentos básicos da teoria bakhtiniana. No dialogismo não há espaço para o geral ou para o particular, mas sim uma relação de completude e interdependência entre ambos. Na vida, no mundo, na linguagem, tudo é parte de um todo, de um acontecimento ininterrupto, de um existir-evento, que se constitui no passado, no presente e se coloca como abertura para o futuro.

Conforme a interpretação de Renfrew (2017), o conceito de forma arquitetônica na teoria dialógica relaciona-se, na obra literária, ao contexto de valor

do autor e dos heróis, a consciências, a sujeito, tempo, espaço, relaciona-se a elementos axiológico-dialógicos. A forma arquitetônica é bem mais abrangente e profunda do que a forma composicional:

[...] é importante enfatizar que a arquitetônica também denota precisamente a forma – mas a forma concebida em termos de reações estruturais ‘profundas’ entre contextos de valor, consciências outras que a do autor, em vez de fenômenos puramente superficiais observáveis na trama de determinado texto (RENFREW, 2017, p. 72).

A forma composicional são as formas de organização do material que servem a um fim determinado, a um propósito. Nesse sentido, diríamos que são tanto as formas de organização dos recursos linguísticos, quanto às formas típicas dos enunciados (formas dos gêneros discursivos). A forma composicional não é a forma do material (enquanto forma da língua). Ela organiza o material (recursos linguísticos) imerso nas relações de interação social, nas relações axiológico-dialógicas, ou seja, o material é selecionado e organizado num caudaloso espaço dialógico, no qual o sujeito falante assume sua singularidade como ser social. Podemos perceber o quanto a relação entre forma arquitetônica, forma composicional e forma do material são imbricadas. Sobre isso Bakhtin ao fazer uma breve introdução ao método da análise estética da forma enquanto forma arquitetônica, suscita como problema principal, o seguinte questionamento:

[...] como a forma, sendo inteiramente realizada no material, torna-se, no entanto, a forma de um conteúdo, e relaciona-se axiologicamente com ele? Ou em outras palavras, como a forma composicional – a organização do material – realiza uma forma arquitetônica – a unificação e a organização dos valores cognitivos e éticos? (BAKHTIN, 2014 [1924], p. 57).

Bakhtin inicia a discussão sobre esse questionamento dizendo que a forma enquanto valor (forma arquitetônica) desmaterializa-se, vai além da organização do material, torna-se expressão da atividade criativa, determinada axiologicamente. Correlacionando a interdependência entre forma arquitetônica, conteúdo e forma composicional, Bakhtin (2014) diz que na recepção não visamos às palavras, aos fonemas, ao ritmo, mas por meio destes elementos visamos ativamente ao conteúdo axiológico-dialógico, que é a forma arquitetônica. Quando se analisa arquitetonicamente um enunciado, os recursos linguísticos são apenas o meio

técnico para concretização de um projeto enunciativo. A ideia de arquitetônica em Bakhtin não despreza a forma composicional, mas a considera como decorrente da forma arquitetônica, ou seja, organizada por esta.

A forma arquitetônica é alimentada pelo pensamento participante, pela cultura, pela diversidade de sentidos e de realidades sociais. A partir desse elo com o social, com o homem enquanto existir-evento, ela ilumina a forma composicional. Campos (2012, p. 253) afirma: “O conceito de arquitetônica assim torna-se uma alternativa para pensar o mundo dos sentidos, da diversidade, da cultura, sem precisar eliminar as análises formais, mas entendendo o movimento das relações dialógicas” Ao discutir o conceito de forma arquitetônica, a pesquisadora reconhece também a importância do material, dos recursos linguísticos, visto que não propõe um desprezo pelas análises formais, mas ressalta a necessidade de uma análise estilística que parta das formas arquitetônicas, das formas da vida, dos sentidos atualizados pelo extralinguístico que situa o falante em sua unicidade, no mundo da vida, que o faz ser único no modo de apreciar um dado objeto. Assim como não deve haver uma cisão entre mundo da vida e o mundo da cultura, também não deve haver separação entre forma material e forma arquitetônica.

Para melhor compreender a noção de arquitetônica em Bakhtin, Campos (2015) relaciona a fontes kantianas. Para a autora, a compreensão de Bakhtin sobre arquitetônica é resultado do diálogo, ora de aproximação ora de refutação com o conceito de arquitetônica discutido por Kant em *Crítica da razão pura*. Tanto em Bakhtin quanto em Kant a ideia de arquitetônica relaciona-se com o modo como as partes constituem organicamente um todo. Para Kant, essa constituição dá-se a partir da razão, tendo o conhecimento teórico como centro organizador do mundo. O caráter de cientificidade era visto por um viés de abstração, voltado para verdade universal.

Para Bakhtin (2012), o conceito de arquitetônica também se relaciona com a constituição do todo, entretanto, essa constituição se dá por meio do pensamento participante. Ele se opõe à ideia de autonomia das partes, à existência das coisas por si só. Segundo ele, é necessário que tudo faça parte de um contínuo, de um todo integrado internamente por um fio que ligue o mundo do conhecimento ao mundo da vida vivida. Compreendemos que, para Bakhtin, a ideia de arquitetônica está relacionada a uma organização interna, a uma interdependência entre as partes constitutivas de um todo que é a existência da vida real.

Chama-se mecânico ao todo se alguns e seus elementos estão unificados apenas no espaço e no tempo por uma relação externa e não os penetra a unidade interna do sentido. As partes desse todo, ainda que estejam lado a lado e se toquem, em si mesmas são estranhas umas às outras. (BAHTIN, 2003, p. 33)

Nesse sentido, não é a justaposição do conhecimento, não é o conhecimento abstrato que fundamenta a lei arquitetônica que rege o mundo vivido. Para Campos (2015), Bakhtin contrapõe-se a Kant ao reconhecer a supremacia da autonomia da liberdade do ser no mundo sobre a razão universal. A arquitetônica deve ser cimentada internamente pela unidade da responsabilidade, pela tomada de posição de um ser em processo de construção na alteridade do “eu para mim”, do “outro para mim” e do “eu para outro”. Campos (2015) faz uma comparação e diferenciação entre a concepção de Kant e a de Bakhtin em relação ao conceito de arquitetônica. Para este, pensar arquitetonicamente é não separar o mundo da cultura e o mundo da vida, é reconhecer a interdependência entre esses dois mundos, é reconhecer a necessidade do mundo da cultura e do mundo da vida serem vistos a partir da singularidade e responsabilidade de um sujeito falante, que torna a verdade universal em verdade para mim, ou seja, verdade situada, aquela validada no plano do existir-evento e não no plano da razão universal.

Campos (2015) explicita ainda que o diálogo que Bakhtin mantém com Kant, em *Para uma Filosofia do ato responsável*, está centrado, principalmente, nas refutações do teoreticismo. “[...] Esta filosofia teórica não pode pretender ser uma filosofia primeira, isto é, uma doutrina não sobre a criação cultural unitária, mas sobre o existir-evento unitário e singular”. (Bakhtin, 2012 [1920-1924], p. 68). Para Bakhtin, a arquitetônica de Kant não serve para fundamentar uma filosofia primeira, uma filosofia moral, porque exclui do cimento que une as partes do todo arquitetônico, o existir-evento, aquele capaz de transformar uma verdade universal, uma verdade abstrata em conhecimento participante, em verdade assinada por uma atitude avaliativo-responsiva, de alguém que em sua singularidade, enquanto sujeito constituído socialmente, vê e reconhece algo como verdade. Esse reconhecimento se dá a partir de um lugar que só ele é capaz de ocupar, a partir de experiências que só ele já vivenciou, de uma vida que não pode ser vida do mesmo modo, por nenhuma outra pessoa. Essa verdade reconhecida como tal, não é imposta, não é universal, mas sim singular, pela natureza de sua validação.

Em *Para uma filosofia do Ato Responsável* Bakhtin (2012 [1920-1924], p. 90) postula: “Um tom emotivo-volitivo, uma valoração real, não se referem ao conteúdo enquanto tal, tomado isoladamente, mas na sua correlação comigo no evento singular do existir que nos engloba”. Somente um pensamento participante é capaz de descrever um evento como algo sempre dado junto com alguma coisa a ser feita, que ainda está por tornar-se. Estudar os elementos constitutivos de um gênero implica estudar as relações axiológico-dialógicas que o constituem, isto é, estudar o tema, o estilo e a forma composicional integrados à arquitetônica do mundo real, que é centrada em três momentos fundamentais de construção: eu-para-mim, o outro-para-mim e eu para o outro. “Todos os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido tendem a estes momentos emotivo-volitivos centrais: eu, o outro, e eu para o outro”. (BAKHTIN, 2012 [1924], p. 115).

Os três momentos fundamentais da arquitetônica do existir-evento se estruturam como uma arquitetônica da alteridade. Como pensar o enunciado como um ato responsivo se não surgisse como resposta a algo já dito ou pensado? Como ser responsável (assumir uma singularidade) no vazio, sem levar em consideração o outro? O próprio “eu” se constitui em relação ao outro, com o outro e para o outro. A resposta, a atitude avaliativo-responsiva é condição necessária para a existência do discurso vivo, para existência da linguagem enquanto comunicação real.

Faraco (2009a) afirma que a unidade do texto não está na forma externa, mas no plano da obra como um todo, considerando o extralinguístico, as relações axiológico-dialógicas:

Estudar o texto é, obviamente, estudá-lo em todas essas dimensões, interpretando sua forma arquitetônica, isto é, explicitando as Inter-relações axiológico-dialógicas que o constituem e dando a elas uma resposta, já que toda compreensão é necessariamente responsiva (FARACO, 2009, p. 109).

A linguagem é um meio eficiente para descrever a arquitetônica da vida real, o evento como verdade situada, enquanto reconhecimento responsivo. Bakhtin (2012 [1920-1924], p. 83) explicita: “Tenho pra mim que a linguagem seja muito mais adaptada para exprimir exatamente esta verdade do que para revelar o aspecto lógico abstrato na sua pureza”. Esse pensamento argumenta a favor de que o estilo não são recursos linguísticos retirados de uma língua isolada do contexto e do uso, mas resulta de escolhas orientadas socialmente, com a entonação que transforma

uma verdade universal em verdade para mim. Não uma verdade pensada abstratamente, mas reconhecida a partir da vida vivida, da singularidade de alguém que não tem um olhar indiferente, ao contrário, tem um olhar interessado, afetivo, axiológico. A linguagem conectada com a arquitetônica da vida real enlaça o social e o singular, o verbal e extraverbal, ativa o pensamento participativo, uma compreensão emotivo-volitiva (responsiva).

A forma arquitetônica é como um clarão de luz que adentra uma floresta escura deixando-a aberta à ação do contemplador, que naquele momento não terá um olhar neutro, mas verá com olhos do medo, da admiração, da decepção, de alívio, dentre tantas outras valorações possíveis. Isso lhe permitirá organizar e atribuir um sentido, um valor cognitivo e ético àquele acontecimento. Sem esse clarão, que o permite ver responsivamente, a partir da sua singularidade, da vida vivida, das relações de interação que mantém com outros sujeitos, terá apenas um sentido abstrato do que seja a floresta. Se o meu ponto de vista não for mergulhado nas relações axiológico-dialógicas, não haverá uma forma arquitetonicamente organizada. Isto é, a forma ficará privada de um tom emotivo-volitivo, sendo apenas uma forma material abstrata, desprovida de um conteúdo axiologicamente valorado, de um sentido contextual atualizado.

Faraco (2011 p. 23) ao diferenciar artefato – um ente factual, um dado – de objeto estético, conceitua este último, dizendo tratar-se de “uma arquitetônica, de um conteúdo axiologicamente enformado pelo autor-criador numa certa composição concretizada num certo material”. A forma arquitetônica não existe separada da forma composicional, forma e conteúdo são faces de um mesmo objeto, de um todo, que é constituído pela relação entre o dado e o novo, entre a forma composicional e o conteúdo ressignificado pelo sujeito falante.

Conforme Bakhtin (2003 [1979]) a forma do gênero é estruturada, organizada e definida por um acordo social que se estabelece espaço-temporalmente numa coletividade humana. O falante encontra a priori a forma composicional do gênero como conhecimento compartilhado, enquanto a forma do material, embora faça parte do sistema da língua, é inteiramente flexível. O sujeito falante recorre à forma material, fazendo suas escolhas a partir de uma compreensão emotivo-volitiva, carregada de entonação e ideologia. O novo contexto em que a forma composicional é usada na concretização de um determinado texto, a relação que mantém com o conteúdo (tema) e com o material linguístico, dá a ela

uma nova auréola de significação, influenciada tanto pelo conteúdo como pela forma linguística.

Assim, observamos que as ações praticadas pelos usuários de um gênero, os recursos oferecidos pelo meio (*impresso ou digital*), a estruturação temática, estilística e composicional, as relações de interação, as relações dialógicas, enfim, tudo aquilo que garante a uma determinada prática discursiva o estatuto de gênero, são peças de um mesmo quebra-cabeça, que, ao serem encaixadas (organizadas) para um determinado fim, resultam em ações coerentes com cada uma dessas peças. Entretanto, consideramos que as peças desse quebra-cabeça metafórico são feitas de um material flexível, maleável, e as fronteiras entre uma peça e outra não são tão definidas, mas sinuosas o suficiente para adaptações inerentes aos discursos, às situações retóricas. Dentro dessa arquitetônica que relaciona forma, estilo e tema, questionamos o que é o tema na perspectiva bakhtiniana.

3.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE TEMA NA TEORIA DIALÓGICA

Para Voloschínv (1929-1930 [2010]), o tema é sentido atualizado. Dessa forma, argumentamos a favor de que tema não é equivalente a assunto. Este pode ser tido como potencialidade ou possibilidade para se falar sobre algo em um momento e em um gênero específico. Alves Filho (2011, p. 45) diz: “Em síntese, o tema dá conta do modo como recorrentemente as pessoas têm falado sobre certos assuntos em gêneros específicos.” O tema do enunciado é o conteúdo ideologizado do qual fazem parte tanto o material verbal quanto o extraverbal, construído sócio-historicamente, numa dada cultura, envolvendo interlocutores em situações reais de uso, dizendo de outro modo, o tema se constitui na interação, no discurso da vida real. No momento em que se fala sobre algum assunto, ele deixa de ser apenas potencialidade e passa a ser tema. O assunto pode ser comparado à palavra, que só ganha vida quando é retirada de seu estado latência por um sujeito falante, que atualiza o seu sentido.

Por envolver interlocutores em situações reais de uso, o tema do enunciado conforme Volochínov (2010 [1929-1930]), sempre será único, irrepetível, isto é, mesmo se falando do mesmo assunto, nunca se terá o mesmo tema. Por ser intrinsecamente ligado à enunciação, ele é a expressão de uma situação histórica concreta, desse modo, de acordo com a teoria dialógica, incapaz de ser

reproduzido; sempre se terá uma apreciação e entonação diferentes relativas ao tempo, espaço, intenção dos interlocutores, posicionamento axiológico-dialógico.

O tema relaciona o material linguístico à vida, visto que se constitui na corrente da interação verbal que põe em cena um locutor e um interlocutor que interagem ativamente com o conteúdo na construção do sentido do enunciado na vida real. No texto *Discurso na vida e discurso na arte*, Volochínov se refere à enunciação dizendo:

A enunciação está na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado; ela, por assim dizer, bombeia energia de uma situação da vida para o discurso verbal, ela dá a qualquer coisa linguisticamente estável o seu momento histórico vivo, o seu caráter único (VOLOCHÍNOV, 2013 [1926], p. 10).

Considerando a relação do tema com a enunciação, podemos perceber o porquê de ele não ser reiterável: o assunto pode ser o mesmo, mas a situação comunicativa que o relacionará à vida nunca o será, então o tema - conteúdo ideologizado, atravessado valorativamente pelas entonações relativas à situação comunicativa - terá a cada enunciação um acento de valor diferente, passará a ser um fenômeno da comunicação social na qual foi construído para ser compreendido, não podendo ser dissociado da vida real.

Uma palavra tomada em sua abstração não tem um tema, é apenas um constructo linguístico, enquanto o tema, embora dependa do material linguístico para sua manifestação, engloba elementos extraverbais que lhe possibilitam diferentes formas de significar. Para Volochínov (2010 [1929-1930]), o tema é o sentido que o discurso pode assumir numa dada situação comunicativa concreta e única. Podemos dizer que o tema do enunciado só existe nas relações dialógicas, pois somente a partir delas é possível ter uma compreensão ativa responsiva diante de um enunciado concreto. Abstraindo o discurso das relações dialógicas, será cortado o elo com a vida real, com a situação sócio-histórica o que impossibilitará a existência do tema.

Segundo Volochínov (2010 [1929-1930]), a linguagem é de natureza intersubjetiva, pois, ao enunciar, o locutor já leva em conta as possíveis réplicas de seus interlocutores, de modo que sempre se escreve ou se fala para alguém. Nessa perspectiva, o tema sempre possui um valor axiológico-dialógico, sendo sempre resultado de uma ou várias interações. Para exemplificar esse valor axiológico do

tema do enunciado, recorremos a um exemplo contido no texto de Santos e Filho (2013) que trata dessa relação do tema com a vida real. No exemplo: “O meu cachorro morreu”, se visto apenas na sua dimensão linguística, será apenas uma oração sempre igual a si mesma, sem nenhum elo com a vida real.

Fora de um contexto, não se sabe quem é esse eu que fala, de que cachorro se trata, a quem isso está sendo dito, porque está sendo dito, com que entoação, ou seja, não significa além do que está materialmente verbalizado. Entretanto, se este mesmo enunciado for visto em uso na vida real, tecido por fios dialógicos que entrelaçam a materialidade verbal e o conteúdo do dito como expressão de uma situação histórica, o que era apenas uma oração, linguisticamente inerte e sempre igual a si mesma, passa a significar de acordo com o seu contexto sócio-histórico e adquire um tema, um sentido particular, resultante do contexto social em que foi empregada. Teremos assim, o tema do enunciado – um conteúdo ideologizado – impossível de ser repetido, entonado com a mesma valoração e constituído pelas mesmas relações dialógicas.

A oração: “meu cachorro morreu” nada mais é do que uma sequência de palavras, que nessas condições de interação leva a um único sentido, o dicionarizado, o sentido comum, encerrado no próprio sistema da língua. Não importa quem disse, quando, para quem, com qual objetivo, sempre será isso. Esse sentido comum só ganhará vida, se atualizado por um falante que o enuncie dentro da corrente da comunicação real, ou seja, se esse enunciado tiver como origem e fim uma réplica.

Em sentido dicionarizado, cachorro é simplesmente um animal doméstico, mas se pensarmos nessa palavra num enunciado real, teremos um sentido particular. Ao enunciar a palavra “cachorro”, o locutor não fala de qualquer cachorro, mas de um animal especial, que tem sua própria história de vida, o que o torna diferente de todos os outros. Esse eu que fala também não é igual a nenhum outro sujeito. Mesmo o “eu” se constituindo socialmente, sempre terá algo de individual, pois, como afirma Bakhtin (2003 [1979]), cada um ocupa um lugar ímpar jamais ocupado por outrem.

Esse enunciado pode materializar sentimentos como revolta, indignação, alívio, culpa, arrependimento, saudade, tristeza, raiva ou até mesmo alegria, dependendo da relação existente entre o cachorro e seu dono, da causa da morte do animal, do interlocutor a quem esse enunciado foi dito, dentre outros fatores

sócio-históricos. Logo, o que temos não é apenas uma materialidade verbal, mas principalmente, valores, sentimentos, histórias de vida, que se fundem com o material linguístico, constituindo um sentido único, uma valoração irrepetível.

Esses diferentes sentidos resultam da atitude avaliativo-responsiva daquele que fala, aprecia e responde a partir de sua singularidade. Esse ser é alguém sempre incompleto em sua existência, tanto porque precisa do outro para ser ele mesmo, quanto pelo fato de que ele está em constante processo de constituição. Ele é um sujeito histórico, social e cultural, marcado pela eventicidade, pela impossibilidade de acabamento temporal ou acabamento em si mesmo. Por isso precisa ser visto também em sua temporalidade, em sua relação com o momento histórico, momento este que é sempre constituído temporalmente pelo passado e presente.

Cada sujeito social enuncia em um dado momento e em um dado espaço que só ele ocupa, visto que esse momento e esse lugar são inerentemente relacionados às experiências de vida desse sujeito. A respeito dessas valorações restritas a uma pessoa em função do lugar e momento sócio-histórico que ela ocupa, Bakhtin (2003 [1979]) teoriza:

Esse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim (BAKHTIN, 2003 [1979. p. 21]).

Desse modo, o excedente da visão está relacionado à constituição do tema. É desse lugar único que nos tornamos autor, que compreendemos e enunciamos responsivamente, que fazemos nossas escolhas estilísticas para dar certa entonação sobre aquilo que falamos. Volochínov (2010 [1929-1930]) faz uma distinção entre significação e tema, situando a significação no nível do sistema linguístico, sendo apenas potencialidade para o tema do enunciado.

Enquanto Volochínov opõe tema à significação, ou seja, toma o tema como sentido atualizado, sempre irrepetível, marcado pela não coincidência, o tema do gênero para Bakhtin é visto como uma relativa tipificação, o que significa dizer que em diferentes gêneros o assunto pode ser tratado e apreciado de diferentes maneiras. A relativa tipificação temática, composicional e estilística do gênero

vinculada à esfera de comunicação orienta o sujeito na escolha de qual gênero deve usar para efetivar determinado projeto comunicativo, haja vista que seu conhecimento de mundo sobre o funcionamento dos gêneros lhe apontará, conforme o que tem a dizer, qual melhor gênero se adequa à determinada comunicação.

Nos comentários *online*, podemos verificar o quanto o tratamento temático de um mesmo assunto é diferente em um e outro gênero. Na notícia os acontecimentos são narrativizados seguindo um suposto tom de objetividade, mas no comentário o mesmo assunto recebe tratamento temático diferente, sendo não mais narrado, mas comentado inclinado para um tom de subjetividade e autoexpressão. Assim, a narração e os comentários são formas de tratar de um mesmo assunto em gêneros diferentes. O modo diferenciado como se trata de um mesmo assunto em gêneros diferentes implica também um tratamento diferenciado nas escolhas linguístico-estilísticas. O tema é atualizado em cada novo enunciado, é aquilo que se diz sobre determinado assunto (o dado) em uma situação real de uso, que deixa de ser apenas um objeto ou discurso sobre o qual já se falou, adquirindo novo sentido, nova entonação, constituindo um tema único, irreptível, novo. A cada vez que esse assunto for objeto de discussão, teremos um novo tema, um novo conteúdo ideológico, resultante de um posicionamento axiológico-dialógico daquele falante, que em sua eventicidade, recorre a um objeto já discutido, dando a ele um novo sentido.

Essa atualização do sentido é ancorada no individual e no social, pois do mesmo modo que é fruto de uma atitude responsivo-avaliativo do falante, também é orientada por certa tipificação temática orientada pelo gênero. Assim, o enunciado revela marcas da singularidade do falante, mas também é resultado de um acordo coletivo, que resulta numa relativa estabilidade capaz de permitir identificar qual gênero o falante escolheu para colocar em prática seu projeto comunicativo. O gênero possui certo caráter normativo marcado por uma relativa tipificação na vida, nas ações dos falantes, nas formas de organização da comunicação. Sobral (2009, p.175) ressalta o caráter de estabilidade e mudança do gênero discursivo, em seus aspectos temático, estilístico e composicional. Alinhamo-nos ao seu pensamento de que “a principal característica do gênero, em que se destacam as ‘formas relativamente estáveis de gênero do enunciado’, consiste em sua permanência no fluxo da mudança ou sua mutabilidade no âmbito da estabilidade”. Argumentando sobre isso, ele diz que embora façamos a escolha de um gênero pela sua

estabilidade, a cada novo enunciado esse gênero será sutilmente alterado. Dentre os fatores que condicionam essa orientação, acreditamos que esteja o tema do gênero. Contudo, essa orientação temática será apenas um ponto de partida frente à possibilidade que tem o falante de atualizar sentidos a cada novo enunciado.

Coerente com o projeto filosófico de Bakhtin de unificar o mundo da cultura e o mundo da vida prática numa arquitetônica na qual o conteúdo axiológico determina os elementos formais, mantendo com estes relações internas e não apenas circundantes, no conceito de arquitetônica, os elementos constitutivos dos gêneros do discurso mantêm entre si uma relação de interdependência que formam um todo discursivo. Esses elementos do gênero discursivo também apontam para dicotomias, como estilo geral e estilo individual que funcionam em harmonia no plano uno que integra o dado e o novo na construção do sentido. No próximo capítulo trataremos mais especificamente do estilo nessas duas dimensões.

4 DA ESTILÍSTICA TRADICIONAL À ESTILÍSTICA SOCIOLÓGICA

Para falar de estilo na teoria dialógica, antes é necessário acrescentar noções importantes nessa teoria. Tratando da natureza ideológica da linguagem, Volochinov (2010 [1929-1930], p. 33) faz uma relação entre signo, ideologia e consciência. Segundo ele, signo e ideologia são inseparáveis: “Sem signos não existe ideologia [...] Tudo que é ideológico possui um valor semiótico”. Diante disso, podemos depreender que sendo a linguagem constituída de signos, ela sempre será ideológica. Essa relação intrínseca entre ideologia e signo é decorrente do fato de que na teoria dialógica todo signo tem um caráter social, é constituído nas interações sociais, e nunca apartado das situações reais de comunicação. Por isso, a necessidade de superar a estilística tradicional em busca de um estudo que visualize o estilo na sua relação com o social.

Para exemplificar a relação entre signo e ideologia, o autor faz uma distinção entre signo e sinal, dizendo que a palavra pode ser um signo ou simplesmente um sinal. Quando usada em ligação com a comunicação viva será um signo, uma vez que, nessa situação, ela sempre estará imersa em uma das esferas ideológicas e também será sempre revestida de uma apreciação valorativa. Isto é, dependendo da situação em que uma dada palavra seja usada, expressará um valor de verdade, falsidade, justiça, tristeza, lamentação entre outros valores. A palavra será um sinal quando tomada isolada de seu contexto de uso, pois não terá um valor ideológico.

Dissemos que para explicar a natureza ideológica da linguagem, é feita uma relação entre signo, ideologia e consciência. Mas, até então, falamos apenas de signo e ideologia. Nessa teoria, como é vista a consciência? Qual sua relação com a ideologia e com os signos? Entendemos que as respostas para esses questionamentos sejam importantes para que possamos entender o porquê de o sujeito falante e a linguagem serem sempre de natureza social na perspectiva bakhtiniana.

A natureza social do sujeito e da linguagem é justificada pela nossa consciência ser socialmente construída, uma vez que ela é formada a partir da compreensão ativa do homem frente à vida. Essa compreensão sempre acontece por meio de palavras, ou de outro material semiótico, relacionando assim signo e consciência como duas instâncias interdependentes, uma não existe sem a outra.

Volochínov (2010 [1929-1930], p. 33-34) postula: “a própria compreensão não pode manifestar-se senão através de um material semiótico (por exemplo, o discurso interior) [...] A própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signo”. Desse modo, o signo passa a ser visto como a base material da consciência e, sendo o signo inerentemente social, consequentemente, a consciência também o é, pois ambos andam juntos. Para Volochínov (2010 [1929-1930]), todo signo é ideológico, toda ideologia tem uma base semiótica, toda consciência individual também é sociossemiótica. Assim, não existe ideologia sem signo e, se todo signo é ideológico, então consciência, ideologia e signo são inseparáveis.

Ao relacionar signo, consciência e ideologia, Volochínov traz para o contexto de sua obra, *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, uma crítica a duas correntes de pensamento às quais ele se contrapõe no tocante à relação entre consciência e ideologia: o idealismo e o psicologismo, que situam a ideologia na consciência, como se, primeiramente, a consciência não fosse impregnada de signos, de material social, para poder ser consciência. Nessas duas abordagens, a ideologia parte do interior para o exterior, enquanto que para o autor russo o caminho percorrido é inverso: a consciência se forma nas interações sociais, nutre-se do exterior, do universo semiótico, para adquirir existência.

Assim como a consciência, a língua em uso, também é socioideológica. Como afirma Volochínov (2010 [1929-1930]), a palavra sempre será carregada da atitude valorativa daquele que a usa, sempre estará imersa na tessitura de uma malha construída pelos fios dialógicos dos discursos outros com os quais o sujeito falante dialoga. O material linguístico que compõe o estilo não é a língua abstrata, não é um material verbal (sinal), mas o signo: o material verbal imerso no social, não é revestido, mas atravessado pelas relações sociais, pelas relações dialógicas. Bakhtin ao falar da natureza sociossemiótica da língua, diz:

Em essência, a língua como concretude socioideológica viva, como opinião heterodiscursiva, situa-se, para a consciência individual na fronteira entre o que é seu e o que é do outro. A palavra de uma língua é uma palavra semialheia; só se torna palavra quando o falante a satura de intenção. Nesse sentido, tanto a intenção do sujeito falante quanto as relações de diálogo que este mantém com outros discursos, serão determinantes do estilo tomado como valoração avaliativo-responsiva (BAKHTIN, 2015 [1934-1936], p 69).

Volochínov (2010 [1929-1930]) afirma que a natureza ideológica é explicada pelo fato de que toda comunicação verbal se dá a partir de signos e é situada em uma das esferas ideológicas, além de que todo enunciado é valorativamente apreciado, isto é, sempre que o sujeito falante enuncia em situação real de uso, ele tira a palavra de seu estado latente, potencial para o sentido, e dá a ela uma auréola estilística resultante das relações axiológico-dialógicas do meio ideológico do qual a palavra foi retirada e no qual está sendo usada.

É tendo em vista a natureza social da linguagem como espaço de heterodiscursividade, que o estilo é teorizado na teoria dialógica. O estudo do estilo pode ser visualizado historicamente a partir de duas grandes concepções teóricas, descritas por Volochínov (2010 [1929-1930]), o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato. Elas são as bases filosóficas da estilística tradicional, tendo respectivamente como principais representantes Karl Vossler e Charles Bally. Interessa-nos aqui fazer algumas considerações que permitam traçar uma visão panorâmica sobre essas concepções: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato, a fim de perceber melhor o surgimento da estilística sociológica.

Volochínov (2010 [1929-1930]) refere-se a duas orientações do pensamento filosófico-linguístico. Essas concepções são consideradas basilares nos estudos da linguagem. A escolha do objeto de estudo na estilística tradicional é sempre fundamentada mais profundamente por uma delas: uma centrada mais radicalmente na individualidade do sujeito falante e outra no sistema da língua.

O subjetivismo idealista, na visão de Volochínov, tem como centro organizador da linguagem o psiquismo individual. Nessa abordagem, a linguagem é constituída internamente, parte do interior para o exterior. A linguagem enquanto processo criativo e ininterrupto se realiza por meio de atos de fala individuais. O subjetivismo idealista postulava que a enunciação era de caráter individual, constituída fora das interações sociais. Mesmo reconhecendo que a linguagem evolui, modifica-se ao longo da história, não sendo totalmente estável adotavam uma abordagem monológica, uma vez que a fala do indivíduo não era tida como fruto das relações de interação social, mas apenas expressão do pensamento de uma consciência individual.

Para explicar como se apresenta a enunciação do ponto de vista do subjetivismo individualista, Volochínov (2010 [1929-1930], p. 114-115) explica: “Vimos que ela se apresenta como um ato puramente individual, como uma

expressão da consciência individual, de seus desejos, suas intenções, seus impulsos criadores, seus gestos, etc.”. Podemos inferir que, para essa corrente de pensamento, a consciência (interior) passa a ser o nascedouro da língua, como se a consciência não se constituísse a partir de outras consciências, nas interações sociais das quais participam os sujeitos falantes.

A estilística tradicional fundamentada no subjetivismo idealista aponta para um estilo individual, para uma consciência individual, separada do espaço dialógico que é a comunicação da vida real, não considerando o sujeito falante em relação de alteridade com o outro, mas em sua própria subjetividade. No subjetivismo idealista, não há espaço para a intersubjetividade na linguagem, porque o caráter social é excluído. Contrapondo-se ainda a essa abordagem subjetivista idealista, o autor argumenta que o discurso interior não é algo pronto, que nasce na consciência e depois se torna expressão, visto que todo discurso interior se organiza levando em conta o outro, ou seja, o discurso interior já é inerentemente de base social, interindividual. Isso se justifica pela consciência e, conseqüentemente, o discurso interior serem sociossemióticos. O discurso interior não pode ser totalmente individual, se é formado por signos, que são de natureza social. Já o objetivismo abstrato entendia que centro organizador da língua era o próprio sistema, abstraído do uso social. Para Volochínov (2010 [1929-1930]), nessa segunda corrente de pensamento, a enunciação também é monológica, uma vez que o objeto de estudo era o sistema autossuficiente em si mesmo, fechado em sua imanência.

Para Volochínov (2010 [1929-1930]), nenhuma das duas correntes adotava uma abordagem sociológica da linguagem. Para ele, embora elas possuam alguns pontos positivos, nenhuma dava conta da complexidade da língua – a primeira por considerar a consciência como uma instância totalmente individual e a segunda por excluir o sujeito, fazendo abstração do uso real da língua, restringindo-se ao sistema. Nas duas abordagens, não havia lugar para interlocutor. Este não tinha nenhuma importância no uso da língua: na primeira abordagem, era o sujeito falante enquanto consciência monológica que organizava os atos de fala individuais, já na segunda foram excluídos tanto o sujeito falante, quanto o interlocutor.

Em ambos os casos foi cortado o elo da língua com a vida social, ou seja, com a luz que desvela as intenções, os valores culturais, as atitudes avaliativo-responsivas, a luz que tira o sistema linguístico de um estado latente, inerte e o conecta com a vida. Sem essa luz, a língua morre, torna-se apenas um objeto

desnudo de qualquer valoração apreciativa, torna-se “um cadáver”, segundo Volochínov (2010 [1929-1930]), sem se deixar penetrar pelo clarão das relações dialógicas.

Essas duas orientações linguístico-filosóficas existiram paralelamente. De um lado se tinha o objetivismo abstrato da escola de Genebra sob a representação de Saussure e Charles Bally, e do outro a Escola de Munique (Karl Vossler e seus discípulos). A primeira orientação primava por um estilo das formas da língua, adotando um modelo positivista, enquanto a segunda filiava-se a uma visão mais romântica da língua, defendendo uma estilística centrada na expressão de uma consciência subjetiva.

Volochínov (2010 [1929-1930]) contrapõe-se a essas duas abordagens, apontando para a fragilidade delas para explicar os fatos reais da língua no que concerne aos aspectos estilísticos. Contudo, ele reconhece que numa relação de comparação, o subjetivismo idealista é mais fecundo que o objetivismo abstrato. Mesmo reconhecendo como grande fragilidade da estilística de Vossler, a ausência da intersubjetividade, ele a considera mais produtiva. Ao contrário do objetivismo abstrato, que exclui totalmente o sujeito dos estudos da língua, o subjetivismo idealista garante o lugar do sujeito falante como sendo o centro, uma consciência depositária do sistema linguístico. O que faltou nessa abordagem foi a percepção do papel do interlocutor, foi a imersão desse sujeito individual no espaço social. Tornar essa consciência monológica numa consciência dialógica.

Um ponto de diálogo entre a estilística de Vossler e a estilística sociológica é que ambas desconhecem a existência de uma fronteira definida entre estilo e sintaxe. No entanto, se diferenciam pelo fato de que Vossler concebe o estilo como individual (do espírito, de uma consciência monológica) e a teoria dialógica como essencialmente social, uma criação coletiva, sendo orientado pelo gênero discursivo, o que o torna fruto de uma tradição coletiva, ou resultado de uma visão de mundo, ou ainda, sendo orientado por um autor que embora se manifeste em sua singularidade, é um sujeito dialógico, constituído em relação de alteridade com o outro.

Segundo Sériot (2015), esse reconhecimento da primazia da estilística sobre a sintaxe muda a ordem de análise dos fatos linguístico-estilísticos, tendo a obra como primeira instância de análise e só depois as sentenças, as palavras e os sons.

É consenso, entre Vossler e Volochínov, a nebulosidade de fronteira entre gramática e estilística, não havendo uma separação precisa entre uma e outra. Sériot (2015) vê na concepção de estilo individual de Vossler uma semente do que Volochínov considera abordagem sociológica da linguagem:

Para Vossler, uma inovação 'estilística' (individual) só se torna 'sintática' (comum) quando corresponde às expectativas' (ou 'necessidades espirituais') da comunidade linguística (ou 'povo'). [...] Volochinov substitui essas 'necessidade espirituais' por 'tendências sociais estáveis' ou relações sociais estáveis dos falantes' (SÉRIOT, 2015, p. 97).

Seja refutando, completando ou adequando o pensamento vossleriano, Volochínov mantém relações dialógicas de distanciamento e aproximação com este autor. Dentre os principais pontos de encontro temos, como já dito, a não separação estanque entre linguística e estilística, a primazia da estilística em relação à sintaxe, e a ideia de que qualquer mudança estilística depende da aceitação social, conforme mostrado na citação acima. Mesmo para Vossler que é o principal representante do subjetivismo idealista, uma inovação estilística, mesmo de caráter individual, necessita de uma aceitação social.

Também se faz necessário destacar diferenças entre esses dois autores, a principal delas, segundo Sériot (2015), é a maneira como concebem a ideia de sujeito. Para Vossler o sujeito é subjetivo, encerrado em sua própria consciência, uma consciência ptolomaica, marcada por forças centrípetas, que não permitem o diálogo com outras vozes, com outros pontos de vista, é uma consciência fechada, que serve como depósito do sistema linguístico e que a partir de sua individualidade o exterioriza, o materializa na realização de atos de fala individuais. Já para Volochínov a consciência é sempre galileana e marcada por forças centrífugas, aquelas que ao invés de lutar por uma verdade única, se distribuem como feixes de luz que refratam muitos pontos de vista, muitas consciências dialógicas.

4.1 O ESTILO: ELO ENTRE O SOCIAL E O VERBAL, ENTRE O EU E O(S) OUTRO(S)

No texto: *O Discurso no Romance*, escrito entre 1934-1936, Bakhtin dedica-se mais especificamente a discutir a estilística do gênero romance, elaborando uma

teoria do romance. Posteriormente, em *Os Gêneros do Discurso* (2003 [1979]), ele retoma essa categoria, enfatizando a importância de estudar o estilo enquanto elemento constitutivo de todo e qualquer gênero discursivo. Em *O Discurso no Romance*, Bakhtin (2015 [1934-1936], p. 21) destaca que o fio condutor da reflexão é “a superação do divórcio entre o ‘formalismo’ abstrato e o igualmente abstrato ‘ideologismo’ no estudo do discurso literário”. Essa superação tem como âncora, a estilística sociológica na qual a forma e o conteúdo não se separam na construção do discurso enquanto fenômeno social. Do mesmo modo, estilo e forma devem ser vistos como parte de um mesmo projeto.

Bakhtin reconhece a importância da palavra do outro no objeto e da palavra do outro na resposta antecipada do ouvinte. “A política interna do estilo (a combinação de elementos) é determinada por sua política externa (pela relação com a palavra do outro)”. (BAKHTIN, 2015 [1934-1936], p. 57). O estilo não são os recursos linguísticos em si, mas é a orientação axiológico-dialógica que impulsiona a escolha destes recursos. Pois, antes de escolher e organizar o material linguístico, o falante já tem em vista um propósito comunicativo, um interlocutor, uma intenção, e sua voz se organizam e se encorpa em relação de diálogo com outras vozes.

A estilística tradicional abstrai a língua da vida social e a encerra no gabinete de um autor, dando à palavra um tratamento superficial e abstrato, pois a desvincula das diferentes linguagens nacionais que integram a língua comum. No enfoque sociológico, o estilo não atende às determinações de um autor em particular, nem de uma língua desprovida de um lado social. Por muito tempo, a estilística tradicional deu ênfase aos problemas de composição da obra, por não ter uma teoria que contemplasse questões relativas aos aspectos dialógicos e sociais, ao todo da obra, à sua heterodiscursividade. A estilística tradicional usava os princípios de análise da poesia como parâmetro para análise do romance, sem considerar suas especificidades e sem adotar um princípio geral que desse conta de toda e qualquer obra.

Esse princípio geral é uma estilística do gênero, que permite a inter-relação entre as diferentes linguagens, que refletem e refratam a dinamicidade da vida social. O estilo nasce no uso da língua, constitui-se como elo entre locutor e interlocutor. Falar em estilo da linguagem é falar daquilo que motiva a organização do enunciado, e não apenas da organização interna, da forma linguística enquanto

abstração. É antes de tudo ver a língua em sua heterogeneidade em sua heterodiscursividade, ou seja, perceber que a língua viva é um conjunto de linguagens sociais, que dialogam entre si, apontando para diferentes pontos de vista, para diferentes consciências, que coexistem em um mesmo enunciado. Seja no todo da obra (estilo geral) ou na singularidade do sujeito falante (estilo individual) sempre haverá a presença de diferentes estilos. O estilo será sempre um arranjo tecido com os fios de diálogo que se mantém com a consciência outra.

A abordagem de uma estilística sociológica ou estilística do gênero não separa estilo, linguagem e gêneros discursivos, a fim de não cair no risco de privilegiar o estilo individual do autor. Entretanto, reiteramos que dentro dessa relativa estabilidade, que dá ao falante orientações de como deve efetivar seu projeto comunicativo, a cada novo uso, ele imprime sobre o gênero a dinamicidade da linguagem, tornando-o flexível em seus aspectos temáticos, estilísticos e composicionais. Assim, a estabilidade do gênero enquanto tradição cultural é abertura para mudança, adaptação e atualização no uso pelo sujeito falante, que recorre a ele partindo dessa relativa estabilidade, mas com a liberdade de recriar, inovar, atualizar, não se prendendo ao engessamento de um estilo, tema, e forma composicional. Todos esses elementos são flexíveis frente a fatores tais como o grau de intimidade entre os participantes da comunicação, intenção do sujeito falante, esfera comunicativa, espaço e tempo de produção e circulação etc.

O gênero discursivo é fruto de um meio ideológico, está sempre associado às esferas da comunicação. Constitui-se nas relações de interação social, portanto, é dialogicamente constituído para colocar em prática determinadas ações sociais. Assim, o gênero carrega em si certa orientação de como falante deve organizar estilisticamente seu enunciado, relacionando a valoração apreciativa do sujeito falante e as relações dialógicas do contexto extralinguístico. Conforme Bakhtin (2015 [1934-1936]), podemos pensar em duas forças resultantes da relação entre estilo do gênero e estilo do sujeito falante, ou seja, estilo geral e estilo individual. A força do estilo geral revela aquilo que é característico do gênero, já o estilo individual revela a singularidade de um sujeito falante, que mesmo orientado por uma diretriz genérica, deixa-se revelar em sua singularidade. O estilo é muito mais do que uma expressão restrita da subjetividade ou um conjunto de marcas linguísticas usadas para dizer algo.

Bakhtin (2015 [1934-1936], p. 90) postula que “é justamente a natureza heterodiscursiva e não a unidade da língua normativa que constitui o fundamento do estilo”. Aqui o autor destaca a importância da dialogicidade para a constituição estilística. Reiteramos que essa dialogicidade não é específica do gênero romance, mas como dito por Bakhtin, é um fenômeno inerente à palavra, embora em graus variados, ou seja, há gêneros mais propícios à sua manifestação, como é o caso do romance.

Ao tratar das formas de inserção e organização do heterodiscurso no romance, além de recursos sintáticos e lexicais, Bakhtin (2015 [1934-1936]) também faz a análise de recursos expressivos que apontam para o discurso do outro dentro da sintaxe do discurso do autor, dentre os quais se destacam reticências, perguntas e exclamações, dentre outros, que materializam um posicionamento axiológico, um ponto de vista do sujeito falante/autor, constituindo o estilo enquanto elemento integrante do gênero.

Bakhtin (2003 [1979]) reconhece que há o estilo orientado pelo gênero, ou melhor dizendo, estilo próprio do gênero, e o estilo individual. Entendemos que o enunciado é sempre afetado por essa dupla orientação estilística, revelando de um lado o já dado, aquilo que é tido como tradição, como relativamente estável, orientado pelo uso coletivo (o estilo do gênero). Por outro lado, temos o estilo individual, visto como aspecto capaz de revelar a singularidade do sujeito falante, que mesmo sendo um sujeito dialógico, marca sua subjetividade ao posicionar-se numa temporalidade e espacialidade, impossível de ser ocupada por outra pessoa. Neste tempo e neste lugar, só esse sujeito falante é capaz de ter a visão que tem. Só ele detém essa atitude responsivo-avaliativa que faz de um dado enunciado único e irrepetível.

Dependendo do gênero, nem sempre o autor encontra espaço favorável para acentuar ou revelar esse estilo individual. A esfera literária é campo frutífero para manifestação do estilo individual. Já num polo oposto temos a esfera dos gêneros oficiais, que são fortemente marcados pelo estilo do gênero e muito fechados à manifestação do estilo individual. Contudo, considerando que até os gêneros mais estabilizados surgem como réplicas e se lançam à réplica do outro, eles são construídos a partir de diferentes consciências, revelando além do estilo do gênero, também o estilo individual. Nesse caso, embora o estilo individual não seja tão aparente na forma composicional do gênero e do material linguístico, pode ser

justificado pelo motivo de que há um sujeito falante, uma intenção que vai ao encontro de outra intenção (à do interlocutor).

Essa intenção é materializada sob a orientação do gênero. Aquele que fala, a depender do gênero, terá maior ou menor liberdade de expressar um estilo individual, mas mesmo quando o faz com mais abundância é um estilo individual de caráter intersubjetivo. Nos gêneros mais propícios à manifestação do estilo individual, teremos um “eu” que se sente mais à vontade para flexibilizar a forma composicional e a forma do material, um “eu” que expressa com maior liberdade sua subjetividade. O gênero comentário *online*, por exemplo, é altamente suscetível a expressão do estilo individual. O próprio gênero dá abertura para a liberdade de escolha do material, conforme o que julga pertinente o sujeito falante. Essa liberdade não é resultado apenas da vontade do falante, mas orientada pelo gênero. O comentador usa uma linguagem, que muitas vezes, distancia-se da norma padrão, configurando-se como uma forma de linguagem específica do espaço digital. Ao usar repetições de sinais de pontuação, abreviações, palavras e letras garrafais, dentre outros recursos linguísticos e gráficos, o falante não está criando uma nova forma de uso da linguagem, mas colocando em prática uma forma já estabilizada socialmente pela comunidade de usuários desse gênero.

O estilo individual é agregado ao enunciado pelo sujeito falante em relação de dependência com o gênero, ou seja, o estilo individual não é como a forma composicional, da qual o sujeito lança mão para efetivar seu projeto enunciativo, pois já existe enquanto possibilidade relativamente estabilizada. Assim, o estilo individual é aquele que se encontra mais próximo do eu-para-mim, sem desprezar o eu para o outro, e o outro-para mim.

Para Bakhtin (2003 [1979]), na maioria dos gêneros, o estilo individual é apenas um epifenômeno do enunciado concreto, ou seja, é visto como complemento, depende da orientação do gênero para se apresentar em maior ou menor grau, e da relação entre falante e ouvinte. Isso aponta para o fato de que na linguagem, nada e nem ninguém está isolado. Tudo tem uma relação de interdependência com um diálogo maior, que é a vida social em seu fluxo contínuo de ser e vir a ser. Sendo parte desse todo, o individual não pode ser isolado do geral, pois é exatamente a visão do todo que permite a especificação do objeto, a identificação das particularidades, a definição daquilo que é singular e subjetivo. É na relação com o todo, que se visualiza o particular.

Como nossas ações são voltadas para o outro, no momento em que meu ato de linguagem está sob a orientação estilística de um dado gênero discursivo, trago para minha fala o estilo do outro também. Quanto mais propício for esse gênero para heterodiscursividade, mais abertura encontrará o estilo individual, embora ancorado no estilo do gênero ou estilo geral. Esta é uma maneira relativamente comum de avaliar e responder aos acontecimentos, de falar sobre eles em um dado gênero. O estilo geral justifica-se pela natureza dialógica da vida e da linguagem, ou seja, a partir do outro, ele carrega em si um componente coletivo, que não é exclusivamente dele, mas também não lhe é totalmente alheio, é um componente que se configura como elo entre a minha existência e a existência do meu outro contemporâneo.

O falante avalia e responde de um lugar que é marcado pelas suas experiências, pela sua própria existência, contudo, ele não vive sozinho, é sempre constituído de muitas vozes, de muitos pontos de vista, que se inter cruzam no tecido social da vida. Portanto, sua singularidade, depende também desse tecido social, dessa visão do todo. A singularidade do eu só é possível em relação de oposição ao outro. O falante precisa do outro para se dar conta da sua própria singularidade. Essa dependência do meu eu em relação ao outro é sempre marca do estilo, seja ele geral ou individual.

Considerando a ideia de estilo geral e estilo individual, podemos fazer uma analogia com a metáfora do jano bifronte: “O ato-atividade de cada um, da experiência que cada um vive, olha como um jano bifronte, em duas direções opostas: para a unidade objetiva de um domínio da cultura e para a singularidade irrepetível da vida que se vive [...]” (BAKHTIN, 2012 [1924], p. 43). O existir-evento é marcado pelo dado e pelo novo, ao mesmo tempo em que se constitui a partir de uma base cultural já estabilizada, também se renova a cada ato que o leva a agir responsivamente.

O estilo se constitui a partir desse olhar bidirecional, que liga o mundo da cultura – visão de mundo compartilhada, o dado – com o novo – aquilo que é resultado da minha maneira singular de ver e apreciar. A discussão que Bakhtin faz de como é possível associar a cultura e a vida numa arquitetônica na qual o tom emotivo-volitivo seja organizado a partir do lugar único que ocupamos no mundo e na nossa própria existência unifica num mesmo plano o mundo da cultura e o mundo da vida vivida. E isso é o alicerce de um estilo de base social em contraposição a um estilo organizado em torno do material linguístico como sendo

autossuficiente em si mesmo, ou de um psiquismo individual, que se vê como dono absoluto de seu dizer.

Na linguagem, tudo ressoa valoração, entonação. As palavras ao serem escolhidas passam por um julgamento de valor, são envolvidas e carregadas pelo tom emotivo-volitivo daquele que as pronuncia numa situação de dialogicidade com outros discursos, com outros falantes. Diante disso, considerando que nosso *corpus* é rico em termos que nomeiam pessoas e acontecimentos sociais, abrimos aqui um parêntese para falar da nomeação, ou seja, do ato de nomear. Nascimento (2014) discute a nomeação no contexto do discurso midiático, argumentando a favor de que a nomeação de um evento na mídia, o constrói conforme os interesses dela: “A mídia, ao nomear determinado evento por ‘x’ e não por ‘y’ ou convocar determinada voz para dentro de seu texto e não outra, constrói discursivamente o evento ao qual relata, defendendo o seu interesse”. Veremos em nossas análises que um dos nomes recorrentemente empregado para definir o *impeachment* foi “golpe”, expressando um valor axiológico negativo sobre esse acontecimento.

Costa e Silva (2018, p. 66) ao relacionar tradução e relações dialógicas traz para o cenário da sua discussão algumas considerações sobre a nomeação, o autor afirma que: “Uma parte relevante da produção do conhecimento envolve o uso de palavras específicas – comumente chamadas de *termos* –, a definição desses termos e a associação de conceitos a eles”. Os nomes, assim como qualquer fenômeno característico da linguagem em uso, relacionam-se com discursos anteriores, portanto, o ato de nomear é dialógico, não nasce no vazio, ao contrário, surge como resposta, como mais um ponto de vista sobre o objeto apreciado e nomeado.

Atribuir um nome é antes de tudo assumir um compromisso, um posicionamento responsivo frente a uma necessidade de valorar um objeto para mim e para o outro. Ao nomear o objeto, o falante mantém com ele uma atitude interessada, axiológica. Nesse objeto nomeado é depositado valorações apreciativas de admiração, desprezo, aproximação, distanciamento, desejo, refutação, aceitação, ódio, alegria, nojo, indignação, e tantos outros valores possíveis. Faraco (2017) ao referir-se ao acento valorativo da palavra na teoria dialógica, explicita a impossibilidade de dizer sem valorar:

Para Bakhtin é impossível separar, em termos absolutos e abstratos, juízos factuais de juízos valorativos. A saída para o eventual impasse

epistemológico quanto à validade de juízos cognitivos que inevitavelmente refratam o mundo se dá pelo confronto, pelo embate das diferentes posições axiológicas que atuam no recorte e no dizer sobre o objeto (FARACO, 2017, p. 51).

Os nomes não são inocentes, desinteressados no uso da linguagem, ao contrário carregam sentidos, e se colocam como potencialidade para novas valorações, atualizações em diferentes situações de comunicação. Siblot (2011) faz uma distinção entre denominação e nominação. O primeiro termo tem um sentido estático, descontextualizado, já a nominação remete a um ato de fala contextualizado. Ou seja, nomear é ter uma atitude avaliativo-responsiva, é atribuir nome a partir de uma relação axiológico-dialógica capaz de atualizar sentidos, expressar um ponto de vista no objeto nomeado por um falante em relação de alteridade com o outro. Sobre isso, Cordeiro (2011) sintetiza as teses de Siblot e de outros autores:

Falar de *nominação*, portanto, no lugar de *denominação*, é marcar expressamente a opção de uma linguística da produção do sentido [...]. Por isso, é preciso retornar ao ato de fala de “nominação” como aquele que considera o contexto de produção e de comunicação; situa as tensões dialógicas do interdiscurso; é apreendido no processo de atualização (CORDEIRO, 2011, p. 73).

Cordeiro (2017) explicita que a nominação revela muito daquele que nomina, revela um ponto de vista, um acento de valor. A nominação, ao contrário da denominação, não é apenas um rótulo, haja vista que é capaz de refletir e refratar uma realidade, apontar para sentidos e valorações pretendidas por um sujeito falante que enuncia de uma dado lugar e tempo próprio da sua singularidade. O objeto nomeado deixa de ser apenas aquilo que era antes, e torna-se novo objeto, produzido em um novo contexto. O ato de nomear não pode ser indiferente às relações axiológico-dialógicas próprias e cada novo enunciado. Siblot (apud Costa e Silva 2018) diz que a denominação é como se fosse uma “etiquetagem”, uma abstração da realidade, já a nominação é um ato de fala realizado em uma situação real de uso, em diálogo com outros discursos. Nascimento (2014) ao tratar do acento apreciativo na nominação, também destaca o seu caráter dialógico:

A relação *outros(s) – eu(s) – outros(s)* é sempre constitutiva do ato de nomear, pois nos posicionamos frente a discursos outros quando nomeamos. Na medida em que nos posicionamos em

relação a esses discursos, inscrevemo-nos no fio do discurso, atualizamos e fazemos significar a palavra empregada (NASCIMENTO, 2014, p. 4).

Assim, consideramos que o ato de nomear também é um ato estilístico, optar por esse ou aquele nome revela um posicionamento axiológico-dialógico de um sujeito falante que é singular e social ao mesmo tempo, que constrói seu dizer ancorado no já dado, mas que vai além, construindo e atualizando sentidos por meio dos nomes que atribui aos objetos valorados por ele, num dado tempo e espaço.

Pensar o ato de nomear por meio do dialogismo da nominação, é alinhar-se à ideia de que a palavra nunca é neutra, de que não há entre as formas da língua e a estilística uma fronteira intransponível, ao contrário, pois, como explica Bakhtin (2003 [1979] p. 269): “a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico”. Assim o autor diz que o estudioso da língua pode se ver diante de um fenômeno gramatical – se tiver como objeto de estudo um fenômeno de linguagem considerado na língua enquanto sistema - ou se verá diante um fenômeno estilístico – se estudar o enunciado, um fenômeno de linguagem da vida real. Ou seja, um fenômeno de linguagem analisado na língua viva nunca será apenas um fenômeno gramatical, mas sempre um fenômeno estilístico, que deve ser analisado em conexão com um gênero discursivo, conforme assinala Bakhtin (2003 [1979], p.276):

O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante como outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. Bakhtin (2003 [1979], p. 276).

Para Bakhtin (2015 [1934-1936]), é um erro uma metodologia de análise estilística, cujo objetivo seja descrever as formas da língua dissociadas do uso. É no uso, que a língua vai navegar nas ondas que vão ao encontro do outro, que levam e trazem diferentes pontos de vista, que batem contra, que se aproximam e que recuam. É nesse mar de tensão ideológica, nas relações axiológico-dialógicas entre o eu e o(s) outro(s) que o estilo se nutre. A réplica antecipada, a imagem que faço do meu interlocutor, da outra voz que responderá ao meu enunciado é peça indispensável e determinante sobre aquilo que digo. Na seção seguinte,

abordaremos a importância do interlocutor, da réplica antecipada, do caráter inconcluso do falante e do ouvinte, com base em *Problemas da poética de Dostoiévski* (Bakhtin, 1997 [1929]).

4.2 ALTERIDADE ENUNCIATIVA: O PAPEL DA RÉPLICA ANTECIPADA COMO DIRETRIZ ESTILÍSTICA DO ENUNCIADO CONCRETO

Ao analisar a obra de Dostoiévski, Bakhtin (1997 [1929]) destaca a grande importância desse autor como criador da autêntica polifonia no romance, no qual ecoam diferentes vozes que dialogam em pé de igualdade. O autor não é o dono da verdade, não é aquele que fala pelos personagens, haja vista que as personagens são livres para fazer soar sua voz na mesma altura que o autor-narrador. Para isso ele cria personagens capazes de olhar pra dentro de si como se fossem outra pessoa, de responder a si próprio como se estivesse do lado de fora. O personagem se desdobra, passa a ser ele e seu duplo, formando uma parceria que resulta num diálogo de uma mesma pessoa consigo mesma, mas com duas vozes diferentes e independentes. Conforme Bakhtin, o narrador funciona como maestro dessas vozes, sem colocar-se como dono delas, mas apenas como regente.

A alteridade enunciativa entre eu e o meu eu na condição de outro, não acontece só no texto literário. Ao contrário, no discurso da vida cotidiana é comum nos depararmos com essa situação, na qual se constrói um diálogo entre um falante e seu duplo exteriorizado. Eu me vejo no outro para assim responder a mim mesmo. Sempre que falo sou o primeiro a responder, por que antes de tudo sou orientado nessa fala por essa compreensão ou réplica antecipada.

A consciência desse eu que responde na réplica antecipada não coincide com a consciência daquele que fala. Por isso, mesmo nesse tipo de diálogo onde o “eu” se desdobra no seu duplo, obtendo dele a réplica antecipada, temos uma pluralidade estilística, haja vista que embora tenhamos apenas um falante físico, teremos dois pontos de vista diferentes, duas compreensões responsivas diferentes: a do falante físico e a do seu duplo, ou seja, da consciência que ele assume fora de si. Como exemplo disso podemos citar a expressão popular que diz: estou falando com meus botões, ou seja, falando para si mesmo. Contudo, ao falar para si mesmo, eu me desdobro em outro (no ouvinte a partir do qual eu mesma replico minha própria fala). Para a efetivação desse discurso de mim para mim é preciso que eu

mantenha uma alteridade enunciativa com o meu “eu” ouvinte/outro. Só assim, minha compreensão será dialógica, responsiva, marcada pela presença do outro.

Já quando o discurso está voltado para o outro, que não coincide comigo fisicamente, temos a alteridade enunciativa que dá origem à réplica antecipada no discurso outro, tendo como fundo aperceptível a consciência do outro que é totalmente exterior a mim. Não preciso mais me colocar no lugar do ouvinte para guiar minha réplica, pois este não está mais em mim. Contudo, preciso antecipar a resposta desse outro para organizar dialogicamente meu discurso, que sempre será atravessado pelo discurso do outro, portanto, heterodiscursivo.

No discurso da vida real, sempre estamos replicando aos outros e a nós mesmos. Os personagens de Dostoiévski dialogam muito com a consciência outra que surge do desdobramento do falante em seu duplo (ouvinte). Por isso, é comum o diálogo consigo mesmo: a confissão, o sonho. Eu sou eu e o outro ao mesmo tempo, mas o discurso resultante dessa duplicação é sempre bivocal. Ao me colocar no lugar do outro, ou ao me dirigir por meio da palavra ao outro, já tomo a sua palavra por meio da réplica antecipada, compreendendo-a a partir da minha própria avaliação, sendo, portanto, essa palavra bivocal, com uma nova entonação.

Como parte de um todo, a palavra não será monológica, não será privada da réplica interna. É exatamente a réplica interna ou a dialogização interna que permite o choque dialógico de duas vozes, de dois estilos, construindo o que Bakhtin chama de microdiálogo. Assim, o uso da língua viva sempre será uma comunicação tecida por relações dialógicas, que permitem uma compreensão responsiva de um enunciado tomado em sua totalidade ou a compreensão de uma palavra isolada como possibilidade de gerar uma réplica interna a essa totalidade do enunciado.

Interessante observar que Bakhtin, em todos os seus textos reconhece a importância do material linguístico como sendo indispensável para concretização da comunicação dialógica: “as relações dialógicas são absolutamente impossíveis sem relações lógicas e concreto-semânticas, mas são irreduzíveis a estas e têm especificidade própria” Bakhtin (1997 [1929], p. 184). O falante precisa da materialidade linguística para realizar seu discurso, seja o discurso interior ou aquele exteriorizado.

Ao reconhecer que a natureza dialógica do enunciado impõe-lhe uma dupla orientação (a alteridade enunciativa entre eu/outro), a relação com o discurso do outro, Bakhtin (1997 [1929]) propõe uma classificação esquemática de três grandes categorias de discursos:

- Discurso direto imediatamente orientado para o seu referente como expressão da última instância semântica do falante;
- Discurso objetificado (discurso da pessoa representada);
- Discurso orientado para o discurso do outro (discurso bivocal).

Não é nosso objetivo discutir detalhadamente cada uma delas, mas apenas refletir sobre a importância do terceiro tipo que é o discurso bivocal. Aquele capaz de incorporar a fala do outro no discurso atual por meio de fenômenos heterodiscursivos tais como a estilização, a paródia, a polêmica velada e polêmica aberta, e o diálogo. Para nosso objeto de estudo, interessa-nos principalmente a paródia, a polêmica e o diálogo, haja vista que são os tipos mais recorrentes no nosso *corpus*.

Ao contrário da estilização, que embora incorpore a voz do outro, falando a linguagem do outro, não mantém com ela uma relação de oposição, de choque, a paródia é marcada pela relação dialógica de conflito, de oposição. Na paródia, o autor usa a linguagem do outro numa relação dialógica de oposição hostil. Considerando o comentário *online*, interessa-nos, principalmente, um tipo especial de paródia, a ironia, discurso no qual temos duas intenções, dois estilos diferentes. O estilo da voz do falante e o estilo da voz incorporada e contraditada por ele. Tanto na estilização quanto na paródia, a voz do outro é incorporada pelo falante, a palavra alheia é tomada por este como se fosse sua própria palavra. Ela passa a servir a intenção do autor.

Já na polêmica, velada e a aberta, a palavra incorporada continua sendo vista pelo autor como sendo palavra alheia. Ele mantém com ela uma relação dialógica de confronto, que a reveste de nova interpretação e entonação.

Aqui a palavra do outro não se reproduz sem nova interpretação, mas age influi e de um modo ou de outro determina a palavra do autor, permanecendo ela mesma fora desta. Assim, é a palavra na polêmica velada e, na maioria dos casos, na réplica dialógica (BAKHTIN, 1997 [1929], p. 195-196).

A estilização, a paródia e a polêmica velada são fenômenos do discurso bivocal, mas só no primeiro caso há certa concordância e apropriação em relação à palavra do outro, que é incorporada sem a reação deste, ou seja, o autor apossa-se

inteiramente da palavra do outro colocando-a a seu serviço. Na polêmica há uma submissão da palavra do outro em relação ao autor. Este recorre a ela reacentuando-a, polemizando-a, mantendo um diálogo de confronto, de desqualificação, mas reconhece e deixa revelar seu pertencimento enquanto palavra do outro, havendo, portanto uma acentuada dialogização interna. A polêmica velada é de natureza ativa, persuasiva, regida por forças centrífugas, que repelem a dominação de uma palavra por outra.

Nesse tipo ativo de diálogo, nomeado “discurso refletido”, Bakhtin (1997 [1929]) destaca duas outras variedades de grande relevância para nós: a réplica do diálogo e o diálogo velado. No primeiro caso, temos a réplica de qualquer diálogo, sem necessariamente, restringi-lo à polêmica velada. Diríamos que aqui temos o dialogismo interlocutivo, que pode ser resultado da relação de interação direta entre dois interlocutores ou resultado do princípio dialógico de que todo enunciado surge de uma compreensão responsiva, tendo no outro sua origem e destino. No gênero comentário *online* é muito recorrente o discurso refletido do tipo réplica do diálogo. É o comentador que organiza o seu discurso a partir do que disse um internauta anterior e a partir de como ele imagina que sua fala será interpretada pelo outro, ou seja, tendo em vista a réplica antecipada.

Assim, nossa fala é sempre uma resposta ao outro, seja ele aquele interlocutor diferente de mim, ou o meu duplo que surge do discurso interior, quando me desdobro em falante e interlocutor ao mesmo tempo, falando comigo mesmo. Contudo, vale ressaltar que Bakhtin diz ser esse outro resultante de mim mesmo, de outra consciência, portanto, outro ponto de vista. Uma consciência que se constitui com um mínimo de excedente de visão, isto é, essa consciência do meu duplo na condição de interlocutor precisa de certo distanciamento do meu eu para se fundamentar como consciência outra.

Já sobre o diálogo velado, Bakhtin (1997 [1929]) diz não ser a mesma coisa que polêmica velada. É um diálogo entre duas pessoas, mas nesse diálogo só se vê a fala do autor. O interlocutor só existe na resposta do autor, ele é invisível, mas é a partir do que o autor subentende como réplica do interlocutor ausente que ele direciona sua compreensão responsiva. Nesse caso, é o autor que dá voz ao interlocutor. A voz desse interlocutor imaginado impregna o enunciado do sujeito falante de ecos da sua voz, haja vista que aquele que fala o faz como se estivesse respondendo, comentando, polemizando com esse outro, embora este outro não

seja citado. Essa consciência de um interlocutor potencial é âncora para meu discurso, com ele dialogo afirmando, negando, polemizando, questionando etc. Temos um único sujeito falante com presença física, mas inevitavelmente, há duas vozes diferentes. O eu sempre se manifesta como reação ao outro. Por isso, a palavra nasce e vive na fronteira entre o meu discurso e o discurso do outro.

Percebemos que nesse diálogo, embora só um fale, é um diálogo sumamente tenso, pois cada uma das palavras presentes responde e reage com todas as suas fibras ao interlocutor invisível, sugerindo fora de si, além dos seus limites, a palavra não-pronunciada do outro (BAKHTIN, 1997 [1929], p. 198).

A palavra não-pronunciada do outro, mas subentendida na voz do autor, tem grande peso na definição do enunciado do falante que fala pelo outro e lhe responde como se ele estivesse fora dele (falante). Esse fenômeno heterodiscursivo é muito recorrente na obra de Dostoiévski onde as personagens falam consigo mesmas como se estivessem falando com um outro, como por exemplo, na confissão, no diálogo interior. Na seção seguinte trataremos, mais especificamente, do papel da mídia na construção e divulgação do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff.

5 A ESFERA JORNALÍSTICA NA CONSTRUÇÃO E DIVULGAÇÃO DO ACONTECIMENTO SOCIAL MEDIATIZADO: IMPEACHMENT DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF

Conforme Miller (2009 [1984]) os gêneros do discurso servem para organizar as ações e relações sociais. Existe certa tipificação no modo de agir, de avaliar e responder, isto é, as pessoas ao se depararem com situações comunicativas parecidas, costumam reagir de forma semelhante, criando padrões de comportamento, relativamente estabilizados, mediados pelos gêneros discursivos.

Em nenhuma esfera da comunicação o homem consegue ser neutro no uso da linguagem. Não existe esfera comunicativa ideologicamente neutra, pois, a atitude avaliativo-responsiva daquele que escreve/diz ou que lê/ouve nunca será isenta de um posicionamento valorativo. Se pensarmos na esfera política, ou teremos um posicionamento político de direita, extrema direita, de esquerda, esquerda radical ou ainda centro. Esses posicionamentos revelam-se num contínuo de maior ou menor extremismo, e mesmo que alguém se diga apolítico, estará adotando um posicionamento ideológico, sendo, portanto, ator de um ato ético. Sobre a relação não excludente entre direita e esquerda, (BOBBIO,1995, p.119) postula:

A distinção entre direita e esquerda não exclui de modo algum, sequer na linguagem comum, a configuração de uma linha contínua sobre a qual entre a esquerda inicial e a direita final, ou, o que é o mesmo, entre a direita inicial e a esquerda final, se colocam posições intermediárias que ocupam espaço central entre os dois extremos, normalmente designado, e bastante conhecido, com o nome de “centro”.

O autor considera pertinente a diferenciação entre os dois termos e usa o par igualdade/desigualdade como critério principal nessa diferenciação. Segundo esse filósofo, a ideologia de direita está vinculada à elite, aos grandes grupos econômicos. Enquanto a esquerda busca a inclusão dos oprimidos, dos pobres que vivem à margem dos bens materiais e culturais produzidos no país. Sader (1995) ao tratar dos termos direita/esquerda no Brasil, explica que a ideologia de direita sempre esteve ligada às elites do poder, ao conservadorismo, à desigualdade social; enquanto a ideologia de esquerda às classes economicamente menos favorecidas, à reivindicação da justiça social:

No Brasil, a esquerda significa a contraposição ao neoliberalismo. Essa é a atualização da dualidade direita/esquerda aqui e agora. Significa a afirmação dos direitos de cidadania para todos, significa a priorização das políticas sociais sobre as lógicas econômicas privatizantes, significa o desenvolvimento do mercado interno de massas para distribuir renda e capacidade de consumo para as grandes massas marginalizadas, significa a transformação da democracia política numa democracia com conteúdo social, de igualdade, de liberdade e de fraternidade (SADER, 1995, p. 194).

O autor considera o ideal de igualdade, liberdade e fraternidade como valores voltados ao bem comum, às políticas de inclusão e diminuição da desigualdade social. Segundo ele, essas ideias não encontram no capitalismo campo frutífero para seu desenvolvimento, pois, visa ao lucro econômico, aos interesses de poucos, colocando à margem grande parte da população, aqueles pertencentes às classes sociais com menor poder aquisitivo. A renda é concentrada nas mãos de uma minoria, que se julga dona do poder político-econômico.

[...] Ser de esquerda no mundo de hoje significa participar da reinvenção concreta de uma nova sociedade, baseada na justiça social e na solidariedade, na realização prática dos direitos de cidadania sem qualquer tipo de exclusão. Significa lutar e concretizar um mundo de educação, de cultura, de autonomia individual e realização social (SADER, 1995, p. 195).

Ainda de acordo com Sader (1995), não dá para falar de igualdade e de justiça social frente a um modelo econômico, que exclui e explora grande parte da população. Trazendo para o contexto político do Brasil, conforme o filósofo Souza (2016), estamos frente a uma mídia que silencia a voz do povo, que minimiza a pluralidade de informações para beneficiar aqueles que lutam por mais poder político-econômico; frente a um pacto antipopular feito entre mídia e elite visando ao lucro individual. Esse pacto coloca-se contra a democracia arquitetando e pondo em prática o *impeachment* de um governo eleito democraticamente. O impacto dessa aliança que teve na grande mídia uma âncora de peso, tanto na construção quanto na disseminação de uma realidade criada midiaticamente, pode ser constatado na mídia impressa, nas emissoras de rádio e televisão, no jornalismo *online*, ou seja, nos meios de comunicação, de ideologia tendenciosamente conservadora, embora não se declarem abertamente como sendo de direita.

Considerando a orientação bakhtiniana de que não há um enunciado ideologicamente neutro, na esfera jornalística também não é diferente, ou seja, não

há objetividade. Portanto, não há neutralidade na produção, circulação e recepção das notícias. A esfera jornalística, assim como todas as outras esferas da comunicação, faz parte de um todo: a comunicação humana. Nesse espaço tudo é valorado axiológico-dialogicamente. Os discursos se entrelaçam, em relações dialógicas de aproximação ou distanciamento.

Para Souza (2016) a esfera jornalística é muito influenciada por interesses de grupos sociais dominantes, que pretendem tornar consensuais determinados pontos de vista favoráveis a eles próprios. Desse modo, a esfera jornalística reflete e refrata o jogo de interesses que movem as relações sociais daqueles que direta ou indiretamente dela fazem parte como produtores e divulgadores de informações. Os acontecimentos sociais entrelaçam diferentes esferas ideológicas, podem até pertencer mais diretamente a uma dada esfera, mas não estarão privados da influência de outras.

Podemos visualizar uma relação de pertinência, pensando num diagrama, no qual o meio ideológico é o todo (o geral) e nele estão contidas as diferentes esferas ideológicas (política, jornalística, cotidiana, científica, religiosa etc.) com suas particularidades. Portanto, ao mesmo tempo em que é possível destacar características que definem e particularizam essa ou aquela esfera da comunicação, também é improdutivo e irreal considerar o engessamento dessas esferas como se cada uma fosse isolada, totalmente impermeável à influência das outras. O que temos é um macro espaço ideológico, no qual estão imersos as diferentes esferas da comunicação com suas porosidades que permitem uma mútua influência entre elas e entre o meio ideológico mais amplo.

Na esfera jornalística existem gêneros discursivos que são extremamente voltados para subjetividade, para expressão do tom emotivo-volitivo, como é o caso do comentário *online*. Assim como existem outros que buscam a objetividade. Bakhtin (2003 [1979]) afirma que existem gêneros mais propícios à manifestação da subjetividade do que outros, ou seja, não há gênero isento de subjetividade. Alinhado a esse pensamento, Volóchinov (2010 [1929-1930]) afirma ser o enunciado sempre formado por uma valoração apreciativa, haja vista que por meio da linguagem defendem-se pontos de vista, busca-se naturalizar ou destruir determinadas ideologias, ou seja, por meio da linguagem, criam-se verdades, que não são as verdades universalizadas, mas as verdades de cada pensamento participativo, de cada sujeito falante em sua singularidade.

Conforme o senso comum, o gênero notícia, geralmente, é objetivo, capaz de refletir a realidade. A esfera jornalística, diante da impossibilidade de neutralidade ideológica, muitas vezes, finge objetividade, procurando revelar imparcialidade, uma suposta neutralidade subjetiva que garanta a produção de informações objetivas, livres de valorações ideológicas do jornal, revista, *blog*, etc. Entretanto, ancorados na teoria dialógica, sabemos que isso é irreal, uma vez que por mais que o sujeito falante e, conseqüentemente, o jornalista, tente ser imparcial, jamais será capaz de distanciar-se o suficiente para interpretar os acontecimentos sem valorá-los.

É impossível ser impessoal, o jornalista não pode distanciar-se da realidade, para do lado de fora mostrar à sociedade os acontecimentos sociais livres de suas interpretações e valorações pessoais. Se pensarmos cada interpretação enquanto um ato ético, ou seja, compreensão responsiva, esse distanciamento total de si mesmo é impossível. Essa impossibilidade é justificada por essa condição inerente à linguagem e ao homem de não neutralidade ideológica.

Assim, é fato a não neutralidade no jornalismo, contudo, percebemos um exagero na parcialidade da mídia, que se organiza e funciona em torno de grupos sociais dominantes, aos quais ela pertence, cabendo à esfera jornalística o gerenciamento da produção e circulação de informações que atendam aos interesses desses grupos. Cada ser integrante do sistema midiático age, responde a partir de um meio ideológico mais amplo. Então, não pode haver neutralidade na esfera jornalística, ou em qualquer outra esfera da comunicação.

Nesse contexto de não neutralidade na esfera jornalística, o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff foi arquitetado pelas elites de direita que derrubaram o projeto de governo, que pode ser chamado de esquerda. Esse projeto tentou sobreviver aos constantes ataques da ideologia de direita apoiada pelo poderoso sistema midiático, constituído por emissoras privadas que receberam uma concessão pública, bem como por setores dos três poderes. Conforme Souza (2016), o ataque maior veio do Legislativo e do Judiciário. Esse último, o que deveria ser mais neutro, mais imparcial, mostrou-se defensor do *impeachment*, agindo, assim como o Legislativo, conforme interesses de uma minoria dominante: a elite do dinheiro.

Desse modo o sistema midiático, aquele responsável pela informação, com o apoio do empresariado, do congresso e do poder judiciário que ficou fortalecido o suficiente para formar opinião pública suficientemente larga para fazer do

impeachment uma luta em nome do povo. O *impeachment* foi um acontecimento social desejado e articulado por grupos privados e segmentos do Estado, mas atribuído à vontade do povo. A opinião tida como pública foi a opinião do sistema midiático. Houve uma maciça manipulação dos acontecimentos, das informações, da opinião pública, para torná-lo possível. O que conhecemos sobre esse acontecimento social, foi o que lemos, ouvimos e vimos na mídia. Ele nos foi construído e apresentado pela televisão, rádio, jornais, revistas, *internet*, isto é, pela mídia. Ele foi o que a mídia divulgou, portanto, em grande parte, foi o que a mídia determinou, por isso o nomeamos nessa pesquisa como acontecimento social mediatizado.

Conforme Souza (2016) o *impeachment* não foi só um golpe contra a política de esquerda, mas também contra o povo, que foi manipulado pelo sistema midiático para ver o *impeachment* como uma luta também do povo. Nesse jogo, as peças são deslocadas e organizadas para construir realidades que aos olhos da sociedade pareçam ser inquestionáveis, camuflando os interesses daqueles que manipulam a informação. A mídia distorce e ressalta aquilo que, segundo seus interesses, é para a sociedade naturalizar como verdade. Ao falar do papel manipulador da mídia, o sociólogo explica:

[...] por meio do controle direto ou indireto dos meios de divulgação da informação, é possível dentro de circunstâncias favoráveis, distorcer e fraudar sistematicamente a forma como a sociedade percebe a si própria e quais são os verdadeiros interesses em jogo (SOUZA, 2016, p.13).

Segundo o autor, a ideia do *impeachment* foi incutida na mente da sociedade como sendo para o bem comum do povo, como se não estivesse encobertando os interesses da elite do dinheiro, do legislativo, e do judiciário. O discurso midiático camuflou os interesses desses segmentos sobre o *impeachment*, criando o ideal de luta contra a corrupção, fazendo do Partido dos Trabalhadores (PT) o símbolo dessa corrupção no Brasil. A mídia, na sombra desses segmentos, fez a sociedade acreditar que o PT era o vilão, e que a política de direita era a grande salvadora da pátria. No meio desse jogo de interesses particulares, como diz Souza (2016), a mídia criou uma farsa, um teatro, um golpe de Estado.

O golpe, a derrubada do governo de esquerda foi aplaudido por um público, que não entendia os motivos da farsa, cujos personagens criaram uma situação na

qual todas as vozes apontavam para o PT como réu. Enquanto isso, o público foi “colonizado”, nas palavras de Souza (2016), para acreditar e defender as ideias difundidas pelo sistema midiático de que todos precisavam apoiar a política de direita na empreitada para derrotar o inimigo. Parte da população, especialmente a classe média conservadora acreditou nesse ponto de vista, foi às ruas lutar a favor do *impeachment* sem conhecer o jogo de interesses daqueles envolvidos diretamente nessa farsa de uma luta da nação pela nação. Segundo Boito Júnior (2016) o *impeachment* foi uma luta de classes, mascarada por interesses de grupos dominantes:

Os conflitos de classe nem sempre se apresentam como tal: eles aparecem mascarados. [...] Os banqueiros não dizem que defendem a elevação da taxa de juro para aumentar o lucro dos bancos, mas sim para combater a inflação. Com o discurso dos políticos se passa algo semelhante (BOITO JÚNIOR, 2016, p. 25).

Os articuladores do *impeachment* precisavam do apoio do povo para forjar o golpe como um ato democrático. A contraopinião, que deveria ter sido representada pela voz do povo, foi silenciada pelo recorte distorcido, fraudulento e manipulador que a mídia fez dos acontecimentos motivadores do processo de *impeachment*. Souza (2016) compara a mídia brasileira a um circo que propicia uma caricatura de discussão e debate, uma farsa midiática marcada pela ausência da contraopinião, de uma voz contraditória capaz de romper com a naturalização das ideias apresentadas pela mídia.

A ideia de novelização do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff caracteriza muito bem o encaminhamento dado a esse acontecimento enquanto divisão em capítulos, desde a construção da base até o desfecho. Além disso, os articuladores do processo agiram como atores, mostrando para o público uma realidade simulada. Entretanto, essa realidade simulada chegou à sociedade como sendo “a verdade”. Seguindo uma sequência de motivação apontada por Souza (2016), temos como principais acontecimentos motivadores do *impeachment*: a manifestações de junho de 2013, o mensalão, a Operação Lava Jato, e as supostas pedaladas fiscais.

Os articuladores desse processo não poderiam mesmo revelar seus reais interesses, pois assim, não teriam construído uma base popular para o *impeachment*. A política de direita precisava do apoio do povo para simular um ato

democrático. Portanto, utilizando a mídia como porta voz, distorceu certas realidades para destruir o PT, dando a impressão de que o país estava um caos e que a culpa de toda a desordem político-econômica era do ex-presidente Lula e da então presidenta Dilma Rousseff. Foi nesse clima que tivemos a formalização do primeiro capítulo dessa “novela”. Conforme Souza (2016), as manifestações de junho de 2013, que embora tenham acontecido em âmbito municipal, principalmente na capital paulista, foram midiaticamente manipuladas para afetar a popularidade do governo da presidenta Dilma. As manifestações eram contra o aumento da tarifa da passagem do transporte coletivo municipal. A mídia conseguiu federalizar a repercussão desses acontecimentos, enfatizando no contexto das manifestações, por exemplo, a PEC 37¹⁰. A mídia, com seu poder manipulador, selecionou, enfatizou nas manifestações aquelas ações mais produtivas para desqualificar o governo do PT. Essa ênfase ampliou a dimensão do movimento para além das motivações iniciais, manipulando os manifestantes para tornarem-se aliados na luta contra o Governo Federal.

Ainda conforme Souza (2016), no início, as manifestações foram caracterizadas como vandalismo, depois ganharam o apoio da mídia, deixando de serem tratadas como negativas para serem vistas como grito de democracia. Nesse momento, a manipulação midiática desperta no povo certa insatisfação, insegurança, desconfiança, criando um clima propício para a luta contra o governo de esquerda, haja vista que o maior aliado do governo, aquele que o colocou no poder (o povo), o olhava agora com certa cautela, descrença, isto é, a compreensão responsiva da sociedade sobre os acontecimentos e o governo foi desequilibrada, gerando incertezas e desejo de mudanças. Depois disso, o governo foi atacado continuamente pela política de direita até a concretização do *impeachment*.

Antes das manifestações de junho de 2013, tivemos o escândalo mensalão entre 2005 e 2006. O termo mensalão é originado da palavra mensalidade usado para se referir a uma mesada paga a deputados para votarem a favor de projetos de interesse do poder executivo. O termo foi usado pela grande mídia para nomear um suposto esquema de compra de votos de parlamentares no primeiro mandato do governo de Luís Inácio Lula da Silva. Conforme Souza (2016) o mensalão foi uma

¹⁰ A Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 37 dá poder exclusivo à polícia para realizar investigações criminais, retirando essa possibilidade do Ministério Público. Informação retirada do: <<http://g1.globo.com/politica/pec-37-o-que-e/platb/>>.

espécie de ensaio para o *impeachment*. A oposição aproveitou-se desse escândalo para fortalecer sua campanha contra o PT, valendo-se dos mesmos aliados no processo de *impeachment*: a mídia, o Congresso e o poder judiciário. Entretanto, faltou um elemento importante, o apoio popular. A manipulação midiática não conseguiu uma adesão popular significativa, e conseqüentemente, o governo reagiu a esse escândalo, frustrando essa tentativa de golpe.

Para Souza (2016, p. 50) o mensalão e o impeachment foram uma farsa: “A grande farsa que ocorreu entre o mensalão e o golpe foi uma tentativa de preparar o enterro do Partido dos Trabalhadores com partido político”. Mais à frente referindo-se novamente ao Mensalão, Souza (2016, p. 106) o diferencia em relação ao *impeachment*: “O mensalão se deu sem uma base social engajada que tomasse as ruas. Essa foi a diferença central entre o golpe fracassado do mensalão e o golpe bem-sucedido de abril de 2016”. Embora a compra e venda de votos de parlamentares já tenha sido uma prática recorrente em outros governos, só foi usado contra o PT, mesmo sem provas de que o PT tenha comprado votos.

De acordo com as análises do sociólogo, dando continuidade ao projeto de tirar o PT do governo, a mídia investiu fortemente na versão manipulada do escândalo da Operação Lava Jato. Os acontecimentos divulgados passaram por uma escolha seletiva, que tornou possível criar um cenário no qual o único culpado fosse o PT. Os recortes dos acontecimentos foram feitos para ressaltar a culpa do PT e camuflar e omitir o envolvimento dos políticos de direita. O poder judiciário teve grande peso nessa empreitada, usando o discurso anticorrupção, perseguiu a política de esquerda e protegeu a oposição. Agindo como porta voz desse discurso de ataque ao governo, a mídia criou um cenário no qual mais uma vez o PT foi tido como único vilão. Foi esse discurso que chegou até à sociedade brasileira, principalmente pela mídia televisiva (SOUZA, 2016; 2017).

Ainda conforme esse sociólogo, operação Lava Jato foi também novelizada dando a esse acontecimento uma direção manipulada, uma vez que, a realidade é recortada, conforme os interesses da mídia e da classe média conservadora. O que ouvimos e vemos na mídia sobre esse acontecimento foram delações, julgamentos e condenações capazes de formar opinião de oposição ao governo. A mídia tem o poder de formar opinião, porque pode mostrar à sociedade uma realidade mascarada conforme sua interpretação. Isto é, a sociedade vê o que a grande mídia quer que ela veja, a contraopinião não consegue ecoar sua voz, competir com a

grande mídia fortalecida pelo Congresso, pelo poder judiciário e pela elite do dinheiro.

Outro acontecimento determinante para o impeachment da presidenta Dilma foi o que se denominou de “pedaladas fiscais”. Esse foi o estopim, a motivação que assegurou a suposta legitimidade do processo. Na interpretação de Souza (2016), configurou-se enquanto processo arquitetado, planejado e costurado ao longo de vários anos. A mídia sob o comando da elite do dinheiro assumiu a direção dessa empreitada, aproveitando tudo que podia para alimentar e dar continuidade ao projeto de derrotar o governo PT.

Conforme a notícia que deu origem aos comentários analisados nessa pesquisa, O Tribunal de Contas da União (TCU) recomendou a rejeição das contas federais do governo de Dilma Rousseff, referentes ao ano de 2014. Isso foi usado pela oposição para iniciar o processo de *impeachment* no congresso. As chamadas pedaladas fiscais significam dizer que o Governo Federal camuflou a situação orçamentária do país, fingindo uma melhora do orçamento em ano eleitoral. O governo usou dinheiro que tinha outra finalidade para pagar o Bolsa família, o que era feito pelos presidentes anteriores e por muitos governadores, mas só então, para atender aos interesses da oposição, isso foi usado como motivação para o impeachment.

Como a oposição estava procurando uma justificativa para legalizar o *impeachment*, que já vinha sendo cogitado e preparado, encontrou nesse acontecimento a justificativa de que precisava. A oposição caracterizou “as pedaladas fiscais” como um crime de responsabilidade fiscal praticado pelo Governo Federal. Esse crime consiste no atraso de forma proposital do repasse de dinheiro para bancos (públicos e privados) e autarquias, como o INSS, a fim de mostrar que as contas federais estariam equilibradas, ou seja, simular, artificialmente, o equilíbrio das contas. Diante disso, a mídia apoiada pelo congresso e pela elite defensora de uma política de direita, deu a ênfase necessária para construir esse acontecimento como algo que só existiu no governo PT, que merecia ser tratado como crime capaz de justificar a saída de Dilma Rousseff do governo.

Se a mídia estivesse do lado do PT, a versão dos acontecimentos poderia ter sido outra. A orientação para o recorte dos discursos não seria a mesma, pois, visaria à defesa de outro ponto de vista que demandaria outras entonações, outras relações dialógicas. Essas escolhas voltadas para uma valoração oposta definiria

outra realidade e a percepção que a sociedade teria dos acontecimentos que desencadearam o *impeachment* também seria outra. As relações axiológico-dialógicas presentes nos discursos são capazes de refratar a realidade criando sentidos que visam a uma adesão do leitor/ouvinte a determinado ponto de vista defendido pelo produtor do discurso.

Na esfera jornalística, temos a voz da mídia construída a partir de muitas outras vozes que se entrelaçam numa trama ideológica, que tem como fio condutor um ponto de vista a ser defendido. Todas as valorações, entonações, relações dialógicas, os sentidos explícitos e implícitos se encaminham para a naturalização desse ponto de vista defendido pela voz midiática. Ao leitor/ouvinte cabe, portanto, uma compreensão responsiva limitada pelo recorte dos acontecimentos feito pela mídia, ou seja, a compreensão responsiva do leitor fica fragilizada, ou melhor dizendo, restrita a uma resposta que não dialoga ativamente com o acontecimento social em sua relação com o todo da vida real, haja vista que a compreensão fica sujeita ao que foi mostrado pela mídia. A compreensão dos acontecimentos mediatizados minimiza o confronto com diferentes pontos de vista por parte dos espectadores. A mídia tem o poder de abafar a contraopinião, fazendo ecoar o discurso midiático controlado por determinados grupos econômicos. Esses grupos representam apenas parte de um todo, desejam naturalizar sua ideologia, torná-la dominante, pensamento comum para uma nação.

O *impeachment* da presidenta Dilma faz parte simultaneamente de duas esferas da comunicação. Ele teve sua produção e circulação na esfera político-jornalística. Ao se revelar defensora de uma política de direita, a mídia digital e televisiva também se revelou defensora da ideologia da elite, à qual pertence. A mídia televisiva, por exemplo, representada principalmente pela Rede Globo, pertence a uma das famílias mais ricas do Brasil – os irmãos Marinhos. A mídia colocou-se contra a política de esquerda, contra o PT. Todas as informações que chegaram até nós foram recriações de uma realidade construída pela mídia, que recortou os fios necessários para fazer o bordado que ela queria que fosse visualizado e compreendido pela sociedade. Diante disso os ouvintes/leitores acreditaram em “verdades” localizadas, enquadramentos ideológicos apresentados como única possibilidade de compreensão dos acontecimentos. Contudo, ele mesmo (ouvinte) dá sentidos outros para o acontecimento, que o faz ser diferente

daquilo noticiado, e também daquilo que aconteceu na vida real. Sobre isso Cordeiro (2017) explicita:

Em um acontecimento tanto os leitores – especializados no tema abordado ou não –, como as pessoas em geral, na medida em que interagem com o que está sendo noticiado, atribuem sentidos ao acontecimento, o qual não é mais aquele que foi construído pelo jornalista e nem ainda o mesmo que ocorreu inicialmente em algum espaço.

A mídia jornalística tem o poder de construir opinião pública. Esse poder é garantido pela necessidade que tem a sociedade de se manter informada, acreditando que o que está noticiado reflete fielmente os acontecimentos. Ela tenta manipular a compreensão dos acontecimentos, mas mesmo assim a compreensão é ativa e diferente para cada leitor/ouvinte, havendo diferenças e semelhanças sobre a interpretação de um mesmo acontecimento. A compreensão sobre o acontecimento social midiático é, de certo modo, manipulada para aqueles que só veem determinados meios de comunicação. Isso dificulta um olhar capaz de ver o outro lado, a outra versão, pontos de vista opostos e conflitantes. Se o sujeito falante entra em contato com um acontecimento social por meio de um único veículo de comunicação, será a apreciação valorativa desse veículo que lançará luz sobre sua compreensão dos acontecimentos.

Diante da atuação manipuladora da grande mídia, parte da sociedade internaliza que ela é uma aliada, defensora dos direitos dos cidadãos. Não consegue descortinar os reais interesses privados ou de grupos particulares que a controlam. A chamada grande mídia brasileira constrói os acontecimentos, ficando a favor de uns e contra outros. A voz midiática também é a porta voz de determinados segmentos da sociedade. Essa voz dá contorno ao acontecimento social, ou seja, o separa de um todo e faz dessa realidade fragmentada, uma verdade definida, pronta para ser apreendida. Isso limita o senso crítico do leitor/ouvinte, impede-o de interagir com diferentes versões de um mesmo acontecimento, para a partir daí confrontar diferentes pontos de vista e tirar suas próprias conclusões com base no pensamento participante, que atualiza sentidos, descortinando o já dado em busca do novo, e não apenas aceitando sentidos já prontos.

O jogo de manipulação da mídia tem o poder de fazer a sociedade defender ideologias contrárias ao bem do próprio povo, de modo que o povo passa a lutar

contra si mesmo. Isso acontece porque o discurso midiático traça um tecido discursivo, no qual coloca como fio principal o bem contra o mal, fazendo a sociedade acreditar nisso. A mídia revela e defende uma suposta ideologia do bem, do necessário, do mais justo em oposição a um enquadramento do mal, do desprezível, do injusto. Para Souza (2016, p. 14-15) a mídia invade nossas vidas de forma que não conseguimos manter um distanciamento necessário para refletir sobre o domínio que ela mantém sobre nós: “Afim são os consensos e as ideias que assimilamos sem refletir e acerca das quais não temos distanciamento reflexivo que escravizam o nosso espírito e nos fazem agir contra nossos melhores interesses”.

A mídia deveria permitir que o próprio leitor compreendesse os acontecimentos a partir de um enquadramento o mais próximo possível do real. Os acontecimentos deveriam chegar até o povo como realidade carregada de contraopiniões, de diferentes pontos de vista. Contudo, o resultado dessa leitura é apresentado à sociedade como uma informação refratada, um dito atravessado pelas ideologias do sistema midiático.

Souza (2017, p. 214) ao referir-se ao papel da mídia no Brasil, diz que a história da sociedade brasileira contemporânea só será compreendida se antes for analisada a função da mídia e da imprensa conservadora, que sempre esteve ao lado dos mais ricos: “É a grande mídia que irá assumir a função dos antigos exércitos de cangaceiros, que é assegurar e aprofundar a dominação da elite dos proprietários sobre o restante da população”. Conforme informações divulgadas na revista CartaCapital¹¹ em 10/11/2015, as concessões públicas de televisão e rádio no Brasil são feitas, muitas vezes, de forma ilegal e com pouca fiscalização sobre o conteúdo divulgado:

Uma série de ilegalidades se embrenham na base do sistema de rádios e TVs no Brasil, afrontando a Constituição e gerando prejuízos para a liberdade de imprensa, conforme aponta o relatório da ONG internacional Repórter Sem Fronteiras. A lista de ilegalidades combinada com a frouxa fiscalização por parte do governo federal resulta no surgimento de oligopólios e em uma situação de pouca diversidade de vozes e ideias, algo danoso à democracia e à representação dos diversos grupos que compõem a sociedade.

¹¹ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/radio-e-tv-no-brasil-uma-terra-sem-lei-8055.html>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

A Grande mídia é marcada pela falta de pluralidade da informação. Isso é decorrente de vários fatores, dentre eles, pela forma como são feitas essas concessões, gerando uma concentração midiática, na qual as emissoras de grande porte se multiplicam em empresas afiliadas que, geralmente, retransmitem aquilo que é divulgado na tv central. Sobre isso, ainda no mesmo texto da revista CartaCapital, temos:

Atualmente, os grupos Globo, SBT, Record e Band dominam 69,4% da audiência televisiva. Os números derivam do fato de esses canais terem empresas afiliadas que, em sua maioria, retransmitem e reproduzem a grade de programação das empresas sede, as chamadas cabeças-de-rede. Por meio das afiliadas, a Globo, maior cabeças-de-rede do Brasil, transmite sua programação para 98,6% do território nacional, seguida por SBT (85,7%), Record (79,3%) e Band (64,1%).

Segundo Souza (2017, p. 217), a Rede Globo está a serviço da elite, dos grupos que mantêm o poder financeiro, tendo uma atuação que não converge com a sua função de emissora de televisão pública, que deveria ser voltada para a pluralidade de informação: “A Rede Globo opera como uma TV falsamente pública, da ditadura até hoje, sem qualquer mudança. Programas especiais são realizados para mostrar a corrupção do Estado e dos políticos, encobrendo o mercado e a ação da própria mídia”. As emissoras de televisão falsamente públicas fingem imparcialidade, fingem lutar pela igualdade social, quando, no entanto, são altamente excludentes em relação às minorias, como postulado por Souza (2017) em relação ao *impeachment* de 2016, no qual a emissora ajudou a impedir a continuidade de um processo de ascensão social das classes menos favorecidas.

No trabalho de manipulação da mídia, esconde-se aquilo que não interessa para argumentar a favor do ponto de vista dela, ressalta-se, ilumina aquilo que pode ser usado contra pontos de vista divergentes. parte da sociedade, muitas vezes, não compreende esse jogo de interesses, comporta-se como marionetes, ficando a mercê do controle de um sistema midiático altamente manipulador e antidemocrático. Comparamos a mídia ao que Bakhtin (2013 [1940]) chama de carnavalização da realidade. A vida passa a ser um faz de conta, uma grande farsa, que tem como palco a vida real, numa versão mascarada. A oposição entre o bem e o mal é tema da farsa, por meio da qual foi construído midiaticamente o processo de *impeachment*.

Serrano (2013) aponta o sistema midiático como o quarto poder, além do Legislativo, Executivo e Judiciário. Segundo ele, esse termo surgiu no período da Revolução Francesa. A expressão tinha um status de superioridade em relação aos outros poderes porque seria uma espécie de vigia dos outros três, o que resultaria em certo controle sobre eles. Contudo, o autor esclarece que o poder midiático, na atualidade não desempenha essa função, uma vez que não consegue manter um olhar imparcial, livre do jogo de interesses pessoais que perpassam a política, o judiciário e a elite econômica, composta por pouquíssimas pessoas no Brasil. Segundo Souza (2016) representada apenas por 1% da população brasileira.

Souza (2016) visualiza entre esses quatro um quinto poder: o econômico ou o poder da elite do dinheiro. Esse desvia o poder midiático de sua função primária, uma vez que, o sistema midiático torna-se subordinado ao econômico. Essa subordinação revela-se como uma troca de favores, uma mútua ajuda. De um lado o poder econômico investe na imprensa, custeia o seu funcionamento. Os grupos empresariais geram renda com a publicidade, o Estado suaviza a política de impostos. Em contrapartida, o sistema midiático passa a defender os interesses desses grupos que detém o poder econômico.

O poder da mídia pode ser muito bem visualizado no encaminhamento e desfecho da saída da presidenta Dilma. O PT adota uma política considerada por muitos como sendo de esquerda, o que significa dizer que criou políticas públicas a favor das classes menos favorecidas, do povo, do cidadão comum e da democracia. Mas para outros, não é de esquerda porque nem o presidente Luís Inácio Lula da Silva, nem a presidenta Dilma Rousseff não reorganizaram o sistema em busca de minimizar a desigualdade social, colocando-se contra quem ganha muito. A criação de políticas públicas favoreceu a melhoria de vida da população com menor poder aquisitivo, mas sem intervir no recebimento de salários altíssimos por uma minoria da população.

O *impeachment* foi resultado de uma luta entre a política de direita e a política de esquerda, não foi uma luta contra a corrupção, como a mídia tentou mostrar. O PT estava no governo, mas enfraquecido político-economicamente, porque foi envolvido, segundo o discurso da grande mídia, em escândalos de corrupção, todavia, a cobertura midiática sobre todo o processo chegou distorcida até a sociedade, revelando aquilo que interessava à elite do dinheiro e escondendo

o que poderia dificultar a manipulação da sociedade sobre a imagem que a política de direita intencionou construir contra o PT.

Serrano (2013) diz que o sistema midiático é “um apêndice dos grupos empresariais”. Isso significa que o sistema midiático, ao contrário do que pretende mostrar, é antidemocrático. Não está do lado do povo, mas do lado daqueles que lhes favorecem o lucro.

Eles ficarão do lado dos bancos que despejam quem não paga a hipoteca, das empresas que fazem demissões para melhorar seus lucros, das corporações que destroem o planeta, desde que continuem contratando publicidade. Assim como defenderão os hospitais e as universidades privadas, que com certeza colocarão mais anúncios do que os serviços públicos (SERRANO, 2013, p.72).

O autor enfatiza que o sistema midiático é movido pelo interesse econômico, capaz de fortalecer o mercado, garantindo lucros. A mídia luta pelo fortalecimento do mercado, apoia os grupos empresariais. Luta violentamente contra todos os que ameacem a elite do dinheiro, uma vez que depende desse estrato, pois, é alimentada por ele, e sobrevive dele. Seu ideal não é a democracia, mas sim, a manipulação da opinião pública para acreditar naquilo que ela julga necessário.

Em um Estado defensor da democracia representativa, na qual o poder político é exercido por representantes eleitos pelo povo, o principal poder é a opinião pública, por isso a mídia torna-se tão forte, uma vez que ela forma opinião. Nesse contexto, o poder judiciário que deveria olhar os acontecimentos mantendo certa distância de julgamentos, acaba corrompendo-se pelo poder midiático também, aliando-se a certos interesses em detrimento de outros, ou seja, não consegue se desvincular do poder midiático e julgar os acontecimentos sem servir aos interesses particulares de certos grupos da elite financeira.

Ramonet (2013, p. 97) ao falar dos três poderes do Estado diz que só dois são políticos: o legislativo e o executivo. Já o judiciário não é político e nem deve ser subordinado a nenhum outro poder, a fim de que possa ser imparcial no seu julgamento: “O poder Judiciário tem que ser autônomo do poder político e de todos os outros poderes factuais (econômicos, militares) para avaliar o que é justo de maneira totalmente independente.” Contudo o que se observa na atualidade é que além do poder Judiciário também ter se transformado num poder político – assim como o legislativo e o executivo –, ainda sofre a interferência de um quarto poder

que é o sistema midiático, responsável, em grande parte, pela formação da opinião pública, ou poderíamos dizer: que tem o poder de influenciar a opinião pública. Para Ramonet (2013, p. 97): “A opinião pública não existe, é claro: ela é o reflexo dos meios de informação de massa”. Segundo esse autor, conhecemos os acontecimentos sociais por meio da mídia, a valoração que atribuímos a esses acontecimentos é resultado do que consumimos na mídia. Contudo, acreditamos que hoje, a grande mídia seja apenas um dos pontos de acesso para esse conhecimento sobre os acontecimentos sociais e para a construção da opinião pública, uma vez que tem crescido o número de *sites*, *blogs* e *tv's* na *internet*, dando ao brasileiro a oportunidade de assistir e lê informações fora da grande mídia.

Enquanto Souza (2016) postula que o quinto poder é o econômico, Ramonet (2013) refere-se ao quinto poder como sendo a contraopinião, que seria uma conscientização da população sobre o caráter manipulador da mídia, ou seja, conscientizar de que a informação não deve ser endeusada como fato verdadeiro e incontestável, reflexo da realidade isento de valoração. Ao contrário, a informação é formada por ideologias. O conhecimento que temos dos acontecimentos midiáticos já é uma interpretação da interpretação, avaliação da avaliação.

O quinto poder, enquanto contraopinião, ganha sustentabilidade nas redes sociais, no poder dado à sociedade de se inserir no espaço jornalístico de forma ativa. A sociedade pode contestar, questionar, refutar, acrescentar, ou seja, pode formar uma contraopinião pública, um discurso que polemiza, que insere a semente da dissonância naquilo que é tido como consenso social. Essa semente é capaz de desvelar o caráter manipulador da mídia e, ao mesmo tempo, revelar uma outra possibilidade de interpretação dos acontecimentos. Isso possibilita apontar para um sentido alicerçado em um ponto de vista que insere na discussão aquilo que é omitido pela mídia. Esse novo ponto de vista revelado pela contraopinião polemiza com as vozes reguladas por forças centrípetas. Inserido no espaço discursivo da informação, atua como uma força centrífuga capaz de dar origem a outras interpretações e valorações diferentes daqueles sentidos consensuais midiáticos.

Considerando os comentários sobre o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, é comum a adesão dos comentadores à ideologia do espaço jornalístico onde são divulgados os textos, ou seja, há certo consenso social entre a ideologia adotada no portal ou *blog* e os comentários postados nesses espaços jornalísticos. Cunha (2012, p. 15) ao analisar e comparar comentários de portais e de blogs,

ênfatiza que as postagens nos blogs tendem a manter maior sintonia com o posicionamento político e ideológico do espaço jornalístico do que os portais, haja vista que possuem uma comunidade virtual mais homogênea. “[...] os blogs têm um público específico, fiel, alinhados politicamente ao autor do texto e à orientação ideológica do blog. Alguns internautas revelam que são verdadeiros ‘habitués’ do site, o que significa que falam de um determinado lugar e de um PDV”. Contudo, também é possível encontrarmos comentários que expressam um ponto de vista diferente, que polemizam com o conteúdo noticiado e/ou com a ideologia adotada pelo meio de comunicação, manifestando uma contraopinião. Entretanto, esses comentários divergentes não possuem força suficiente para tornar essa contraopinião uma oposição forte o suficiente para desestabilizar as verdades criadas na e pela mídia.

Os leitores/comentadores formam um espécie de comunidade regida pela ideologia de direita ou de esquerda defendida pelo espaço jornalístico onde os comentários são postados. Isso garante o apoio das relações dialógicas de aproximação entre os comentários, que na maioria das vezes, são convergentes com a ideologia do espaço jornalístico, havendo grande rejeição a expressão de pontos de vista de ideologia divergente.

Ramonet (2013) discutindo as mudanças na esfera jornalística como o advento do jornalismo *online*, ressalta a contribuição do cidadão comum para a informação:

[...] ao criar um continente midiático inédito, a internet produz um jornalismo novo (blogs e redes sociais), em concorrência direta com o jornalismo tradicional. Cada cidadão tem acesso à informação sem depender dos grandes meios de comunicação, como antes. (RAMONET, 2013, p. 85)

O jornalismo *online* tem grande poder de divulgação de informações, de modo que a divulgação deixa de ser privilégio da grande imprensa e passa a ser direito de qualquer cidadão comum. Quando o internauta passa a ser o divulgador da notícia em uma rede social desvinculada de um jornal específico, ele (comentador) lança sobre essa notícia sua valoração apreciativa, ao mesmo tempo em que visa à reposta do outro. Nesse caso, temos uma maior democratização da informação do que no gênero comentário *online*, uma vez que a notícia é lançada numa rede social fora de um espaço oferecido por um determinado jornal, embora tenha sido produzida, na maioria das vezes, por algum jornal, *blog*, *site* de notícias, etc.

Para Ramonet (2013) as redes sociais possibilitam mais abertamente uma contraopinião, cumprindo muito bem esse papel porque abre espaço para o diálogo, para a inserção da voz do leitor comum, o que pode ser extensivo aos leitores de *blogs* e portais, que passam a divulgar, analisar comentar e até mesmo produzir informação. Nesse sentido, há uma descentralização midiática da informação, antes enclausurada nas mãos da esfera jornalística, e que agora pode chegar ao conhecimento da sociedade, tendo o internauta como divulgador. Ele compartilha nas redes sociais, como no *facebook*, por exemplo, informações, muitas vezes não transmitidas pela mídia hegemônica, ganha voz em *blogs* e portais por meio de comentários.

Isso de certa forma favorece um tom mais democrático ao jornalismo, uma vez que, o sistema midiático enquanto quarto poder, como diz Serrano (2013, p. 73) “não tem nenhuma legitimidade democrática. Ninguém vota nele, ninguém o elege [...] a mídia não tem um contrapoder. O governo tem a oposição, os empresários têm os sindicatos, as empresas têm as associações de usuários.” Faltava uma voz dissonante, um discurso questionador, que tirasse a mídia de sua zona de conforto monológico, e a colocasse numa arena de luta social, na qual o consenso acerca da informação produzida e divulgada fosse polemizado, atravessado por uma força centrífuga, capaz de revelar outros pontos de vista, outras vozes, além da voz midiática. Essa mudança vem se concretizando com o jornalismo *online* dos *blogs*, portais e redes sociais, por exemplo, que funcionam com espaços de expressão da opinião pública.

As redes sociais, bem como portais e *blogs*, ao divulgarem notícias, tendo como agente dessa divulgação o leitor comum, passam a funcionar como contrapoder da mídia. Essa voz divergente, no jornalismo *online*, é a voz da contraopinião, do internauta, que além de divulgar acontecimentos sociais camuflados por certos espaços jornalísticos, pode comentar, manifestar abertamente sua opinião, suscitar a permanência ou derrubada de determinados consensos sociais. O internauta, que está fora do sistema midiático, enquanto quarto poder dominado pela elite do dinheiro tem a possibilidade de ver e divulgar o que o povo precisa saber para conhecer o outro lado da questão, ter acesso a uma ideologia conflitante que possibilite questionar a informação divulgada pelo sistema midiático.

A contraopinião, nesse contexto de grande mídia, é aquela que defende um posicionamento político diferente daquele mediado pelos meios de comunicação de

massa. Na esfera jornalística, em se tratando de jornalismo *online*, temos gêneros que se caracterizam pela enunciação subjetivizada, constituem-se como espaço de autoexpressão, de desvelamento da subjetividade, de emoções, apreciações valorativas marcadas pela expressão de um eu que se sente livre para polemizar, discordar, fazer ecoar uma contraopinião. O comentário *online* é exemplo desse tipo de gênero, que mesmo na esfera jornalística, é altamente inclinado para expressão enfática de um tom emotivo-volitivo capaz de questionar, reivindicar, criticar, denunciar, confrontar pontos de vista consensuais em determinados espaços jornalísticos. Segundo Moirand (1999) *apud* Cunha (2009) a enunciação subjetivizada não pode prescindir dos discursos anteriores

Por outro lado, temos gêneros marcados pela enunciação objetivizada, como a notícia que, geralmente, busca apagar ou minimizar as valorações do sujeito falante. Em um caso ou em outro temos a palavra atual ancorada no já dito, na memória interdiscursiva sobre a relação dialógica existente entre os diferentes discursos que surgem pela retomada da palavra do outro a partir de uma memória interdiscursiva, que Moirand (2007b) *apud* Cunha (2009) diz que: “usa a expressão memória interdiscursiva, porque considera que o discurso se inscreve na circularidade constitutiva e ininterrupta da fala, suscitando assim uma atividade memorial intensa”. Segundo ainda Moirand (2007b) *apud* Cunha (2009) cada gênero apresenta suas especificidades em relação a apreensão do discurso do outro.

No gênero comentário *online*, a fronteira entre um discurso e outro é muito flexível. Os comentadores recorrem ao interdiscurso, a partir do qual os acontecimentos vão se interligando dialogicamente constituindo o tecido da vida real, marcado por encontros e desencontros ideológicos. A mídia possui grande força na construção desse tecido. Moraes (2013) trata o sistema midiático como mercantilização cultural e poder mundial. O autor faz uma síntese desse sistema ressaltando duas de suas características, que são relevantes para construção do acontecimento midiático. A primeira delas é a capacidade que tem a mídia de fixar sentidos e ideologias, formando opinião pública. A população, muitas vezes, compreende a realidade a partir da leitura já feita pelo sistema midiático. Isso, favorece a assimilação de uma realidade refratada, que se torna consenso social, conforme pretendido pela mídia dominante.

A segunda característica é a flexibilidade na apropriação ou deslocamento do uso de uma palavra, que deixa de pertencer a determinado campo ou sentido

ideológico para servir aos interesses de uma ideologia contrária. No contexto de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, podemos destacar a palavra golpe (e golpismo) como caracterização da mídia de esquerda para nominá-lo enquanto tomada de poder, derrubada de ordem constitucional legítima. Já para a mídia de direita essa palavra é utilizada como discurso reportado para representar uma estratégia política do PT para se fazer de vítima. Há, portanto, uma negação do discurso retomado.

Dessa forma, a vida passa a ser configurada num quadro midiático, delimitado pelas ideologias e crenças de um sistema, que tem o poder de construir os acontecimentos. A mídia participa ativamente na direção de uma farsa criada por ela, como mostra Souza (2016), enquanto a sociedade participa como telespectador, como aquele que vê de fora, tendo a ilusão de saber quem está lutando pelo bem comum do povo. Essa caracterização do bem e do mal é traçada ideologicamente a partir de um ponto de vista midiático, que cria e organiza uma argumentação capaz de manipular leitores/ouvintes a acreditarem que os personagens representados pela mídia como “bonzinhos” são os defensores dos direitos do povo, enquanto os personagens “vilões” são aqueles que devem ser exterminados do governo. Assim, configurou-se o espetáculo midiático, *impeachment* da presidenta Dilma. Diante dessa atuação ideológico-partidária da mídia, parte dos comentaristas comportam-se como escravos, como propagadores e defensores de uma política de direita. Cria-se um clima de desordem, de revolta, de refutação de tudo o que não atende a essa ideologia defendida pelos meios de comunicação.

A mídia de direita que pertence à elite econômica, com o apoio das classes dominantes, como a elite empresarial, o congresso, o poder judiciário e outros setores do poder público, têm evidentemente mais força do que a mídia de esquerda. Parte do povo brasileiro passou a defender uma política reacionária, uma política voltada para os interesses das classes dominantes, em decorrência da construção midiática do processo de *impeachment*.

Levando em conta que cada espaço jornalístico cria suas próprias verdades, é necessário que a população tenha acesso a essas diferentes “verdades”. E, a partir daí, que ela tenha uma compreensão responsiva fundamentada não numa realidade acabada, consensual, mas na multiplicidade de realidades construídas pela mídia que formam um quebra-cabeça. Assim, o leitor/ouvinte tem duas possibilidades de compreensão: aceitar de modo relativamente passivo uma dessas

realidades ou se colocar como autor na sua compreensão responsiva. No segundo caso, o falante/ouvinte juntará as peças desse quebra-cabeça conforme sua valoração apreciativa, construindo seu ponto de vista enquanto resultado de uma avaliação que surge do confronto entre diferentes outros pontos de vista.

Antes de iniciarmos as análises julgamos necessário descrever sucintamente categorias relevantes para a hipótese desta tese. O nosso objeto de pesquisa está interligado a diferentes conceitos da teoria dialógica, por isso muitas vezes é difícil separar sistematicamente a discussão de uma categoria de outra. Essas categorias tendem a se intercruzar, a envolver conceitos comuns, a dar respostas para um mesmo objeto. Mas mesmo diante dessa permeabilidade, os casos mais relevantes foram divididos em quatro categorias:

1. Dialogismo interlocutivo e dialogismo interdiscursivo

Incluímos nesta categoria as situações mais voltadas para as relações dialógicas, para a relação entre o discurso do outro e o discurso atual. Nesse sentido, tratamos de dialogismo interdiscursivo, que aponta para vozes do passado, para discursos já existentes na opinião pública, e de dialogismo interlocutivo, que se caracteriza pela sua orientação para o ouvinte. A identificação e análise desses fenômenos dialógicos exigem um olhar para o gênero, para sua forma, conteúdo e estilo.

2. A expressão do tom emotivo-volitivo

Esta categoria concentra, principalmente, os aspectos expressivos, e os recursos gráficos, lexicais e morfossintáticos da linguagem. Esses recursos são utilizados como meio para expressar a entonação do falante sobre o enunciado, causando determinados efeitos de sentido. A análise nessa categoria requer um foco maior na materialidade do texto, entretanto, o contexto extraverbal não é de menor importância, pois, é o que permite atualizar os sentidos a partir do conhecimento compartilhado, das particularidades temáticas, estilísticas e composicionais do gênero discursivo.

3. Ponto de vista

Na teoria dialógica o sujeito falante é sempre um ser de resposta, sempre assumirá um posicionamento frente àquilo que diz ou compreende. Ao falar de ponto de vista, trataremos também de posição axiológica, compreensão responsiva, atitude valorativa, autoria. Todas essas noções, de uma forma ou de outra, se relacionam com o ato de assumir ou expressar um ponto de vista, seja em um contínuo de convergência ou de confronto. Alinhamo-nos ao conceito atribuído por Cunha (2012, p. 7): “o PDV¹² se elabora dialogicamente, na confrontação com outro PDV”. Nesse sentido, ele nasce de relações dialógico-axiológicas entre diferentes discursos apreciados ou proferidos por um falante que não pode eximir-se do ato de ser responsivo.

4. Estilo¹³

Esta última categoria é muito abrangente, e de grande destaque em nossa pesquisa. Falar de estilo é também trazer para a discussão noções como sentido, tom emotivo-volitivo, alteridade enunciativa, gênero, dentre outras. Na teoria dialógica o estilo é de natureza social, constituído por meio de recursos linguísticos que são escolhidos em função de um posicionamento axiológico-dialógico. Portanto os recursos linguísticos não podem ser analisados dissociados do contexto extraverbal, de um gênero discursivo. Ao tempo em que o estilo é de natureza social, também não podemos descartar a singularidade daquele que enuncia a partir de um lugar no existir-evento, ou seja, concebemos o estilo numa relação de imbricação entre o social e o individual.

¹² Ponto de Vista.

¹³ Ressaltamos que o estilo embora seja nosso objeto de pesquisa, também é discutido como categoria, dada a sua importância teórica e relação de interdependência que mantém com outros conceitos da teoria dialógica.

6 UMA ANÁLISE DIALÓGICA DA CONSTITUIÇÃO ESTILÍSTICA DO GÊNERO COMENTÁRIO *ONLINE*

Elaboramos para a análise dos dados categorias coerentes com os nossos objetivos e com o quadro teórico delimitado a partir da teoria dialógica, já discutida nos capítulos teóricos deste trabalho. Contudo, ressaltamos que em coerência com a teoria dialógica, nossa discussão e apreciação em torno do arcabouço teórico é apenas mais um ponto de vista, mais uma apreciação sobre os conceitos e pensamentos já constituídos por entonações diversas, sobretudo, em se tratando da teoria dialógica, que tem sido base para muitos trabalhos científicos.

Como estamos analisando o estilo, tivemos o cuidado em não fragmentar o *corpus* em comentários isolados, pois se assim fosse, estaríamos em dissonância com a nossa proposta. Nosso *corpus* será apresentado em cada categoria de análise em forma de sequências de comentários, sem perder de vista a dialogicidade da cadeia comunicativa na qual eles foram postados.

Outro ponto a destacar é o fato de que na teoria dialógica os conceitos são imbricados uns nos outros numa relação de complementariedade e interdependência, tornando difícil organizar categorias, relativamente autônomas. Geralmente um conceito leva a outro, ou depende de outro, de modo que a teoria dialógica se constitui de um tecido, no qual tudo passa a ser parte de um grande projeto, sendo difícil fazer separações, mesmo para fins metodológicos.

6.1 O DIALOGISMO NO COMENTÁRIO *ONLINE* E AS ESCOLHAS LINGÜÍSTICO-ESTILÍSTICAS DO SUJEITO FALANTE: UMA RELAÇÃO ENTRE FORMA, CONTEÚDO E ESTILO

Nessa seção analisaremos a influência da forma composicional na constituição estilística do gênero comentário *online*. Buscaremos perceber que muitas das escolhas estilísticas desse gênero são orientadas pela forma composicional, que permite a interação entre os internautas leitores. O fato de poder fazer comentários imediatamente após a leitura, leva a uma escrita carregada de emoção e afetividade ou de ódio. Isso decorre de relações axiológico-dialógicas de oposição, crítica, descontentamento, refutação, apoio, convergência, entre outras. Essas relações dialógicas podem ocorrer

interdiscursivamente, ou seja, como réplica ao texto lido ou a outros discursos, e/ou interlocutivamente – réplica a outro(s) comentário(s), réplica endereçada a um destinatário presumido.

Desse modo, o comentário surge como réplica ou reação-resposta a diferentes destinatários (reais ou presumidos). As relações de interação nesse gênero revelam uma grande intensidade de relações dialógicas, que apontam para dentro e para fora da cadeia comunicativa. A interação é fortemente marcada pelo diálogo imediato nesse gênero, que se constitui como uma corrente comunicativa na qual cada comentário é marcado textualmente pela alteridade dos sujeitos falantes, ou seja, a alternância dos sujeitos é marcada verbalmente pelo nome ou apelido criado pelo internauta.

Os comentários analisados em nossa pesquisa tiveram como origem duas notícias que tratam da divulgação do parecer do Tribunal de Contas da União (TCU) com indicação para rejeição das contas de 2014 do Governo Federal, representado pela presidenta Dilma Rousseff. Organizamos o *corpus* em um grupo de quinze sequências de comentários, resultantes de recortes que fizemos acerca de duas notícias. Cada sequência de comentários foi disposta obedecendo à ordem de postagem no todo da cadeia comunicativa. Aqui expomos uma das notícias que deu origem aos comentários do portal Terra.

Quadro 1 – Notícia do Portal Terra.

Impeachment? Contas de 2014 podem cassar mandato de Dilma?

BBC BRASIL.com

7 OUT2015

20h59

atualizado às 22h58

O Tribunal de Contas da União (TCU) emitiu parecer nesta quarta-feira a favor da rejeição das contas de governo da gestão Dilma Rousseff de 2014. A decisão representa uma grande derrota para a presidente, pois será usada por oposicionistas na tentativa de iniciar um processo de impeachment no Congresso. No entanto, não há consenso entre juristas sobre se a rejeição das contas é suficiente para fundamentar um pedido de cassação de seu mandato.

Por 8 votos a zero, a unanimidade dos ministros entendeu que o governo cometeu irregularidades na gestão das contas federais, melhorando artificialmente o resultado do Orçamento do ano passado e evitando assim cortes de gastos em ano eleitoral.

No julgamento, o relator do caso, ministro Augusto Nardes, disse que, somadas, as operações irregulares praticadas pelo governo melhoraram artificialmente as contas públicas de 2014 em R\$106 bilhões. Ele criticou o governo por falta de transparência e disse que suas ações caracterizaram “um cenário de desgovernança fiscal”.

As tentativas do governo de adiar a sessão falharam. Antes do TCU emitir seu parecer, o pedido da Advocacia-Geral da União (AGU) para afastar Nardes do caso foi recusado pelos demais oito membros da corte e por decisão liminar do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Luiz Fux. A AGU argumentava que Nardes é parcial, já que antecipou seu voto contra o governo em diversas entrevistas à imprensa.

Foi a primeira vez que o TCU recomendou a rejeição das contas federais desde 1937, ano em que Getúlio Vargas deu o golpe do Estado Novo. Nos últimos anos, o TCU vinha aprovando as contas do governo Dilma com ressalvas.

No lado de fora do prédio do Tribunal de Contas, que fica perto do Congresso Nacional, manifestantes soltaram fogos de artifício para comemorar a decisão.

E agora?

O parecer do TCU é apenas uma recomendação ao Congresso – são os parlamentares que decidirão em votação no Senado e na Câmara se rejeitam ou não as contas de 2014. Mas não está claro ainda como se dará essa avaliação pelos parlamentares.

Fonte: Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/tcu-recomenda-ao-congresso-rejeitar-contas-de-dilma-o-que-acontece-agora,71ed4b1dd2391cbba021ada96fe00d5bqq23l4gx.html>. Acesso em: 30 out. 2015.

O texto fonte foi publicado pela BBC Brasil ¹⁴ e retomado pelo portal Terra, no dia 07/10/2015. A notícia enquadra-se na esfera jornalística: possui um conteúdo de cunho político. Interessante observar que a esfera jornalística onde circula a notícia é o espaço digital. Trata-se de uma notícia *online* que possui características funcionais diferentes do jornalismo impresso. Dentre essas diferenças, o jornalismo *online* possibilita ao leitor manifestar sua avaliação sobre os acontecimentos noticiados, gerando um espaço de desabafo, críticas, de autoexpressão. O leitor pode, além de ler a notícia e comentários que surgem acerca dela, tornar-se também comentador da notícia ou de outros comentários. Além da notícia, os comentários também contribuem para formar opinião, convencer, argumentar, ou seja, os comentários funcionam como um espaço de autoexpressão da atitude

¹⁴ A BBC Brasil completou, em 2008, 70 anos de existência. São sete décadas de produção jornalística da BBC em português para ouvintes, internautas e espectadores brasileiros. Ao ser criado, o serviço da BBC em português era apenas uma pequena parte da equipe de meia dúzia de jornalistas responsáveis pelos programas enviados para toda a América Latina. O restante da equipe produzia notícias em espanhol. Atualmente, a BBC Brasil tem cerca de 30 funcionários, sendo eles 25 jornalistas, divididos entre sua sede, em Londres, um escritório em São Paulo e correspondentes em Brasília e Washington (EUA). Nossa operação conta ainda com colaboradores em várias cidades do mundo, como Beirute, Buenos Aires, Caracas, Nova York, Lisboa, Madri, Paris, Bruxelas, Roma, Tel Aviv e Hong Kong. A produção jornalística da BBC Brasil é hoje concentrada no site bbcbrasil.com, mas inclui também boletins de notícias transmitidos pelas rádios CBN e Globo e vídeos veiculados na TV pela Band. Os vídeos e boletins de áudio também podem ser vistos e ouvidos no nosso site. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/institucional/090120_expediente_tc2>. Acesso em: 30 out. 2015.

avaliativo-responsiva sobre o conteúdo noticiado, e principalmente, sobre a opinião de outros comentadores.

O *impeachment* foi um acontecimento político midiaticizado. À medida que os acontecimentos iam sendo noticiados e comentados, iam também sendo construídos. Essa construção se deu conforme a valoração ideológica de determinados grupos sociais defendida pelos interesses da grande mídia, que frente ao seu poder de massificação e persuasão acaba criando um grande grupo de seguidores, que geralmente são internautas convictos de que aquilo que ele lê em determinado jornal, portal, *blog*, é uma verdade, um acontecimento já definido, e que está pronto, apenas sendo noticiado tal como é.

Chamamos de grande mídia a imprensa defensora dos interesses da elite econômica, ou da elite rentista. Ela arquiteta toda uma trama de informações objetivando convencer o leitor, fazê-lo ver com os olhos dessa imprensa hegemônica, ou seja, a forma como as informações são dispostas e a frequência leva o leitor a vê-la como o único caminho capaz de levá-lo a uma verdade sobre o acontecimento social construído por ela. Se o leitor não se dá a oportunidade de acompanhar o mesmo conteúdo em diferentes *sites*, em diferentes fontes de informação, ficará restrito a um ponto de vista que não tem na outra ponta uma opinião divergente. Isso empobrece a compreensão do leitor sobre o conteúdo, levando-o a acreditar no que a grande mídia diz.

Considerando o *corpus*, podemos dizer que entre a esfera política e a esfera jornalística não há uma fronteira rígida, ao contrário, o que temos é conteúdo da esfera política, sendo produzido e circulando na esfera jornalística. A esfera jornalística ao se reportar a conteúdos políticos divide-se em dois grandes grupos: direita e esquerda¹⁵. Sobre o primeiro, podemos dizer que é aquele que defende um ideal mais conservador, mais voltado para defesa dos interesses das classes sociais mais ricas. Já o de esquerda prioriza a igualdade social, ou seja, está voltado para as classes sociais menos favorecidas economicamente. Souza (2012, p. 26) ao tratar do conceito de classes sociais diz não ser fácil defini-las, mostrando que o critério econômico – renda e padrão de consumo – não é suficiente. Para o sociólogo, essa

¹⁵ Reconhecemos que as noções direita e esquerda não possuem uma relação excludente, pois, fazem parte de um contínuo que pode ser de direita, extrema direita, de esquerda, esquerda radical ou ainda centro. Contudo, compreendemos a complexidade que é trabalhar uma análise contemplando todo esse contínuo, e ancorados em nosso *corpus*, que revela certa polarização em torno desses posicionamentos políticos, fizemos as análises a partir dos conceitos direita e esquerda.

definição deve ser vista antes de tudo, pelo estilo de vida e pela visão de mundo prática: “[...] temos que estudá-la empírica e teoricamente par definir seu lugar preciso”. No processo de *impeachment*, o discurso midiático trouxe para o cenário de discussão e luta contra o *impeachment* as classes sociais: elite, classe média conservadora, e a classe social representada pelos mais pobres. Cada uma delas teve seu papel na definição desse cenário político, seja numa relação dialógica de apoio ou oposição ao processo. Iniciemos as análises dos comentários¹⁶.

Quadro 2 – CPT1¹⁷

1. Charlie, o Cão Gato:
Mais importante q a cassação da dilmandioca será a prisão do molusco.
2. Pedro Parente :
Charlie, o Cão Gato, qual crime?
3. João:
Pedro Parente, DÃÃÃÃÃ
4. Charlie, o Cão Gato:
Pedro Parente, Formação de quadrilha, corrupção ativa, corrupção passiva, peculato, lavagem de dinheiro, sonegação fiscal, entre outros tantos.
5. Luciana:
Charlie, o Cão Gato, Ah tá, fake. E quando serão condenados? Nas próximas eleições?
6. Charlie, o Cão Gato:
Luciana, espero que logo, logo.
7. Lulo: Muahahahahahaha Quero ver a choradeira dos postadores petebas pagos !
Muahahahahahahahahahahahaa

Fonte: Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/tcu-recomenda-ao-congresso-rejeitar-contas-de-dilma-o-que-acontece-agora,71ed4b1dd2391cbba021ada96fe00d5bqq23l4gx.html>. Acesso em: 30 out. 2015.

Os comentários surgem como uma atitude responsiva a uma notícia que tem como manchete *Impeachment? Contas de 2014 podem cassar mandato de Dilma?* A maneira como cada comentador responde revela sua singularidade, mas ao mesmo tempo aponta para um consenso no que diz respeito à defesa de uma

¹⁶ Os comentário foram copiados e colados com a mesma grafia que foram postados no portal Terra e Blog Luís Nassif Online.

¹⁷ O quadro 1 é relativo á notícia do portal Terra. A numeração dos quadros 2 a 11 é seguido das iniciais CPT (Comentários do Portal Terra), terminando com um número que indica a sequência dos quadros de comentários . Por exemplo: Quadro2 – CPT1. É o segundo quadro , mas o primeiro de comentários relativos ao Portal Terra, haja vista que o quadro 1 é a notícia. Os quadros relativos ao blog seguem a mesma organização. O quadro 12 é a notícia do blog Luís Nassif Online, e do 13 ao 17 são comentários. Por exemplo: Quadro 13 – BLNO1. Quadro de número 13, mas o primeiro com comentários do Blog Luís Nassif Online.

política de direita, que se revela favorável ao *impeachment*. Os comentários referem-se não apenas ao processo, mas ao PT, como réu, num contexto midiático, no qual todas as escolhas linguístico-estilísticas são feitas tendo em vista uma argumentação favorável a naturalização desse ponto de vista. Ao leitor de notícias *online* é oferecido um espaço de interação e discussão que permite sua expressão valorativa sobre a realidade noticiada e sobre a opinião de outros leitores. Esse espaço constitui-se como uma rede social, na qual o discurso de cada leitor é um fio na tessitura dessa rede de muitas vozes, que olham para um mesmo objeto, que é o discurso midiático acerca de um determinado acontecimento social. Essas muitas vozes se organizam na esfera jornalística em diferentes gêneros discursivos, dentre eles, no comentário *online*. Esse gênero mantém grande semelhança com o diálogo face a face. Contudo, também apresenta diferenças. Cunha (2012, *apud* François 1984; 1988) compara os comentários *online* ao diálogo espontâneo entre crianças, carregados de um tom lúdico, de uma atmosfera de brincadeiras. No *corpus* analisado encontramos o deboche marcado pelo riso, pela ironia, por insulto, ou seja, muitas vezes uma maneira divertida de criticar, de expressar uma axiologia negativa, disseminando o discurso de ódio.

Enquanto o diálogo face a face precisa no mínimo de dois interlocutores reais, pois a réplica é endereçada a um ouvinte específico, no comentário, os enunciados podem replicar diretamente outro comentário ou não, sem precisar necessariamente de uma interlocução direta. No *corpus* analisado é muito recorrente a interlocução direta entre um comentador e outro, pois muitos dos enunciados, sendo comentários de comentários, dialogam entre si, conforme se pode observar no quadro 2. Contudo, ao mesmo tempo em que há esse dialogismo interlocutivo com endereçamento específico, marcado pela alternância dos sujeitos que interagem diretamente na cadeia comunicativa, como acontece nos comentários de 1 a 7, também, há dialogização com outros discursos externos que integram dialogicamente a voz dos comentadores – o dialogismo interdiscursivo.

Nesse último caso, podemos visualizar o dialogismo interdiscursivo no comentário 4 que faz alusão a várias acusações sofridas pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva. Todos os crimes aos quais o comentador se refere, formação de quadrilha, corrupção ativa, corrupção passiva, peculato, lavagem de dinheiro, sonegação fiscal, dentre outros, tiveram uma construção midiática, chegaram ao conhecimento do povo, a partir de recortes e de valorações atribuídas pela mídia.

Referindo-se ao dialogismo interdiscursivo, Cunha (2011) explicita que um dado comentário pode fazer menção a discursos outros que podem dialogar com o texto fonte, que deu origem à sequência de comentários em questão, ou a discursos exteriores a essa discussão, ou seja, que não sejam relacionados diretamente à notícia. Isso é perceptível, logo no primeiro comentário “*Mais importante q a cassação da dilmandioca* será a prisão do molusco”, no qual o comentador usa a expressão “dilmandioca”, fazendo alusão a um acontecimento que remete o leitor para fora do texto fonte, recorrendo a algo anterior, que é o discurso¹⁸ de Dilma Rousseff numa cerimônia de jogos indígenas, durante a qual ela saúda a mandioca como forma de valorização da cultura indígena, referindo-se à raiz como um dos principais alimentos desse povo. Essa atitude gerou muitos comentários e críticas nas redes sociais. A palavra “dilmandioca” foi bastante usada pelos internautas como forma de deboche, de escárnio. Contudo, se alguém ler o comentário 1, sem ter o conhecimento sobre isso e sem fazer parte desse horizonte social, não compreenderá o sentido que há nessa escolha linguístico-estilística, do ato de nomear a presidenta por “dilmandioca”.

Ao retomar essa palavra, o comentador traz não apenas uma materialidade linguística, mas acima de tudo, o próprio acontecimento social no qual a palavra foi usada anteriormente. A palavra por si só não tem sentido, mas quando ativa no seu leitor o elo dialógico entre o presente e o passado e, por conseguinte, o contexto extralinguístico, nutre-se e reveste-se de sentido atualizado. A valoração apreciativa embora resgate o valor pejorativo dessa expressão usada pelos internautas para nomear a presidenta nesse contexto anterior, dá à palavra nova entonação no contexto desse comentário. Agora é uma nominação ainda de sentido mais amplo por ter sido revestida por mais um ponto de vista, que dialoga com o passado e se revitaliza no discurso atual. Ele valoriza o *impeachment* em uma escala que coloca a prisão de Lula como mais importante.

O internauta não leva em conta que a presidenta estava numa cerimônia de jogos indígenas e que a mandioca é símbolo dessa cultura. Para ele, interessa criticar, debochar, por isso usa a expressão, que agora é retomada no contexto do comentário 1, para do mesmo modo depreciar a presidenta Dilma. Ao fazer uso de nominações como “dilmandioca e molusco”, o internauta revela seu tom emotivo-

¹⁸ <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/06/1646966-em-cerimonia-com-indios-dilma-sauda-mandioca-e-fala-de-mulheres-sapiens.shtml>

volitivo de oposição ao governo PT, atualizando o sentido desses nomes em um novo contexto.

O sentido da palavra, o horizonte social no qual ela é usada vai muito além do que está explicitado linguisticamente, por isso é preciso que o leitor tenha conhecimento sobre o acontecimento que deu origem à expressão “dilmandioca”. A comunicação deve manter elo com a vida real para que se possa conectar o linguístico ao social, gerando uma compreensão responsiva sobre o enunciado. Essa compreensão é ancorada na vivência particular de cada leitor e ao mesmo tempo iluminada pelo grande diálogo da vida real, que faz da comunicação concreta um todo formado de muitas partes que constituem uma cadeia comunicativa nutrida pelas relações dialógicas.

Ao usar o termo “dilmandioca” o comentador atende tanto a aspectos composicionais e temáticos, quanto estilísticos do próprio gênero. A abertura que se tem para usar expressões como essas para nomear pessoas do mais alto cargo da hierarquia política, como de uma presidenta da república e um ex-presidente, não é possível em outros gêneros, como por exemplo, na própria notícia. Ao invés de chamar o presidente pelo nome “Lula”, o internauta o chama de molusco. Ele indica um tom depreciativo nessa nominação, uma entonação negativa que desqualifica Lula, enquanto nome próprio, e o relaciona a um minúsculo animal invertebrado. Essa nominação reflete uma linguagem satírica num tom de escárnio e de zombaria. Isso é muito característico da linguagem carnavalizada, que encontra uma alternativa alegórica para refletir e refratar a realidade. A nominação Lula Molusco atribuída ao presidente parece fazer alusão ao personagem do desenho Bob Esponja, que tem dado origem a muitos textos divulgados na *internet* associando o personagem do desenho ao ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Essa nominação pode ir além da semelhança do nome, tendo o propósito de debochar, criticar, desqualificar. A analogia (seja verbal ou não) feita entre o político e o personagem do desenho animado tem sempre um valor depreciativo, de carnavalização da figura do ex-presidente. A nominação reflete e refrata uma linguagem carregada de humor, ironia e sarcasmos. O personagem Lula Moslusco ¹⁹

¹⁹ O personagem é um [polvo](#) antropomórfico e embora seu nome possua a palavra “lula”, ele tem apenas seis tentáculos. Squidward vive em um [moai](#) situado entre as residências de [SpongeBob](#) e [Patrick](#). O personagem é retratado como mal-humorado, manipulador, pretensioso, cínico e incrivelmente hostil, além de desprezar fortemente seus vizinhos por seu comportamento constantemente irritante e

é caracterizado como alguém mal-humorado, manipulador, pretensioso ou seja, sua imagem é representada de forma negativa. Desse modo, ao associá-lo ao ex-presidente, os *internautas* podem ter como motivação não apenas a semelhança dos nomes, mas também o propósito de atribuir ao ex-presidente as características comportamentais da personagem como forma de crítica e depreciação.

O contexto permite ao comentador 2 (Pedro Parente) resgatar o sentido da denominação “molusco” numa interação interlocutiva direta. A forma composicional do gênero “comentário” aponta para a necessidade de uma interlocução entre comentadores num meio interativo que, embora mediado pela escrita, apresenta características estilístico-formais próximas da oralidade. O sujeito comentador é parte integrante de um diálogo que tematiza um acontecimento produzido na e pela mídia, no espaço político-jornalístico *online*. Com base no quadro 2, podemos verificar que os comentários referem-se direta ou indiretamente ao acontecimento midiático *impeachment*. Entretanto, embora eles mantenham relação dialógica com o tema da notícia, dialogam entre si, replicando uns aos outros, como se pode observar na sequência de comentários: o 1, de Charlie, o Cão Gato é replicado diretamente pelo internauta Pedro Parente, que pergunta: *qual crime?*. Sua réplica pode ser interpretada como um questionamento, discordância, crítica em relação a Charlie, o Cão Gato. Observemos o quanto esse gênero é dialogal, aberto à continuidade do discurso. Os comentadores vão inserindo-se na cadeia comunicativa, tendo em vista um grande diálogo, a possibilidade de gerar novas réplicas.

Ao clicar em enviar comentário, o internauta dá por concluído seu enunciado para ser lido e replicado pelo outro, que pode ser qualquer leitor do portal. O mesmo leitor pode inserir-se várias vezes no diálogo, como por exemplo, o “comentador Charlie, o Cão Gato”, que inicia a sequência de comentários, e depois se insere novamente, respondendo a outros comentadores. As ferramentas disponibilizadas pelo espaço digital para inserção dos comentadores na cadeia comunicativa aproximam e diferenciam esse gênero do diálogo face a face. O comentador se depara com uma sequência de comentários, podendo replicar a qualquer um, possibilitando a conversa entre diferentes participantes da comunicação. No entanto,

barulhento. No entanto, a dupla não tem conhecimento da antipatia de Squidward em relação a eles, considerando-o um amigo. Squidward trabalha como operador de caixa no restaurante Krusty Krab, onde sua atuação é apática.[...] Squidward anseia pela paz, mas seus desejos continuam em vão. Ele acredita que é talentoso e merece um *status* social mais elevado, mas a população em geral discorda.

nem sempre no comentário teremos um destinatário definido explicitamente como na conversa, mas mesmo assim o destinatário sempre estará presente, mesmo que implicitamente.

A aproximação do gênero comentário *online* com o diálogo espontâneo determina muitas de suas características estilísticas. O modo de expressão da posição axiológico-dialógica do comentador ou de outra voz inserida no comentário, terá uma interdependência tanto com a forma composicional quanto com o conteúdo-temático. Assim, o estilo se concretiza nas escolhas linguísticas que são orientadas tanto pela forma, quanto pelo conteúdo e, especialmente, pela posição axiológico-dialógica do comentador.

A expressão “DÃÃÃÃ”²⁰, por exemplo, no comentário 3 soa como uma interjeição, como expressão de sentimento de crítica que ironiza o comentador replicado, ou seja, ele idiotiza o outro pelo questionamento tomado como óbvio. Essa palavra é fortemente marcada por um valor axiológico, que indica a posição valorativa frente ao que foi dito pelo comentário 2. Constitui-se como resposta, dialoga com o que foi dito antes, tem um destinatário, confronta um discurso, revelando reprovação, contestação e depreciação. Essa expressão no contexto que foi usado, enquanto réplica, retoma o comentário anterior, imprimindo sobre ele um valor axiológico. A réplica contém a dupla fala do outro. Ao tempo em que responde, suscita resposta do outro. Ao replicar diretamente, o falante incorpora, implicitamente ou não, o discurso replicado. Assim, temos na réplica no mínimo duas vozes, aquela do discurso anterior e a do discurso atual.

A expressão “DÃÃÃÃÃÃ” tem uma extensão linguística muito reduzida, mas em conexão com o contexto extralinguístico, que envolve não apenas o comentário replicado (Qual crime?), mas todo um contexto extralinguístico do comentador 1, ela adquire uma entonação capaz de revelar um valor axiológico, um autor e destinatário, portanto, constitui-se como réplica. O comentador parece querer gritar para seu interlocutor direto, expressando uma carga de emoção muito intensa, um estilo voltado para autoexpressão de um sujeito que concretiza seu enunciado em um gênero propício ao exagero da entonação. Para expressar essa entonação

²⁰ Conforme pesquisado em dicionário online, essa expressão significa “Interjeição usada quando alguém diz alguma besteira”. Disponível em: <www.dicionario informal.com.br/dããã/>. Acesso em: 20 jun. 2017.

carregada de valoração apreciativa, o comentador busca recursos linguístico-estilísticos possibilitados capazes de expressar essa entonação, o estilo hiperbólico e alegórico, próprio de uma linguagem carnavalizada.

Ao usá-la, o autor responde com deboche, considerando implicitamente o comentador Pedro Parente idiota por não conhecer aquilo que o outro entende ser amplamente conhecido e divulgado sobre o governo do PT no espaço midiático. O comentador 1, Charlie, o Cão Gato, revela no seu julgamento e valoração apreciativa um posicionamento político, encerrando em sua fala versões construídas por uma mídia que seleciona e divulga apenas aquilo que lhe interessa para formação de opinião convergente com certos interesses e em oposição ao PT.

Ele faz alusão a várias acusações sofridas por Luís Inácio Lula da Silva, mas a maneira como ele diz já sentencia o ex-presidente. Todos os crimes aos quais ele se refere “formação de quadrilha, corrupção ativa, corrupção passiva, peculato, lavagem de dinheiro, sonegação fiscal, dentre outros tantos” tiveram uma construção midiática, chegaram ao conhecimento do povo, a partir de recortes, de valorações atribuídas nos meios de comunicação hegemônicos. No momento de publicação do comentário, o ex-presidente não havia sido condenado juridicamente por nenhum desses crimes, mas o comentador enuncia como verdades confirmadas.

A mídia constitui-se assim, como uma grande rede de propaganda traçada minuciosamente pelo olhar daqueles que defendem interesses das classes dominantes. Ela precisa de um auditório, precisa ter sua voz ouvida e aceita como verdade pelos leitores/ouvintes. Parte do jornalismo online da “grande mídia” atende muito bem ao propósito comunicativo de construção de acontecimentos sociais midiaticizados, valendo-se não apenas da notícia, mas também dos comentários, que muitas vezes contribuem para o mesmo propósito. Entretanto, o comentário, ao contrário da notícia, não precisa fingir ser objetivo e imparcial.

O comentador pode inserir-se em qualquer ponto da cadeia comunicativa, além de poder escolher a opção “comentar” ou “responder”. Nesse último caso, o internauta escolhe outro comentário o qual replica diretamente, participando de uma interlocução com alteridade enunciativa marcada linguisticamente. A sequência comunicativa forma um espaço discursivo no qual as pessoas mantêm relativa tipificação no modo de agir e responder. Essa relativa tipificação, considerando o *corpus* analisado, é perceptível em nível dos três elementos constitutivos do gênero

(tema, estilo e forma composicional). A maioria dos comentários apresenta certo consenso em relação ao posicionamento político frente à possibilidade de afastamento de Dilma Rousseff do cargo. Os comentários são também estilisticamente parecidos no tocante às escolhas linguísticas, e na maneira como organizam as relações dialógicas com o discurso do outro, sendo recorrente, por exemplo, a alusão e a ironia, como veremos ao longo de nossas análises.

As réplicas constitutivas do gênero comentário *online* são muito variáveis em sua composição estilístico-composicional. Há comentários formados apenas por um ponto de interrogação, *emoticons*, por onomatopeia, ou apenas por uma palavra. Podemos considerá-los um gênero? Não seriam apenas palavras, sinais gráficos pertencentes ao gênero? Em nossa pesquisa adotamos a concepção de que o gênero comentário *online* deve ser visto como cada réplica constitutiva da cadeia comunicativa formada pelo conjunto de comentários que segue após a notícia.

Desse modo uma expressão como DÃÃÃÃÃ é um gênero quando visto como um todo discursivo que se relaciona interlocutivamente e interdiscursivamente com outros enunciados. Esse enunciado surge como resposta ao que foi dito antes, portanto, já traz em si a voz refutada, lança-se como abertura para outras réplicas. Pensando esse enunciado enquanto comunicação real, temos que ler além do que está materializado linguisticamente, ver aquilo que só o contexto extralinguístico nos permite compreender. Portanto, ao mesmo tempo em que compreendemos a expressão DÃÃÃÃÃ enquanto gênero do discurso também reconheceu que apartado do espaço comunicativo formado pela notícia e pelos outros comentários, essa expressão não seria “gênero comentário *online*”, mas apenas uma palavra, ou expressão no aguardo de ter seu sentido atualizado em contexto real de uso. Entendemos que o comentário, por mais curto que seja linguisticamente, será um gênero porque revela o acabamento do todo, ou seja, o acabamento composicional marcado externamente pela alternância dos sujeitos, isto é, pela possibilidade de construção de outro enunciado.

Nesse gênero há uma forte interdependência interlocutora e interdiscursiva entre os comentários. A orientação estilístico-composicional que influencia a organização dos comentários em forma de diálogo é característica das ferramentas disponibilizadas no espaço digital.

O comentador 4. Charlie, o Cão Gato responde ao 2. Pedro Parente, apontando quais crimes é atribuído a Dilma e ao Lula: “*Formação de quadrilha, corrupção ativa, corrupção passiva, peculato, lavagem de dinheiro, sonegação fiscal, entre outros tantos.*” Fora da cadeia de comentários essa lista de crimes não constituiria um enunciado, pois seu sentido é totalmente atrelado ao todo, à notícia e aos outros comentários. Ele não diz quem cometeu os crimes, nem exatamente a quais crimes se referem com a lista. Supõe-se o conhecimento compartilhado dos leitores. Além disso, é característica do gênero comentário *online* de notícias publicadas em portais, ser formado pela sucessão de enunciados relativamente curtos, marcados fortemente pelo conhecimento compartilhado.

Charlie, o Cão Gato mantém uma interlocução direta com outros comentários, mas também traz o dialogismo interdiscursivo, haja vista que não é apenas uma réplica direta, mas parte de um diálogo maior. Ele não dialoga apenas com o comentário replicado, mas com tantos outros discursos presentes na esfera política e jornalística. Ao falar de formação de quadrilha, o internauta faz alusão ao mensalão, esquema de compra de votos de parlamentares, segundo acusação feita no mandato de Luís Inácio Lula da Silva. Entretanto, sabemos que há comprovação de que a reeleição de Fernando Henrique Cardoso em 1998 aconteceu por meio da compra de votos, como podemos ler em texto da revista Carta Capital²¹. Para Souza (2016), o mensalão foi à primeira ação para tirar o PT do governo.

O mesmo comentário ainda faz alusão à Operação Lava Jato, na qual Luís Inácio Lula da Silva foi acusado de praticar os crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro por meio de contratos firmados entre a Petrobras e a empreiteira Odebrecht. A valoração apreciativa do internauta em relação a esse acontecimento também recai negativamente sobre o PT, deixando de fora o envolvimento de políticos de outros partidos. Essas alusões são suficientes para percebermos o posicionamento político do internauta e o quanto é significativo o aspecto extraverbal. A simples referência à Petrobras e à empreiteira Odebrecht é capaz de acionar um universo muito grande de discursos que explicam, acusam, questionam, relatam, defendem certos interesses em detrimentos de outros. A alusão a esse acontecimento relaciona-se a muitos outros que mantém entre si certas ligações necessárias para a construção

²¹ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/uma-luz-sobre-o-escandalo-da-reeleicao-de-fhc>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

e atualização dos sentidos no contexto de discussão do processo de *impeachment* da presidenta Dilma.

O enunciado pode ser formado por vários movimentos discursivos, como acontece no comentário 5. *Ah tá, fake. E quando serão condenados? Nas próximas eleições?* Vejamos que além dessa alteridade enunciativa proporcionada pelo acabamento da forma composicional externa, temos também, a alteridade enunciativa interna, ou dialogização interna que exige um posicionamento responsivo do leitor ao término de cada um desses movimentos discursivos. Quando o gênero for formado por mais de um movimento discursivo, será formado também pela dialogização interna, uma vez que, além da possibilidade de réplica exigida pelo acabamento composicional, o enunciado concreto também é marcado pela alteridade enunciativa que exige réplicas internas. Nesse comentário temos três movimentos discursivos, cada um deles marcado internamente em suas extremidades pela possibilidade de réplica.

Percebemos na fala de Luciana: *Ah tá fake*, uma entonação de descrença, de ironia em relação à fala replicada. Essa expressão que linguisticamente confirma o dito, não o valida valorativamente, ao contrário, polemiza com ele, revela um ponto de vista divergente quanto à crença sobre a possibilidade de prisão de Luís Inácio Lula da Silva e o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Os dois questionamentos feitos pela internauta levam a uma dialogização interna. Ao questionar: *E quando serão condenados*, o comentador traz implícito em si o comentário 4, ao qual replica, e ao mesmo tempo que o replica, também exige para sua fala uma compreensão responsiva do outro – uma réplica. Interessante ainda observar que o movimento seguinte que compõe esse comentário, *nas próximas eleições?* surge como uma pergunta retórica, na qual a comentadora, por adotar um posicionamento de esquerda e ser, portanto, contrária ao *impeachment*, ironicamente diz que o PT será condenado, deixando implícita a afirmação de que ele vencerá as próximas eleições.

Sobre o funcionamento da pergunta retórica Cunha (2013b, p. 371) esclarece: “A pergunta retórica funciona como afirmação da formulação interrogativa”. Considerando que Dilma Rousseff foi eleita para seu último mandato em 2014 e que os comentários foram publicados em 2015, os questionamentos dela apontam para a afirmação de que o PT continuará no poder, ou seja, de que a presidenta não sofreria *impeachment*, ficando no governo até as próximas eleições em 2018.

A internauta extrapola o conteúdo da notícia, uma prática que é comum no gênero comentário *online*, constituindo-se como marca estilística desse gênero. Ela traz para seu discurso acontecimentos outros que não mantêm uma relação direta com o acontecimento noticiado. A comentadora passa a falar das próximas eleições, antecipando um acontecimento futuro. O tema da notícia que é a reprovação das contas e, conseqüentemente, o *impeachment*, parece assumir um lugar secundário no comentário 5, frente a outros temas abordados, tais como acusações feitas ao ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva e eleições presidenciais 2018.

Luciana acusa o comentador replicado de usar identificação falsa no espaço digital, chamando-o de *fake*. Essa é uma prática muito recorrente nesse gênero, contribuindo para uso de uma linguagem carnalizada, marcada por valorações depreciativas que muitas vezes, desrespeitam, caluniam, denigrem qualquer pessoa sem preocupação ética sobre o que se diz. Cunha (2013a) ao tratar da violência verbal em comentários, aponta como possível justificativa para a violência dos internautas nesse gênero, o anonimato dos internautas favorecido pelo espaço digital, sendo, portanto, ambiente propício para o livre curso das reações emotivas.

No jornalismo contemporâneo, não apenas o comentador pode ser um *fake*, mas hoje, a própria notícia pode ser: as *fake News*. Essa prática tem causado grande polêmica, muitas vezes são percebidas como verdades, causando prejuízos para aqueles envolvidos nos acontecimentos noticiados sem veracidade. Conforme Branco (2017) os *sites* de notícias falsas são motivados por diferentes fatores, tendo como motivação o humor, a leviandade que tem como propósito enganar, manipular informações reais em busca da defesa de determinadas ideologias, a falta de seriedade e rigor na checagem de informações, por isso, às vezes, mesmo *sites* de boa reputação divulgam notícias falsas de forma não intencional.

O *fake* comentador passa a ser uma realidade do jornalismo *online*, contribuindo para o anonimato daquele que comenta e publica de um lugar que, de certa forma, dificulta a identificação de sua autoria e reponsabilização sobre o que diz. Assim, o *fake* pode ser caracterizado também, como espaço de carnalização, como uma máscara que protege, que possibilita a autoexpressão de um ser que se vê livre do julgamento direcionado a ele, pois na condição de *fake* ele passa a ser apenas um internauta, podendo interagir, replicar e ser replicado sentindo-se protegido pelo anonimato. A condição de comentador anônimo favorece a

carnavalização no comentário *online*, podendo suscitar o discurso de ódio, que no caso dos comentários analisados, geralmente se voltam para o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, para a presidenta Dilma Rousseff, para o PT como entidades sobre as quais recai esse discurso, que geralmente, extrapola o que está relatado na notícia, trazendo outras questões que contribuem para intensificar a agressividade, o tom pejorativo, o ódio.

Charlie, o Cão Gato, insere-se novamente (comentário 6). Respondendo a Luciana, ele expressa seu desejo de ver o governo do PT afastado. O fato de muitos dos comentários serem réplicas diretas a outros internautas permite que o enunciador incorpore, no plano do conteúdo, a fala do outro, sem expressá-la linguisticamente como na polêmica velada. O tom emotivo do comentador 6 ratifica o julgamento que ele faz no comentário 1, ao considerar Dilma Rousseff e o ex-presidente culpados pelos crimes listados por ele.

O deboche, o riso, a sátira, a inversão no plano material e comportamental, característicos do carnaval, são marcas constitutivas de uma cosmovisão que pretende romper com verdades universais naturalizadas pelas esferas ideológicas superiores. O comentário 7. Lulo: *Muahahahahahaha. Quero ver a choradeira dos postadores petebas pagos ! Muahahahahahahahahahahahaa*, debocha de supostos partidários do PT, que segundo ele, são pagos para postarem comentários defensores da política de Dilma e de Luís Inácio Lula da Silva. O deboche se inicia com a imitação do choro, como sinônimo de derrota, ou seja, prisão do ex-presidente e *impeachment* de Dilma Rousseff. O choro nesse caso pode ser visto como derrota do PT e riso do comentador Lulo. Temos aí outra marca da carnavalização: essa dupla orientação estilística marcada pelo discurso bivocal, por valores contraditórios: o choro de um é o riso de outro.

Não importa a extensão linguística ou o recurso semiótico usado para construir sentido, o mais relevante para caracterizar um texto como gênero comentário *online* é o engajamento dialógico desse comentário com o contexto extraverbal, que o constitui como parte de um todo, preenchendo-o de informações não visíveis na materialidade linguística, mas possíveis de serem regatadas nas relações dialógicas interlocutivas e interdiscursivas. Fazem parte da atualização do sentido tanto os interlocutores, quanto a esfera comunicativa na qual o dito é produzido, circula e é apreciado, bem como qualquer elemento extraverbal que, de algum modo, dialogue com esse dito.

O funcionamento do comentário *online* é muito direcionado pelas possibilidades de ação oferecidas pelo espaço digital, um espaço discursivo no qual os sujeitos sentem-se motivados a comentar, formando uma cadeia comunicativa composta por um ou mais comentários. Geralmente esse espaço comunicativo fica aberto a novos comentários por longo tempo, de modo que nem sempre podemos precisar qual é o último. Além disso, alguns já postados podem aparecer excluídos, ou não aparecer mais para os leitores. Compreendemos esse gênero como uma prática de interação interdiscursiva e interlocutiva, que é parte de um diálogo no espaço do jornalismo *online*, mas com uma configuração de organização e funcionamento própria, que o diferencia. Se o espaço discursivo disponibilizado para ação de comentar tiver uma única postagem, nesse caso, essa postagem, será configurada como enunciado e também como gênero, uma vez que preenche esse espaço discursivo, colocando-se como resposta e deixando abertura para réplicas, ou seja, esse único comentário se revela como potencial para a réplica do outro, em sua forma composicional externa, mesmo que não aconteçam.

Em nossa pesquisa, os comentários analisados, dialogam com um acontecimento que envolve toda uma conjuntura de crise política e econômica do Brasil. Isso aponta para o entrecruzamento de muitos discursos, de muitas vozes que ecoam, principalmente, na esfera política e jornalística. Assim, o *impeachment* de Dilma Rousseff não tem o seu início nem o seu fim marcado nessa notícia, ao contrário, faz parte de um contínuo, cujo início e fim é impossível de precisar.

Essa mesma imprecisão acontece com os discursos que ocorrem em torno dos acontecimentos políticos que culminaram com a discussão sobre *impeachment* da presidenta. Dentro desse contexto de construção e entrecruzamento de acontecimentos sociais e discursos, há um grande arquivo de conhecimento compartilhado, de material extraverbal, que serve de âncora para a constituição estilística de um enunciado. Sendo assim, existe uma relação de anterioridade da forma arquitetônica sobre a forma composicional, bem como anterioridade das relações axiológico-dialógicas sobre as escolhas linguísticas. O contexto extraverbal está entrelaçado internamente ao linguístico, definindo-o enquanto material linguístico-estilístico.

A liberdade de expressão subjetiva do comentador e a espontaneidade das relações de interação influenciam a organização das relações dialógicas no gênero comentário *online*. Temos nele, predominantemente, um estilo pictórico no tocante

à incorporação do discurso alheio, ou seja, temos a heterodiscursividade. Não há uma tendência para valorização de certas vozes em detrimento de outras, não há aquelas que mereçam destaque, que sejam tidas como argumento de autoridade (individual) dentro do discurso do comentador porque ocupam uma posição social mais elevada.

Quadro 3 – CPT2

8. Edileuza Caser:

Pois é.... Quando estávamos em plena campanha eleitoral, foi muito divulgado que Lula havia cantado de galo por ai, e dito que "fariam o diabo" para se manterem no poder... O povo então, responde pra ele todos os dias... NÓS VAMOS EXIGIR JUSTIÇA PARA QUE VOCÊS SAIAM DE LÁ....

9. Luciana:

Edileuza Caser, o povo? Qual povo? O dos flats? Dos condomínios de luxo?

10. Allegro Manontropo:

Impeachment, renuncia, não importa. Precisamos nos livrar da quadrilha petista que instalou no Brasil o governo mais corrupto de nossa história. Não vai ter golpe. Esse bando não vai conseguir golpear ainda mais nossa economia e nossa democracia.

11. Luciana:

Allegro Manontropo, tente vencer uma eleição neste século, perdedor chorão.

Fonte: Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/tcu-recomenda-ao-congresso-rejeitar-contas-de-dilma-o-que-acontece-agora,71ed4b1dd2391cbba021ada96fe00d5bqq23l4gx.html>. Acesso em: 30 out. 2015.

Podemos observar que no comentário 8, a voz de Edileuza Caser é apenas uma entre tantas outras com as quais ela dialoga. Começamos pelo emprego da expressão, “pois é...”, que remete a uma réplica, à alteridade enunciativa que marca o início de uma atitude responsiva, seguida de reticências, retomando, embora de forma implícita, outros discursos. A escolha estilística da expressão “pois é....” assim como tudo na linguagem não é neutra. Aponta para um já dito, anunciando uma valoração axiológico-dialógica que relaciona o dado ao que ainda está por vir. Poderíamos questionar: a qual discurso a expressão responde? Qual o ponto de vista que segue? Essa expressão linguística também é um recurso estilístico que dialoga com o contexto da vida real e com os discursos desse contexto inseridos na notícia e nos outros comentários.

Também podemos analisar essa expressão como um marcador discursivo usado para encadear as falas de um todo comunicativo que são os comentários *online* da notícia. Esse marcador sinaliza o diálogo com tudo o que se disse antes

de favorável ou não ao *impeachment* (imediatamente ou em relação a todos os outros comentários e à própria notícia). Contudo a retomada imprime sobre o conteúdo já ideologizado novas valorações apreciativas e, portanto, atualização de sentidos.

O comentário 8 é fortemente marcado pela heterodiscursividade. Para dizer que o *impeachment* é um desejo do povo, a internauta faz a inserção do dito popular “cantar de galo”, onde temos a voz do senso comum que diz que cantar de galo é considerar-se vitorioso antes da hora. Aqui o comentador exime-se da responsabilidade sobre esse dito, haja vista que, ao usar uma terceira pessoa do discurso – a forma verbal “foi divulgado” –, atribui à fala ao outro. Mas quem teria dito? A mídia jornalística de esquerda? O comentador insere a voz de um suposto discurso petista, segundo o qual o PT permaneceria no governo apesar dos esforços contrários da oposição. Ela inicia sua fala com a inserção de supostos discursos do governo PT, que aposta em continuar no poder e finaliza com a inserção em discurso direto de uma fala atribuída ao povo, que acredita ser justa e necessária a saída do PT do governo: *O povo então, responde pra ele todos os dias... NÓS VAMOS EXIGIR JUSTIÇA PARA QUE VOCÊS SAIAM DE LÁ....*

A internauta insere na forma de discurso indireto uma fala atribuída ao Lula: *e dito que “fariam o diabo” para se manterem no poder*, que por sua vez insere em sua fala a voz dos seus partidários políticos, por meio do segmento entre aspas “fariam o diabo”, que inclui outros. Nesse trecho, as aspas apontam tanto para um tom de ironia, de crítica do comentador, como também enfatizam a delimitação das fronteiras entre a fala do comentador e a fala dos petistas. As aspas sinalizam um distanciamento entre discurso citado e discurso citante.

Ao inserir esse discurso no seu, a comentadora imprime no discurso citado o seu tom emotivo-volitivo. Esse tom não coincidiria nem mesmo com o da voz do ex-presidente Lula, nem na voz dos outros partidários do PT, caso tivessem realmente dito. O comentador avalia negativamente o conteúdo temático expresso na voz aspeada e olha para esse discurso com desdém. Ao inseri-lo no seu discurso, o autor pretende desqualificar essa fala, a voz de oposição “do povo”, que dá sustentação argumentativa ao ponto de vista do comentador, que é favorável ao *impeachment*. Contudo, é pertinente questionar: quem é o povo a quem o comentador dá voz? Será que essa voz reflete o desejo

do povo ou é apenas uma estratégia argumentativa do internauta, que expressa o seu desejo por meio de uma voz atribuída ao outro.

A internauta 9: Luciana, dirige-se a comentadora anterior, fazendo perguntas retóricas: O povo? Qual povo? O dos flats? Dos condomínios de luxo, suscitando a resposta de que o povo de quem fala Edileuza Casser é a elite rentista, e não o povo das camadas populares da sociedade brasileira. As questões de Luciana já são sua própria resposta aos defensores do *impeachment*. Ela questiona a afirmação de que povo quer o PT fora do governo, retomando trecho do discurso do outro, transmitindo-o em forma de pergunta retórica: quem é o povo que exige a saída do PT. Ela incorpora a fala do outro em forma de pergunta, polemizando, problematizando o que foi dito. Há, portanto uma entonação de hostilidade, de refutação sobre a voz confrontada.

Seus questionamentos suscitam respostas capazes de atualizar sentidos, de fundamentar o ponto de vista da autora numa relação de oposição com o ponto de vista do comentário replicado. Como pode o povo das camadas populares ser favorável à saída da presidenta Dilma, se a oposição é formada exatamente por aqueles que moram em flats e condomínios de luxo, cujos interesses vão de encontro aos das camadas populares, e querem continuar a usufruir de bens materiais e culturais frutos da desigualdade social? Luciana responde diretamente a comentadora 8, mas também se antecipa para outras possíveis compreensões. Essa orientação para o discurso outro guia o estilo do enunciado dentro de um dado gênero.

Nesse diálogo, insere-se na cadeia comunicativa o comentador 10: Allegro Manontropo, que comunga com o ponto de vista daqueles que argumentam a favor da saída de Dilma Rousseff do governo, dizendo: *Impeachment, renuncia, não importa. Precisamos nos livrar da quadrilha petista que instalou no Brasil o governo mais corrupto de nossa história. Não vai ter golpe. Esse bando não vai conseguir golpear ainda mais nossa economia e nossa democracia.* Esse internauta faz uso do termo “golpe” para dizer que o PT não sofrerá um golpe, ao contrário, o golpe é praticado pelo PT contra a economia e democracia do nosso país. Conforme o ponto de vista do internauta, a presidenta será afastada do governo, mas isso não representa tomada de poder, nem “injustiça”. Esse enunciado traz de forma muito enfática a fala do outro. Ele

retoma diretamente o comentário replicado. Além da inserção do discurso refutado interlocutivamente, temos a relação dialógica interdiscursiva com outros discursos que circulam na grande mídia. A expressão “não vai ter golpe” é marcada pela heterodiscursividade, pela negação do discurso retomado, indica um posicionamento político de direita, que refuta o discurso petista de que o *impeachment* é um golpe.

O discurso do comentador é bivocal, aquele no qual podemos identificar duas vozes diferentes, portanto, dois pontos de vista. Ao dizer *Impeachment*, renuncia, não importa, ele já incorpora dois pontos de vista diferentes da réplica antecipada. De um lado ele coloca a voz da réplica antecipada sobre a possibilidade de saída da presidenta Dilma, do outro a voz daqueles que preferem o *impeachment* e a voz dos que preferem a renúncia. O comentador entra com um terceiro ponto de vista, segundo o qual o importante é que ela saia do governo, de uma forma ou de outra. Do mesmo modo, na negação “Não vai ter golpe”, ouve-se outra voz que afirma: “o *impeachment* é um golpe” – a voz da política de esquerda. A negação se fundamenta dialogicamente na afirmação, surge no confronto com esse ponto de vista, e vice-versa. Em trecho seguinte, ele também diz que já existiram outros governos corruptos: “*Precisamos nos livrar da quadrilha petista que instalou no Brasil o governo mais corrupto de nossa história*”.

Na sequência, a comentadora 11, Luciana, desafia o comentador 10, dizendo: Tente vencer uma eleição neste século, perdedor chorão. Seu enunciado revela um posicionamento partidário-político contrário ao enunciado replicado. Luciana é uma dos poucos internautas a revelar explicitamente um ponto de vista contrário ao *impeachment*, desafiando, por exemplo, o internauta replicado, enquanto apoiador de partidos de direita, a vencer uma eleição. A expressão “neste século” aponta para uma ênfase no descrédito que Luciana tem em relação aos partidos de direita. Além disso, ainda chama o comentador replicado de “perdedor chorão”. Interpretamos que a internauta ao chamar o comentador replicado de perdedor chorão, o relaciona ao senador Aécio Neves, que foi derrotado na eleição por Dilma, e que inconformado tornou-se um porta-voz na luta pelo *impeachment*. O senador ganhou o apelido de “chorão”, sendo criticado e motivo de muito deboche

na mídia jornalística, conforme se observa em trecho de notícia²², na qual o comentarista e apresentador Ricardo Boechat critica o ex-presidenciável Aécio Neves (PSDB-MG) por seu choro de perdedor: “Ninguém tem menos autoridade política do que o derrotado direto por Dilma nas eleições de quatro meses atrás para propor a derrubada daquela que o derrotou”.

Quadro 4 – CPT3

12. Magookid.

Ta começando a melhorar agora as contas vão para o senado vamos ver como eles lidam com isto !!! Tendo o Renan Canalheiros presidindo a coisa fica meio suspeita e nunca se esqueçam quem começou e orquestrou toda esta gagada do desgoverno do pt foi o molusco nine fingers cachaceiro bolso fundo a dilmandioca sapiens completou sentando em cima e rodando !!!! Companheiros, IMPEACHMENT já !!!

13. Dunha Limpão:

Pena que no BRASPIZZA mentira não é crime.

14. João:

Dunha Limpão, corrigindo...BRASPITIÇA

15. Edileuza Caser:

O mais novo mantra do PT é: GOLPISMO....repetem-no 24 horas do dia, sete dias da semana... quatro semana do mês... doze meses do ano... quem sabe assim, depois que o PT for chutado pro espaço, algum deles, jure no futuro bem, bem distante, que foi golpismo que derrubou-os do poder...kkkkkkkkkkkk

Fonte: Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/tcu-recomenda-ao-congresso-rejeitar-contas-de-dilma-o-que-acontece-agora,71ed4b1dd2391cbba021ada96fe00d5bqq23l4gx.html>. Acesso em: 30 out. 2015.

O comentador 12. Magookdi retoma a argumentação favorável ao *impeachment*, sem replicar diretamente a nenhum outro comentário, mas seu dizer se constrói retomando a notícia e a cadeia de comentários. Ele usa uma linguagem com neologismos, alusões, ironia e com grande carga de expressividade. Analisemos:

A heterodiscursividade neste comentário inclui diferentes vozes além daquela do comentador. Ao dizer: *Ta começando a melhorar agora as contas vão para o senado*, o internauta aponta para uma segunda voz que diz: *antes estava pior*. Em: *Vamos ver como eles lidam com isto!!!!*, temos a voz do comentador, mas também a voz do público leitor, a qual o comentador incorpora por meio da primeira pessoa do plural para organizar o seu próprio discurso, mostrando que seu ponto de vista é comum a muitas outras pessoas. Seu enunciado soa como

²² Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/04/boechat-comenta-choro-de-perdedor-de-aecio-neves.html>>. Acesso em: 20 out. 2017.

um convite e ao mesmo tempo configura uma imagem de acordo social de um posicionamento político de direita, de um suposto consenso sobre a necessidade de Dilma ser afastada do governo. Essa voz do interlocutor, que é a voz do leitor do portal, é representada por um público de posicionamento político relativamente comum. Contudo, essas vozes favoráveis ao *impeachment* mantêm uma relação dialógica de confronto com aqueles que não comungam com sua ideologia política.

Continuando a análise, percebemos que o internauta revela sua falta de confiança no presidente do senado, Renan Calheiros, que na época estava envolvido no escândalo da Lava Jato, respondendo a três inquéritos no Supremo Tribunal Federal (STF). Renan Calheiros estava sendo investigado pelos crimes de corrupção passiva, lavagem de dinheiro e formação de quadrilha. Esse descrédito em relação ao presidente do senado é revelado no uso do neologismo ou trocadilho que faz com o nome do Renan Calheiros, chamado pelo internauta de Renan Canalheiros. No uso da expressão “canalheiros” houve a incorporação da palavra “canalha”, fazendo alusão aos crimes pelos quais ele responde. Temos, nesse caso, uma valoração apreciativa marcada linguístico-estilisticamente pela associação do nome do próprio político a um insulto, em tom depreciativo. É comum, no gênero comentário *online* sobre notícias a brincadeira com a linguagem, o uso criativo na formação de neologismo, que muitas vezes, são usados de forma pejorativa como nesse caso.

O comentador culpa o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva por ter iniciado o que ele nomina de “desgoverno do PT”, revelando uma apreciação negativa sobre o governo, durante o qual membros do partido (inclusive Luís Inácio Lula da Silva) estiveram envolvidos em vários escândalos políticos, segundo avaliação da mídia hegemônica, sendo o mais recente o envolvimento com a Operação Lava Jato. Continuando a caracterização negativa sobre o ex-presidente e seu governo, o internauta 12, Magookid, retoma a nomeação “molusco” feita por Charlie, o Cão Gato.

O comentador revela um ponto de vista, que objetiva diminuir e criticar o ex-presidente. Na sequência, chama-o também de *nine fingers*, usando uma metonímia que faz alusão ao fato dele ter apenas 9 dedos²³. O contexto extraverbal é parte

²³ Relato do ex-presidente sobre o acidente em que perdeu um dedo da mão: “quando sofri acidente no trabalho, em 1963, estava empregado na Metalúrgica Independência, de São Bernardo do Campo. As condições de trabalho eram ruins e, para piorar, tudo ocorreu às duas, três da

fundamental para a compreensão desse comentário. A avaliação emotivo-volitiva que o comentador faz do PT é expressa de forma criativa por meio de trocadilhos, alusões escolhas lexicais de palavras com carga valorativa depreciativa, de deboche, como por exemplo, cagada, desgoverno, cachaceiro. O comentador faz uso de uma linguagem com um tom mais livre de convenções sociais como acontece em outros gêneros da esfera pública.

O estilo fundamentado nesse tom é marcado pela linguagem popular, pelo coloquialismo presente em interações espontâneas e simétricas entre pessoas próximas, livres das amarras da norma escrita e das convenções sociais. Nesse gênero, o falante se sente à vontade para expressar sua opinião como se estivesse num espaço destituído de hierarquias sociais, de proibições. Tudo acontece como numa grande festa de carnaval, na qual as pessoas vestem outro traje, podendo assumir identidades que não correspondem àquelas da vida real.

O comentário *online*, no *corpus* analisado, de forma muito recorrente revela um discurso carnavalizado, marcado fortemente pela necessidade de satirizar, de polemizar, ironizar, de debochar, de criticar um ponto de vista contrário. O espaço digital no qual esse gênero é divulgado é um ambiente de interação pública, sem restrição de quem possa participar ou não. Mesmo tratando-se de um espaço público, os comentadores sentem-se à vontade para dizer o que querem da maneira que julgam pertinente. O autor do comentário 12 usa uma linguagem altamente carnavalizada para criticar e debochar do presidente do senado, do ex-presidente da república e da presidenta Dilma Rousseff, referindo-se a essas pessoas como se fossem da mesma posição social que ele, ou até de uma posição inferior, não levando em consideração as formalidades próprias que separam os grupos sociais hierarquicamente pela função social ocupada.

Ele chama o presidente do senado de canalha, Luís Inácio Lula da Silva de cachaceiro e usa uma expressão de deboche, obscena ao se referir à presidenta dizendo “*a dilmandioca sapiens completou sentando em cima e rodando !!!*”. Na expressão “*dilmandioca sapiens*”, o segundo nome²⁴, *sapiens*, é uma retomada do discurso de Dilma Rousseff na cerimônia de abertura dos jogos indígenas, quando

madrugada. Com um pano, tentando conter o sangue, tive de esperar o início do expediente, às seis, para ser atendido pelo médico da empresa”. Disponível em: <<http://seguranotexto.blogspot.com.br/2009/02/lula-conta-como-perdeu-o-dedo.html>>. Acesso em: 14 maio 2016.

²⁴ O uso da nomenclatura – *dilmandioca* – já foi explicado no comentário 1 do quadro 2.

ela refere-se a uma bola de palha como sendo símbolo da evolução do homem: “quando nós criamos uma bola dessa nós nos transformamos em homens sapiens ou mulheres *sapiens*²⁵”. A presidenta recorre ao significado da expressão latina *homo sapiens*, criando uma nova categoria da evolução humana: mulheres sapiens. Ao criticar a fala de Dilma Rousseff, o internauta parece não levar em consideração que ela quis enfatizar a igualdade entre homem e mulher. Ele fundamenta sua crítica no sentido dicionarizado da expressão *homo sapiens*, que já inclui as mulheres uma vez que toma o homem como espécie humana.

Esse discurso não teria sido avaliado nesse tom de zombaria e depreciação, diante de uma plateia de ouvintes partidários do PT, que teriam encontrado motivações outras para ver uma apreciação diferente, ou pelo menos, com atenuação dos aspectos negativos. O destinatário ao entrar em contato com a palavra do outro a compreende conforme as suas próprias valorações axiológico-dialógicas, vendo, avaliando e respondendo conforme um ponto de vista que ele acredita.

A fala do comentador é altamente obscena, desrespeitosa, debochada, criando uma figura grotesca que se coloca em terreno contrário à imagem de perfil social que se tem do representante político de um país. O comentador recorre a denominações capazes de rebaixar o sujeito criticado ao nível mais inferior, recorrendo àquilo que Bakhtin (2013) chama de baixo corporal, que são os excrementos, igualando-nos a todos os outros animais. O comentador usa o termo cagada para nomear a situação política do Brasil, dizendo ter sido o ex-presidente o autor dessa “cagada”. O uso dessa expressão reflete um estilo de livre escolha da palavra, revelando uma linguagem imprópria para ser usada num espaço público, referindo-se a uma figura de notoriedade pública. Nesse mesmo tom carnavalesco, a escolha de “cachaceiro bolso fundo”, traz para esse espaço discursivo outro elemento da carnavalização, que é o estado de embriaguez.

Nesse espaço de carnavalização da linguagem, o comentador polemiza com uma visão comum de apreciar e dizer a realidade conforme normas sociais construídas culturalmente. Ele infringe essas normas usando recursos linguístico-estilísticos que apontam, muito recorrentemente, para uma relação axiológico – dialógica de confronto, portanto, de dupla orientação estilística. Na expressão

²⁵ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/06/1646966-em-cerimonia-com-indios-dilma-sauda-mandioca-e-fala-de-mulheres-sapiens.shtml>>. Acesso em: 14 maio 2016.

dilmandioca, por exemplo, temos uma retomada do discurso de Dilma Rousseff, que é polemizado e refutado pelo comentador, de forma criativa e zombeteira.

O comentador aproveita esse comportamento que ele acredita ser de subversão da ordem comum e utiliza-o como ponto de apoio para seu discurso, isto é, o comentador recorre a um discurso anterior de subversão da ordem comum como argumento para defesa de seu ponto de vista sobre o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Para isso, ele faz os recortes conforme seus interesses, acentuando esse discurso do outro mediante seu ponto de vista. A palavra do comentador retoma do discurso outro apenas aquilo que julga ser favorável para construção e defesa de seu ponto de vista. Assim, o propósito comunicativo primeiro não corresponde inteiramente ao propósito comunicativo do discurso atualizado. São dois estilos diferentes, pois o momento histórico-social também o é. É exatamente essa forma arquitetônica marcada pela linguagem carnavalizada que orienta as escolhas linguísticas feitas pelo comentador. Portanto, o que é dito e como é dito tem uma orientação social. Na vida real, não há possibilidade de isolamento total do objeto, não há acabamento que o defina fora do curso da vida em seu permanente fluxo de vir a ser.

Assim como o existir-evento está em constante processo de mudança e construção, ou seja, não possui um acabamento, o comentário também não possui. A carnavalização é uma maneira conflitante e polêmica de refletir e refratar outra realidade. Podemos dizer que é uma reação a um modo de vida já estabilizado, uma maneira de dizer. Paralelamente a do mundo oficial há outras possibilidades de existência marcadas pela inconclusibilidade de um ser que se encontra em permanente estado de mudança.

O leitor/comentador vê no gênero essa abertura de um estilo irreverente, já convencionalizado pelo uso em um espaço marcado pela autoexpressão de um autor que não se vê obrigado a respeitar a ordem comum da vida oficial. No campo da recepção também não é diferente. Muitos dos leitores de comentários *online* sobre notícias não costumam reagir com surpresa frente aos comentários carregados de desrespeito, depreciação, insultos, zombaria. Isso porque entendem que é um uso comum, um espaço onde se pode dizer tudo da maneira que quiser, desde que ancorados na orientação do gênero. Entretanto, às vezes a depender do tema, do espaço jornalístico, da comunidade virtual e de outros fatores, mesmo havendo essa liberdade de autoexpressão, alguns comentadores reagem a postagens com conteúdo

“impróprio” para a comunicação pública, seja por divergir do ponto de vista do comentador replicado, seja por não concordar com uma linguagem ofensiva. Cunha (2013a, p. 248) ao discutir a violência verbal nos comentários de leitores, publicados em *sites* de notícias, analisa o discurso ofensivo como sendo característica da rotina desse gênero, contudo, esclarece: “Os participantes que se opõem à violência verbal reagem, mas participam do jogo, não abandonando a interação”.

Dessa forma, entendemos que se de um lado o internauta usa uma linguagem que entra em conflito com as convenções de comportamentos sociais e com as convenções da escrita própria da esfera pública, por outro lado, esse mesmo comentador segue uma linguagem e um estilo, que é guiado também por convenções típicas do gênero, que embora apresentem certa estabilidade não são estáticas. Assim, temos ao mesmo tempo a ação de duas forças uma que vai de encontro às normas gerais da vida pública, e outra que vai ao encontro do que orienta o gênero. Essa orientação genérica é marcada pelo uso, pelas normas sociais estabelecidas pelos internautas.

No final do comentário 12 de Magookdi: Companheiros, IMPEACHMENT, já!!!”, a palavra “companheiros” revela uma heterodicursividade, um discurso híbrido, que para Bakhtin (2015 [1934-1936]) é aquele que não apresenta nenhuma marca sintática nem composicional de separação entre um discurso e outro, mas que carrega linguagens e entonações diferentes. Nela temos a fala do comentador, mas também do discurso político petista, especialmente, de Luís Inácio Lula da Silva, que emprega o termo companheiro em situações diversas, dirigindo-se a amigos partidários ou não, como por exemplo, ao presidente dos EUA George W. Bush, conforme uma notícia²⁶ *online* da Folha de São Paulo.

Usando a palavra “companheiros”, o comentador ironiza a voz que é contra o *impeachment*, e, especialmente, a voz do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Há uma dialogização interna entre a linguagem do comentador e a linguagem do discurso petista em um mesmo enunciado. Não há uma marca linguística ou tipográfica que evidencie a presença de dois discursos, de duas linguagens. Há uma mesma

²⁶ O candidato do PT à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, disse que, se eleito, vai discutir a Alca "diretamente com o companheiro Bush" [...] Lula afirmou que conversaria sobre Alca com o presidente dos EUA, George W. Bush, a quem chamou de "companheiro" em tom de brincadeira, ao responder a uma pergunta da Folha se não seria importante um candidato a presidente saber quem é Zoellick. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fofha/brasil/ult96u40603.shtml>>. Acesso em: 20 maio 2016.

construção sintática, mas dois estilos, já que cada voz traz seu próprio estilo, principalmente como resultado de uma posição axiológica. Temos então dois mundos, duas vivências duas intenções, dois estilos. O estilo é carregado de entonação e dialogicidade, fundada na relação entre o eu e o outro.

Vemos nesse enunciado 12 uma transposição de mundos, o internauta ironiza o discurso do ex-presidente, usando-o contra o próprio PT, evocando a urgência do *impeachment* contra a presidenta da república. Temos nessa transposição de mundo uma visão carnavalesca. O comentador carnavaliza a palavra “companheiros”, retirando-a da boca dos petistas para atualizar seu sentido, imprimindo sobre ela um tom irônico, que desvela a voz do internauta de direita.

A palavra “companheiro” no discurso político tem toda uma carga semântico-ideológica, característica do discurso petista. Cereja (2008) trata da atualização do tema da palavra “companheiro” que teve origem no discurso socialista e no contexto das eleições de 2002. Essa palavra ganhou grande recorrência e relevância nos discursos de campanha e no discurso de posse do candidato Luiz Inácio Lula da Silva. Segundo Cereja (2008), essa foi uma expressão máxima do socialismo brasileiro. Depois disso, a palavra “companheiro” passou a ter dentro da esfera política um sentido culturalmente estabilizado, identificador do discurso petista.

Para Bakhtin (2015 [1934-1936]) a linguagem heterodiscursiva sempre apresenta duas consciências. No contexto do comentário 12, temos a consciência representada pelo discurso petista e a consciência da oposição, representada pela voz do comentador. A palavra “companheiros” não pode ser vista apenas como um recurso linguístico. Ela é antes de tudo um recurso estilístico, um nome carregado por um valor ideológico, por um forte diálogo com outros discursos, numa bivocalidade que põe a palavra no centro de um debate dividido por vozes que convergem ou divergem dessa apreciação dada pelo comentador.

O sentido contextual ou sentido atualizado é resultado de uma ressignificação, de uma entonação valorativa. A palavra em sentido dicionarizado é muda, não diz nada a ninguém. É ao tornar-se “prenhe de resposta”, como diz Bakhtin (2003, p. 271), que ela ganha vida, passa a fazer parte do diálogo da vida real. É nesse diálogo vivo que a palavra vai à palavra, a palavra dita é mergulhada na entonação do falante e emerge na interpretação ativa daquele que a escuta.

Sem a existência do elo com outros discursos não haveria atualização de sentido da palavra “companheiro” pelo comentador, não haveria um estilo que reveste

o enunciado de valor, que o conecta ao existir-evento e permite a identificação da presença de tantas singularidades quantas forem as vozes sociais que constituem o enunciado. O fato de o leitor saber que o comentário está inserido na esfera jornalística já indica muitas pistas sobre a valoração dessa palavra nesse novo contexto. A compreensão responsiva do leitor é ancorada tanto no sentido atualizado pelo comentador quanto no sentido anterior, ou seja, aquele atribuído pelo PT. É exatamente o diálogo entre esses dois mundos, somado à compreensão responsiva do leitor, que garante uma valoração axiológico-dialógica no plano da recepção.

Ressaltamos que esse sentido da palavra companheiro só se dá mediante o todo do enunciado e a relação desse todo com outros enunciados anteriores, pois se isolarmos a palavra “companheiros” evidentemente o sentido será o sentido dicionarizado – o sentido comum. Porém, nesse contexto enunciativo do comentário 12, as entonações valorativas deslocam não o sentido dicionarizado para outro, mas o sentido já atribuído pelo discurso petista, ou seja, esse sentido é deslocado de um espaço valorativo de uma política de esquerda para um espaço de política de direita. Passa a ter um sentido atualizado resultante de uma valoração axiológico-dialógica, que envolve atitude avaliativo-responsiva capaz de tirar uma palavra de seu estado de latência, dando a ela vida, ou seja, iluminando-a com um sentido que será um entre muitas outras possibilidades.

No comentário 13, Dunha Limpão: *Pena que no BRASPIZZA mentira não é crime*, devido à forma composicional do gênero, o internauta se insere na sequência comunicativa, retomando implicitamente o conteúdo da notícia e os comentários anteriores. O enunciador utilizou um processo morfológico de formação de palavras, criando uma palavra nova. A expressão BRASPIZZA recupera um ponto de vista, “no Brasil tudo acaba em pizza”, ou seja, sem punição. Aqui há uma linguagem heterodiscursiva, outra voz que diz que em outros países mentira é crime, mas aqui no Brasil não é, fazendo alusão ao conteúdo da notícia e a outros comentários da sequência. O comentador retoma o conteúdo da notícia sobre a reprovação das contas da união pelo TCU para dizer que, conforme sua avaliação, mesmo assim a presidenta Dilma Rousseff não será punida.

A palavra “pena” revela o tom emotivo-volitivo do internauta frente a um contexto extraverbal que é o cenário político de insatisfação com o governo da presidenta Dilma, por uma parcela da população, sobre o qual o comentador lança um olhar de reprovação, de indignação diante daquilo que ele considera injustiça, ou seja, o

fato de Dilma Rousseff continuar na presidência. Esse valor axiológico é expresso pelo comentador da situação que faz parte do seu contexto social, da sua condição de existir-evento que o permite, em sua singularidade, avaliar e atribuir sentidos a esse acontecimento, construído na e pela mídia jornalística, mais especificamente pela oposição ao governo da presidenta Dilma. Portanto, temos um acontecimento que faz parte da realidade dos internautas. Por isso, eles comentam responsivamente, tornam-se autores, assumindo uma posição axiológica, um ponto de vista. Os comentadores também – enquanto opinião pública – contribuem para construção desse acontecimento, uma vez que muitos leitores confrontam o seu ponto de vista com o dos comentadores, dialogam com a compreensão deles, apoiando ou refutando-a.

O comentador 14, João, ao replicar o enunciado, corrigindo-o para BRASPITIÇA, faz mais do que uma correção linguística, enfatiza o dito popular de que no Brasil tudo acaba em pizza, relacionando a palavra ao acontecimento da vida vivida a que a notícia e o comentador 13 se referem, dando a ela uma nova entonação. Essa retomada da palavra por outro comentador implica uma mudança valorativa e estilística, porque embora expressem o mesmo ponto de vista, não tem a mesma entonação, pois é dito por um outro comentador, de um outro lugar espacial e temporal. Uma das interpretações possíveis é que essa alteração da palavra “BRASPIZZA para BRASPITIÇA” visa a atualizar o valor semântico da expressão, valorando-a como efetivamente pertencente ao contexto brasileiro, uma vez que a maioria dos brasileiros pronuncia “pitiça”.

É impossível precisar exatamente a intenção do comentador ao usar essa construção, mas é pertinente dizer que há diferentes possibilidades de interpretação, uma vez que os sentidos são sempre produto da interpretação do leitor/ouvinte. O enunciado concreto traz marcas linguístico-estilísticas que funcionam como pistas para possíveis interpretações e os sentidos se constroem nesse diálogo entre falante e ouvinte.

O comentário *online* é fortemente marcado pela interação interlocutiva entre os comentadores e pela dialogização interna. Essa dialogização relaciona o verbal e extraverbal como sendo igualmente importantes para construção do enunciado. O elemento extraverbal é que dá vida às relações dialógicas, permite o encadeamento entre os discursos. É imerso no contexto extraverbal que o falante entra em contato com outros discursos, que determina seu tom emotivo-volitivo no enunciado. A incorporação do discurso do outro no discurso atual expressa uma entonação que não

coincide axiologicamente com aquela do discurso citado. Podemos constatar isso no comentário 15, no qual Edileuza Caser dá destaque à palavra “GOLPISMO”, retomando-a do discurso político de esquerda, mas com outro sentido, outra valoração. Vejamos o comentário abaixo:

15: Edileuza Caser: O mais novo mantra do PT é: GOLPISMO.... repetem-no 24 horas do dia, sete dias da semana... quatro semana do mês... doze meses do ano... quem sabe assim, depois que o PT for chutado pro espaço, algum deles, jure no futuro bem, bem distante, que foi golpismo que derrubou-os do poder... kkkkkkkkkkkk,

Nesse contexto, golpismo para o PT tem um valor diferente do que tem para a internauta. Dentre os recursos linguístico-estilísticos usados para marcar essas posições axiológicas diferentes, podemos destacar que ela vê a palavra golpismo como uma espécie de mantra para o PT, explicitando que a avaliação do *impeachment*, enquanto golpismo é do PT e não dela internauta, mantendo, portanto, um distanciamento, em relação ao discurso do outro. O valor axiológico é expresso por essas escolhas linguístico-estilísticas, que apontam para uma relação de aproximação ou distanciamento com a voz do outro.

A entonação dada à palavra “GOLPISMO” escrita em caixa alta chama atenção, destaca, enfatiza um tom de ironia. Na voz do PT ou dos petistas, é golpismo, mas pelo riso que finaliza a fala do comentador, deixa soar seu ponto de vista de que o *impeachment* não é golpismo. O comentador converge com o ponto de vista de oposição ao governo de Dilma. Ela avalia a entonação dada pelos petistas à palavra golpismo, relacionando-a a uma voz do futuro, que se valerá desse sentido atribuído a golpismo (enquanto tomada de poder) para caracterizar o *impeachment* como injusto, golpe, armação. Finaliza seu discurso com o riso, que para Bakhtin (2013 [1940]) é uma forma também heterodiscursiva e nesse caso, um riso irônico, que debocha, contradiz, opõe-se à fala do outro.

O riso põe em cena a voz do comentador ridicularizando uma voz contrária à sua, revelando ao mesmo tempo dois pontos de vista. O riso no contexto do comentário 15 ridiculariza o discurso de esquerda, representando a voz de oposição da direita. O comentador faz da seriedade que é a situação política do Brasil um espaço de riso, de deboche, expressando um ponto de vista negativo de distanciamento sobre a voz ironizada.

Nesse comentário, o riso representa a negação de tudo o que foi dito antes na voz ironizada pelo comentador 15, tirando o PT da condição de vítima de um golpe, como defende seus partidários, e situando-o no banco dos réus. Ou seja, o riso aponta para a negação de que o *impeachment* seja inconstitucional e caracteriza o uso da palavra golpe como uma estratégia de defesa do PT. Ainda no comentário 15, o uso da expressão “o mais novo mantra do PT” significa que antes desse contexto político de instauração do processo de *impeachment*, existia (m) outro(s) mantra(s).

Na voz do comentador, a palavra golpismo, é tida como mantra porque é dita repetidamente no discurso petista, porque tenta convencer a população de que o *impeachment* é anticonstitucional. A palavra “golpismo” adquire um valor diferente no discurso da direita e no discurso da esquerda. A avaliação do governo da presidenta Dilma Rousseff foi construída pela mídia hegemônica, por isso, grande parte da população avalia neste momento do comentário a atuação do governo PT com as lentes da mídia. O fácil acesso aos meios de comunicação hegemônicos, que são, muitas vezes, a fonte de informação mais usada faz grande parte da população acreditar e defender aquilo que é posto como “verdade”. Na grande mídia, o nome “golpismo” adquiriu um valor negativo, é retomado do discurso de esquerda, como sendo uma “mentira”.

A repetição do nome golpismo nos espaços jornalísticos de esquerda revela a crença e certeza sobre a inconstitucionalidade do *impeachment*. Portanto, de um lado temos a mídia jornalística de direita tentando convencer a nação brasileira de que há motivação constitucional para o *impeachment*, do outro lado, temos o discurso de esquerda lutando contra esse ponto de vista e tentando caracterizar o processo de *impeachment* como sendo um golpe de Estado.

O enunciado: *repetem-no 24 horas do dia, sete dias da semana... quatro semana do mês... doze meses do ano*, contribui para a argumentação do comentador de que há uma repetição “exagerada” dessa palavra. O internauta evidencia por meio de uma sucessão temporal a frequência com a qual a palavra golpismo é dita como argumento contrário ao *impeachment*. Na voz do comentador, a repetição soa como um hino, que visa a convencer, tornar um ponto de vista comum.

O uso da palavra “mantra” ganha vida na reacentuação de sentido feita pelo comentador, que desloca a palavra de seu contexto religioso para o político-jornalístico. O comentador considera o conhecimento compartilhado sobre o significado tanto da palavra *golpismo* quanto da palavra *mantra*. A partir disso ele compara dialogicamente o sentido das duas palavras, revestindo-as de uma entonação que expressa seu ponto de vista sobre o *impeachment* em confronto com o ponto de vista daqueles que são contra. Ele atualiza o sentido comum da palavra *mantra* como resultado de um posicionamento, reconhecendo um sentido, ancorado em sua responsabilidade singular.

O ponto de vista do comentador é construído com base na retomada interdiscursiva do conteúdo da notícia e na retomada do termo “golpismo” que tem o sentido de tomada ilegal do poder. “Conforme o Dicionário *online* de Português, *golpismo* significa: Ação de quem é favorável a golpe ou golpes de Estado, da retirada do poder governamental pela força.” O comentador não faz referência explícita ao termo *impeachment*, mas ele é recuperado nas relações entre notícia e comentários, e acima de tudo, a partir da relação desses textos com o contexto extraverbal.

No gênero comentário *online*, a autoria já começa por essa tomada de posição que incita o leitor a externar sua valoração axiológica explícita ou não, uma vez que a atitude avaliativo-responsiva pode ser silenciosa, sem necessariamente, fazer parte, explicitamente, da sequência de comentários.

Esse gênero ilustra, numa dimensão particular, a afirmação de Bakhtin (2003, p. 272) sobre as relações dialógicas: “Cada enunciado é um elo na cadeia complexamente organizada de outros enunciados”. Essa assertiva refere-se ao fato de um enunciado sempre surgir como resposta a outro (s) enunciado (s), mesmo que não se tenha consciência a quem se replica, ou seja, mesmo que não se tenha uma réplica direta, um destinatário definido, como acontece quando um comentador não replica diretamente a outro comentário.

O comentário pode ser comparado a uma corrente comunicativa, na qual, cada enunciado mantém um elo com outros enunciados que são delimitados pela alternância dos sujeitos, isto é, um comentador termina seu enunciado e passa a fala ao outro, ou pelo menos espera uma atitude responsiva (apreciação) do outro, dando continuidade a essa corrente dialógica.

A liberdade de expressão da opinião pública diante dos acontecimentos noticiados gera nos leitores a expectativa de poder participar discursivamente dos acontecimentos noticiados, de poder desabafar, expor opiniões, acrescentar informações, de interagir com outros leitores, questionar, isto é, de ser um leitor responsivo, que participa ativamente no espaço jornalístico. A maneira como os usuários tendem a apreciar os acontecimentos revela marcas linguístico-estilísticas coerentes com essa ideia de desabafo, liberdade de expressão, opinião, crítica, ou seja, temos então uma sintonia entre tema (conteúdo axiológico) e estilo. Os palavrões, o realce dado à prosódia por meio da repetição exagerada de fonemas e sinais de pontuação, dando ênfase à entonação de certas palavras (gritos), o uso de maiúsculas como marca de realce, o uso expressivo de modalizadores indicando o posicionamento enunciativo de comprometimento e o ponto de vista do comentador são escolhas linguístico-estilísticas capazes de indicarem textualmente o tratamento temático dado aos acontecimentos. No comentário *online*, o destaque é dado à voz do comentador porque esse é o seu espaço de autoexpressão, de interação com uma segunda pessoa (aquele a quem o comentador replica) ou com uma terceira pessoa – aquele de quem se fala.

Nessa próxima seção veremos que o tom emotivo-volitivo depende do aparato linguístico para ser materializado verbalmente. O comentário *online* é muito rico em possibilidades para expressão da entonação do sujeito falante. Dentre os recursos utilizados para expressão do tom emotivo-volitivo destacamos: o ato de nomear, o uso de letras garrafais, a repetição de sinais de pontuação, a repetição de letras indicando prolongamento do som para enfatizar determinadas entonações etc.

6.2 A EXPRESSÃO DO TOM EMOTIVO-VOLITIVO: UMA ANÁLISE ESTILÍSTICA DE ASPECTOS EXPRESSIVOS, GRÁFICOS, LEXICAIS E MORFOSSINTÁTICOS DA LINGUAGEM DO COMENTÁRIO *ONLINE*

No gênero comentário *online*, o falante manifesta-se numa interlocução direta com seu destinatário, revelando no uso da primeira pessoa traços emocionais e afetivos, além de outros recursos da língua para expressão do tom emotivo-volitivo. O uso do discurso com destinatário definido na interlocução faz ecoar com

principalmente, do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Diante disso, o comentador ironiza, deixando soar uma voz que duvida da cassação do mandato da presidenta Dilma pelo TSE, que tem Toffoli como presidente. A pergunta do comentador 17 já traz em si a resposta de descrença, de negação, de crítica ao ministro José Antônio Dias Toffoli. A sucessão de sinais de pontuação é um recurso estilístico muito usado nesse gênero, contribuindo para marcar a entonação do sujeito falante.

Somente uma análise de viés sociológico, que considere as relações dialógicas, é capaz de dar conta do sentido de um enunciado como esse. É preciso entendê-lo como réplica, como resposta a outro enunciado. Parte do seu sentido está na réplica incorporada – na fala do outro –, e nas relações dialógicas que esse enunciado mantém com o contexto extraverbal. É nesse discurso anterior que encontramos a abertura para seguir as pistas deixadas pelo sujeito falante. O material linguístico é apenas uma das pistas, o material “técnico” usado pelo internauta para efetivar, expressar seu discurso. Fora do gênero, o material linguístico do comentário: *O TSE DO TOFOLLI ?????????????????? hehehehe.....* Não teria um autor, nem um interlocutor, não estaria imerso num meio ideológico, seria privado das relações dialógicas, da valoração axiológica. Portanto, não teria um sentido atualizado. Somente, assim, diante de uma análise do enunciado em seu uso real, é possível compreendê-lo além do que está posto linguisticamente.

No comentário 17 temos uma ironia, na qual o internauta fala a linguagem do outro, dando a ela um sentido oposto, que desqualifica, desacredita a fala ironizada. O motivo da hostilidade em relação à fala replicada é perceptível não na materialidade linguística, mas no contexto extraverbal, na entonação resultante do elo entre o verbal e o extraverbal.

O comentador 17 incorpora o conteúdo replicado na pergunta, confrontando-o, problematizando-o a partir da relação desse conteúdo com o contexto político-jornalístico, o meio ideológico no qual está inserido, o funcionamento real do TSE, as ações do ministro e presidente do TSE, Toffoli no cenário político do Brasil. Entre o autor e o leitor/ouvinte, é preciso ter conhecimento partilhado suficiente para efetivação de uma compreensão responsiva.

Esse comentário, linguisticamente, é apenas uma pergunta. Mas no contexto envolve-se de certeza, crítica, deboche, reprovação, depreciação e tantas outras valorações apreciativas de descrédito. A entonação de pergunta expressa na pontuação não é capaz de desvelar os sentidos implícitos, as vozes e pontos de vista presentes nesse enunciado.

O conteúdo da pergunta exclui a possibilidade de cassação de Dilma Rousseff pelo ministro e presidente do TSE – Toffoli –, tida como alternativa no comentário 16. A ironia presente na fala do comentador 17 não soa como depreciação ao comentador replicado, mas sim a uma parte de sua fala, recaindo sobre o conteúdo que não leva em consideração o fato de Toffoli já ter assumido cargos no governo do PT.

A pergunta segue com o riso, acompanhado de outro sinal gráfico que é uma sucessão de reticências, o que pode indicar tanto a inconclusibilidade do enunciado quanto reforçar a entonação de deboche. O comentário deixa subentendido a ausência de uma atitude imparcial em relação à possibilidade de cassação do mandato da presidenta. O riso contribui para marcar o tom de ironia da pergunta, ao mesmo tempo em que lhe responde. O próprio comentador expressa a réplica sobre o questionamento feito por ele. O questionamento já é feito tendo em vista o confronto entre o ponto de vista do comentador, que deixa implícito sua descrença sobre a possibilidade de cassação.

Esse confronto de pontos de vista pode acontecer externamente, uma vez que pode relacionar o ponto de vista do comentador a outros pontos de vista do contexto extralinguístico, e, internamente na réplica direta entre os comentadores. Ao mesmo tempo em que há essa dialogização que liga o comentário ao contexto extralinguístico ou a dialogização interlocutiva direta, há uma dialogização interna marcada pelo discurso bivocal do comentador pelo riso. Nesse caso o riso polemiza, responde num tom de ironia e deboche não apenas ao questionamento feito, mas a todos os discursos que acreditam na cassação.

Todo o enunciado 17 mantém uma relação estilística muito próxima com a oralidade, com o diálogo face a face. O tom emotivo-volitivo presente na pergunta é resultado de uma atitude avaliativo-responsiva de um sujeito falante imerso num contexto sócio-político que lhe permite avaliar e responder conforme as relações dialógicas que mantém com outros discursos. Esse contexto direciona suas escolhas linguístico-estilísticas para expressão do tom emotivo-volitivo resultante de

sua condição de sujeito singular, porque o valor axiológico com o qual foi dito está atrelado a um tempo e espaço que não se repetem. Como o espaço social pode se repetir se dele faz parte o sujeito falante que está em constante processo de mudança? É esse caráter de volatividade próprio da existência humana, do tempo e do espaço que garante a irrepetibilidade da entonação.

Os recursos tipográficos são usados para chamar atenção do leitor ou enfatizar, destacar determinados sentidos pretendidos pelo falante, funcionando como recursos estilísticos. Além dessas marcas de acentuação, há em nível textual diferentes recursos lexicais, morfossintáticos e prosódicos. Dentre esses últimos destacamos o uso de letras maiúsculas, repetição de letras e de sinais de pontuação.

O comentador 16, Charlie, der Hund, responde no comentário 18: *MILLO ZANE, espero q ela seja cassada, assim o temer vai junto*, usando a forma verbal “espero” para expressar sua vontade, seu desejo de ver Dilma Rousseff afastada do cargo, mas levando também seu vice Michel Temer, pois quando um presidente sofre *impeachment* apenas ele será afastado, nesse caso o vice assume o governo. Ao passo que se houvesse cassação da chapa, tanto o presidente quanto seu vice seriam afastados do cargo. Portanto, a palavra “cassada” tem um valor atualizado nesse contexto, referindo-se especificamente a dado contexto extralinguístico do cenário político do Brasil. O comentador 18 retoma seu próprio discurso do comentário 16, respondendo a si mesmo, e ao comentador 17. Essa nova inserção do comentador Charlie, der Hund aponta para um discurso bivocal orientado pelo outro, sendo réplica para seu próprio discurso e réplica para o discurso do outro – enquanto interlocutor diferente de si mesmo. Constitui-se como uma reação à sua própria palavra e a palavra do outro. Há uma orientação dialógica entre enunciados, entre palavras-enunciados, que revelam e atualizam sentidos impossíveis de existirem fora das relações dialógicas.

Somente no uso social da linguagem, o enunciado permite o desvelamento de valorações axiológicas presentes nos discurso da vida real, tais como: a entonação de deboche presente no questionamento 17, a resposta contida na pergunta, o sentido irônico do riso. Na comunicação do dia-a-dia, conseguimos perceber a mais leve e sutil mudança de entonação, estamos sempre relacionando um discurso a outro(s), a todo instante buscamos os sentidos implícitos, a identificação da fala do outro, compreendemos as palavras revestida de valores, como expressão de verdades,

mentiras, desejos, falsidades, alegria, indignação, etc. Essa é a dinâmica do funcionamento da vida real.

Enquanto o comentador 18. Charlie, der Hund revela em seu enunciado um tom emotivo-volitivo de desejo expresso pela forma verbal “espero”, a comentadora 19, MAFIOSA122, imprime sobre seu enunciado um tom de verdade, de certeza sobre a derrota política da presidenta: está acabada, detonada, DERROTADA e REJEITADA. Essas escolhas lexicais revelam, no contexto desse comentário, sua vontade e crença no afastamento da presidenta Dilma. De forma muito enfática a internauta usa as duas últimas palavras em caixa alta, chamando atenção para a carga de sentido dessas palavras. Contudo, este destaque não revelaria a entonação pretendida, se o comentário estivesse apartado da cadeia comunicativa. É esse elo com o todo que permite colocar a voz do falante em relação de alteridade com outra(s) voz (es).

Segundo a internauta, Dilma Rousseff não apenas está acabada, detonada, mas isso foi fruto de uma derrota, de uma rejeição. Mas quem a rejeitou? A internauta fala de um lugar alicerçado por um posicionamento de direita, traz em seu enunciado vozes, dentre elas, a dos internautas replicados, a voz dos políticos que são favoráveis ao *impeachment*, a voz da mídia que defende os interesses da direita, a voz dos internautas que comungam com o ponto de vista de que Dilma deveria sair do governo.

O estilo do comentário *online* caracteriza-se por essa heterodiscursividade, ou seja, pela pluralidade de muitas vozes num mesmo enunciado, pluralidade de muitos pontos de vista sobre um mesmo objeto. As escolhas linguísticas apenas materializam verbalmente os sentidos construídos nas relações dialógicas, no contexto da vida real. A maneira como as relações de interação organizam o gênero e são organizadas por ele é determinante das escolhas linguístico-estilísticas.

No comentário 19, o uso de maiúsculas contribui para chamar atenção do leitor para essas duas palavras “DERROTADA e REJEITADA”, que nesse contexto do comentário, adquirem força do ponto de vista desse leitor. O *impeachment* significa mais do que apenas uma derrota, revela que a presidenta foi também rejeitada, foi retirada do cargo.

Sabe-se que o processo decorre de crime de responsabilidade praticado no curso do mandato e quem julga é o Poder Legislativo. Já a cassação decorre de crime eleitoral, ou seja, acontece antes de assumir o mandato, e quem julga é o TSE

inteiros e de outros recursos tipográficos para marcar o valor axiológico, a entonação, dar uma força maior de expressividade, enfatizando os sentidos pretendidos. A comentadora 19. MAFIOSA122 parece gritar as palavras quando as coloca em caixa alta, de modo que elas não são apenas ditas, mas sentidas emocionalmente por aquele que as enuncia. As palavras emergem da emoção, do desabafo, da atitude avaliativo-responsiva da comentadora frente a toda uma conjuntura política vivida pelo Brasil em torno da possibilidade de *impeachment* da presidenta Dilma.

O comentar 20, ao dizer que após o impeachment faltará cadeia para os políticos do PT, traz para seu discurso muitas vozes que polemizam sobre a temática, fazendo alusão a outros acontecimentos midiáticos que envolvem políticos do PT em escândalos. Dentre esses acontecimentos midiáticos temos a Operação Lava Jato, que tem vários membros do Partido dos Trabalhadores citados pela grande mídia como sendo envolvidos, como os ex-tesoureiros do PT, Vaccari Neto e Delúbio Soares, e o ex-ministro da Casa Civil José Dirceu. Além de envolvimento com a Operação Lava Jato, esses políticos também são citados em outros escândalos, como por exemplo, o chamado mensalão, que na avaliação feita a partir de um ponto de vista de direita pode ser o que diz o site do wikipedia²⁸: “é o nome dado ao escândalo de corrupção política mediante compra de votos de parlamentares no Congresso Nacional do Brasil, que ocorreu entre 2005 e 2006. O caso teve como protagonistas alguns integrantes do governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva”. No entanto, vale ressaltar que outros partidos já faziam isso antes. No partido PSDB, por exemplo, temos o caso do processo do mensalão contra o ex-governador de Minas Gerais, Eduardo Azeredo (PSDB), que ficou conhecido como mensalão tucano. Conforme informações do blog Luis Nassif Online²⁹ “o mensalão tucano, segundo o Ministério Público, foi um esquema de desvio de dinheiro público do governo de Minas Gerais para a campanha de Eduardo Azeredo à reeleição, em 1998”.

Souza (2016, p. 50) avalia o chamado mensalão como uma espécie de ensaio para o golpe de 2016: “o mensalão foi o ensaio geral para o golpismo de agora, especialmente do seu núcleo fundamental: a ação concentrada entre mídia

²⁸ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Esc%C3%A2ndalo_do_Mensal%C3%A3o>. Acesso em: 21 out. 2017.

²⁹ Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/mensalao-tucano-esta-parado-na-justica-de-minas-e-prontinho>>. Acesso em: 21 out. 2017.

hegemônica e aparato jurídico-policial do estado.” Caracteriza ainda o chamado mensalão e o *impeachment* como uma farsa: “A grande farsa que ocorreu entre o mensalão e o golpe foi uma tentativa de preparar o enterro do Partido dos Trabalhadores como partido político”. O autor o diferencia em relação ao *impeachment*: “O mensalão se deu sem uma base social engajada que tomasse as ruas. Essa foi a diferença central entre o golpe fracassado do mensalão e o golpe bem-sucedido de abril de 2016”. Assim, verifica-se que embora já tenha sido uma prática recorrente em outros governos, só foi usado contra o PT.

No comentário 21.Charlie, der Hund: *E a cadeia para Aecinho? Não tem?*, o internauta presume que seu leitor saiba de quem ele está falando e o porquê do questionamento sobre a cadeia. “Aecinho”, citado pelo comentador, é Aécio Neves (PSDB), acusado de envolvimento no escândalo da Lava Jato e em vários outros, dentre eles: “Aecioporto” e o Mensalão tucano, conforme se pode ler no *blog* Carta Maior³⁰.

Os questionamentos do internauta apontam para um estilo de deboche, de oposição. Embora o emprego do diminutivo em nomes próprios, geralmente, seja indicativo de carinho, afetividade, de intimidade, na palavra “Aecinho”, o tom é irônico para ridicularizar o político, que deveria ir para a cadeia pela de acordo com a pergunta retórica. O conhecimento comum permite o resgate da voz do senso comum, que faz uso do diminutivo para dar um valor depreciativo em determinados contextos. O sentido que ainda poderia ser interpretado como sinônimo de “coitadinho” ou “bonzinho”, na voz do comentador deixa implícito que de coitadinho e de bonzinho o “Aecinho” não tem nada. Temos aí um discurso bivocal, no qual as vozes são recuperadas pelo leitor, que tem o conhecimento compartilhado necessário para interpretar sentidos implícitos na ironia. Como afirma Bakhtin (2015 [1934-1936]) não há como separar gramática e estilo. O emprego do diminutivo é o meio técnico para materializar verbalmente uma valoração apreciativa, um tom emotivo-volitivo do comentador frente ao comportamento de um político que ele julga ser culpado por certos crimes no cenário da política brasileira.

Interessante observar que o comentador Charlie, der hund, em seus comentários (16, 18, 21) deseja não apenas a saída do PT do governo, mas também

³⁰ <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/14-escandalos-de-corrupcao-envolvendo-Aecio-o-PSDB-e-aliados/4/32017>

do vice-presidente Michel Temer, e ironiza, critica Aécio Neves, que é um político de oposição ao PT. O internauta reconhece os crimes dos políticos da então oposição, exigindo punição também para lideranças tucanas acusadas de envolvimento no escândalo da Petrobrás.

Podemos visualizar no comentário *online* um aspecto importante da cosmovisão carnavalesca que é a ideia de inconclusibilidade, a abertura para a réplica, para a mudança, para a manifestação do ponto de vista do outro. A impossibilidade de acabamento é muito expressiva nesse gênero, haja vista que a própria forma do gênero já indica o lugar de cada comentário como réplica, num diálogo composicional.

Quadro 6 – CPT5

22. Sirius Black:

Vamos estocar vento e vender para os americanos. Para os iranianos, soube que eles têm interesse em fabricar a primeira bomba de vento do mundo kkkkkkkNem o Café Filho teve as contas rejeitadas kkkkkkkkkkkkkk

23. molotov flamejante:

lanque Patife deve estar reunido com a cúpula da militância virtual para saber o que fazer diante dessa acachapante derrota ... parecem baratas tontas!!!

24. Edileuza Caser:

Eu tinha um vizinho, que quando aprendia uma palavra nova, vivia repetindo-a, mesmo que não coubesse na frase... os petistas me lembram ele... agora que descobriram a palavra "golpismo", repetem-na para tudo... Se no sermão do padre ele fala "Não mentirás", os petistas sairão da missa jurando que aquele padre é coxinha e que seu sermão é uma tentativa de golpe... Será que esse povo anda ouvindo o passarinho do além? Aquele chamado Chávez? Kkkkkkkkkkkkkk

25. Mari:

Povoooooooooooooooooooooooooooo 8 Desgoverno PT, lula dilma 0

Fonte: Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/tcu-recomenda-ao-congresso-rejeitar-contas-de-dilma-o-que-acontece-agora,71ed4b1dd2391cbba021ada96fe00d5bqq23l4gx.html>. Acesso em: 30 out. 2015.

O comentário 22 faz alusão a um discurso de Dilma Rousseff na Organização das Nações Unidas (ONU) que gerou muitas piadas e comentários de zombaria nas redes sociais, no qual propôs a criação de uma tecnologia para “estocar vento e vender vento”, ou seja, armazenar energia eólica³¹. A retomada

³¹ Trecho do discurso da presidenta Dilma Rousseff: “Até agora, a energia hidrelétrica é a mais barata, em termos do que ela dura com a manutenção e também pelo fato da água ser gratuita e

desse discurso revela o ponto de vista do comentador que é de descrença no governo petista. Na mídia hegemônica esse discurso foi interpretado por um viés de acusação, crítica e ridicularização, tornando-se motivo de piada para os comentadores. Já em jornais de esquerda, como GGN, por exemplo, o discurso foi retomado e essa avaliação depreciativa da mídia de direita criticada. Conforme informações do site Wikipedia³², o Irã possui um programa nuclear lançado em 1950, com ajuda dos Estados Unidos. Esse programa visa à paz, objetivo oficializado no Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares, assinado pelo Irã. O tratado permite ao país o direito de dominar a tecnologia nuclear, mas o proíbe de usá-la para fins bélicos.

O comentador 22 cria uma situação carnavalizada pelo deboche, pelo riso, pelo absurdo ao dizer que a tecnologia de estocar vento sugerida por Dilma dará origem a primeira bomba de vento do mundo, nas mãos dessas duas grandes potências nucleares: *soube que eles têm interesse em fabricar a primeira bomba de vento do mundo kkkkkkk*. O comentador troca bomba nuclear por bomba de vento para marcar, segundo ele, o absurdo proposto pela presidenta. O enunciado termina com o riso de escárnio, de descrédito do discurso criticado. O riso irônico é sempre bivocal, carrega em si a voz oposta àquilo dito na materialidade verbal, que é nesse caso, a voz do absurdo, a voz contraditada.

A polêmica presente no comentário 22 revela na voz do comentador a abertura para o diálogo. Ele polemiza, sugere, convida, brinca ironicamente com o discurso da presidenta, deixando subentendido um ponto de vista de oposição ao governo do PT. O comentador transpõe um acontecimento político – o discurso da presidenta – de uma esfera oficial, para um espaço de opinião pública onde se tem liberdade para usar uma linguagem carnavalizada.

O comentador retoma o discurso do sujeito criticado, usando-o como argumento para mostrar seu ponto de vista favorável ao *impeachment*, e enfraquecer as vozes dissonantes. Ele comenta usando a linguagem do outro, a linguagem daquele discurso que ele procura desqualificar. O comentador também

da gente poder estocar. O vento podia ser isso também, mas você não conseguiu ainda tecnologia para estocar vento. Então, se a contribuição dos outros países, vamos supor que seja desenvolver uma tecnologia que seja capaz de na eólica estocar, ter uma forma de você estocar, porque o vento ele é diferente em horas do dia. Então, vamos supor que vente mais à noite, como eu faria para estocar isso?" Disponível em <<https://jornalggn.com.br/blog/rui-daher/palavras-ao-vento-por-rui-daher>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

³² Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Programa_nuclear_iraniano>. Acesso: 30 out. 2015.

faz menção ao governo de Café Filho para mostrar que, apesar de ter sido extremamente tumultuado, não teve suas contas reprovadas. Assim, o comentarista intensifica seu ponto de vista sobre a crítica que faz acerca do governo de Dilma Rousseff. Seus argumentos são construídos com base em um posicionamento de direita, portanto, seleciona apenas aquilo que é a favor do seu ponto de vista, não deixando vir à tona informações que o enfraqueceriam, como por exemplo, o fato de que a grande maioria, ou senão, todos os presidentes e governadores já praticavam “as pedaladas” antes, portanto, isso não deveria ter sido usado como motivo para a rejeição das contas apenas de Dilma Rousseff.

O comentarista revela, explicitamente, seu ponto de vista pelo conteúdo, pela entonação e pelo riso. O falante dialogado com outros discursos, recorrendo a um horizonte social no qual os discursos sofrem certa orientação de como devem ser apreciados e acima de tudo já se deixou influenciar pela réplica antecipada do outro. Além da alusão feita ao discurso anterior da presidenta, temos a alusão a questões de armamento nuclear entre americanos e iranianos, à política do ex-presidente do Brasil Café Filho, na década de 50. Ele relaciona todas essas questões à situação vivenciada pelo Brasil em torno do *impeachment*.

Linguisticamente, podemos destacar, por exemplo a palavra “nem” no enunciado: “Nem o Café Filho teve as contas rejeitadas kkkkkkkkkkkkkk” como pista para compreensão responsiva do leitor. É como se dissesse que Dilma Rousseff ainda conseguiu ser pior do que o governo desse ex-presidente. A linguagem do internauta é alegórica, marcada pela pluralidade de sentidos que polemiza com o discurso retomado, dizendo-se aquilo que não foi dito na materialidade verbal, ou melhor, dizendo-se o contrário do que foi dito. Ironiza-se o discurso outro por meio de uma linguagem carnavalizada que torna o absurdo, o irrealizável, um meio de criticar, debochar, de confrontar aquilo sobre o qual se fala. É uma abertura para se ver a realidade pela às avessas. O objeto criticado é caracterizado por meio de uma linguagem hiperbólica, criando imagens marcadas pelo exagero, pela transgressão autorizada. Na voz do comentarista 22 há a tentativa de convencimento do interlocutor a aderir ao seu ponto de vista. Ele não se refere diretamente a nenhum outro leitor/comentarista, mas ao mesmo tempo dialoga com todos. A ideia de que nós brasileiros “vamos” tem como auditório qualquer leitor, o povo brasileiro que se via num contexto de instabilidade política.

É desse lugar de convergência ou divergência entre o eu e o outro, que o tom emotivo-volitivo ganha vida e busca expressão numa forma material que não é aquela considerada no estruturalismo, mas aquela que se comporta como signo ideológico, mergulhada nas relações dialógicas numa sucessão temporal de anterioridade e posterioridade a outros discursos. Portanto, a palavra já é uma forma material valorada, uma palavra ideologizada, que será com essa nova entonação, apenas atualizada.

No comentário 23, o internauta reporta-se ao comentador de posicionamento político de esquerda, Ianque Patife, que fez alguns comentários no início da cadeia comunicativa, anteriores ao recorte feito para ser analisado nessa pesquisa. Isso mostra a volatividade das postagens e como as ferramentas digitais permitem que o internauta responda a qualquer comentário da cadeia comunicativa. Em seu enunciado, ao comparar os petistas a baratas tontas, cria uma imagem alegórica para dizer que o PT está perdido, sem saber o que fazer para evitar o *impeachment*, que segundo a sua avaliação ocorrerá sem dúvidas.

O comentário 24 de Edileuza Caser como os anteriores (8 e 15) reitera o posicionamento político de direita, o tom emotivo-volitivo de crítica e rejeição ao governo do PT. Ela critica a recorrência com a qual os partidários do PT usam a palavra “golpismo” para resguardar-se de qualquer suposta atitude de oposição. Seu discurso é expressivamente heterodiscursivo. A internauta se reporta à fala de um vizinho, à fala dos petistas, à fala do padre por meio de discurso direto aspeado, à do dito popular “ouvindo passarinho do além”, à fala de Hugo Chávez³³, e de outras vozes implícitas. Para a internauta, os petistas chamam de coxinha qualquer pessoa que mostra alguma atitude que possa ser interpretada como posicionamento político de direita.

Analisemos esse trecho do enunciado: *Será que esse povo anda ouvindo o passarinho do além? Aquele chamado Chavez?Kkkkkkkkkkkkkkkk*. Mantendo elo com o que vem sendo dito antes, percebemos um tom de desprezo na expressão “esse povo” que se refere aos petistas. Outro aspecto linguístico-estilístico que merece destaque é o uso do pronome definido “o” em “o passarinho do além”,

³³ Hugo Chávez foi presidente da Venezuela durante 14 anos (de 1999 até sua morte em 2013). Em 1992 liderou uma tentativa de golpe militar para assumir o governo, já em 2002 esteve do outro lado da história, sofrendo uma suposta tentativa de golpe civil e militar, retornando horas depois para o governo.

referindo-se ao ex-presidente da Venezuela Hugo Chávez. O internauta faz alusão ao dito popular – viu passarinho verde –, mas adequando o discurso citado a seu projeto comunicativo, que é dizer que assim como Hugo Chavez, os petistas insistem na ideia de golpe.

No comentário 25: *Mari: Povoooooooooooooooooooooooooooo 8 Desgoverno PT, lula dilma 0*, a internauta refere-se a trecho da notícia³⁴ que deu origem aos comentários aqui analisados: “Por 8 votos a zero, a unanimidade dos ministros entendeu que o governo cometeu irregularidades na gestão das contas federais [...]”. Segundo a internauta a derrota da política de esquerda é a vitória do povo. A internauta expressa uma entonação de alegria, de conquista sobre o suposto resultado daquilo que julga ser o melhor. Como afirma Volochínov (2010 [1920-1930]), a inserção do discurso alheio no discurso atual é sempre uma escolha interessada. O sentido do discurso citante não é indiferente ao discurso outro incorporado nesse novo contexto. Ao incorporar o discurso da notícia, a internauta usa elementos linguístico-estilísticos que acentuam axiológico-dialogicamente o discurso alheio. O prolongamento fônico da palavra povo indica o tom de satisfação, de vitória da internauta, que julga ser bom para o povo a derrota do PT, o qual ela chama de desgoverno. Do lugar de onde a internauta responde, sua avaliação sobre o governo PT é negativa, depreciativa, favorável ao *impeachment*.

Antes de fazer suas escolhas linguísticas, o comentador já fez uma apreciação sobre o objeto ao qual responde, seja a notícia ou outro comentário, a situação política, outros discursos circulantes ou que estão na memória discursiva. Cunha (2009) destaca o papel da memória discursiva na constituição do discurso, uma vez que o falante ao organizar sua fala, recorre ao já-dito do mais próximo ao mais longínquo, reacentuando esse discurso no novo contexto usado. É ancorado nessa anterioridade constitutiva da memória discursiva que o falante relaciona o dito ao já-dito, fazendo emergir novas valorações, entonações, ou seja, sentidos atualizados.

³⁴ Fonte: Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/tcu-recomenda-ao-congresso-rejeitar-contas-de-dilma-o-que-acontece-gora,71ed4b1dd2391cbba_021ada96fe00d5bqq23l4gx.html. Acesso em: 30 out. 2015.

O comentador é alguém que lê comentários e, por isso, conhece ou tem certa familiaridade com o que pode ser dito e como pode ser dito. Ele fala para um destinatário real ou presumido, que, geralmente, também conhece as regras que regem as escolhas linguísticas nesse espaço de interação virtual.

Quadro 7 – CPT6

26. Luciana:

k.peter, as ditas pedaladas fiscais foram praticadas por todos desde Getúlio Vargas. Por que condenação só agora? Por que subitamente, graças ao ex-político Augusto Nardes e aos seus colegas do TCU, alguns deles investigados pelo STF e citados por delatores da Lava-Jato, se resolveu cumprir a lei e moralizar o país? Por que vem a calhar aos interesses golpistas? Casuísmo? O crime da pedalada de Dilma é bem simples: mandou bancos públicos adiantarem o pagamento do Bolsa-Família e do Seguro Desemprego. Melhor seria ter deixado milhões de coitados desamparados?

27. Paulo Rogério:

Luciana: Sabe mulher de bebado que apanha do marido e quando a gente aconselha a dar queixa ela diz que não pode porque ama ele? Você é assim. A Dilma tá acabando com seguro desemprego, dificultando a aposentadoria e tentando aumentar os impostos. O Brasil tá sendo desqualificado nas agências de riscos mundiais e sendo chamado de país anão. [...] Pena que existam pobre pessoas como você. Que apanham, amam e dão risada. Quer saber? Você apanhou pouco!

28. João:

Luciana, melhor seria ter feito as lições de casa protegendo os cidadãos do que se eleger a qualquer custo... Ainda mais sendo uma total incompetente que só está aí por causa do padrinho larápio. Todos tiveram deslizes mais sua protegida ARROMBOU e AFUNDOU meu país.

29. José Marcos Silveira:

Luciana, porquê só agora este instrumento da incompetência chegou a casa de centena de bilhões !!! Lei é lei e uma hora tem que ser cumprida, não é porque houveram desvios no passado que devemos tolerar desvios no presente !!!

30. João:

E a galinhada vermeia fica tudo revortaaaaada !!!!!!!!!!!!!!!

Fonte: Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/tcu-recomenda-ao-congresso-rejeitar-contas-de-dilma-o-que-acontece-agora,71ed4b1dd2391cbba021ada96fe00d5bqq23l4gx.html>>. Acesso em: 30 out. 2015.

Ao analisarmos os comentários do Portal Terra identificamos dois pontos de vista gerais, em torno dos quais se constroem e atualizam muitos outros: um de direita e o outro de esquerda. Quando um comentador de esquerda se insere na cadeia comunicativa, é fortemente atacado, refutado, desqualificado, haja vista que, nesse portal, o ponto de vista geral que predomina é de direita. O espaço discursivo dos comentários não aceita dialogar pacificamente com o comentador

que apresenta ponto de vista oposto. Este é visto como um “intruso”, geralmente ridicularizado pelos outros comentadores que defendem a “verdade” do espaço jornalístico onde estão inseridos, negando qualquer ponto de vista divergente, fazendo uso de uma linguagem carregada de sarcasmos, exageros, violência verbal, depreciação, insultos.

O comentador 27, Paulo Rogério, replica o comentário 26. Luciana, fazendo uma comparação entre a voz feminina que comenta e a mulher de bêbado, deixando implícito que a voz da comentadora 26, por amor ao PT, fecha os olhos aos erros da presidenta, sendo contrária ao *impeachment*. A internauta se refere às “pedaladas fiscais” como sendo uma prática comum em todos os governos, mas que só agora a mídia faz dessa prática um crime, a fim de atender a interesses particulares de alguns políticos, que também são acusados de crimes, portanto, sem direito moral de criticar o governo PT. Conforme o ponto de vista de Luciana, Dilma Rousseff não é culpada, não merece ser condenada pelo suposto crime das pedaladas fiscais. Ao contrário, ela agiu pensando no povo, nas camadas populares, nos desempregados, nas pessoas que dependem do Bolsa Família.

Ela finaliza sua fala usando uma pergunta retórica por meio da qual critica aqueles que se colocam a favor da reprovação da contas 2014 do Governo Federal: “Melhor seria ter deixado milhões de coitados desamparados?” Nesse enunciado ela visa convencer o leitor de que o suposto crime das pedaladas não deve ser motivo para o *impeachment*, uma vez que foi praticado a favor do bem do povo. Põe em cena uma voz desacreditada e refutada por ela, que é a voz daqueles que pedem a condenação da presidenta pelo crime das pedaladas fiscais. A pergunta da internauta já direciona o interlocutor para uma resposta pretendida por ela, pois não deixa abertura para uma resposta contrária.

A internauta faz escolhas linguístico-estilísticas para revelar a situação de desigualdade social vivida por muitos brasileiros, usando as palavras “coitados”, “desamparados”. Além dessas palavras, ela diz que seriam “milhões” de pessoas a serem prejudicadas se a presidenta não tivesse tomado essa atitude. O uso das denominações “coitados” e “desamparados” tem um valor afetivo muito expressivo, referindo-se aos brasileiros de menor poder aquisitivo, mais especificamente aqueles que são beneficiados pelo Bolsa Família e pelo seguro desemprego. O uso desses predicativos pela internauta objetiva convencer o outro de que a presidenta

agiu coerentemente com a situação social, evitando um mal maior. Elas revelam uma valoração axiológica-dialógica de apoio às minorias, às pessoas que dependem de programas sociais para garantir necessidades básicas de sobrevivência.

O comentário 26 suscita muitas réplicas que polemizam com sua posição ao causar certo estranhamento. Esse ponto de vista divergente passa a ser refutado, criticado, dando origem a vários comentários dirigidos diretamente a Luciana. Essa interlocução direta retoma a fala replicada, a conecta dialogicamente com outros discursos, com outras vozes sociais.

Essa rejeição ao discurso outro que possui um ponto de vista divergente do posicionamento político adotado pelo espaço jornalístico transforma os acontecimentos noticiados e comentados numa realidade fragmentada, envolvida por uma verdade localizada. Souza (2016) explicita que a fragmentação se justifica porque o espaço jornalístico não consegue ser imparcial, não divulga os acontecimentos sociais como se revelam, pois, os constrói conforme seus interesses. O olhar da mídia sobre os acontecimentos os refrata, criando realidades, “verdades” fragmentadas, que chegam ao conhecimento de parte da população como única possibilidade de interpretação.

Podemos perceber em alguns dos comentários dessa sequência, uma entonação machista que visa desqualificar o ponto de vista da comentadora Luciana, por meio de comparações e uso de palavras que depreciam a figura feminina. No comentário 27 temos a comparação da voz feminina que comenta comparada à esposa de um bêbado. O comentador deixa implícito que aquele que é contra o *impeachment* é merecedor dos problemas políticos e econômicos decorrentes do governo.

No comentário 28, o enunciado “melhor seria ter feito as lições de casa [...]” refere-se às ações que segundo o comentador, deveriam ter sido cumpridas pela presidenta para o bem do povo. Seu enunciado é altamente depreciativo. O comentador faz uso da palavra incompetente para caracterizá-la, pois, segundo ele, não teria competência para se eleger sem ajuda do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, a quem o comentador nomina de “padrinho larápio”. Ele termina seu comentário dizendo: “Todos tiveram deslizes mais sua protegida ARROMBOU e AFUNDOU meu país.” Dá ênfase às palavras destacadas, revelando revolta, indignação frente ao comentário sobre a atuação do governo de Dilma Rousseff. O

ideia, e só no final do texto avisa aos leitores que não há nenhuma comprovação. O comentador toma essas informações inconsistentes como “verdades” a partir das quais ele critica o governo

O internauta continua sua depreciação à presidenta: *tinha uma Loja de 1,99 que faliu*. Ele recorre a outro suposto acontecimento do passado, criado e divulgado na e pela mídia de direita, em revistas e jornais como *Isto é*, *Veja*, *Folha de São Paulo*. A Revista *Isto é*³⁷, por exemplo, divulgou notícia tendo como manchete: “ Como Dilma quebrou sua loja de R\$1, 99 e um país”. Assim, como a *Rede Globo*, essa revista é parte da mídia hegemônica, que tenta denegrir a imagem do PT, e mais especificamente nesse caso, a imagem de Dilma Rousseff. A fala do comentador reflete e refrata a voz dessa mídia. Ele tem como regente de sua fala, a grande mídia. Traz nas perguntas feitas, a resposta desejada por ele. Dado o contexto situacional em que o enunciado é construído o leitor é levado a acompanhar a interpretação do comentador, seja numa relação dialógica de convergência ou divergência, a partir das pistas deixadas por ele.

Outra pista que o comentador 31 usa para fazer sua crítica é a expressão “sindicalista esperto”, que a relaciona a Luís Inácio Lula da Silva:*come na mão de um sindicalista esperto*. Nesse contexto a palavra esperto ganha uma entonação de crítica, de xingamento, possui um valor negativo de insulto. É uma valoração característica de um ponto de vista alicerçado em um posicionamento de direita. Continuando a adivinha, o comentador diz:*é burra a dar com um pau.....tá perdida no mundo...Quem é??????*.

Por fim, ele retoma a pergunta “quem é?”. A resposta já foi antecipada pelo falante, que traçou um caminho deixando pistas linguísticas e extralinguísticas para guiar a resposta do interlocutor. A entonação da expressão: “Quem é??????” é dada não só pela repetição dos sinais de pontuação, mas acima de tudo, pelo que foi dito antes, pela relação com o não dito. O ponto de vista do comentador acerca do *impeachment* vai sendo construído a partir de uma sucessão temporal de acontecimentos atribuídos à responsabilidade da Presidenta Dilma. O comentador revela um tom de deboche, malícia, descrédito em relação ao governo. O valor axiológico está além das formas linguísticas, embora dependa delas para se fazer ouvir por aquele que o sente e pelo outro.

³⁷ Disponível em: https://istoe.com.br/436885_COMO+DILMA+QUEBROU+SUA+LOJA+ DE+R+1+99+E+UM+PAIS+/. Acesso em: 30 out. 2015.

Encontramos essa confirmação na réplica no comentário 34: *O Barbosão lhe dá sono? Kkkkk*, em que é usado um aumentativo sarcástico usado com entonação depreciativa. Não temos aí apenas só uma pergunta, mas uma entonação de deboche, de solidariedade com o ponto de vista do comentário anterior. Ele responde à onomatopeia, resgatando o elo que o enunciado 33 mantém com o comentário 32 e com todo o contexto do conteúdo tematizado nesse espaço jornalístico acerca do *impeachment*.

Ele revela um tom emotivo-volitivo de solidariedade ao comentador 33 e de oposição ao 32 expresso no uso do aumentativo. Essa atualização de sentido é possibilitada pelas relações dialógicas entre os comentários, notícias e discursos outros. Tanto o aumentativo quanto o riso no final do enunciado são formas linguísticas indicativas de uma linguagem irônica.

Em outro contexto de comunicação a onomatopeia do comentário 33 poderia ser apenas uma onomatopeia, apenas um movimento discursivo interno a um enunciado, mas aqui a consideramos um gênero. Ele é marcado pela alternância dos sujeitos, lança-se para além do verbal, expressa um ponto de vista de oposição ao comentador replicado IANQUE PATIFE. Se o olhássemos apenas enquanto forma linguística não chegaríamos a uma compreensão responsiva, pois não haveria a expressão de um tom emotivo-volitivo de um autor, consequentemente também não suscitaria resposta. Outro aspecto é o fato desse enunciado ter sido concluído enquanto réplica na sua relação dialógica de anterioridade e posterioridade com outros enunciados, mantendo um contorno externo, um acabamento composicional.

Vejamos o comentário 36 de *Hasturh*: *Os petralhas estão sendo condenados e presos... com base em denúncias e COMPROVAÇÕES !!! Enquanto isso, a petezada reboque...na falta de argumentos, o que faz é; FOFOCAS E PIADINHAS IDIOTAS E INÚTEIS !* Há aqui mais de um movimento discursivo. O primeiro deles seria: *Os petralhas estão sendo condenados e presos....* Esse movimento é marcado pela possibilidade de réplica.

Ao dizermos que o gênero comentário *online* orienta as escolhas linguístico-estilísticas do comentador na expressão de um tom emotivo-volitivo, não estamos nos referindo à orientação de um comentário em particular, mas àquela decorrente do gênero. Isto é, do modo como se convencionou, socialmente, organizar os enunciados

nesse gênero em termos de tema, e estilo e forma composicional. Essa orientação não pode ser indiferente ao que é permitido pelo espaço digital.

Embora o comentário possa mimetizar gêneros diversos nesse espaço para se inserir na cadeia de comunicação, o próprio contexto digital de postagem, a esfera jornalística *online*, o convite do portal, revista, *blog*, jornal, dentre outros suportes³⁸ para o leitor comentar, já imprime sobre essa postagem a função de comentário.

Quando o comentador mimetiza ou intercala outro gênero, ele continuará com suas características genéricas. O gênero intercalado trazido para o contexto do gênero comentário *online*, para atender ao projeto comunicativo do comentador, não terá sua arquitetônica genérica afetada.

Embora estejamos defendendo que qualquer postagem nessa cadeia comunicativa seja um comentário, reconhecemos a complexidade dessa afirmação, pois assim estamos admitindo que a postagem de uma onomatopeia, de um *emotivo*, de um sinal de pontuação, de um *link*, é um comentário, isto é, um gênero. Também estaremos defendendo que qualquer outro gênero postado nesse espaço possa ser visto como comentário *online*. Definir esse gênero implica levar em consideração vários fatores, dentre eles, as questões aqui suscitadas sobre acabamento composicional. Pensamos nesse elemento como sendo o maior definidor desse gênero porque entendemos que todo movimento discursivo, em situações reais de comunicação, possui tema e estilo, mas só o gênero é dotado de um acabamento composicional externo.

Consideraram-se, por exemplo, a palavra “metralhas” no comentário 36, ela possui tema, já que é conteúdo ideologizado, nascido nas relações axiológico-dialogicas que organizam a sequência comunicativa de comentários *online*. Ela relaciona-se dialogicamente com (metralhas), mas adquire uma entonação própria, um sentido atualizado. Sabemos que entre os enunciados, entre os gêneros discursivos há uma ideologização que permite ver esses elementos como parte integrante de um todo, que é a comunicação humana. Bakhtin (1997) também ressalta a importância da ideologização interna, que pode acontecer no término de uma palavra vista em seu sentido contextual, que exige do leitor/ouvinte uma réplica:

³⁸ Marcuschi (2008) define suporte textual como sendo um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto.

As relações dialógicas são possíveis não apenas entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado, inclusive a uma palavra isolada, caso esta não seja interpretada com palavra impessoal da língua, mas como signo da posição semântica de um outro, como representante do enunciado de um outro, ou seja, se ouvimos nela a voz do outro. (BAKHTIN, 1997, p. 184)

A palavra “petralhas” é uma fusão de PT e metralhas, dos irmãos metralhas das histórias em quadrinhos ou dos desenhos animados da Disney. Os membros da família formavam uma quadrilha de ladrões atrapalhados, que sempre tinham os seus projetos de roubos furtados, logo, eram ladrões fracassados. O comentador cria um neologismo “petralhas” para caracterizar os integrantes do governo do PT, fazendo uma alusão a esses personagens. Essas informações sobre a criação do neologismo “petralhas” não estão explícitas no texto, mas podem ser recuperadas, ativadas pelo conhecimento de mundo, ou conhecimento compartilhado do leitor. O comentador 36 nomeia o povo defensor da política de esquerda chamando-os de petezada reboque. A nomenclatura relativa a esses dois nomes revela um ponto de vista de esquerda.

No comentário 35, Hasturh, *Mas essa Dilma é BBBUUUURRRRRRAAAAAA !!!!!!!*, o internauta marca sua entonação de intensidade, grito, de desabafo, xingamento, com o prolongamento fônico, o uso de letras garrafais e com a repetição de letras, tornando seu enunciado semelhante ao discurso falado. O falante grita ao chamar a presidenta de “burra”. Pode-se falar de criatividade nesse gênero, não só pelo uso de neologismos, como a palavra “petralhas”, mas na inovação quanto às formas linguísticas que não seguem uma padronização fonética e morfológica como na palavra: “BBBUUUURRRRRRAAAAAA”. Aqui cabe ressaltar a importância desses elementos não em seu aspecto linguístico, mas como meio técnico para efetivar um projeto de dizer que coloca em cena um sujeito falante, um ouvinte, uma situação comunicativa, avaliações apreciativas que emanam de uma singularidade exclusiva daquele que fala, de valores socioculturais e históricos. Com base nessa nomenclatura “burra”, bem como no conteúdo das outras postagens desse comentador, podemos verificar não só que ele adota um posicionamento responsivo característico de quem é favorável ao *impeachment*, de quem comunga com a opinião da grande mídia e da elite rentista mas também é de uma falta de educação e de civilidade inaceitáveis no espaço público.

Alguns espaços jornalísticos mantêm certo controle de monitoramento filtrando o que pode ou não ser publicado pelos internautas, já outros não. No portal Terra a postagem é instantânea. O comentador faz um cadastro e a partir disso pode postar qualquer comentário. Ao clicar em “publicar” automaticamente seu comentário será postado. Já no *blog* Luís Nassif Online, o comentador faz o cadastro, envia o comentário, clicando em “salvar” e a automaticamente recebe essa mensagem: “O seu comentário está agora na fila de moderação e será publicado assim que for aprovado.” No *blog*, o comentário só é postado depois de avaliado e julgado pertinente ou não. Acreditamos que a falta de monitoramento no portal Terra contribua para um estilo mais carnavalizado, desrespeitoso e debochado. Contudo, mesmo nesse caso, entendemos que há certo controle nas postagens, seja pelo temor de sofrer processo judicial, seja por saber que do outro lado tem um destinatário, e que portanto, o comentário será avaliado pelo outro, ou seja pelo posicionamento responsivo desse sujeito ouvinte. Essa visada ao outro pode exigir do falante que se auto monitore no comentário. Ao usar o nome “burra” para caracterizar a presidenta, o comentador retira a palavra do seu estado latente, envolvendo-a de valoração axiológica depreciativa. Na perspectiva bakhtiniana a entoação de uma palavra numa dada situação comunicativa leva o falante a assumir valores sociais inerentes a sua existência. As escolhas lexicais denotam as relações axiológico-dialógicas na constituição do estilo do gênero comentário *online*. A expressiva presença de marcas apreciativas nesse gênero pode ser vista como decorrência da acentuada dialogização das relações de interação entre os internautas, haja vista que o discurso, é marcado pela subjetividade da expressão de opiniões.

No comentário 37, de *Hasturh*, o internauta usa o sufixo (ada) acrescido ao nome PT para reunir num mesmo grupo todos aqueles que comungam da ideologia desse partido (*A petezada gosta de falar em coxinha...A petezada não tem coxa...A PETEZADA TEM É RABO...e rabo preso pela corrupção!!!he he he he*). Além disso, o sufixo, nesse caso, revela uma entonação valorativa, de desprezo. O comentador traz para o contexto de discussão o nome coxinha³⁹, que se refere aos partidários da direita.

39 No Dicionário Online de Português temos: [Pejorativo] Gíria. Pessoa conservadora, contrária a mudanças, politicamente correta que, normalmente, se identifica com os ideais burgueses ou

O internauta diz que coxa é o que caracteriza a direita e rabo caracteriza o PT. Na intenção de depreciar mais ainda o PT, ele diz que, além de ter rabo, esse rabo ainda é preso pela corrupção. Essa caracterização do PT, a partir do membro do corpo “rabo”, aproxima-se da linguagem carnavalesca, uma vez que o rabo tem certa relação com o excremento, é tido como um membro de menor valor em relação à coxa. O comentador termina seu enunciado com o riso, enfatizando a entonação pejorativa dada à caracterização do PT.

O comentário *online* é muito marcado por riso de deboche. Mas isso não significa que esse mesmo riso denegridor não possa ser regenerador, visto que o riso é sempre no mínimo constituído por dois pontos de vista, o ponto de vista daquele que ri, e ainda o ponto de vista daquele que é o motivo do riso.

A partir do comentário 39 do quadro 3 houve um corte de comentários, ou seja, deixamos alguns comentários fora do *corpus* selecionado para análise. Esse recorte foi feito tendo-se o cuidado de não prejudicar a dialogicidade entre o último comentário de uma sequência e o primeiro da outra. Justificamos isso por uma necessidade metodológica, pois, havia um grande número de comentários repetidos e outros muito longos. No quadro abaixo indicamos esses comentários não analisados por meio de colchetes [...].

Quadro 9 – CPT8

[...]

39: Cláudio Gusso:

Os mortadelas estão falando em guerra civil. Podem vir suas baratas vermelhas. Estamos prontos para tirar a chute todos estes gafanhotos.

40: Fernando:

Só tem uma saída, vamos devolver tudo aos DINOSSAUROS e pedir mil desculpas.

41: Santista Honesto:

lula e dilma na cadeia! e nosso pais livres de ladrões!

42: Claudio Filho:

Claro que não. Os petistas ja sabiam da desgraça o tempo todo e por isso bem antes ja haviam se prostituido com os peemedebistas. Os votos no congresso ta tudo contado. Mas, mais prostituda ainda é quem votar ainda nesta raça de viboras em 2016.

43: Sirius Black:

Claudio Filho, votar nos petistas? Ta xingando as víboras?

Fonte: Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/tcu-recomenda-ao-congresso-rejeitar-contas-de-dilma-o-que-acontece-agora,71ed4b1dd2391cbba021ada96fe00d5bqq23l4gx.html>>. Acesso em: 30 out. 2015.

O leitor 39, Cláudio Gusso, inicia seu comentário usando a denominação “mortadelas” para caracterizar os petistas. No sentido dicionarizado “mortadela” sempre será um pedaço de carne. Porém, fora do dicionário, no discurso da vida real, toda e qualquer palavra pode ser refratada pela pluralidade de sentidos, toda palavra é polissêmica, não pela possibilidade de polissemia no dicionário, mas pela pluralidade de sentidos própria do uso, o que Bakhtin (2003 [1979]) chama de sentido atualizado.

Com a denominação “mortadela” o comentador atualiza seu sentido dicionarizado, ressignificando-a conforme um dado horizonte social, que é do contexto político do governo de Dilma Rousseff. Nesse contexto, esse nome adquire o valor de insulto para caracterizar os partidários políticos do PT, indicando não apenas o posicionamento político do comentador, mas também sua valoração afetiva sobre ele. Nesse caso, o nome remete à ideia de lanche popular servido nos encontros políticos com o povo. Sabemos que os mortadelas são os petistas, o povo representativo das camadas populares, aqueles com menor poder aquisitivo, sem os mesmos direitos aos bens materiais e culturais do país. Essa denominação tem caráter pejorativo, é uma maneira de dizer que são inferiores à elite de direita, aos “coxinhas”. O mesmo povo nomeado de mortadelas é caracterizado pelo internauta é como “baratas vermelhas”, uma expressão pejorativa que faz alusão à cor do partido. O comentador encerra seu comentário revelando sua valoração apreciativa do governo Dilma, considerando-o como uma praga, ao referir-se a ele como sinônimo de “gafanhoto”.

As palavras do comentador 39 obviamente circulam na vida, já foram ditas muitas outras vezes, mas nesse contexto adquirem uma entonação nova, que não está só no falante, mas na relação que este mantém com seu ouvinte, com o tempo e espaço vivenciado por ele, com o contexto político do *impeachment*. Esse sentido não é resultante de uma consciência isolada, mas de uma consciência

socioideológica, construída nas relações de interação das quais esse sujeito participou ao longo da sua existência.

Para cada nova apreciação, a cada momento, o falante muda de lentes, tem um campo de visão diferente, uma vez que, tanto o tempo quanto o espaço são dinâmicos. No comentário 41, *lula e Dilma na cadeia! e nosso país livres de ladrões!*, podemos destacar, por exemplo, a escolha da palavra “ladrões” que já deve ter sido dita milhares de vezes, e que já possui certa indicação da língua sobre o seu sentido, porém, seu uso a cada nova situação comunicativa atualiza esse sentido, o reveste de um tom emotivo-volitivo próprio da singularidade daquele que fala. As palavras são retomadas de outros contextos e com a entonação neles usadas, mesmo que sejam sempre reacentuadas. Que ladrões são esses? Nesse enunciado, temos que considerar que a entonação dada, a partir de um ponto de vista do comentador, não fala de qualquer ladrão, pois foi usada para caracterizar a presidenta Dilma Rousseff e o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva num dado momento. Ao mesmo tempo em que temos uma valoração apreciativa do falante que atualiza o sentido da palavra pronunciada, também temos uma voz que revela um discurso repetido pela mídia hegemônica, que avalia o PT como único culpado pela corrupção no Brasil.

Na seção que segue abaixo, analisaremos de forma mais específica à constituição da autoria e do ponto de vista como resultado de uma posição axiológica-dialógica; autoria como processo, como sendo mais um ponto de vista sobre o enunciado; ponto de encontro entre o eu e o outro.

6.3 AUTORIA E PONTO DE VISTA: ATITUDE AVALIATIVO-RESPONSIVA DE NATUREZA AXIOLÓGICO-DIALÓGICA

A autoria no gênero comentário *online* até poderia ser questionada, haja vista que muitas vezes, o internauta que comenta mantém-se no anonimato usando uma falsa identificação. Contudo, a noção de autoria na perspectiva dialógica não está fundada na expressão do nome daquele que enuncia. A autoria antecede esse momento, ultrapassa seus limites para além do material verbalizado. A autoria, assim como o enunciado, não possui um acabamento, logo, não pode ser tomada como produto, mas deve ser vista como processo. O autor realiza seu ato de

enunciar partindo do já dado. O objeto sobre o qual ele lança seu olhar já foi avaliado, ele não pode ser indiferente a esses outros olhares, a esses outros pontos de vista. O enunciado de um dado autor é resultado do diálogo que este mantém com outros enunciados.

A autoria não pode desprender-se das raízes fixadas na anterioridade, assim como não pode cortar aquelas que se ramificam para o momento posterior ao ato de enunciar. Diante disso, entendemos que ser autor é mais do que dizer, é mais do que explicitar a identificação de um nome. É assumir a responsabilidade pelo seu dizer na orquestração, também, de outras vozes no seu enunciado. Vejamos as análises que seguem o quadro abaixo:

Quadro 10 – CPT9

44. Celso Rizzotto:
Não, Dilma não pode ser cassada; o crime de 2014 já prescreveu. Recebeu o indulto de final de ano, uma indulgência plenária. A Dilma que está sentada no trono atualmente é uma nova Dilma, séria, honesta, que dialoga, que não faz negociatas, que diz e cumpre!
45. Portteiro :
Celso Rizzotto, hãã ??? Eu nã li isso não !! Então voce tambem acredita em papai noel, mula sem cabeça, saci perere, e mais um monte de invenções ? Acorda, rapaz !! ai deixar todos se ferrarem apenas para defender bandidos ?V
46. h. andrade:
Celso Rizzotto, e continua pedalando.
47. Celso Rizzotto:
Vamos lá, o governo da Dilmona engana você dizendo que não está devendo nada e, quando você vai ver, ele escondeu que deve aos bancos uma mixaria de alguns bilhões. Então, o exemplo que vem de cima nos autoriza a fazer o mesmo. Digam ao governo que faturaram menos e que devem menos impostos. O PT está querendo dizer que fraudar, enganar, não é mais crime, desde 2002. É por essa e outras, que o Brasil está desse tipo. É por isso que os criminosos estão se multiplicando como ratos. "O exemplo arrasta"!

Fonte: Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/tcu-recomenda-ao-congresso-rejeitar-contas-de-dilma-o-que-acontece-agora,71ed4b1dd2391cbba021ada96fe00d5bqq23l4gx.html>>
Acesso em: 30 out. 2015.

Celso Rizzotto insere-se na cadeia discursiva, negando a possibilidade de *impeachment*, além de defender a honestidade e seriedade dela. O comentarista constrói seu ponto de vista em oposição ao discurso das vozes que apoiam o governo, mas para isso ele usa um discurso irônico, que linguisticamente aponta para um sentido (apoio) e axiológico-dialogicamente aponta para outro (oposição). Ele formula um discurso híbrido que revela duas vozes diferentes, dois pontos de vista dissonantes: a voz dele, enquanto crítico do governo da presidenta Dilma Rousseff e a voz ironizada que é aliada desse governo.

O comentador 45, Portteiro, ao retomar o discurso anterior, procura descaracterizá-lo, opondo-se a ele, embora ambos os discursos possuam pontos de vista convergentes. Ele parece não ter entendido o tom de ironia presente no discurso replicado, confrontando-o com surpresa, indignação e discordância. Não conseguiu resgatar a ironia na autoria do discurso replicado, a voz outra que não coincide com a do autor. O ponto de vista assumido pelo autor do comentário é contrário à voz ironizada. Como vimos, somente após perceber a ironia em 44 é possível atribuir um sentido pertinente quanto ao ponto de vista adotado pelo comentador 45. Ele alinha-se à voz que é contra o *impeachment* da presidenta Dilma para questionar e desacreditar esse discurso. A entonação da expressão “Hãã???” revela admiração, perplexidade, aponta para o confronto entre dois pontos de vista diferentes. A autoria desse discurso é marcada pela dialogicidade entre essas diferentes vozes. Celso Rizzotto volta a inserir-se na sequência de comentários, e novamente de forma irônica no comentário 47, ele constrói sua autoria deixando explícito seu ponto de vista de apoio ao *impeachment*.

A autoria nasce e se fortalece nas relações de diálogos com discursos outros. Exige um elo com discursos passados e com discursos futuros, de modo que quando me constituo como autor, estou sendo apenas mais um a apreciar um dado objeto, que não se encontra desnudo, puro, à espera de minha avaliação, pois esse objeto que tomo como fonte do meu discurso, encontra-se emaranhado nos fios de muitos outros discursos que sobre ele já lançaram a luz da avaliação responsiva, ou seja, meu olhar de autor nunca será apartado de outros olhares, que também já se colocaram como ponto de apreciação para aquele dado objeto. No entanto, para cada olhar, para cada autor, esse mesmo objeto será um “novo” objeto.

O comentador 46 num tom de deboche diz: “e *continua pedalando...*” Ele compartilha com o ponto de vista do comentador 45, com a decisão do TCU, com a mídia hegemônica. Ela faz parecer que o PT é um vilão, que o povo está sendo enganado, e nessa auréola depreciativa criada pela mídia só brilham aqueles elementos selecionados por ela e pelos interesses da elite rentista e de uma parcela da classe média.

Ao dizer que o governo engana e que está devendo bilhões aos bancos, o comentador 47 faz alusão “às pedaladas fiscais”. Contudo, pouco foi divulgado pela mídia que o governo devolveu aos bancos o dinheiro emprestado para pagamento de

programas sociais, como o Bolsa Família, tomado emprestado para minimizar a situação de pobreza vivida por milhares de brasileiros colocados às margens dos bens econômicos e culturais produzidos no nosso país.

O aumentativo “dilmona” revela um tom pejorativo e misógeno. Do mesmo modo, ironicamente, chama de “mixaria” os bilhões que, segundo ele, o governo devia aos bancos. Na nossa interpretação, o internauta quis dizer que mixaria para um governo “corrupto” é uma riqueza para um país com expressiva desigualdade, como é o Brasil. Esses bilhões são referentes ao empréstimo feito aos bancos públicos e que motivaram a abertura do *impeachment*. Na avaliação da mídia as motivações das supostas “pedaladas” e a devolução do dinheiro tomado emprestado parece inexistir, são colocados à margem, pois, a ênfase é dada apenas naquilo que denigre a imagem do PT. A mídia torna-se autora de um discurso que avalia e julga o PT a partir de um ponto de vista da oposição.

Podemos perceber vários recursos dialógicos usados para a construção do ponto de vista do comentador Celso Rizzotto. Ele usa o discurso indireto para iniciar a elaboração do seu posicionamento axiológico, contrapõe-se a essa voz escolhendo recursos linguístico-estilísticos para elaborar e fundamentar seu ponto de vista, como por exemplo, a palavra “engana”, “escondeu” e a expressão “mixaria de alguns milhões de dólares”. A autoria é sempre marcada pela réplica antecipada, pelas tonalidades dialógicas que liga o linguístico e o extralinguístico, pelas valorações apreciativas reveladoras do ponto de vista. Conforme Bakhtin (2015 [1934-1935], p. 57): “A política interna do estilo (a combinação de elementos) é determinada por sua política externa (pela relação com a palavra do outro). É como se a palavra vivesse na fronteira do meu contexto e do contexto do outro”. Ser autor é ter em vista a resposta do outro.

O comentador 47 tem em vista um interlocutor direto ou um público leitor que se configura como destinatário genérico. No trecho: “Vamos lá”, o governo da Dilmona [...], a expressão “vamos lá” convida, incita o outro a refletir a responder. O comentador vai dando voz ao seu ouvinte/leitor, a sua compreensão responsiva, frente àquilo que é visto pelo ouvinte através das suas lentes.

Esse internauta (47) traz para seu discurso aquilo já dito sobre as pedaladas fiscais. Os discursos sobre esse acontecimento fazem parte das relações dialógicas constitutivas da memória interdiscursiva desse sujeito falante, fazem parte de sua existência. Ele não tem como deixar de ocupar uma posição axiológica-dialógica frente aos pontos de vista já presentes nesses discursos. O simples ato de enunciar, de

manter uma compreensão responsiva, já inicia o processo de autoria desse comentário, já indica uma tomada de posição.

A autoria é todo o processo, ou melhor dizendo, ato-processo, que liga o passado, presente e futuro. Celso Rizzoto é autor desse comentário porque o construiu enquanto elo dessas três dimensões espaço-temporais. Ele dialoga com discursos anteriores que tematizam as pedaladas fiscais, o *impeachment* da presidenta Dilma e outros temas relacionados. Ao recorrer a esses outros discursos, ele também recorre às tonalidades axiológico-dialógicas já impressas sobre eles, todavia, com seu tom emotivo-volitivo.

A autoria é marcada por esse elo entre o dado e o novo. No momento em que a palavra-ato é enunciada, seja enquanto discurso pensado, ou seja, enquanto discurso exteriorizado, ela revela a autoria de um sujeito falante que mantém com ela compreensão responsiva. O comentador 47 diante da valoração que ele atribui às chamadas pedaladas fiscais, argumenta: *Então , o exemplo que vem de cima nos autoriza a fazer o mesmo. Digam ao governo que faturaram menos e que devem menos impostos. O PT tá querendo dizer que fraudar, enganar não é mais crime, dede 2002.* Esse enunciado pode não parecer ser ético porque incentiva o desrespeito às leis orçamentárias do país, entretanto, é um ato ético, tomado enquanto discurso de um autor que assume uma posição valorativa. Ele assume a responsabilidade de dizer, de responder, de ser autor. Essa responsabilidade não é imposta, nem pretendida pelo comentador, mas é inerente à sua própria existência. Essa autoria não é sobre a materialidade linguística, não é sobre a divergência ou convergência às leis impostas pelo homem, mas sobre o ato-processo de adotar uma atitude avaliativo-responsiva, que faz desse dizer uma tomada de posição sobre a qual só o comentador 47 pode se responsabilizar. A autoria não pode ser vista fora das relações sociais.

Quadro 11 – CPT10

48. Nilton:

POLÍTICA NO BRASIL E ASSIM: ISSO ACONTECEU NA DISPUTA PRESIDENCIAL DE 2014 E OS ELEITORES SÓ DESCOBREM UM ANO DEPOIS INACREDITÁVEL SE A OPOSIÇÃO (PSDB, DEM ÔNIOS ETC.) TIVESSE VENCIDO AS ELEIÇÕES TINHAMOS ESTADO NUM BURACO NEGRO! E NÃO NO FUNDO DO POÇO. SABEMOS QUE O FUNDO DO POÇO TEM FUNDO. AO INVEZ DE O BURACO NEGRO E UMA COISA INFINITA QIE NÃO TEM FUNDO

49. Lulo:

Nilton, mimimimimi.

comentários postados em portais, revistas *online*, *blogs*, dentre outras mídias, geralmente, mantém uma atitude avaliativo-responsiva de convergência com a ideologia política seguida por essas mídias na construção e divulgação dos acontecimentos. Nos comentários do portal Terra, observamos que a grande maioria dos comentários expressa um tom emotivo-volitivo de desejo pelo *impeachment*, de revolta e indignação frente ao governo do PT. Poucos comentários publicados nesse portal e analisados em nossa pesquisa colocam-se contra.

Já o *blog* Luís Nassif Online pode ser considerado de esquerda. Faz uma construção e divulgação do *impeachment*, caracterizando-o como sendo golpe. Do mesmo modo como acontece no Portal Terra, os comentadores que se inserem no *blog* Luís Nassif Online, de modo muito recorrente, adotam a mesma ideologia do *blog*. Tanto do portal quanto do *blog*, os leitores formam uma comunidade virtual relativamente homogênea, mantendo na cadeia comunicativa certo consenso ideológico de direita ou de esquerda. Assim as relações axiológico-dialógicas que se manifestam nesse ou naquele meio jornalístico são internamente de aproximação e convergência com esse ponto de vista geral, e externamente de distanciamento e divergência em relação àqueles que se encontram fora desse limite consensual.

O internauta parte do ponto de vista geral – aquele defendido ou construído pela mídia de direita ou de esquerda, mas também, ancora-se no singular. Desse modo, mesmo adotando um posicionamento político de determinado espaço jornalístico, o comentador expressa seu tom emotivo-volitivo, atualizando esse ponto de vista geral, refratando-o num ponto de vista singular.

O espaço midiático destinado para publicação e postagem de comentários transformou-se numa arena, num campo de combate, onde muitas vezes, tudo vale para expressar a opinião, para argumentar a favor de um ponto de vista. A compreensão avaliativo-responsiva sobre a caracterização de Dilma e do ex-presidente Lula num enquadramento de vilões ou bonzinhos, dependerá do que diz a mídia. A compreensão responsiva sobre o processo de *impeachment* é realizada indiretamente, tendo no sistema midiático a ponte que leva a essa ou aquela verdade, ou seja, o leitor se não tiver acesso a diferentes fragmentos dessa mesma realidade midiaticizada, será manipulado a acreditar e adotar uma

determinada verdade com acabamento definido pela mídia de direita ou de esquerda.

O comentador compreende e responde à realidade que chega a ele por meio do sistema midiático. Quanto mais fiel o leitor/ ouvinte for a um único portal, jornal ou revista, mais recorrentemente será um repetidor de uma ideologia refratada por essa ou aquela mídia. A ideologia passa a ser compartilhada por aqueles sujeitos que têm acesso à informação valorada axiológico-dialogicamente por um ponto de vista midiático. Os comentadores, geralmente veem o que a mídia quer que eles vejam. Sem perceber essa visão manipulada, eles passam a aceitar e defender uma “verdade” construída na e pela mídia, compreendida como sendo aquela que corresponde fielmente aos acontecimentos. Desse modo, o comentador endossa, assina uma imagem negativa ou positiva construída pela mídia de direita ou de esquerda sobre o *impeachment*. A partir dessa imagem passa a ler e compreender o que é noticiado.

Se pensarmos nos comentários do portal Terra, já analisados, e nos comentários do *blog* Luís Nassif Online, que seguem no quadro abaixo, veremos que eles retratam bem uma dupla caracterização do *impeachment*. Se nos comentários *online* do portal Terra, temos certo consenso quanto ao tom depreciativo a Dilma Rousseff e ao PT, expressando um ponto de vista favorável ao *impeachment*, nos comentários postados sobre o mesmo acontecimento – reprovação das contas do governo em 2014, pelo TCU – no *blog* Luís Nassif Online temos a defesa de um ponto de vista contrário, logo, de apoio à permanência de Dilma Rousseff no governo.

Quadro 12 – Notícia do Blog Luís Nassif Online⁴¹

Sociedade espera essa decisão há muito tempo", diz Nardes rejeitando contas de Dilma

Patricia Faermann Qua, 07/10/2015 - 20:03

O Tribunal de Contas da União rejeitou as contas de 2014 da presidente Dilma Rousseff, argumentando distorções como "pedaladas fiscais" e o não contingenciamento do último ano

Jornal GGN - "Esse tema já oportunizou um grande debate, todos nós viemos prestar contas à sociedade brasileira", iniciou Nardes em seu voto rejeitando as contas de 2014 da presidente Dilma Rousseff, respondendo à manifestação do advogado-geral da União, Luís Inácio Adams, que alertou: "o TCU tomará sua decisão, eu respeito, mas o que não pode, não pode, é artificialmente tentar transformar isso num movimento de cassação de mandato presidencial, isso se tornará um escândalo da República", frase que foi tomada por vaia dos pouco mais de 20 parlamentares da oposição que acompanham o julgamento. Nardes completou: "não merecem prosperar os argumentos defendendo que as contas de 2014 estão fidedignas", afirmando que houve "total afastamento dos pressupostos do planejamento, da transparência e da gestão", da presidente Dilma. Os demais ministros, por unanimidade, seguiram o voto do relator Augusto Nardes, que rejeitou todos os pontos de contrarrazões apresentadas pela equipe da presidente da República. Anteriormente, na mesma sessão desta quarta (7), os ministros negaram o pedido de afastamento de Nardes, relator do processo na Corte, feito pelo governo, que teria se tornado suspeito para julgar, por comentar antecipadamente suas opiniões à imprensa e adiantar o seu voto pela reprovação. "A presente manifestação é improcedente, meras ilações do jornalista ou declarações de Augusto Nardes que o TCU expressamente manifestou", defendeu o ministro do TCU Raimundo Carreiro. "Nada, absolutamente nada há nas declarações que configure juízo de valor", completou. Ao explicar a manifestação de Nardes de que o julgamento das contas da presidente Dilma Rousseff "entrará para a história", Carreiro afirmou que as declarações não dizem nada e foi além: "o presente processo já entrou para a história do TCU. É a primeira vez em 80 anos que o Tribunal abre o contraditório. Isso é fato, não se trata de opinião, nem antecipação de voto", disse. Também nesse item, os demais ministros acompanharam o voto do relator Raimundo Carreiro e mantiveram, de forma unânime, Augusto Nardes na relatoria do julgamento das contas da presidente. Na última semana, o voto de Nardes foi vazado para a imprensa, antecipando a recomendação da rejeição das contas. Com a aprovação do Plenário pela rejeição das contas, o que não ocorre desde 1937, a conclusão do TCU agora será encaminhada ao Congresso Nacional, que detém a palavra final, podendo manter a recomendação ou modificá-la. A oposição busca usar a rejeição das contas pelo Tribunal para um pedido de impeachment contra a presidente Dilma Rousseff.

Fonte: Disponível em: <<https://jornalgggn.com.br/noticia/sociedade-espera-essa-decisao-ha-muito-tempo-diz-nardes-rejeitando-contas-de-dilma>>. Acesso em: 30 out. 2015.

⁴¹ Não foi possível fazer uma análise mais detalhada dos comentários do blog Luís Nassif online, justificamos essa limitação pelo fato de que somente após a pesquisa em andamento, sentimos a necessidade de incluir comentários de posicionamento político diferente do portal Terra. Assim, o tempo não foi suficiente para fazer uma análise na mesma extensão que a do portal. Essa lacuna serve como abertura para continuidade da pesquisa em posteriores trabalhos, ampliando as análises dos comentários do Blog Luís Nassif Online.

A notícia acima foi publicada no *blog* Luís Nassif Online, que faz parte do jornal GGN. O comentador para ter acesso ao texto fonte, acessou esse jornal e dentro dele o *blog* Luís Nassif Online, lendo e comentando uma notícia escrita por Patrícia Faerman. A notícia, assim como aquela do portal Terra, trata da reprovação das contas de Dilma Rousseff pelo TCU. A jornalista relata a reprovação das contas de 2014 de Dilma Rousseff, fazendo a inserção de algumas falas de representantes da política de direita, ao mesmo tempo em que usa discursos outros como contra-argumentos em relação de oposição à reprovação das contas. Interessante observar que temos uma jornalista, que assina uma notícia, publicada no blog Luís Nassif Online, que por sua vez está inserido no jornal GGN. A notícia trata também do pedido de afastamento de Augusto Nardes da função de relator na corte por ter sido acusado de julgar e comentar sua opinião à imprensa, antecipando seu voto sobre a reprovação das contas de 2014. Para cada um desses fatos narrados, a jornalista recorre ao discurso citado para contra-argumentar. O leitor/comentador da notícia recorre a esses acontecimentos narrados, bem como aos discursos outros retomados pela jornalista, dando origem aos comentários a serem analisados abaixo:

Quadro 13 –CBLNO1

1. Cunha: Contra o PT ilações são⁴²
Contra o PT ilações são provas. Contra os golpistas provas são ilações. Vamos ver até onde os golpistas fascistas conseguirão esticar essa corda. Estão apostando alto contra a democracia. Não se incomodam em alimentar um ambiente de incerteza e de prejuízos incalculáveis à economia, se esse for o preço a pagar para tomarem o poder. Tudo que está acontecendo é a mais límpida lógica: Após 500 anos de impunidade na roubalheira é impossível que a reação da mega máfia seja outra quando aparece uma presidenta que não tem medo de nada e jamais roubou nem uma caneta bic. Não tem medo de nada. Quem ficou na prisão por 2 anos e 11 meses por defender a democracia e sobreviveu à barbárie da tortura sem entregar ninguém NÃO TEM MEDO DE MAIS NADA NA VIDA. Dilma, os brasileiros decentes e esclarecidos estão com você. Os canalhas não passarão, a democracia vencerá.
2. sergio martins pinto: Pode ser que ela não tenha
Pode ser que ela não tenha medo de nada, Mas eu tenho medo da falta de reação e da teimosia dela, Parece que está querendo ser defenestrada.
3. Bruno Cabral: Cade os bons
Já eu tenho medo de que os bons fiquem calados.
4. João Alexandre
Assino embaixo.
5. J: Assino também

⁴² No blog Luís Nassif Online, os nomes dos comentadores, geralmente vem seguido de um título, que pode ser ou não trecho do comentário.

O Complexo Reacionário de Mídia não se envergonha minimamente em se mostrar escancaradamente golpista. Como construtor do golpe de 64, seu apoiador e, parte relevante do Complexo, instituído pela Ditadura, estão apenas sendo coerentes. Com este Complexo dominando, a democracia nunca vai aprofundar raízes. E acho que o grande público já está se conscientizando a respeito. Até as toupeiras. A democratização da Mídia é inexorável, se o Complexo de Extrema Direita midiático não for debelado, a democracia é que será.

Fonte: Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/sociedade-espera-essa-decisao-ha-muito-tempo-diz-nardes-rejeitando-contas-de-dilma>>. Acesso em: 14 fevereiro. 2017.

No *blog* Luis Nassif Online, os comentários revelam um ponto de vista que caracteriza a presidenta como heroína, o tom emotivo-volitivo expresso pela maioria dos comentadores é de apoio, de defesa, de solidariedade. Aqui se ressaltam, ou até mesmo criam-se virtudes e escondem-se os defeitos, os erros ou acusações, aquilo que possa pesar contra ela no processo de *impeachment*. O comentador avalia a partir de uma relação dialógica de convergência com o posicionamento político do *blog* e de divergência em relação ao discurso midiático. Ele contrapõe-se ao discurso de direita que ataca e acusa, lutando a favor do *impeachment*.

No Comentário 1: Cunha caracteriza o *impeachment* como sendo um golpe, uma vez que, segundo ele, as acusações sofridas pelo PT são frutos de interpretações feitas a partir de suposições, e não de provas consistentes. Assim, para o comentador, o processo de *impeachment* é um golpe praticado por indivíduos de tendências de extrema direita, como políticos e mídia jornalística. É um atentado à democracia, tomada de poder por aqueles, que só visam a seus próprios interesses. Um ponto de vista oposto àquele defendido pela maioria dos comentadores do portal Terra.

Ao contrário da valoração depreciativa dos comentários do portal Terra em relação à presidenta, o internauta faz um recorte daquilo que considera relevante para defender seu ponto de vista de que ela é uma pessoa destemida por já ter vencido outras batalhas no passado, honesta, solidária, alguém que já sofreu muito e que se tornou forte o suficiente para vencer a batalha sobre o *impeachment*. A presidenta é caracterizada como aquela que está fazendo um governo diferente, sem a roubalheira de séculos de governo da política de direita. O comentador relembra prisão de Dilma Rousseff durante a ditadura militar, período no qual ela passou por sessões de tortura. A menção desse acontecimento contribui para fundamentar o ponto de vista do comentador em favor da presidenta Dilma contra o golpe de Estado, que segundo Souza (2016, p. 131-132) foi em defesa dos

interesses dos ricos contra os interesses dos pobres. “[...] é apenas o interesse do 1% mais rico, e fazer a festa da turma da ‘privataria’. Os pobres voltam ao esquecimento, à marginalização e aos salários de escravos por serviços à classe média e às empresas dos endinheirados”.

O internauta faz suas escolhas linguístico-estilísticas retomando um contexto extraverbal anterior ao *impeachment* para elaborar o conteúdo de forma séria e com argumentos trazidos da história, atualizando os sentidos do discurso atual rumo à defesa de um dado ponto de vista materializado nas relações axiológico-dialógicas expressas por discursos outros que são retomados implícita ou explicitamente e também materializados por um tom emotivo-volitivo expresso pelo sujeito falante. Ao selecionar e retomar discursos outros, o internauta revela sua compreensão responsiva sobre o governo PT. Ele tece uma rede de argumentação para convencer que Dilma é inocente, logo, injustiçada com o processo de *impeachment*.

A alusão feita no comentário 1 sobre a prisão de Dilma revela o quanto o linguístico é secundário no processo de construção e atualização de sentidos do enunciado. Antes de dizer, antes de expressar verbalmente uma comunicação, o sujeito falante recorre ao contexto extralinguístico para construir seu ponto de vista, e a entonação pretendida. As escolhas linguístico-estilísticas organizam as relações axiológico-dialógicas ao mesmo tempo em que são organizadas por elas.

Ao dizer que ela nunca roubou nem mesmo algo “insignificante, simples como uma caneta bic”, Cunha caracteriza-a como incapaz de estar envolvida em crimes políticos, logo, avalia o *impeachment* como sendo um golpe. Depois o comentarista deixa explícito que a presidenta está emocionalmente preparada para enfrentar a luta. Para o comentarista, o fortalecimento e coragem de Dilma é fruto das dificuldades já enfrentadas por ela enquanto defensora de uma política de esquerda, isto é, das minorias, daqueles que dependem de políticas públicas que lhes garantam condições mínimas de sobrevivência no tocante à assistência alimentar, saúde, educação e moradia, etc.

O comentarista enfatiza a caracterização da presidenta como destemida: “NÃO TEM MEDO DE MAIS NADA NA VIDA” é como se dissesse que ela está preparada para vencer, pronta para lutar pela permanência no cargo. Na nossa interpretação, lutar contra acusações infundadas ou fundamentadas naquilo que é recortado conforme os interesses da grande mídia, como feito em relação às

“chamadas pedaladas”, que mesmo tendo acontecido em prol de uma causa maior, que foi fornecer recursos para garantia do funcionamento de programas sociais para minimizar a desigualdade, dando assistência aos mais pobres, foi avaliado pela mídia e pela política de direita como crime.

As escolhas linguístico-estilísticas do comentador tem no destinatário imediato ou em sentido mais amplo, em qualquer possível leitor, a orientação necessária. Como salienta Bakhtin (2013 [1979]) o destinatário é uma ponte entre o sujeito falante e o enunciado. O comentário é postado num espaço público, tendo como destinatário virtual um auditório formado pelos possíveis leitores do portal ou *blog*. Não apenas o destinatário imediato, no caso de comentário sobre comentário, é definidor das escolhas linguístico-estilísticas, mas também esse auditório virtual, que é desde o início parte constitutiva do estilo do enunciado e estilo do gênero.

O comentador 1. Cunha conclui sua fala dizendo: *Dilma, os brasileiros decentes e esclarecidos estão com você. Os canalhas não passarão, a democracia vencerá*. Esses “brasileiros” aos quais o internauta se refere explicitamente são os de esquerda. As escolhas linguístico-estilísticas feitas pelo comentador o colocam numa relação de aproximação com Dilma Rousseff, a quem o internauta evoca com o vocativo – Dilma –, em um tom de solidariedade, que envolve não apenas ele comentador, mas também “todos os brasileiros decentes e esclarecidos”. Essa caracterização deixa implícito que do outro lado temos um grupo de brasileiros que não são decentes e nem esclarecidos – de direita, envolvidos na articulação do “golpe” –, caracterizados pelo internauta de “canalhas” e antidemocráticos. O internauta visualiza Dilma e seus eleitores festejando a vitória sobre o *impeachment*. Ele divide o contexto político do Brasil em duas dimensões: o bem e mal. O bem – PT – é assim classificado por representar as camadas mais populares da sociedade, colocando-se a favor dos mais pobres, lutando pelo bem comum. Isto é, por meio de programas sociais o governo tenta minimizar a distribuição desigual de renda. Já a política de direita é vista pelo comentador como sendo o mal, ou seja, os antidemocráticos, aqueles que defendem os interesses de determinados grupos da elite rentista, que não visa a minimizar as desigualdades sociais.

O destinatário pode ser aquele que ocupa maior posição hierárquica dentro de um sistema social, mas dadas às condições de carnavalização do espaço de publicação do comentário, pode ser visto e tratado numa relação hierárquica de

igualdade com um internauta que pode ocupar uma posição das mais inferiores nessa hierarquia social. Isso acontece porque o espaço de publicação dos comentários assemelha-se a uma praça pública, onde as fronteiras entre o público e o privado são minimizadas ao máximo. O autor/comentador sente-se autorizado a expressar um tom emotivo-volitivo de aproximação afetiva, ou ao contrário, pode voltar-se para esse destinatário numa relação de distanciamento expresso pelo desrespeito, pelo deboche, pelo tom irônico carregado da bivocalidade característica do estilo carnavalesco que sempre aponta para duas realidades, uma oficial e outra extra-oficial.

Seguindo a sequência, temos os comentários (2, 3, 4 e 5) que mantêm forte diálogo interlocutivo com o comentário 1. Cunha numa relação dialógica de aproximação e apoio. Todos apontam para um ponto de vista de convergência, revelando-se contra o processo de *impeachment*. O comentador 2. Sergio Martins Pinto diz: *Pode ser que ela não tenha medo de nada, Mas eu tenho medo da falta de reação e da teimosia dela, Parece que está querendo ser defeeenstrada*, o internauta ao replicar o comentário anterior, mantém com ele uma relação dialógica de apoio, sendo contra a saída da presidenta, e também de acréscimo e divergência ao dizer que tem medo da reação de passividade e teimosia da presidenta frente à possibilidade de *impeachment*. Segundo ele, por Dilma mostrar-se destemida pode facilitar a sua expulsão do cargo. Os internautas 2, 3 e 4 assumem uma posição de afetividade, preocupação e empatia com a presidenta Dilma Rousseff. Eles consideram que ela tem argumentos suficientes para se defender, mas ao mesmo tempo temem que não o faça. Esse temor à falta de reação é explicitado pelo comentador 3: Bruno Cabral que diz: *Já eu tenho medo de que os bons fiquem calados*.

O comentador 4. João Alexandre retoma integralmente a fala anterior dizendo: *eu assino embaixo*. Porém, somente em sintonia com as relações dialógicas interlocutivas e interdiscursivas é possível atualizar o sentido desse enunciado. Quem é esse eu? Assino o quê? Mantém uma relação de concordância com o que? Quem é o destinatário? As respostas a esses questionamentos, dentre outras, são encontradas no elo entre o linguístico e o extralinguístico. O comentário *online* dá grande abertura para a expressão do sentido implícito, principalmente devido à relação dialógica interlocutiva direta, que permite o diálogo direto entre os internautas. Desse modo, muito se diz implicitamente, fala-se sobre um mesmo tema, num espaço

marcado pela interação, pelo conhecimento compartilhado, pela possibilidade de retomar implicitamente o discurso do outro como acontece no diálogo face a face.

Nesse diálogo, temos o intercruzamento de muitas vozes que se materializam nas relações dialógicas interlocutivas e interdiscursivas. O comentário 5 replica a voz midiática, acusando-a de ser um complexo reacionário de extrema direita escancaradamente golpista. O comentador chama atenção para a necessidade de democratização da mídia, ou seja, deixá-la a serviço do povo também e não restrita aos interesses da elite, das ideologias de extrema direita. O comentário retrata bem a ação midiática que vivemos durante o processo de *impeachment*. A mídia manipulou a informação levada à sociedade, filtrando seletivamente aquilo que a população deveria saber ou não. Nesse sentido Souza (2016) afirma que a ela construiu a interpretação e construção de uma realidade política que chega ao conhecimento da população a partir de um recorte, de um enquadramento discursivo, que oculta, que distorce aquilo que não atende aos interesses defendidos, pelos defensores da direita, e que ressalta, grita aquilo que pode ser tomado como arma para derrotar o PT, ou seja, aprovar o *impeachment*. Para Souza (2017, p. 217) tem-se como maior veículo de comunicação no Brasil a Rede Globo, que é uma concessão pública, o que a torna parte da vida de milhares de brasileiros, muitas vezes, sem outra referência de meio de comunicação para comparar e avaliar criticamente as informações recebidas por meio dela ou de outro veículo de comunicação constitutivo da grande mídia.

Quadro 14 – CBLNO2

6. ljunior: Uma coisa...
... é ser solteira e sozinha no mundo e passar por essas provações... ... outra coisa é ter filhas e netos ameaçados... ... It's the "Pré-Sal", man! O jogo é pesadíssimo. Mas uma coisa é certa... Vão acabar com qualquer esperança desse país..
7. CarloB: Pra uma coisa pelo menos vai servir tudo isso
pelo que estamos passando.
Toda essa tensão política e tentativa de golpe desnudou toda a corja que sempre dominou esse país
8. gaúcho: E continua o teatro, um
E continua o teatro, um tribunal de araque cheio de políticos fracassados e de duvidosa reputação diz que vai fazer história... só se for a história da hipocrisia.

Fonte: Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/sociedade-espera-essa-decisao-ha-muito-tempo-diz-nardes-rejeitando-contas-de-dilma>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

O comentador 6. Junior retoma a valoração apreciativa dos comentários anteriores sobre Dilma, principalmente, do comentário 1, caracterizando-a como forte e vitoriosa no passado, e no momento presente do contexto de *impeachment*, fragilizada ao ter sua família ameaçada. Ele inicia o comentário com reticências, o que nesse contexto, significa a retomada do fio discursivo anterior, acrescentando sobre ele nova valoração apreciativa que diz ter sido mais fácil vencer no passado e que agora será mais difícil. O comentador vê no governo do Partido dos Trabalhadores (PT) a esperança do país. Ele marca o inacabamento de sua fala por meio do recurso estilístico das reticências. Esse recurso gráfico no início do comentário funciona como elo entre o que estava sendo dito antes, assim como as reticências finais indicam um elo com discursos outros já existentes ou que ainda serão ditos. O comentador situa seu discurso como parte de um discurso maior, deixando-o entre reticências.

O ponto de vista dos comentadores do *blog* Luís Nassif Online sobre o *impeachment* é de oposição, representativo da esquerda. Nesse *blog* os comentadores veem a saída da presidenta Dilma como o fim, a destruição do país, enquanto no portal Terra os comentadores o veem como a solução, um novo começo. São dois pontos de vista gerais sobre um mesmo tema, cada comentário parte de um desses pontos de vista para expressar uma valoração apreciativa, um ponto de vista marcado pela singularidade de um sujeito falante que tem sua fala ancorada em um ponto de vista geral.

Diante disso, percebemos que o espaço destinado para os comentários é composto por uma força centrípeta que envolve a ideologia política do portal e a ideologia política dos comentadores num campo relativamente consensual, ou seja, adotando um mesmo posicionamento. Os comentadores, em sua maioria, comportam-se como seguidores do posicionamento político do portal ou *blog*, uma vez que mantém uma relação dialógica de convergência com o espaço jornalístico onde publicam seus comentários. Eles adotam um ponto de vista geral, que é o do veículo de comunicação no qual estão inseridos. Esse ponto de vista é marcado por um posicionamento político de direita ou de esquerda que servirá de guia para as valorações apreciativas dos internautas, fundamentando seus pontos de vista particulares, nascidos do elo entre o social e o singular. É a partir desse relativo consenso que os internautas se posicionam, fazendo suas escolhas linguístico-estilísticas para tornarem-se autores de comentários *online* dentro de uma rede comunicativa, fortemente, marcada pela interação.

Ao mesmo tempo em que os comentários são constituídos por essa força centrípeta, também se revelam como espaço fortemente marcado pela presença de forças centrífugas que incorporam o discurso divergente da ideologia política do portal ou *blog*, desqualificando-o em busca de fazer valer o ponto de vista do sujeito falante. Desse modo, o ponto de vista se efetiva em meio a essas duas forças. Se de um lado temos a busca pela manutenção da ideologia de direita ou de esquerda adotada pelo portal ou *blog*, do outro, é preciso recorrer ao discurso divergente a partir do qual esse consenso é relativamente construído. Isso nos remete para o fato de que o ponto de vista nasce e se fortalece no confronto com outros pontos de vista.

O comentador 7. CarloB diz: *Pra uma coisa pelo menos vai servir tudo isso pelo que estamos passando...Toda essa tensão política e tentativa de golpe desnudou toda a corja que sempre dominou esse país.* Ao se referir a “toda essa tensão política”, o comentador já traz o embate entre diferentes discursos, entre diferentes pontos de vista. O internauta revela explicitamente seu posicionamento político em relação ao *impeachment* ao se referir a ele como “tentativa de golpe”, uma vez que, para os adeptos da direita, não se trata de um golpe, mas de um ato constitucional. Sua fala coloca em cena, numa relação de oposição, o discurso de direita que defende a saída da presidenta Dilma do governo como sendo um ato lícito, justificado, dentre outros fatores, pela reprovação das contas o governo do ano de 2014.

No contexto dos comentários analisados nesta pesquisa, na esfera jornalística, observamos que os comentadores, geralmente, não polemizam com o espaço jornalístico onde postam seus comentários. A polêmica acontece, principalmente, em relação ao acontecimento noticiado, ao acontecimento social ou midiático, entre comentadores de ideologia política diferente. O conteúdo das postagens serve mais para validar a ideologia do portal ou *blog* do que para democratizar a informação. O jornalismo encontra no comentador uma voz que pode dar aos acontecimentos sociais noticiados um tratamento mais subjetivo, uma valoração marcada pela expressão de um eu que fala livre das restrições enunciativas do gênero notícia.

Assim, a mídia jornalística se vale da voz do comentador para ampliar seu poder de argumentação frente à realidade midiática que pretende construir. A voz do comentador passa a revelar certo consenso acerca daquilo que é noticiado em um dado espaço jornalístico. Por isso, se alguém ler apenas o Portal Terra, terá uma

visão negativa do PT, assim como se restringir-se à leitura ao *blog* de Luís Nassif, verá o PT positivamente. Os leitores/comentadores do portal Terra revelam quase sempre um posicionamento de direita, já comentadores do *blog* Luís Nassif, geralmente caracterizam o PT como vítima de uma mídia desonesta, que atende aos interesses de uma minoria – da elite. Qual dos dois veículos tem razão? Por que uma mesma realidade pode ser vista de forma tão oposta? É tudo uma questão de ponto de vista, de avaliação valorativa da mídia e do internauta.

Foi na contraopinião de revistas, e, principalmente, de *blogs* de esquerda que percebemos o outro lado daquilo que era divulgado pelos meios de comunicação de massa como sendo “a verdade” em relação ao envolvimento do PT nesses escândalos. A contraopinião permite ver aquilo que a mídia de direita esconde, mostrando outra versão dos acontecimentos. O *blog* Luís Nassif Online faz ecoar na fala dos comentadores um ponto de vista oposto àquele construído midiaticamente a favor da defesa do *impeachment*. Dizemos que é uma contraopinião porque é divergente da ideologia do poder dominante. A maior parte da população tem acesso às informações via comunicação televisiva, mais especificamente, via emissora de televisão Rede Globo, ou outra emissora integrante da grande mídia, ou seja, a partir de um ponto de vista de direita, havendo um direcionamento meio unilateral sobre a compreensão da sociedade acerca do acontecimento midiático *impeachment*.

No comentário 7, CarloB também mantém um consenso com o ponto de vista geral do *blog*, sendo, portanto, contrário ao processo de *impeachment*. O comentador acusa a direita de golpista, mas consegue visualizar um aspecto positivo dentro desse cenário político, que foi o desmascaramento do que ele chama de corja, ou seja, dos políticos de direita. “Toda essa tensão política e tentativa de golpe desnudou toda a corja que sempre dominou esse país”. O internauta avalia a política de direita como uma farsa, e que só agora se mostrou realmente como é, arquitetando um golpe, que é o processo de *impeachment*.

Nesse contexto, o político é travestido pelo poder da máscara da democracia, que lhe dá o direito de representar o povo, mas essa máscara representativa do povo, de cada eleitor que vota nele, nem sempre o conduz a uma ação ética que leva esse outro (eleitor) em consideração. Nem sempre essa máscara dá origem a uma atitude responsiva coletivizada, tendo no outro, que lhe conferiu o direito oficial de representar, a motivação para suas ações políticas.

O pronome demonstrativo (isso) usado pelo internauta em “pra uma coisa pelo menos vai servir tudo isso” faz alusão à conjuntura de discussão em torno do processo de *impeachment* da presidenta Dilma. O “isso” não é apenas uma forma gramatical, mas antes de tudo, um recurso linguístico-estilístico capaz de retomar todo um contexto extraverbal formado pelas relações de interação que traçaram dialogicamente o rumo do acontecimento social: *impeachment*. Além da retomada das relações dialógicas que constituem o acontecimento social, o pronome também revela o tom emotivo-volitivo do comentador sobre o dito. A valoração apreciativa do comentador vai sendo revelada na escolha das expressões que ele faz. A expressão “pelo menos” representa algo de positivo dentro de um contexto negativo, que é a conjuntura da política brasileira em torno da saída da presidenta Dilma.

O ponto de vista do comentador é revelado na caracterização que ele faz do *impeachment* enquanto “golpe”. Diante disso, compreendemos que a palavra “corja” expressa o tom emotivo-volitivo do comentador sobre a caracterização que faz dos políticos de direita, que aliados da mídia forjaram, segundo ele, “uma tentativa de golpe”. O leitor/ comentador constrói sua compreensão responsiva sobre o que diz o internauta, a partir desse resgate que faz do contexto extraverbal por meios das pistas linguístico-estilísticas materializadas verbalmente. A atualização do sentido se concretiza no diálogo entre aquele que diz e aquele que compreende responsivamente.

Retomando o comentário 7, o comentador (8. Gaúcho) diz que o teatro continua, compartilhando do ponto de vista do comentário anterior de que a política é uma farsa, composta por políticos mascarados. Ele compara o Tribunal de Contas da União (TCU) a um teatro: *E continua o teatro, um tribunal de araque cheio de políticos fracassados e de duvidosa reputação diz que vai fazer história... só se for a história da hipocrisia*. Isso nos remete a ideia de carnavalização discutida por Bakhtin (2013 [1940]) que diz ser impossível separar totalmente o mundo oficial do extra-oficial. Segundo esse pensamento, paralelo ao mundo oficial, aquele regido por uma ideologia dominante que obriga o homem a viver uma vida normatizada por uma ética fundada no valor de verdade universal, temos um mundo extra-oficial, no qual o homem sente-se livre para viver enquanto ser-singular inacabado, que se constitui a cada momento na relação de alteridade com o outro, com o mundo e consigo mesmo.

Na compreensão do comentador, o TCU finge ser o que não é, ou seja, políticos que compõem esse órgão fingem ser na política e na mídia um representante do povo em defesa de seus direitos. Entretanto, sua luta visa à manutenção do poder dominante, de ideais que geralmente são contrárias ao bem das classes sociais menos favorecidas. Na esfera político-midiática, os ministros mostram ser o que se espera daqueles que assumem o cargo de ministro no TCU. Porém, camuflado na identidade de um valor idealizado, tem-se, conforme o internauta, a farsa marcada por políticos fracassados e de duvidosa reputação. Recorrendo ao contexto extraverbal, dentre esses ministros, podemos citar Augusto Nardes que foi acusado de participar do esquema de corrupção denominado de Zelotes.⁴³

Para a maioria dos comentadores do *blog* Luis Nassif Online, o contexto midiático de produção e divulgação do *Impeachment*, os políticos, a mídia, o poder judiciário revelam-se como um grande teatro, onde as personagens políticos, jornalistas, empresários, representantes do poder judiciário são travestidos em pessoas preocupadas com o bem comum do país, quando, no entanto, lutam contra o povo. Por outro lado, os comentadores do portal Terra, veem na política de direita a oportunidade de se livrar do governo PT, ou seja, segundo eles, de um governo voltado para corrupção. Nesse teatro, ao público (os leitores/comentadores) aplaudem ou choram do lugar onde assistem ao espetáculo, isto é, eles veem e apreciam os acontecimentos com as lentes do portal Terra, do *blog* Luís Nassif Online. No Brasil, essa possibilidade midiática de apreciar os acontecimentos por um viés de direita ou de esquerda é desigual, haja vista que a imprensa é quase exclusivamente de direita, restando apenas alguns *blogs* e revistas de esquerda.

A força que regula o fio dialógico entre os comentários e o espaço jornalístico onde são divulgados é, principalmente, a força centrípeta, marcada por uma relação dialógica de aproximação valorativa entre espaço jornalístico e leitores/comentadores. Contudo, ao mesmo tempo em que há essa relação predominantemente de convergência entre jornal e público leitor, também há uma relação dialógica de confronto que objetiva minimizar ou anular qualquer voz

43 A Zelotes - operação que tem sido ofuscada pela Lava Jato - investiga desde março de 2015 - a existência de quadrilhas que atuavam no Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Carf) com objetivo de reverter a cobrança pela Receita Federal de impostos atrasados e multas. A PF estima que esse esquema teria causado perdas bilionárias de arrecadação à União.”. informação retirada do site: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36415051>

contrária de comentadores que se inserem adotando posicionamento ideológico diferente.

Assim, como no portal Terra, no *blog* Luís Nassif Online, quando é postado um comentário de ideologia contrária, ele funciona como uma espécie de nó, de embaraço que precisa ser desfeito, um estranho fora do ninho que surge para quebrar a ordem. A postagem de um comentário de esquerda ou de direita num espaço jornalístico de posicionamento político divergente gera polêmica, atitudes avaliativo-responsivas de divergências. Geralmente esse tipo de comentário suscita muitas réplicas, favorecendo o dialogismo interlocutivo direto.

Quadro 15 – CBLNO3

9: Frederico69: aposto 1 cerveja como vão reprovar!!
alguém tem coragem de ir contra?

A vida é curta demais para se beber cerveja barata!!

A diferença entre o brasil e a República Checa é que, a República Checa tem o governo em Praga e o Brasil a praga no governo!

10: Renato Soares Furtado-Limpando gavetas...
É bom Dilma ir arranjando umas caixas...



11: Meire: Como no Golpe de 64 a igreja
Como no Golpe de 64 a igreja machista e corrupta, está por trás dessa derrubada da presidente eleita do país. A SENHA para o golpe no domingo passado, para quem quisesse ouvir, numa igreja lotada, foi que: **"A mulher foi criada para ser uma auxiliar do homem." No momento pensei que se tratasse apenas da ignorancia de um padre. Mas era a grande canalhice em ação.**

Fonte: Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/sociedade-espera-essa-decisao-ha-muito-tempo-diz-nardes-rejeitando-contas-de-dilma>>. Acesso em: 14 fevereiro. 2017.

O comentador 9 debocha do comentário 8 do quadro 14: *E continua o teatro, um tribunal de araque cheio de políticos fracassados e de duvidosa reputação diz que vai fazer história... só se for a história da hipocrisia.* O comentador 9 acredita que depois de rejeitadas as contas pelo TCU, elas também serão reprovadas no Supremo

Tribunal Federal. E faz uma aposta que tem como prêmio uma cerveja. As consequências políticas, econômicas e sociais daquilo que é o objeto da aposta e o valor negativo atribuído ao prêmio, revela o quanto o comentador acredita que a reprovação já é tão certa que ninguém vai ter coragem de apostar nem mesmo uma cerveja. Interessante observar que em várias outras postagens no portal GGN ⁴⁴ sobre temas diversos, esse comentador sempre termina seus enunciados dizendo:

A vida é curta demais para se beber cerveja barata!!

A diferença entre o Brasil e a República Checa é que, a República Checa tem o governo em Praga, e o Brasil tem a praga no governo!

Os dois enunciados possuem conteúdos bem diferentes, ambos já circulam na *internet* antes de serem ditos pelo comentador. O primeiro é utilizado, por exemplo em placas de caminhões e quadros. O segundo é atribuído por alguns internautas ao escritor brasileiro Luís Fernando Veríssimo, informação contraditada por outros. Observemos o tom de desprezo e depreciação do comentador em relação ao governo, ao qual ele nomina de praga. Esse enunciado final permite a atualização de sentidos sobre o que ele diz antes sobre a reprovação das contas do governo. Além de permitir a compreensão da aposta, que segundo ele é tão evidente que ninguém teria coragem de apostar contra. As falas do comentador revelam seu posicionamento político de direita.

O comentador 10 também é favorável a saída do PT do governo, desde o título do seu comentário. Ele anexa uma charge, outro gênero dentro do comentário *online* – um gênero intercalado, que contribui para fortalecer o ponto de vista do comentador de que Dilma está derrotada.

No comentário 11, o internauta menciona a igreja como sendo antidemocrática, favorável à saída de um governo eleito pelo povo. O internauta ressalta a possibilidade que tem a igreja de convencimento por fazer uso da palavra para muitas pessoas ao mesmo tempo. Ele cita o discurso do padre, entre aspas,

⁴⁴ Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/pitaco-na-taca-dos-libertadores>> . Acesso em: 12 jul. 2018; Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/pitaco-de-meia-hora>>. Acesso em: 12 jul. 2018; Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/questao-de-fe-por-leo-villanova>>. Acesso em: 12 jul. 2018; Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/o-dialogo-por-laerte-coutinho>>. Acesso em: 12 jul. 2018; Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/resolvendo-pequenos-problemas-com-uma-lista-de-trinta-gambiaras>>. 12 jul. 2018.

para depois contraditá-lo. Percebe o sentido preconceituoso na relação dialógica desse discurso com o contexto político brasileiro relativo ao *impeachment*. O conhecimento compartilhado que temos sobre a situação nos leva a entender que a interpretação feita pelo comentador é de que a mulher à qual o padre se refere é Dilma Rousseff.

Interessante que o padre usa um discurso religioso, mas para o comentador soa como sendo machista e antidemocrático para depreciar a figura da presidenta Dilma. Temos um discurso da igreja, retomado pelo padre e depois pelo comentador. Em cada um desses contextos, o discurso adquire entonações e valorações apreciativas distintas. Ao retomar o discurso religioso o padre atribuiu a ele um sentido político de defesa de um posicionamento político de direita, ao qual o comentador, contrapõe-se.

Na sequência, os comentários 12, 14 e 15 dos quadros 16 e 17 revelam um ponto de vista contrário ao processo de *impeachment*, mantendo-se fiéis à política de esquerda defendida pelo *blog*, entretanto, discordam de alguns pontos da política do PT. Isso permite ao leitor/comentador uma compreensão responsiva mais crítica, uma vez que o comentador traz para esse espaço de relativo consenso ideológico, pontos de confronto, que permitem uma reflexão e uma tomada de posição menos unilateral. Observemos as análises abaixo:

Quadro 16 – CBLNO4

12. Moraes Velente: Quem colocou o Nardes lá, um
Quem colocou o Nardes lá, um politico que se iniciou pela Arena???? Lula. O PT agora sofre pelas más indicações para cargos estratégicos como o STF, STJ, TCU, cargos de primeiro escalão ocupados por tucanos de primeira plumagem. Se ele tivesse sido mais cuidadoso na escolha desses ocupantes não estaríamos vendo essa judicialização da política e andamento do golpe paraguaio Ruim

13. ALCINO: PT TENTA DESESPERADAMENTE MANTER-SE PODER
Aqui é o famigerado "Blogueiro" chapa-branca, que, como pau mandado dos petistas, lançam seus venenos aqui, tentando esconder a veracidade dos fatos que, mais cedo ou mais tarde, virão à tona. O que estamos vendo, é apenas um iceberg. Todos os supostos governos da linha petista, tiveram seus presidentes enriquecidos ilicitamente e de forma escancarada [...]

Fonte: Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/sociedade-espera-essa-decisao-ha-muito-tempo-diz-nardes-rejeitando-contas-de-dilma>>. Acesso em: 14 fevereiro. 2017

O comentário 12, de Moraes Valente, apresenta crítica ao governo PT, contudo o internauta é contra a saída de Dilma, considerando-o como “golpe”. Pra dizer que o PT fez escolhas erradas, o comentador usa uma linguagem velada,

criticando não exatamente a presidenta, mas as escolhas feitas pelo presidente anterior a ela. Ao mesmo tempo em que o comentador critica essas escolhas, ele caracteriza o PT como “sofredor”, vítima, mesmo que seja de suas próprias ações.

Ao tempo em que uma voz diz que faltou cuidado nas indicações políticas em cargos como o STF, STJ, TCU, outra diz que houve cuidado, embora não tenha sido suficiente. Por isso, o comentador usa a expressão “mais cuidado”. Embora Moraes Valente revele-se adepto da esquerda, ele critica o PT por certos comportamentos, revelando maior abertura para contraopinião, ou seja, apresenta um discurso menos consensual, com maior dialogização do tema. Essa abertura para contraopinião contribui para um estilo menos agressivo. As fragilidades e pontos negativos do PT permitem ao leitor uma compreensão mais crítica, e reconhecimento das lacunas nesse governo, num discurso menos consensual, menos monológico.

Desse modo, dentro de um espaço de consenso, e participando desse consenso, o comentador usa um estilo menos polêmico do que aqueles comentadores de direita do Portal Terra. Ele mantém o mesmo ponto de vista geral, mas não o adota como uma verdade inquestionável, pois, reconhece que também há pontos de divergência, de contraopinião.

O comentador 12 nomeia o *impeachment* de “golpe paraguaio”, seu posicionamento responsivo é uma autocrítica de esquerda contra a saída de Dilma Rousseff do governo. Os comentadores de direita, certamente, não caracterizariam o *impeachment* de “golpe paraguaio”. Na alusão feita ao *impeachment* do ex-presidente do Paraguai Fernando Lugo, em 2012, que na avaliação do comentador foi um ato antidemocrático, ele não apenas nomeia o acontecimento no contexto político do Brasil, mas principalmente expressa uma relação de sentido opositiva a esse acontecimento.

A analogia feita por Dilma se apoia no fato do ex-presidente ter sido eleito democraticamente pelo povo, mas ter sofrido um processo de *impeachment*, julgado por muitos, como sendo inconstitucional – um processo promovido por forças políticas conservadoras. Segundo o jornal online *Folha de São Paulo*⁴⁵, a presidenta Dilma ao se referir ao *impeachment* como não tendo legalidade constitucional, usa a expressão “golpe democrático à paraguaia”, fazendo uma analogia entre os dois

⁴⁵ Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/10/1692000-dilma-diz-que-pais-vive-um-clima-de-golpe-democratico-a-paraguaia.shtml>>. Acesso em: 04 dez. 2015.

acontecimentos como sendo inconstitucionais, o que foi criticado pelo governo paraguaio (que assumiu depois da destituição de Lugo): “A afirmação da presidente Dilma Rousseff de que está sofrendo pressão por um ‘golpe à paraguaia’, desagradou o governo do país vizinho e abriu uma crise diplomática.” (Folha de São Paulo⁴⁶). A expressão ‘golpe paraguaio’ assim como o processo de *impeachment* da presidenta Dilma são acontecimentos sociais midiáticos, que de um lado, serão vistos enquanto Golpe de Estado, de outro serão acontecimentos democráticos e lícitos.

Assim, o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff é o resultado de uma série de ações da direita, uma “verdade” encapsulada por uma ideologia dominante em determinado grupo social, em contraposição a outra. Essa verdade depende das lentes daquele que a produz enquanto sistema midiático e do ouvinte/leitor que valida essa ou a outra “verdade” midiaticizada. Contudo, sendo o sujeito falante/ouvinte um ser de respostas, assumirá, dentro desse espaço de valoração midiática, o seu lugar, respondendo a partir de uma ética ancorada na sua singularidade do existir-evento.

O comentador 13, Alcino, critica de forma mais direta, usando um tom mais agressivo, um estilo mais voltado para a polêmica aberta. Ele inicia caracterizando o *blogueiro* de “famigerado”, uma palavra que segundo o dicionário de Português Online⁴⁷, pode ser aquele que adquire fama notável, mas que também pode referir-se àquele que possui má fama. No contexto do comentário 13 aplica-se o segundo sentido. O *blogueiro* é acusado de ser *chapa-branca*⁴⁸, conforme o dicionário informal significa: “Esta expressão quer dizer que o jornalista ou o jornal ao qual ele pertence, é patrocinado/manipulado pelo governo.” O internauta usa um vocabulário agressivo, pejorativo: “famigerado”, *chapa-branca*, “pau mandado”, para caracterizar o *blogueiro*, acusado de esconder a veracidade dos acontecimentos.

O comentador atribui ao *blog* criticado uma característica que julgamos ser do sistema midiático, e não de um *blog* em específico: a mídia tem o poder não apenas de divulgar, mas de omitir, de manipular, de refratar a realidade. Ela gera acontecimentos sociais, que chegam ao conhecimento de grande parte da

⁴⁶ Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/10/1692399-citacao-de-dilma-a-impeachment-de-lugo-abre-crise-com-paraguai.shtml>>. Acesso em: 04 dez. 2015.

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.lexico.pt/famigerado/>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/jornalista%20chapa-branca/>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

população como verdades prontas, às vezes, como a única verdade, uma vez que os meios de comunicação de massa fazem vir à tona apenas aquilo que lhes interessa, encobrindo determinadas realidades, inventando outras, revelando aquilo que é necessário para convencer, para tornar real determinadas realidades, mesmo que fictícias, criadas para beneficiar os interesses de uns em detrimento dos interesses de outros.

Isso fica muito claro quando lemos comentários em determinado espaço jornalístico e observamos que os comentadores defendem certas “verdades midiáticas” como se fossem suas próprias verdades. Muito recorrentemente os comentadores adotam um posicionamento ideológico de direita ou de esquerda, conforme seja a ideologia política defendida pelo jornal que oportuniza o espaço para comentários.

No quadro a seguir, temos a continuidade dos comentários anteriores, no qual o internauta Francisco Santos polemiza com o comentador 13, replicando-o numa relação interlocutiva direta, dirigindo-se a ele duas vezes pelo nome “Alcino, alcino” num tom de alerta e refutação.

Quadro 17 – CBLNO5

14. Francisco Santos: Alcino Alcino

A questão não é mais sobre o Pt e suas políticas neoliberais feitas através do governo Dilma a questão é a garantia da continuidade de um governo eleito democraticamente se o Aécio tivesse ganhado a eleição nem estaríamos nesse dilema mas sempre sobra pra gente o papel de defensores de um regime, governo ou política que não pode ser a que adoramos, mas é a política eleita majoritariamente, mesmo contrariando os interesses da burguesia entreguista nacional e do imperialismo estrangeiro a favor de uma política monetária com retorno somente a quem tem dinheiro não defendendo a Dilma defendendo o Brasil e o Brasil é bem maior que isso Levy passará, nós? Levarem...

15. CarloB: É triste constatar isso, mas o PT

virou um partido com um bando de políticos covardes. Estão levando um golpe na cara dura faz tempo e não tem capacidade nenhuma de reagir. Nem parece que a oposição, principalmente o PSDB em São Paulo, está atolada em corrupção. Tem hora que dá vontade de falar para esses covardes pegarem o chapéu e ir embora pra casa. É muito mais digno perder lutando, do que ver toda essa palhaçada e passar essa vergonha toda calados.

Fonte: Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/noticia/sociedade-espera-essa-decisao-ha-muito-tempo-diz-nardes-rejeitando-contas-de-dilma>>. Acesso em: 14 fevereiro. 2017

O comentador 14, Francisco Santos, coloca-se ao lado da democracia, refere-se às políticas neoliberais num tom de crítica, mas diz apoiar o PT, contra o *impeachment*, como forma de garantir “a continuidade de um governo eleito democraticamente”. Por traz do seu discurso percebe-se a adesão a uma política

voltada para as classes menos favorecidas, uma política de rejeição às privatizações, preocupada com o povo, ou seja, contrária ao neoliberalismo – termo usado pelo internauta para criticar o governo de cunho neoliberal de Dilma Rousseff.

O comentário 14 é marcado por uma relação dialógica de confronto, uma réplica direta ao internauta anterior explicitada pelo vocativo. Constitui-se como uma crítica em relação às políticas neoliberais adotadas pelo PT, mas colocando isso como uma questão menor diante da destituição do cargo da presidenta eleita democraticamente. Ao mesmo tempo em que o internauta defende o governo, ele também o critica: “governo ou política que não pode ser a que adoramos”, “nao defendo a Dilma defendo o Brasil”. O internauta deixa explícito que defende uma política de esquerda, representativa das minorias. O internauta expressa seu ponto de vista contra o *impeachment*, contra uma política de direita, mas também deixa subentendido suas ressalvas em relação à esquerda, usando um tom de hostilidade, embora não revele diretamente o motivo da crítica.

O internauta usa uma hipótese para criticar Aécio Neves dizendo que se ele tivesse ganhado a eleição, o Brasil não estaria passando por um processo de *impeachment*, porque ele estaria sendo apoiado pelos donos do dinheiro, por aqueles que possuem o poder econômico nas mãos, uma vez que Aécio neves defende os “interesses da burguesia entreguista nacional e do imperialismo estrangeiro a favor de uma política monetária com retorno somente a quem tem dinheiro”. O internauta polemiza com um discurso antidemocrático da mídia hegemônica, dizendo que ser contrário ao *impeachment* é lutar a favor de um regime democrático.

Segundo Bakhtin (1977, p. 197) a polêmica velada também ocorre no “linguajar cotidiano (que) incorpora todas as ‘indiretas’ e ‘alfinetadas’.” Cunha (2013b, p. 274) ao analisar a presença da polêmica velada nas cartas de leitores, caracteriza-a como sendo “réplicas de um diálogo, em que o leitor se posiciona no evento discursivo criado pela imprensa”. No contexto de nossas análises, o comentário é muito marcado pela polêmica aberta e velada, uma vez que ele constitui-se como réplica de um diálogo formado pela cadeia de comentários reais ou potenciais, mantendo relações dialógicas com o discurso midiático e político. Há sempre uma relação de conflito, seja na direção do discurso midiático, do discurso do texto fonte, ou de outro comentador.

O comentador revela um tom emotivo-volitivo de indignação frente à falta de reação do PT, xingando-o de bando de covardes, não por considerá-los culpados das acusações, mas por eles não se defenderem, haja vista que muitos

representantes da direita também são envolvidos em escândalos políticos. Nesse comentário, temos mais um internauta que adota o ponto de vista do *blog* e da maioria dos outros comentários, mas que se apresenta como abertura para a contraopinião. Ele inicia o seu comentário dizendo: “É triste constatar isso, mas o PT [...]”. Ele caracteriza a conjuntura do processo de *impeachment* negativamente, mostrando-se triste com o PT e suas políticas neoliberais, mas revela anunciando por meio da conjunção adversativa “mas” sua insatisfação com o partido: “[...] virou um partido com um bando de políticos covardes”.

A escolha da forma verbal “virou” indica que, antes o PT não era covarde. O comentador, apesar do tom de revolta e indignação, revela seu ponto de vista sobre o processo de *impeachment*, ao dizer que o PT está levando um golpe. Essa nomenclatura revela explicitamente o ponto de vista de quem fala. Embora o comentador revele uma valoração apreciativa negativa ao chamar o PT de “bando de políticos covardes”, ele também revela um tom de solidariedade, de apoio, de crença de que o PT pode ser vitorioso, se lutar.

No *blog* Luís Nassif Online, encontramos alguns comentários divergentes em relação à ideologia adotada pelo *blog* e pelos comentadores. Contudo, as críticas são feitas de forma velada, num tom estilístico menos ofensivo, menos debochado do que comentários *online* que criticam a ideologia política contrária ao consenso adotado como ponto de vista geral no espaço jornalístico de publicação dos comentários no portal Terra. O comentador percebe que está falando num espaço relativamente dominado por certa ideologia política, assim, ele sabe que não terá apoio frente a um discurso de tom agressivo, debochado, ou seja, depreciativo em relação ao ponto de vista geral adotado nesse espaço jornalístico.

Lendo os comentários passamos a ser telespectadores de um palco no qual os atores (comentadores) comungam com a ideologia política do portal, seja ela de direita ou de esquerda. Na cadeia de comentários, cada internauta comporta-se como se tivesse o domínio sobre a última palavra, que não pode ser dissonante. Essa última palavra, aquela que deve ser ouvida e adotada é convergente com esse ponto de vista geral, organizado por essas muitas vozes convergentes que nascem e se fortalecem na oposição a outros pontos de vista divergentes. Assim a voz dissonante não ecoará com força suficiente capaz de desconstruir a realidade acreditada e criada por esse espaço jornalístico, como um todo.

O espaço jornalístico disponibilizado para os comentários aponta para um consenso localizado, que contribui para intensificar a ideologia defendida pelo veículo de comunicação no qual os comentários são postados. De modo geral, o sistema midiático, gerencia a circulação de informações favorecendo a consolidação de consensos sociais. As atitudes responsivo-avaliativas dos comentadores não convergem. Como podemos observar nos comentários analisados, mesmo quando os falantes adotam um mesmo ponto de vista geral, haverá um tom próprio que marca a singularidade daquele que fala.

O *impeachment*, embora tenha sido resultado de um conjunto de ações da direita, em parte, foi criado e divulgado pela mídia. Ela foi o grande diretor, fazendo os recortes necessários, segundo sua própria valoração apreciativa. Os personagens, os discursos foram selecionados para atender essa valoração midiática. Os acontecimentos constitutivos foram apresentados muitas vezes distorcidos. Isso fica perceptível nos comentários analisados, que seguem de forma muito consensual um ponto de vista geral que direciona o fio discursivo dos comentários para a defesa do ponto de vista do espaço comunicativo no qual os comentadores se inserem.

Os leitores são telespectadores e ao mesmo tempo atores desse grande teatro midiático. Atores dirigidos, com papéis definidos dentro de um roteiro dotado de acabamento artificial porque foi recortado de uma realidade maior e tornou-se realidade fragmentada. Embora haja liberdade de expressão, o próprio leitor parece sentir-se mais confortável interagindo com um público de posicionamento político comum. Dessa maneira o leitor minimiza o poder da contraopinião nesses espaços jornalísticos de interação.

É difícil falar em democratização da informação num espaço comunicativo que apresenta uma realidade fragmentada conforme um ponto de vista geral, que resiste em não se colocar em confronto com outros pontos de vista dentro desse mesmo espaço. Os comentários analisados nessa pesquisa revelam-se como dois recortes diferentes de uma mesma realidade. Podemos dizer que cada um desses espaços monta seu palco, apresenta sua verdade, possui seu próprio público. O jornalismo *online* embora abra espaço para uma participação mais ativa do leitor, não se torna mais imparcial, nem democrático. O leitor continua tendo acesso a um recorte dos acontecimentos, que pode ser a partir de um ponto de vista de direita ou de esquerda, a depender do espaço jornalístico. Os acontecimentos da esfera

política, muitas vezes, são transformados em acontecimentos sociais midiaticizados na esfera jornalística. A esfera política, embora esteja na nossa vida cotidiana, fora da mídia perde parte de sua visibilidade na sociedade. Os fatos políticos acontecem distante da esfera cotidiana, refletindo nela apenas as suas consequências.

Nesse contexto do jornalismo *online*, o comentário configura-se como um espaço discursivo no qual comentadores defendem seus pontos de vista, usando uma linguagem que muitas vezes é agressiva, irônica, de deboche. intenciona desqualificar o outro, refutar certos acontecimentos, certas ideologias. Entretanto, ao mesmo tempo em que o comentador opõe-se a determinados pontos de vista, também, geralmente, alia-se ao ponto de vista defendido pelo meio de comunicação no qual a notícia foi divulgada. Nessa relação dialógica entre esses dois gêneros – notícia e comentário *online* –, é interessante observar que enquanto a notícia ancora-se num suposto perfil de objetividade, o comentário revela-se como expressão acentuada da subjetividade, de um tom emotivo-volitivo explícito capaz de romper com a fronteira entre o público e o privado dentro da esfera jornalística, caracterizando um estilo voltado para a liberdade e autoexpressão de um falante, que mesmo na esfera jornalística exerce o papel de produtor de texto.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui tecemos algumas considerações finais, objetivando retomar, sintetizar, acrescentar, ressaltar dialogar sobre o já dito nessa pesquisa, dando um acabamento à forma composicional do gênero discursivo tese, pois situamos a presente pesquisa como resposta a certas inquietações e questionamentos anteriores e como possível objeto para estudos posteriores.

A pesquisa retoma a ideia bakhtiniana de que o estilo, enquanto elemento axiológico-dialógico, depende do gênero, pois aquilo que é dito e da forma como é dito tem como uma primeira diretriz a orientação do próprio gênero. A forma composicional do comentário *online* é análoga ao diálogo face a face garante um estilo de linguagem marcado pelas relações de interação interlocutivas diretas, imprimindo um tom carregado de espontaneidade e um tom emotivo-volitivo acentuado. Isso é capaz de revelar de forma muito expressiva as posições valorativas do sujeito falante sobre a realidade apreciada e comentada.

Assim, o estilo não se restringe ao verbal, mas é, antes de tudo, fruto da orientação genérica, das relações dialógicas interdiscursivas e interlocutivas que os comentários mantêm com discursos outros. É fruto da valoração apreciativa de um sujeito falante constituído dialogicamente na relação de alteridade com o outro, mas dotado ao mesmo tempo de uma singularidade. Constatamos que o estilo se constrói de uma ponta a outra na relação com o gênero, do social com o singular, do linguístico com o extralinguístico.

Ao ler comentários, o sujeito falante percebe o modo recorrente como os acontecimentos são tematizados, percebe como é dado acabamento composicional ao enunciado enquanto gênero e como a linguagem é usada. Dessa forma, o sujeito falante não é inventor de uma forma de dizer, mas efetiva seu projeto comunicativo em um gênero já construído por uma tradição social que permite a atualização do gênero a cada novo uso. Portanto, ele parte de uma forma genérica já existente, mas dá a ela um novo acabamento. Por isso, percebemos que não daria para estudar o estilo do comentário *online* na imanência da própria língua. Seguindo o postulado da teoria dialógica de que na vida real e na linguagem tudo está ligado a um todo, a um grande tecido, no qual o geral ilumina o singular, compreendemos que as escolhas das formas linguísticas dependem da orientação do gênero, assim como o próprio gênero depende da orientação da esfera de atividade da qual faz

parte mais diretamente. Outro ponto que julgamos ser elemento de grande poder na definição do estilo do comentário *online* é a possibilidade que tem o sujeito falante de inserir-se na discussão, sem necessariamente, ter que usar uma identificação real. Enfim, o espaço digital oferece ferramentas diferenciadas do meio impresso ampliando o poder de ação e criatividade do sujeito falante no tocante ao uso da linguagem.

Sendo o meio ideológico o contexto mais amplo no qual todas as relações axiológico-dialógicas adquirem vida enquanto parte de uma realidade maior, compreendemos que o estilo é sempre carregado de valor ideológico, é sempre orientado por pontos de vista. Seguindo o trajeto dialógico, visualizamos o estilo como resultado de um meio ideológico que lança luz sobre as esferas da comunicação, onde são produzidos, circulam e são usados os gêneros do discurso.

Considerando que nosso *corpus* foi selecionado em dois espaços jornalísticos diferentes (portal Terra e *blog* Luís Nassif Online), observamos que a posição política de cada um deles foi elemento caracterizador e diferenciador do estilo nos comentários analisados. Embora ambos os espaços jornalísticos tratem do mesmo acontecimento político, as interpretações e comentários são muito diversas com pontos em comum e divergências. Os posicionamentos dos comentários são, geralmente, relacionados ao espaço jornalístico. Os leitores do portal Terra são de direita, por isso, adotam um ponto de vista favorável ao *impeachment*, já os do *blog* Luís Nassif Online têm, em sua maioria, um posicionamento político de esquerda, sendo contra o *impeachment*. Esse posicionamento político os direciona a certas escolhas ao invés de outras, como é o caso das nomeações para se referir a acontecimentos ou personagens das notícias.

Nosso arcabouço teórico possibilitou-nos olhar para além da materialização verbal e para além do individual no que se refere à caracterização do estilo do gênero comentário *online*. Cada palavra é carregada de um tom emotivo-volitivo característico da singularidade de cada sujeito em dado momento de enunciação. Contudo, esse tom emotivo-volitivo não nasce de uma subjetividade isolada, mas nas relações dialógicas, no contexto extraverbal. Encontramos no método sociológico e na estilística do gênero a base teórica necessária para perceber em nossas análises, o quanto as escolhas linguísticas são impregnadas de valoração axiológica e o quanto são condicionadas por aspectos sociais.

A opção metodológica pela estilística sociológica ou da estilística do gênero exigiu certas considerações teóricas sobre o conceito de gênero discursivo e de seus elementos constitutivos. Disso resultou nossa visão de que a organização estilística do gênero não pode ser indiferente ao tema, à forma composicional e nem à forma arquitetônica. Os três elementos constitutivos do gênero (tema estilo e forma composicional) são unidos por um tom emotivo-volitivo que torna cada dizer um novo acontecimento, atualizando os sentidos decorrentes da eventicidade de cada sujeito falante.

A teoria dialógica nos deu sustentação teórico-metodológica para compreender que o contexto extraverbal nos permite argumentar a favor de que um sinal de interrogação ou uma onomatopeia produzida por um internauta sobre a notícia ou sobre outros comentários é um tipo de enunciado que faz sentido dentro de um todo comunicativo. Logo, o comentário é um elo na cadeia de diálogo com o texto que deu lhe origem e com os outros comentários.

Retomando a nossa questão-problema: Que relações axiológico-dialógicas constituem o estilo do gênero comentário *online* e como os elementos estilísticos se relacionam arquitetonicamente com o tema e com a forma composicional, verificamos que o diálogo entre diferentes discursos, bem como a imagem que o falante tem de seu destinatário imediato ou de seu auditório (interlocutor genérico) orienta o que dizer e como dizer, materializando verbalmente pistas para construção de sentido explícito e sentido implícito, pistas para o desvelamento de pontos de vista contraditados ou defendidos.

Do outro lado, temos a compreensão responsiva de um leitor/comentador, que emaranhado num labirinto de muitas possibilidades de sentido, segue as pistas deixadas pelo locutor para apreensão de seu ponto de vista, de suas valorações axiológicas, das relações dialógicas capazes de resgatar os implícitos e atualizar os sentidos do enunciado. O sentido de um enunciado se constrói na relação de confronto entre aquele que enuncia e aquele que ouve ou lê, no confronto entre o ponto de vista de um e de outro. Sem essas conexões dialógicas entre autor e destinatário, entre o meio ideológico e o próprio gênero seria impossível atribuir as compreensões feitas aos comentários analisados.

Ainda como resposta a nossa questão-problema, compreendemos que o estilo não pode ser estudado adequadamente sem levar em consideração a forma composicional do gênero. O fato de os enunciados se organizarem a partir de

réplicas encadeadas numa sequência comunicativa favorece a réplica direta e imediata, aproximando o estilo de um gênero da esfera jornalística do estilo da esfera cotidiana. Isso é muito relevante nas escolhas linguístico-estilísticas do sujeito falante, principalmente, porque a aproximação entre as esferas do cotidiano e a esfera jornalística contribui para o emprego de uma linguagem espontânea, que não obedece a certos padrões da linguagem escrita, e muitas vezes, carnalizada, marcada pela ironia, pelo deboche, pela subversão das fronteiras hierárquicas, que separa o mundo oficial da vida vivida no cotidiano.

Outra percepção relevante nessa problematização é a relação do estilo com o tema do gênero. Ao se estudar o estilo também não se pode ser indiferente ao tema. Contudo, é preciso pontuar que o tema na teoria dialógica tem uma dupla configuração. Para Volochínov, é visto enquanto atualização de sentidos, já para Bakhtin é aquilo de que se fala (conteúdo ideológico) em um dado gênero discursivo. No primeiro caso, o tema está voltado tanto para o enunciado em sua totalidade composicional, como também para os movimentos discursivos constitutivos desse enunciado, para a palavra interna ao enunciado. Enquanto que o tema do enunciado para Bakhtin apresenta uma relativa tipificação, uma vez que há certa recorrência na maneira como os usuários do gênero tendem a apreciar e a comentar aquilo do que se fala. Assim, considerando essas duas possibilidades conceituais, a depender desse ou daquele sentido, pretendido, o autor fará determinadas escolhas linguístico-estilísticas em detrimento de outras. Contudo, essas escolhas não podem ser indiferentes às orientações temáticas do próprio gênero.

Na concepção dialógica, estilo está no elo entre o social e o individual necessário para construção e atualização dos sentidos. Essa bipartição integra um todo arquitetonicamente organizado a partir do diálogo entre interlocutores, estilo do gênero e estilo individual, o verbal e o extraverbal. Foi dessa visão integradora entre o geral e o particular, que nasceu a crítica de Bakhtin à estilística tradicional, o que resultou na proposta de uma estilística do gênero ou estilística sociológica, tendo o método sociológico como aquele capaz de dar conta do estudo do estilo da linguagem em condições de uso real. Desse modo, o linguístico não pode ser estudado isolado da natureza social da linguagem, sob pena de perder sua condição de estilo, sua vivacidade, que reflete e refrata diferentes realidades, seu colorido enquanto pista para o desvelamento das

relações axiológico-dialógicas. Essas relações apontam para verdades situadas, resultantes da condição de existir-evento daquele que compreende responsivamente.

Esse gênero é marcado por uma forte interação, por retomada de discursos, pelo dialogismo interlocutivo e interdiscursivo. Os comentários surgem a partir de um texto fonte, mas as relações dialógicas não se restringem a ele. Nem sempre o comentador se refere à notícia, mas na maioria das vezes, embora tenha âncoras no texto fonte, procura dar voz a outros personagens externo à notícia, trata de outros temas que pode manter ou não relação direta com o texto fonte. Os comentários do portal e do *blog* analisados revelam semelhanças e diferenças. Nos dois espaços jornalísticos o estilo apresenta-se fortemente marcado pela autoexpressão, por uma linguagem regida por normas sociais criadas no espaço digital, por uma linguagem carnavalizada que reflete e refrata o momento histórico, por uma entonação carregada de valor emotivo-volitivo, um estilo que se materializa no uso de uma linguagem marcada por onomatopeias, prolongamentos de fonemas, recursos gráficos, dentre outros elementos estilísticos que contribuem para construção de sentidos nesse gênero.

Com base na análise dos dois espaços jornalísticos, verificamos que o blog Luís Nassif online possui uma linguagem mais polida do que o portal Terra. Essa publicação mais polida no *blog* pode ser justificada pela moderação dos comentários, pelo acesso indireto ao blog, ou seja, primeiro é acessado o jornal, e só depois o blog no qual temos notícia e comentários. Esse acesso indireto pode ser traço constitutivo do estilo, por proporcionar a formação de uma comunidade discursiva menos heterogênea, e portanto, menos polêmica e agressiva. Outro traço distintivo entre esses dois espaços jornalísticos é o fato de no *blog* os comentadores recorrem mais à notícia.

Já no portal, os comentadores recorrem menos à notícia, e mais aos outros comentários. Por isso as relações de interação direta entre os comentadores é mais intensa. Agora faremos algumas considerações mais específicas sobre o conteúdo tematizado nos comentários analisados: processos de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Como observamos em nossas análises, esse acontecimento social foi tematizado ideologicamente a partir de pontos de vista opostos nos dois espaços jornalísticos. Os comentários apontam para duas “verdades situadas”, para dois pontos de vista sobre um mesmo objeto,

por isso falamos de ponto de vista geral e ponto de vista particular. O ponto de vista geral nos comentários *online* analisados é aquele marcado pela recorrência de um posicionamento político no espaço jornalístico de cada portal ou *blog*, já o ponto de vista particular é aquele que surge de cada nova enunciação, ou seja, o comentador parte de um ponto de vista geral, imprimindo sobre o enunciado seu ponto de vista particular, inerente ao tom emotivo-volitivo do sujeito falante sobre o enunciado.

Para estudar o estilo no gênero comentário, antes de tudo, foi necessário estudar o contexto verbal do *impeachment*, situado na esfera política e divulgado pela esfera jornalística. Somente conhecendo as ações, acontecimentos, discursos e personagens relacionados diretamente ou indiretamente ao acontecimento tematizado pelos comentadores foi possível compreender a dimensão do que é estudar o estilo, enquanto escolhas linguísticas feitas num meio ideológico, no qual nada é isento de valoração axiológica, nada é isolado de um todo. O geral e o particular, o verbal e o extraverbal se inter cruzam na constituição do objeto tematizado. Nessa perspectiva, verificamos que não podemos falar de um estilo totalmente individual, tampouco de um estilo que subtraia a singularidade do sujeito falante.

Como pode ser o estilo totalmente individual se é, em parte, orientado pelo gênero discursivo, pela esfera da comunicação, mais imediata, da qual faz parte, se é resultado das escolhas linguísticas de um sujeito falante constituído dialogicamente nas relações de interação social? Mas, também, como podemos abstrair totalmente o estilo de uma natureza singular se é resultado das escolhas linguísticas e posicionamento valorativo de um sujeito? Acreditamos, durante a pesquisa, já ter mostrado possíveis pistas para responder esses questionamentos. Pistas, que em diálogo com o posicionamento valorativo dos leitores, tornam-se uma compreensão responsiva produtiva, capaz de elucidar ainda mais essas questões, dentre outras, aqui tratadas.

Sem antes recuperar o contexto extraverbal para depois atribuir sentidos aos enunciados não teríamos chegado a nenhuma compreensão responsiva sobre o estilo e os sentidos. Teríamos caído no abismo sem fundo de uma análise estruturalista incapaz de perceber nas formas linguísticas os matizes do funcionamento do meio ideológico no qual esse acontecimento foi construído. No

máximo teríamos feito algumas conjecturas infundadas sobre determinados sentidos enclausurados em formas linguísticas abstraídas do meio ideológico.

O estudo do estilo do gênero comentário *online* permitiu-nos visualizar o poder de manipulação da mídia, o poder que esse segmento social tem de construir os acontecimentos, de influenciar a atitude avaliativo-responsiva do leitor/ouvinte, que passa a ver e a valorar conforme o que é pretendido pela mídia. Diante disso, o ponto de vista do comentador, de modo geral, coaduna-se com o do *blog* ou portal, minimizando o poder da contraopinião no espaço jornalístico. Isso porque o espaço dedicado à manifestação da opinião pública passa a ser, principalmente, espaço para interação espontânea entre os que têm a mesma posição, especialmente no caso do *blog*. Essa posição comum compreendemos como sendo um ponto de vista geral guiado por um posicionamento político de direita ou de esquerda adotado por um espaço jornalístico. Nesses espaços jornalísticos dedicados à interação entre os leitores/comentadores há uma forte resistência a aceitação da contraopinião. A resposta a comentários divergentes, geralmente, é carregada de um estilo irreverente, debochado, de depreciação em relação à voz do outro. A análise de comentários do portal e do *blog* nos permitiu visualizar diferenças entre um tom estilístico mais debochado no portal Terra e um tom estilístico mais sério no *blog* Luís Nassif Online. Acreditamos ser essa diferenciação marca característica do próprio espaço jornalístico e do grupo de leitores/comentadores de cada um desses espaços.

Essa diferença pode ser justificada também pelo fato de no *blog* haver uma filtração maior do público leitor, uma vez que sendo o *blog* um espaço dentro do jornal, o leitor além de acessar o jornal GGN, precisa escolher um *blog* para depois acessar a notícia. Essa escolha é direcionada por um viés ideológico que aponta para um posicionamento político, para uma afinidade com o *blog*, com seu público leitor/comentador, ou ao contrário, pode ser escolhido para ser refutado. De modo que essa escolha é mais seletiva do que entrar no portal Terra e comentar diretamente uma notícia que já se encontra dada na página. Esse percurso seletivo feito para comentar em um determinado *blog* possibilita a interação entre um público menos heterogêneo. A publicação no *blog* permite ao comentador uma visão mais definida em relação ao seu destinatário, seja real ou presumido. Entendemos que a interação em uma comunidade discursiva menos heterogênea, com a qual os comentadores mantêm uma relação de pertencimento, pode motivar muitas das

escolhas do falante, levando-o a adotar uma linguagem menos agressiva, com maior poder de argumentação, e mais voltada para a discussão em torno do conteúdo tratado no texto fonte, como acontece no *blog* Luís Nassif Online.

Observamos no portal Terra uma linguagem mais carnavalizada do que no Blog Luís Nassif Online. O estilo desse gênero é muito carregado de emoção, entonação, exagero. Às vezes, o gênero comentário parece não ser suficiente para comportar a carga valorativa do enunciado, o falante busca recursos linguísticos-estilísticos capazes de marcar essa entonação, tais como onomatopeias de riso, sono, choro, prolongamentos fônicos por meio da repetição de letras e sinais de pontuação, xingamentos, ironias, etc.

Considerando o contexto político do Brasil no momento em que os comentários foram publicados, podemos dizer que o partido do PT, principalmente a presidenta Dilma e o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, estavam politicamente fragilizados pelas tantas acusações e empreendimento da grande mídia na construção de uma imagem negativa sobre eles. Contudo, mesmo assim, entendemos muitas das transgressões contidas na linguagem e na valoração apreciativa dos comentadores, como resultado de uma visão carnavalizada frente ao acontecimento social: *impeachment*. A carnavalização encontra no comentário *online* campo frutífero para o desrespeito, o deboche, o discurso de ódio contra a presidenta e o ex-presidente. Justificamos essa ideia de carnavalização não pela condição política desses sujeitos, que naquela situação estavam numa posição desfavorável, mas pelos seus lugares institucionais. Embora fragilizada, Dilma Rousseff era a presidenta do país. Nesse sentido, havia sim uma fronteira hierárquica sendo desrespeitada. Essa carnavalização presente na linguagem do gênero constitui-se como marca estilística. Observamos grande mobilidade, flexibilidade, autonomia estilística desse gênero. Assim como o leitor/comentador orienta suas escolhas linguísticas-estilísticas pelo gênero, o estilo também modifica, movimenta o gênero, por isso, nos deparamos com enunciados tão diferentes. O produtor de comentários *online*, atendendo a uma norma social criada pelo uso, não se prende a um modelo estilístico-composicional rígido. O estilo pode apresentar traços diferentes, a depender do espaço de publicação, do tema, da comunidade discursiva que interage, do internauta que comenta, da valoração apreciativa, das relações dialógicas com outros discursos e de tantos outros fatores. Entendemos que embora haja certa orientação estilística do próprio gênero, as escolhas

linguístico-estilísticas do comentador são tão carregadas de emoção, entonação, autoexpressão, liberdade, que o falante acaba indo muito além dessa orientação inicial, imprimindo ao enunciado uma configuração estilística que não apenas se encaixa naquela já existente, mas que extrapola, que inova, que parece não caber ou não considerar como suficiente o enunciado no qual efetiva seu projeto de dizer. Por isso, temos o uso recorrente de reticências, *links*, entonação de grito pelo prolongamento fônico ou pela repetição de sinais de pontuação, alusões e tantos outros recursos axiológico-dialógicos que situam o comentador e leitor para fora do enunciado.

No término de nossas considerações, queremos ressaltar a importância de um leitor maduro, responsivo, capaz de perceber as valorações axiológico-dialógicas presentes na materialidade linguística de todo e qualquer enunciado. Reiteramos que só assim, os sentidos serão atualizados, permitindo o confronto entre os pontos de vista das diferentes vozes que perpassam os enunciados em situações reais de uso. O leitor precisa identificar o valor ideológico da palavra, em se tratando do discurso midiático, descortinar as verdades manipuladas pela mídia, e criar seu próprio ponto de vista a partir do confronto com outros.

A compreensão responsiva sobre os acontecimentos sociais midiaticizados será cada vez mais crítica e menos manipulada, quando o leitor conhece diferentes pontos de vista sobre esse mesmo acontecimento. Desse modo, entendemos que todo o processo de *impeachment* da Presidenta Dilma foi resultado de uma construção midiática, que sob o comando de setores do poder judiciário e financeiro, recortou da realidade concreta os fragmentos necessários para fazer desse acontecimento o que desejaram as classes dominantes, levando grande parte da nação a lutar por uma verdade midiática que atendia aos interesses dessas classes. Contudo, frente à manipulação midiática, o povo adotou essa luta como sendo sua também, sem perceber, que estava lutando contra si mesmo.

Os comentários analisados constituem-se como uma arena fortemente marcada pelo discurso de internautas que se agrupam em defesa de uma causa que é atacar ou defender discursivamente o PT, defender um ponto de vista favorável a saída de Dilma Rousseff ou à sua permanência. Nessa arena discursiva, que é o gênero comentário *online*, há um diálogo muito intenso entre o discurso “oficial” da esfera jornalística e o discurso não oficial do internauta que, na maioria das vezes, transvestindo-se de um apelido, usa uma espécie de máscara para se inserir na

cadeia comunicativa formada por comentários que refletem e refratam uma realidade discursivizada pela mídia. Contudo, a linguagem usada pelos comentadores revela um estilo altamente diferenciado em relação a essa esfera ideológica. Acreditamos que essa possibilidade de anonimato do sujeito falante permitida pelo gênero seja um dos fatores motivadores de um estilo diferente das normas da comunicação escrita de circulação pública.

Os internautas inserem-se na cadeia dialógica assumindo a posição de leitores e comentadores ao mesmo tempo. Eles falam num espaço propício à carnavalização da linguagem. Partindo de uma identidade assumida enquanto comentador, que fazem transgressões ancoradas no que permite o gênero, o internauta ridiculariza os representantes políticos, desrespeitando os seus lugares institucionais, empregando uma linguagem carregada de um estilo no qual o comentador revela-se como uma espécie de juiz, aquele que tem poder de julgar e condenar.

A visão carnavalesca dos comentadores os transpõe para fora do mundo oficial e os insere no mundo das interações virtuais mediadas pela possibilidade de burlar as regras da organização hierárquica dos lugares institucionais ocupados pela presidenta da República, por exemplo, e conseqüentemente, burlam as regras da linguagem escrita. Os comentadores frente a um aparato tecnológico migram para o tempo e espaço virtual, relacionando-se com pessoas desconhecidas (outros comentadores) como se todos fizessem parte de um único e grande diálogo no qual travam um debate de convergências e divergências em torno do tema *impeachment*.

Qualquer internauta pode transformar-se em comentador, transpor-se para a espacialidade digital, encorajando-se a dizer no gênero comentário *online* o que não diria em outro gênero. Essa transposição para um espaço marcado pela carnavalização transforma a realidade a partir de três fatores: 1) aquele que está numa condição hierárquica (seja política, profissional, social, institucional, dentre outras) inferior, nesse espaço, anula essa condição e fala de igual para igual com aquele ou sobre aquele que lhe é no mundo oficial, superior; 2) o espaço público é discursivizado como se não houvesse uma fronteira entre o público e o privado. O comentador diz tudo da maneira que lhe convém; 3) o comentador é travestido, mascarado por apelidos, evitando expor sua própria identidade da vida comum, assumindo a identidade de comentador.

Tudo isso contribui para a adoção de um tom “não oficial” nas relações de interação, um tom carnavalesco que adota um estilo irreverente, inclinado ao uso livre da palavra, deixando de obedecer à orientação das normas sociais e verbais para atender à intenção do comentador e ao propósito comunicativo do gênero. Essa liberdade de expressão no jornalismo *online* não é isenta de processos judiciais, pois há casos contra jornalistas e internautas comentadores. Entretanto, mesmo assim, o estilo desse gênero, principalmente quando se trata de temas polêmicos, apresenta um tom marcadamente agressivo e sarcástico. O comentador se vê imerso num micro e grande diálogo, haja vista que, ao mesmo tempo em que comenta, que se insere na cadeia comunicativa de comentários, também faz parte de um diálogo maior. que banha os comentários com a seiva da dialogicidade, dá vida ao microdiálogo, pois o situa em um todo comunicativo, que é a comunicação da vida real.

O confronto ou comparação dos comentários postados nos dois espaços jornalísticos nos possibilitou desvelar dois pontos de vista geral sobre um mesmo objeto, o que foi o *impeachment* para os leitores do Portal Terra e do *blog* Luís Nassif Online. Desse modo, analisamos como a mídia construiu o *impeachment* e como os comentários *online* vão constituindo a imagem desse acontecimento e o posicionamento dos veículos de comunicação. .

Por fim, com o objetivo de sintetizar, listamos algumas características do estilo enquanto resultado de um estudo guiado pela estilística sociológica:

- a) O estilo é sempre de natureza socioideológica.
- b) O estilo são escolhas linguístico-estilísticas feitas em situações reais de uso da língua.
- c) O estilo se constrói na relação de alteridade entre o eu e o outro, portanto, na réplica antecipada.
- d) O estilo é guiado pelo gênero, pelo tom emotivo-volitivo do sujeito falante, pelo destinatário imediato ou destinatário geral, pelo ponto de vista adotado ou contraditado, pela esfera da comunicação mais imediata, pelo meio ideológico.
- e) O estilo é de natureza axiológica-dialógica, impossível de ser estudado abstraído do contexto extraverbal.
- f) O estilo não pode ser indiferente ao tema e à forma composicional do gênero. Esses três elementos são ligados pela forma arquitetônica

(valoração axiológica atribuída pelo falante), que os torna parte constitutiva e inseparável de um todo, que é o gênero discursivo.

- g) O estilo se revela na orquestração de diferentes vozes. No comentário *online* teremos a voz do comentador, do seu destinatário, que pode ser o destinatário imediato – outro comentador –, ou de um possível público leitor, a voz do portal ou do *blog* onde os comentários são postados, a voz imersa em discursos outros que são retomados. Em maior ou menor grau o comentário *online* é sempre resultado de um diálogo.
- h) O estilo sempre será de natureza social, nunca enclausurada no sistema abstrato da língua, nem numa consciência monológica de um sujeito tomado totalmente em sua subjetividade.
- i) O estilo mostra a movência do gênero, a mobilidade que ele tem de mudar e se adaptar a diferentes usos, espaços, interlocutores, propósitos comunicativos. O estilo mesmo em textos pertencentes a um mesmo gênero é muito diferente a depender de diferentes fatores que orientam as escolhas linguístico-estilísticas do falante.

Essas são algumas características que atribuímos ao estilo e comuns a qualquer gênero discursivo. Contudo, reiteramos que embora se tenha, dentre outros aspectos, essa matriz orientadora, o estilo nunca se repete, ele é marcado pela tipificação (orientação genérica) e pela inovação ao mesmo tempo (valoração apreciativa do sujeito falante).

O *corpus* selecionado para essa pesquisa revelou-se de grande riqueza para o estudo do estilo. A linguagem empregada pelos internautas é impregnada de criatividade e irreverência, e, embora faça uso do registro escrito, assemelha-se muito à fala espontânea. Esperamos que nossa pesquisa contribua para ampliar os estudos do estilo atrelado a um gênero e às esferas ideológicas. Esperamos ainda lançar luz sobre a possibilidade de o estilo ser estudado em outros gêneros e em outras esferas ideológicas, tais como gêneros da esfera religiosa, jurídica, acadêmica, dentre outras.

Retomando a ideia de acabamento em Bakhtin, consideramos a presente tese como réplica a estudos anteriores e motivação para estudos futuros. Acreditamos que nossa contribuição teórica consista, principalmente, na discussão sobre o estilo de um gênero como uma posição axiológico-dialógica.

Partindo do estudo realizado nesta tese, penso ser de grande valor ampliar a pesquisa para a esfera escolar, analisando como os livros didáticos tratam de questões estilísticas fora da esfera literária. Ou seja, analisar como os livros didáticos relacionam os aspectos linguístico-estilísticos na construção dos sentidos dos enunciados nas atividades de leitura e escrita propostas aos alunos.

Por fim, consideramos esta tese como um fio de conhecimento que se entrelaça com muitos outros já construídos anteriormente, ao mesmo tempo em que poderá ser ponto de partida para outras pesquisas que ampliem, questionem, refutem, apoiem, reafirmem, discutam a nossa contribuição teórica e analítica, construindo e reconstruindo sentidos capazes de revelar o inacabamento desta tese, hora finalizada para passar a palavra ao leitor que se dispuser a lê-la.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, F. **Gêneros jornalísticos**: notícias e cartas de leitor no Ensino Fundamental. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES FILHO, F; SANTOS, Eliane Pereira. **O tema da enunciação e o tema do gênero no comentário online**. Fórum linguístico, Florianópolis, v.10, .2, p. 78-90, abr/junh. 2015.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa, 2004.

_____. Para uma filosofia do ato: 'válido e inserido no contexto'. In: **Bakhtin**: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2009.

ASKEHAVE, Inger & SWALES, John M. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. In: BEZERRA, Benedito Gomes; BIASI-RODRIGUES, Bernadete & CAVALCANTE, Monica Magalhaes (Orgs.). **Gêneros e sequências Textuais**. Recife: Edupe, 2009 [2001]. p. 221-247.

AUTHIER-REVUZ, J. **Alteridade, dialogismo e polifonia**: Dizer ao outro no já dito: interferências de alteridades-interlocutiva e interdiscursiva- no coração do dizer. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 46, n.1,p.6-20, jan/mar.2011.

_____. **Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva**: elementos para uma abordagem do outro no discurso. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHÌNOV, V.N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010 [1929-1930].

BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Trad.: Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013 [1940]

_____. **Estética da Criação Verbal**. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979]

_____. **O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária**. In: Questões de literatura e de estética: A teoria do romance. Trad.: Aurora Fornoni Bernardini [et.al]. São Paulo: Hucitec, 2014 [1924].

_____. **Os gêneros do discursos**. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: editora 34, 2016 [1979]

_____. **Para uma filosofia do ato Responsável**. Trad.: Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Pedro & João editores, 2012 [1920-1924]

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad.: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1997 [1929].

_____. **Teoria do Romance I: a estilística.** Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015 [1934-1936]

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Contribuições de Bakhtin as teoria do texto e do discurso.** In Diálogos com Bakhtin (Orgs). FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto: Curitiba: UFPR, 2011.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais tipificação e Interação.** Organização de Ângela Paiva Dionísio e Judith ChamblisHoffnagel. Revisão técnica de Ana Regina Vieira et al. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

BERNARDI, Rosse marye. Rabelais e a sensação carnavalesca do mundo. In: **Bakhtin: dialogismo e polifonia.** BETH, Brait (Org). São Paulo: contexto, 2009. p.167-187

BOBBIO, Norberto. **Dieita e esquerda:** Razões e significados de uma razão política. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

BOITO JÚNIOR, Armando. Os atores e o enredo da crise política. In: JINKINGS, Ivana; DÓRIA, Kim; CLETO, Murilo. **Por que gritamos golpe?:** para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

BRAIT, Beth (Org.). Estilo. In: **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2008. p. 79-102.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2008. p. 61-78.

BRANCO, Sérgio. Fake News e o caminho para fora da bolha. Interesse Nacional, São Paulo, ano 10, n. 38 , p. 51-61, ago./out. 2017.

CAMPOS, Maria Inês Batista. A questão da arquitetônica em Bakhtin: um olhar para materiais didáticos de língua portuguesa. Filol. linguíst. port., n. 14(2), p.247-263, 2012.

_____. **Compreensão sobre a arquitetônica em Bakhtin:** fontes kantianas. Organon, Porto Alegre, v. 30, n. 59, p. 199-210, jul/dez. 2015

CEREJA, W. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2008. p. 201-218.

CHAUÍ, Marilena. A nova Classe trabalhadora brasileira e a ascensão do conservadorismo. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. (Orgs.). **Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2016. p. 15-22.

CLARK, K; HOLQUIST, M. A arquitetura da responsabilidade. In: **Mikhail Bakhtin.** Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 89-116, 2008

CORDEIRO, Rafaela Q. F. **A construção discursiva dos eventos pela mídia: o processo de nomeação e representação do discurso outro.** Dissertação de mestrado. Recife: UFPE, 2011. 199p.

CORDEIRO, Rafaela Q. F. **Nominações, vozes e pontos de vista sobre a loucura na e pela mídia: da reforma psiquiátrica ao boom das doenças mentais.** Tese de doutorado. Recife: UFPE, 2017. 475p.

COSTA E SILVA, H. de. O. **A tradução na perspectiva dialógica: a re-enunciação da teoria de Austin em Português.** Tese de doutorado. Recife: UFPE, 2018. 202 p.

CUNHA, D. A. C. **Circulação, reacentuação e memória no discurso da imprensa.** Bakhtiniana. São Paulo, v.1, n2, p23-39, 2º semestre 2009

_____. **Dialogismos e ponto de vista: um estudo da charge.** Eutomia (Recife). , v.1, p.244 - 263, 2012.

_____. **Violência verbal nos comentários de leitores publicados em sites de notícias.** Vol. 11, n. 3, p. 241-249, set/dez 2013a

_____. **Formas de presença do outro na circulação dos discursos.** Bakhtiniana, São Paulo, v. 1, n.5, p. 116-132, 1º semestre 2011.

_____. **O outro no discurso: representação e circulação.** Revista do GELNE. V.15, p.353-379, 2013b.

_____. **Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web.** In: Comentários na internet. 1 ed. Imperatriz : UDUFMA, 2014, p. 11-22.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin.** São Paulo: Parábola, 2009a.

_____. **A ideologia no/do Círculo de Bakhtin.** In: Círculo de Bakhtin: pensamento interacional. PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Orgs.). Campinas: Mercado de Letras, 2013.

_____. **Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seu pares.** Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 46, n.1, p. 21-26, jan./mar. 2011.

_____. **Autor e autoria.** In: Bakhtin conceitos-chave. BETH, Brait (Org). Contexto, 2008.p. 37-60

_____. **Bakhtin e filosofia.** Bakhtiniana. São Paulo, v.12, n. 2, p.45-46, maio/ago. 2017

_____. **O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal.** In: **Bakhtin: dialogismo e polifonia.** BETH, Brait (Org). São Paulo: contexto, 2009b. p.94-111

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FRANCELINO, Pedro Farias. **A autoria no gênero discursivo aula**: uma abordagem enunciativa. Tese de doutorado. Recife: UFPE, 2007. 184p.

MACHADO, Irene. **Gêneros discursivos**. In: **Bakhtin**: conceitos-chave. BETH, Brait (Org). São Paulo: Contexto, 2008. p.150-166.

_____. **A teoria do romance e a análise estético-cultural de M. Bakhtin**. Revista USP, São Paulo, março, abril, maio, 1990.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MEDVIÉDEV, Pável. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2016 [1928].

MILLER, C.R. Gênero como ação social. In: **Estudos sobre**: gênero textual, agência e tecnologia. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009. p. 21-44. Tradução: Judith Chambliss Hoffnagel et al. Artigo publicado originalmente em 1984.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: **Bakhtin** conceitos-chave. BETH, Brait (Org). Contexto, 2008.

MORAES, Dênis. Sistema Midiático, mercantilização cultural e poder mundial. In: MORAES, Dênis; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. (Orgs). **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. (Org). Rio de Janeiro: Boitempo, 2013. p. 19-52.

NASCIMENTO, Felipe Augusto Santana. **Processos de nomeação e valor axiológico no discurso da mídia**. Interletras, volume 3, nº 19, 2014.

POSSENTI, Sírio. **Enunciação, estilo e autoria**. Revista da FAEEBA. Salvador-BA, v. 10, nº 15, p. 15-21. 2001.

RAMONET, Ignácio. A explosão do jornalismo na era digital. In: **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. MORAES, Dênis; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. (Orgs). Rio de Janeiro: Boitempo, 2013. p. 85-102.

RENFREW, Alastair. **Mikhail Bakhtin**. Trad.: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2017

SADER, Emir. **O anjo torto**: Esquerda (e direita) no Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SAMPAIO, Maria Cristiina Hennes. **A propósito de para uma filosofia do ato (Bakhtin) e a pesquisa científica nas Ciências Humanas.** Bakhtiniana, São Paulo,, v. 1,n. 1, p.42-56, 1º sem. 2009.

SERRANO, Pascual. Democracia e liberdade de imprensa. In: **Mídia, poder e contrapoder:** da concentração monopólica à democratização da informação. MORAES, Dênis; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. (Orgs) Rio de Janeiro: Boitempo, 2013.p. 71-84.

SIBLOT, Paul. **De la dénomination à la nomination:** Les dynamiques de la signifiance nominale et le propre du nom. Cahiers de praxématique. p. 189-214, 2011.

SOBRAL, Adail. Estética da criação verbal. In: **Bakhtin:** dialogismo e polifonia. BETH, Brait (Org). São Paulo: contexto, 2009. p.167-187

_____. Ético e estético na vida, na arte e na pesquisa. In: **Bakhtin:** conceitos-chave. BETH, Brait (Org). São Paulo: Contexto, 2008. p.103-121

SOUZA, Geraldo Tadeu. **Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo de Bakhtin/Volochínov/Medvedev.** São Paulo: Humanitas /FFLCH/USP, 2002.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso:** da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

_____. **A radiografia do golpe:** entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

_____. **Os batalhadores brasileiros:** Nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: UFMG, 2012.

VOLOCHINOV,V.N. **Discurso na vida e discurso na arte.** In: A construção da enunciação e outros ensaios. Trad.: João Wanderley Geraldi. São Paulo: Pedro & João editores, 2013 [1926].